



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MÁRCIO RENATO TEIXEIRA BENEVIDES

**A PRODUÇÃO DE SI PELO TRABALHO: ESTRATÉGIAS, PRÁTICAS E
EXPERIÊNCIAS JUVENIS**

FORTALEZA

2019

MÁRCIO RENATO TEIXEIRA BENEVIDES

A PRODUÇÃO DE SI PELO TRABALHO: ESTRATÉGIAS, PRÁTICAS E
EXPERIÊNCIAS JUVENIS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Professora Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- T267p Teixeira Benevides, Márcio Renato.
A produção de si pelo trabalho : estratégias, práticas e experiências juvenis / Márcio Renato Teixeira Benevides. – 2019.
250 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes.
1. Etnobiografia. 2. Trabalho. 3. Juventude. 4. Sentidos. 5. Significados. I. Título.

CDD 301

MÁRCIO RENATO TEIXEIRA BENEVIDES
A PRODUÇÃO DE SI PELO TRABALHO: ESTRATÉGIAS, PRÁTICAS E
EXPERIÊNCIAS JUVENIS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Professora Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes.

Aprovada em: ___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antonio George Lopes Paulino
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Fábio Paiva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Igor Monteiro Silva
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Roberto Marques
Universidade Regional do Cariri (URCA)

À minha filha, Mariana.
Uma estrela neste céu cinzento.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, a Prof.^a Glória Diógenes, que está comigo há mais de cinco anos nessa estrada tão complexa. Da acolhida à conclusão, passamos por tudo de modo tão insólito que se torna inevitável valorizar a força do trajeto. Sempre lhe agradecerei pela caminhada.

Agradeço ao CNPq pelo financiamento deste trabalho. Sem o fomento oferecido pelo órgão, certamente não teria conseguido. Espero que outros pesquisadores e pesquisadoras possam no futuro contar com as mesmas oportunidades que tive.

Agradeço aos professores Alexandre Flemming e Roberto Marques por se dedicarem ao acompanhamento deste trabalho desde o exame de qualificação. Suas qualificações foram muito caras para mim, enquanto pesquisador e enquanto pessoa. Afinal, estamos aqui neste papel também. Também aos professores George Paulino, Luiz Fábio e Igor Monteiro por se somarem à banca na defesa da tese.

Agradeço à minha companheira, Patrícia Oliveira, por todo apoio, carinho e pelas formas que arranjou para discretamente nunca me deixar desistir. A você eu agradeço não pelo trabalho apenas, mas pela vida que eu preservo e valorizo hoje. Você é o meu grande amor. Obrigado por tudo.

Agradeço à minha mãe, Rosa, pela força que sempre me deu. Muitas vezes, ela sequer sabia o que eu estava fazendo, mas nunca me negou confiança. A ela sou grato por tudo. Também agradeço aos meus irmãos, Maninho e Renata, pelos passos dados juntos até aqui.

Aos meus amigos de vida e de profissão André Álcman, Jorge Luan, Eudenia Magalhães e Ana Luísa. Pelas conversas, revisões, abraços, paciência, escuta e, principalmente, por terem me convencido de que eu tinha capacidade de terminar este trabalho e um dia defendê-lo. Absolutamente grato a vocês. Estendo aqui os agradecimentos a Natália Castilho e Jonas Bezerra pela amizade e apoio dados a mim.

Aos queridos Alex Cavalcante, João Barbosa, Victor Emmanuel e Antonio Rodrigues, os Champs. Vocês são o meu chão no Cariri e me deram, quase sempre sem ter noção disso, muita força para seguir esta estrada. Obrigado.

“Tem uns baratos aqui que não dá pra
perceber
Que tem mó valor e você não vê
Uma pá de árvore na praça
As criança na rua
O vento fresco na cara
As estrela
A lua” (Racionais MC’s).

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa realizada a partir da análise etnobiográfica das histórias de cinco jovens cearenses, que vivem do seu próprio trabalho. Neste percurso, o objetivo foi encontrar as interpretações que estes interlocutores possuem acerca do labor e como essas leituras produzem sentido para suas constituições enquanto indivíduos. Em trabalhos marcados pela necessidade de “se virar” e de “dar os pulos”, utilizando de algumas expressões nativas, estes jovens se apresentam em constante movimento de inscrever em suas trajetórias os significados de si por meio daquilo que fazem. Em situações muito distintas, como o garoto que se tornou YouTuber ou aquele que trabalha há uma década numa mesma empresa terceirizada, é possível entender os efeitos do trabalho em suas vidas. Mesmo em cenários em que os relatos de “sobrecarga”, “dor” e “pressão” são construídos, é possível encontrar também intenções baseadas em “criatividade”, “desejo”, “inovação” e “arte”, demonstrando que há uma economia positiva e que os indivíduos resistem de algum modo e intentam sobre as estruturas. Os contextos podem ser endurecidos, mas isso não significa que as ditas vocações e a intenções sobre um futuro melhor sejam necessariamente eliminadas. Vale destacar que foram realizadas diversas entrevistas e vários momentos foram compartilhados entre interlocutores e pesquisador, de modo que pudéssemos alcançar o material para elaborar esta tese.

Palavras-chave: Etnobiografia. Trabalho. Juventude. Sentidos e significados.

ABSTRACT

This research is based on an ethnobiographic analysis of the stories of five young people from Ceará who live from their own work. In this way, the objective was to find interpretations of these interlocutors about labour and how their understandings make sense to constitute them as individuals. In activities marked by the need to deal with difficulties, carrying themselves well, these young people acted in order to inscribe their own meanings in their trajectories through what they do. In very different situations, such as the boy who has become a YouTube personality or one who has worked for a decade in the same outsourced company, it is possible to understand the effects of work on their lives. Even in situations where "overload", "pain" and "pressure" are constructed, it is also possible to find intentions based on "creativity", "desire", "innovation" and "art", demonstrating that there is a positive economy and that individuals resist in some way, bringing an action against the structures. Contexts can be tough, but this does not mean that the so-called vocations and intentions about a better future are necessarily eliminated. It is worth mentioning that a number of interviews were conducted, in addition to a series of moments shared between interlocutors and researcher, so that we could reach the material to elaborate this thesis.

Keywords: Ethnobiography. Work. Youth. Senses and Meanings.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1. A etnobiografia como caminho	19
1.2. As possibilidades do cotidiano	22
1.3. A cozinha da pesquisa	26
2 RAFAELA HIRU: ENTRE SABORES E DISSABORES	33
2.1 A primeira vinda	34
2.2 A segunda vinda	41
2.3 A terceira vinda	48
2.4 O retorno às cozinhas	61
3 LÉO GAMBIARRA: NAS ONDAS VIRTUAIS	74
3.1 A casa e a construção do ofício	75
3.2 Da brincadeira ao profissionalismo	80
3.3 As origens e a transformação do Suricate Seboso	86
3.4 A importância das escolhas e a dimensão política	99
3.5 O tempo presente e o amanhã	102
4 JÉSSICA AQUINO: DAS PASSARELAS PARA OS JOGOS	111
4.1 Chegando ao mundo da moda: primeiras experiências	112
4.2 Um passeio pela trajetória profissional	117
4.3 A falta de trabalho e a necessidade de ter opções: desespero e nada	122
4.4 Encaixes e desencaixes	128
4.5 O início de um curso	130
5 LEANDRO JESUÍNO: A ESTABILIDADE À DERIVA	143
5.1 Antes de chegar à X Center	144
5.2 Contratado: trajetória na empresa	150
5.3 As iniciativas nos cargos de gestão	161
5.4 A visão de futuro	172
6 MÃE ALICE: CIÊNCIA COM OS PÉS NO TERREIRO	184
6.1 O ganha pão	184
6.2 “A fé não costuma falhar”	189
6.3 O saber como passagem	202
7 REFLEXÕES FINAIS	212
REFERÊNCIAS	226
ANEXOS	234

1 INTRODUÇÃO

Nesta tese, analiso as histórias de cinco jovens trabalhadores. Acredito que narrativas variadas e trajetórias singulares, como as aqui apresentadas, ajudam a entender os significados do trabalho nas vidas das juventudes brasileiras. É possível encontrar sentidos que suas carreiras dão para suas existências quando se combinam nas narrativas as ideias de vocação, prazer, satisfação e potencialização de habilidades com sobrecarga, pressão, descartabilidade e instabilidade.

Inicialmente, se poderia dizer que aquilo que aproxima e assemelha esses interlocutores é a necessidade de trabalhar ainda na juventude, mas essa não é a principal motivação para se empregar. Além da busca pelo sustento e pela manutenção de suas vidas materiais, eles buscam prazer, mesmo em espaços tácitos de controle. Em espaços de dominação é possível encontrar a reivindicação por criatividade a partir das porosidades que essas condições estruturais possuem. As cinco histórias aqui analisadas tentam demonstrar que as estratégias agentivas de resistência diariamente podem oferecer resistências e economias positivas em contrapartida aos repertórios hegemônicos estruturantes.

A primeira de minhas interlocutoras é Rafaela Hiru. Uma garota que cresceu em uma pequena cidade do Sertão Central do Ceará, chamada Pedra Branca, curtindo música punk, acompanhando os debates fashion que circulavam nos entornos do Rock N'Roll e sonhava ser estilista, além de adorar cozinhar. Em um certo dia, Rafaela juntou suas coisas e foi para Fortaleza “de mala e cuia”¹ pra tentar uma vida em que tivesse condições de sobreviver a partir da sua capacidade criativa e que não tivesse que se entediar com a monótona segurança da casa dos pais. Das fábricas de confecção às cozinhas, segundo ela, sua busca tem sido por uma vida que se sustente sem perder o estilo e a inventividade.

Em seguida, trago um pouco da história de um moleque nascido e criado em um dos bairros mais violentos da periferia de Fortaleza, a Sapiranga, e que resolveu se unir ao irmão – Dudu – e a outro amigo – Diego – para tentar viver da criação de

¹ Expressão regional que significa ir embora com todos os seus pertences, dando uma aparência de mudança definitiva.

conteúdos de humor para a internet. Hoje, Léo é dono da página do Facebook² de maior influência na Língua Portuguesa³, o Suricate Seboso, e consegue se manter financeiramente graças aos vídeos que produz com Diego e Edu para o seu canal no YouTube⁴. Sentindo-se dono do próprio da própria rotina, Léo conta que “se sufoca e respira na onda que nunca lhe permite parar de nadar”, demonstrando as contradições presentes no fato de possuir o controle sobre o seu próprio tempo de trabalho.

Menina do Bom Jardim⁵ direto para as passarelas da moda, Jéssica Aquino é a terceira interlocutora. Costumeiramente se encontra entre o desespero de precisar do dinheiro e se recusar fazer o que lhe fere. Largou o ramo da moda por se sentir violentada com as cobranças pelas medidas ideais e por não se tolerar mais dentro dos padrões de beleza que este universo lhe impunha. Sua trajetória é por ela descrita como repleta de situações de vazio nos longos períodos de desemprego, que muitas vezes parecem ter lhe roubado as perspectivas de um amanhã. Hoje, decidiu entrar no mundo da criação de jogos de videogame, onde tenta formular mídias que consigam repercutir algumas de suas leituras sobre a vida.

Leandro Jesuíno é o quarto interlocutor que lhes apresento. Leandro parece se refazer e “dar os seus pulos”⁶ inserido no universo do call center. O lugar onde trabalha possui uma taxa de demissão anual de 25% dos funcionários e a vida útil média de uma pessoa que lá trabalha é de cerca de um ano e meio. Com mais de dez anos na empresa, tem se desafiado nessa instabilidade. Criando um network desde que ingressou neste trabalho – onde já ocupou sete cargos diferentes até o momento – parece entender bem o seu cotidiano laboral e se sente em constante busca por ânimo para criar em situações improváveis.

² Rede social global com mais de um bilhão de usuários, criada no início dos anos 2000 nos Estados Unidos da América.

³ Segundo Léo, esse índice de influência se dá por uma análise que leva em conta o número de seguidores na página do Facebook e do alcance médio das publicações realizadas.

⁴ Plataforma de compartilhamento de vídeos da internet de propriedade da megaempresa americana Google.

⁵ Localizado ao Sudoeste de Fortaleza, é um dos maiores bairros da capital cearense.

⁶ Expressão regional, inclusive regularmente presente nas narrativas deste trabalho, que significa resolver os problemas em situações complicadas ou desenrolar cenários emaranhados com um certo nível de improviso. Algo parecido com outras expressões como “se virar” ou o “desenrascanço” utilizado por José Machado Pais (2016).

Por fim, Alice Freitas. Iniciada no Candomblé ainda no ventre de sua mãe, criada em terreiro, é uma jovem Mãe de Santo. Funcionária de uma empresa de previdência dos servidores municipais de Juazeiro do Norte e estudante do curso de Ciências Sociais na Universidade Regional do Cariri, afirma sentir na pele os desafios de viver na região como mulher, trabalhadora, acadêmica e, como gosta de se chamar, “macumbeira”, lutando contra o preconceito e pela busca de espaços na Universidade. Além disso, projeta sua vida a partir da maior tarefa que diz possuir: o cuidado com os seus filhos na religião. Em seu capítulo específico é fundamental o exercício de observar como entre sua vida nos espaços científicos, no trabalho imediato para o seu sustento e no trabalho espiritual ela consegue se repensar e significar o seu papel no mundo.

Antes de dar início ao estudo das narrativas em si, utilizo ainda o espaço da Introdução para fazer algumas breves considerações de conteúdo e, em seguida, metodológicas sobre este trabalho. Apresento algumas reflexões iniciais para que o leitor possa entrar em contato com as questões empíricas, entendendo melhor as perspectivas a que servem e as condições em que foram elaboradas.

Inicialmente, destaco a importância de se pensar sobre as juventudes a partir da potência das narrativas discutidas nesta pesquisa, explorando dimensões que possam ir além das dicotomias entre agência e estrutura ou de leituras que oponham micro e macro. Embora a juventude por vezes apareça em embalagens fixas e pré-moldadas na literatura, ela pode se mostrar bem mais complexa, como tento exemplificar nos relatos deste trabalho.

Por exemplo, Léo, ao conduzir o tempo no improviso, ao passo que atende às demandas das grandes plataformas de conteúdos virtuais para que não perca visibilidade em seu trabalho. Rafaela, ao insistir na possibilidade de criar seus próprios produtos e que estes possuam uma identidade singular, mas que precisou em vários momentos trabalhar, por exemplo, em restaurantes de serviços genéricos e com esquemas de trabalho que extrapolavam até mesmo a carga horária diária. Jéssica, que busca se inserir no universo da criação dos games, enquanto ainda sente dificuldades

para arcar com suas despesas de locomoção em uma cidade das proporções de Fortaleza. Leandro, que se especializou nas estratégias de sobrevivência em uma grande empresa terceirizada e que usa a astúcia e a sagacidade como elementos para ascender profissionalmente. Ou ainda Alice, que busca uma espiritualidade e almeja ser professora universitária para, inclusive, estudar melhor a vida religiosa na sociedade, mas que precisa manter o seu emprego para garantir o seu sustento e o de sua família.

Em sua leitura acerca da relação das juventudes contemporâneas com o Capitalismo Global, Bauman (2005) diz que não há uma perspectiva de projeto que vá para além do trabalho assalariado para esta gama de indivíduos, o que explicaria a falta de seletividade com relação aos empregos escolhidos por este segmento.

Como vemos em Oliveira (2012), Ortega (2006), Pochmann (2000), Tokman (2003) e Castel (1998), a figura do jovem espoliado e sem perspectiva é endossada pelos dados estatísticos e pelo desemprego estrutural no segmento, que apontam para tal fato, mas tendem a simplificar as possibilidades destes indivíduos, como se não lhes houvesse possibilidades de resistência e criatividade.

É comum também encontrar a figura do jovem, sobretudo o morador das periferias, como um problema social, geralmente associado à violência urbana, ao consumo de drogas ou ao desemprego. Uma abordagem, via de regra, que ressalta as performances a partir dos estigmas que sofrem no cotidiano. Neste universo, podemos dialogar com vários textos importantes como Costa (2010), Vianna (2003), Zaluar (2003) e Abramo (1997; 2010).

Em Novaes (2006), há uma busca da compreensão da juventude de um ponto de vista da construção histórica e cultural, pensando por meio dos contatos com as gerações, sem cair nos limites fixos e arbitrários das faixas-etárias, mas pensando-os seccionalmente por meio da análise dos seus lugares nas classes sociais, no gênero, na raça, nos locais de moradia, nas inserções produtivas e até nos medos em comum.

Neste caso em específico há uma afinidade maior com a forma como tento apresentar as narrativas nesta tese. Entender estes elementos supracitados em suas narrativas parece fundamental para construir uma outra noção sobre os cotidianos juvenis que não partam do estigma ou exclusivamente das estatísticas.

Leituras como as de Peralva (1997), Foracchi (1964) e Perrot (1964) percebem na juventude um caráter revolucionário e, por isso, transformador da

realidade. Associando um caráter marginal a um potencial inovador, principalmente quando o perfil caricato dos estudantes é colocado a frente. Há aqui, portanto, uma noção de que as gerações possuem papéis sociais específicos.

Nesta pluralidade de percepções, dialogo ainda com Piccolo (2010) por enxergar a juventude “tanto como categoria intelectual como experiência social” (p. 110), entendendo que há referências históricas e biológicas que tendem a ser tidas como universais a respeito deste segmento. Fato este que não impede que se construa definições singulares e “significados particulares”, daí a importância de efetivar o termo no plural, como “juventudes”.

Um dos autores que corrobora com esta pluralidade do conceito é Gilberto Velho (2006). Segundo ele, “colocar juventude no plural expressa a posição de que é necessário qualificá-la, percebendo-a como uma categoria complexa e heterogênea, na busca de evitar simplificações e esquematismos” (p. 192). O autor analisa que é preciso superar os estereótipos e assimilar que há “maneiras de ser jovem”, do mesmo modo que há “maneiras de ser velho”. Portanto, há o entendimento de que essas classificações são “fenômenos socioculturais” essencialmente arbitrários.

O caráter heterogêneo destas juventudes está presente também na diversidade de projetos e de trajetórias que são por elas escritas diariamente. Velho (2006) afirma que, da mesma forma que é importante não cair no individualismo ao perceber estes desenhos, é fundamental fingir que eles não existem. Como analisa Schutz (1979), estas expressões singulares podem e devem ser reconhecidas como verdadeiras para as análises sociais da realidade.

Partindo destes diálogos passo a pensar estas juventudes diretamente relacionadas às experiências singulares que possuem no mundo do trabalho e, a partir destas, como retiram daí os sentidos para sua própria existência na realidade social. Em certa medida, os aprendizados extraídos do próprio exercício do trabalho, bem como a potencialização de suas habilidades e a exploração da vocação que possuem para algum ofício são maneiras de promoverem o reconhecimento de si mesmos. Este caminho profissional pode ser entendido, em larga medida, como um ato de voltar a si mesmo, de reflexão, de cuidado de si.

Acompanhar estes agentes seria relativamente simples se as interlocuções estivessem circunscritas exclusivamente em espaços envolvendo carreiras artísticas ou

culturais. O cenário do trabalho é tomado como duro de modo que dificilmente se pensa na criação. Daí a relevância que encontro em trazer um universo como o call center, as cozinhas dos restaurantes ou ainda um terreiro de Candomblé para se discutir outras possibilidades para este processo de recriação de si por meio do trabalho.

Almeida e Pais (2012) trazem uma perspectiva interessante para se pensar estas questões quando apresentam a relação entre juventudes e trabalho a partir de dois campos de possibilidade: a “profissionalização da criatividade” e a “criativização da profissão”. Ou seja, tanto é possível transformar atividades criativas em trabalho, como é viável que se construa pontes criativas em outras profissões que não são costumeiramente associadas a isto.

As descontinuidades, as incertezas, as idas e vindas, os embaraços e as perturbações fazem parte destes arranjos no processo de construção de uma vida profissional na juventude, conforme analisa Almeida (2012). Essa desorientação é também resultado do fato de que não há apenas uma direção a percorrer. A não-linearidade destas carreiras pode ser lida como fragmentação, mas não implica necessariamente em pulverizações de seus projetos.

Em “Ganchos, Tachos e Biscates”, temos um estudo que se baseia na análise de trajetórias não-lineares, em que Pais (2001), por exemplo, pensa a busca por emprego como fluxos acidentados. As reflexões deste autor são importantes diálogos para esta tese e ele afirma o seguinte: “Ora os jovens vivem predominantemente numa espacialidade antropológica que é fractal por natureza, dando guarida ao mítico, ao sonho, ao desejo, à ilusão, ao inesperado, ao indefinido, ao enigmático, ao especulativo, à indeterminação (PAIS, 2001, p.11)”.

Para Pais (2001), a juventude é costumeiramente vista como uma fase de transição da vida, mas ele se pergunta: “transição pra quê?” ou “qual etapa não é?”. O autor reflete que essa não-linearidade pode ser desconfortável para nossas análises, mas também pode implicar em “liberdade e esperança” (p. 396).

Deste ponto de partida, é possível buscar uma construção de trajetórias que não esteja circunscrita em esquemas lineares da vida, pressupondo cartesianamente o início, o meio e o fim num todo lógico. Segundo Pais (2001), pensar as trajetórias, mais que pensar em linha temporal, é pensar os conceitos de vida familiar, vida escolar e vida profissional, todos estabelecendo variadas formas de conexão.

Muitos jovens, ao contrário do que pode se pensar, buscam reinventar-se de forma potente e socialmente criativa, de modo que suas capacidades agentivas não sejam silenciadas pelos dispositivos de controle e de produtividade tão presentes no atual cenário do mundo do trabalho, como vemos em Deleuze (2002), onde o pensamento é alvo de captura. Nesses novos esboços para o mundo, a criatividade pode coexistir, por exemplo, com a pressão por produtividade.

Não se trata, contudo, de entender a capacidade criativa como uma substância, mas como uma relação, como destaca Eugenio (2012). A autora diz que “estender-se no mundo já é ação criativa, além de erigir-se em condição para criar” (p. 225). Justamente, nessa camada de análise, é possível dialogar com as narrativas presentes neste trabalho, onde encontramos jovens que entendem a sua instabilidade social, sabem a importância de buscar estabilidade financeira, mas que buscam em suas falas fazer aquilo que gostam e defendem não se mover apenas pelo dinheiro ou pelo prestígio.

Longe de uma visão ingênua a respeito destas escolhas, muitas vezes esses recursos para a exploração de novas possibilidades de se viver são resultados da própria tentativa de se “driblar realidades duras”, como vemos em Pais (2001). Os cenários de dominação, competição, desemprego e insatisfação continuam a existir, mas isso não significa o desmanche da potência dos agentes sociais.

Trabalhar em meio a todos estes pontos de tensão exige destes jovens que aprendam a se “virar” com estratégias forjadas por eles em suas próprias experiências. Segundo Eugenio (2012), há uma “rede de negociações consequente, interativa e colaborativa” que atua nestes intermeios. As sensibilidades e as solturas tendem a aparecer mesmo nestes espaços de dureza e opressão.

Um dos esforços desta tese é buscar nestas trajetórias de trabalho juvenis a importância da invenção, da criatividade, da agência, da resistência, do prazer, das estratégias e dos “se virar” em meio a relatos atravessados por falas de desgaste, cansaço, mudanças, rupturas, demissões, assédios e sobrecargas. É entender que, sim, eles vivem dos seus trabalhos, mas não apenas.

Recordo de Jacques Rancière em “O espectador do mundo emancipado” (2010), comentando sobre um trabalho que fez a partir de cartas que foram trocadas por trabalhadores. Inicialmente, o autor esperava encontrar relatos de sofrimento, dureza,

que expusessem conceitos clássicos como a consciência de classe, mas acabou deparando-se com relatos sobre lazer, ócio e amor.

Em uma expectativa similar, em vários momentos entendemos o mundo a partir de ideias fixas que possuímos para diversos segmentos, dentre eles as juventudes. Pensar as juventudes que trabalham e evidenciar uma perspectiva que busque outros caminhos que não apenas o da sobrevivência e da necessidade, tocando as experiências criativas nesse universo tão estruturado nos desenhos conceituais estabelecidos, é uma busca para esta pesquisa.

Para que meus objetivos fossem alcançados e eu pudesse explorar este leque de sentidos, precisei me permitir adentrar nestas narrativas sem a intenção de encontrar uma linha reta. Em vários momentos do texto, será perceptível confundir-se com aparentes mudanças de assunto ou fugas do tema, mas evidentemente foi preciso deixar que os fios se desenrolassem para sentir que eles invariavelmente voltariam a atravessar as histórias de outras formas.

É importante destacar que os relatos dos jovens deste trabalho possuem características formais semelhantes aos encontrados por Pais (2001) em sua pesquisa. O autor diz ter encontrado relatos “fragmentados, distorcidos, desestruturados”, e que estes exigiam de si uma interpretação persistente. Para ele, o ato de recontar a própria história de vida é uma força que manipula os percursos atravessados pelos interlocutores. Os discursos são, portanto, condutores.

Quando pensamos em relatos relacionados às experiências laborais temos uma espécie de “rosário de vida”, utilizando a própria expressão de Pais (2001) que fala sobre os dramas, as angústias, bem como as esperanças e os desejos. Tudo isto conectado às outras esferas da vida destes jovens, respeitando seus modos e seus tempos. O autor comenta que “cada passagem de vida deve ser vista em interconectividade com experiências passadas e expectativas futuras, com acontecimentos de um aqui e de um ali” (p. 101).

Esses relatos são importantes, acima de tudo, porque é por meio deles que os interlocutores dão o aval para que possamos reconstruir o que Pais (2001) chama de “conteúdos de vida”. O autor acredita que é a partir daí que se torna possível revistar, filtrar e construir categorias, buscando sentido ao que fora relatado sem temer a fragmentação dos discursos.

Entendendo a importância de falar mais sobre a feitura deste trabalho, em seguida faço algumas considerações a respeito dos procedimentos metodológicos empregados. Portanto, nos sub-tópicos seguintes, além de fazer uma discussão sobre as técnicas de pesquisa utilizadas, faço, acima de tudo, uma discussão metodológica, encarando isso como uma dimensão inseparável do que se entende por analítico nesta tese.

1.1 A etnobiografia como caminho

A ideia de que essas narrativas fomentam produções coerentes e orientadas, estabelecendo fixamente uma noção de causa e efeito entre o passado e o futuro, incluindo o uso de ferramentas demarcatórias como o “desde o início” ou o “já”, são frutos da crítica organizada por Pierre Bourdieu (2008) em “A ilusão biográfica”.

O autor contesta essa “vida organizada na narrativa” e sua ordem lógica e causal, geralmente acompanhada de uma sucessão cronológica dos fatos, como se houvesse um “postulado do sentido da existência contada”. Para Bourdieu, esta técnica não passa de uma forma de apresentar um “modelo oficial da apresentação oficial de si” (p. 80) e não dá conta das estruturas, das redes e das “matrizes de relações objetivas” entre elas.

A crítica encabeçada por Bourdieu é importante para as Ciências Sociais, partindo de conceitos-chaves do pensamento sociológico clássico que se organizam a partir de oposições binárias como indivíduo e sociedade, subjetividade e objetividade, cultura e personalidade, dentre outros aspectos colocados por Gonçalves, Marques e Cardoso (2012). A noção de *etnobiografia* vem na tentativa de problematizar essa relação. Abaixo discutem esta intenção:

Neste modo de encaminhar a discussão, o indivíduo não seria simplesmente a manifestação da representação coletiva: a individuação criativa dos personagens-pessoas desenvolve uma autonomia de significados que não está submetida diretamente à força imanente da sociedade. Pelo contrário, o improvisado, a *parole*, a narração, em vez de tomados como discursividade neutra, assumem o papel de pura agência, na medida em que criam e agregam novos significados ao mundo e às coisas ao mesmo tempo em que

transformam aqueles que constroem a narrativa etnográfica, seja o antropólogo, seja seus personagens etnográficos (p. 10).

A etnobiografia tenta não fazer uma distinção entre discurso e experiência, defendendo antes uma experimentação da realidade do que uma representação. Gonçalves, Marques e Cardoso (2012) destacam ainda que não se trata da proposição de uma integração “entre fato social e ação social, pessoa e grupo, ou qualquer outra forma de dualidade, mas simplesmente aceitar uma terceira dimensão desta relação” (p. 39), que seria justamente a dimensão construída na relação e na experiência, não nas essências. Essa construção do que chamam de “pessoa-personagem” nasce como produto dos encontros de pesquisa.

Segundo Kofes (2015), as experiências etnobiográficas funcionam quando não partem da oposição entre as estruturas e o que fora vivido pelos interlocutores. É, pois, pensando nas experiências e nas relações que esse procedimento funciona. Esses diversos universos construídos no experimento podem garantir as interpretações para “sujeitos singulares” que constituem “sociabilidades e não incoerências sociológicas”, como vimos em Kofes (2004) e em Manica (2010).

Esses itinerários construídos pelos interlocutores contam sobre eles, mas inevitavelmente falam das relações, das questões sociais e políticas, da compreensão dos significados e dos valores culturais. Kofes (2001) aponta a necessidade de não se cair na "armadilha" da separação entre sujeito e estrutura, pois esta pode ser capaz de reificar as marcas das impressões dos agentes "sobre suas interpretações e suas existências"⁷.

Na mesma medida em que as narrativas que trago sobre o trabalho podem gerar concepções sobre meus interlocutores, posso afirmar que isso está diretamente relacionado à capacidade da etnobiografia em produzir as situações criativas responsáveis pela elaboração de si ou, como diz Gonçalves (2012), a autoprodução do self. O autor comenta que, no ato da partilha, por meio da narrativa, a biografia cria um ponto de encontro com a etnografia. Arremata que a etnografia é, portanto, um “produto

⁷ Numa crítica à Pierre Bourdieu, ela comenta: “Difícil reconhecer muitos dos tratamentos interpretativos dados à ‘história de vida’ na caracterização que dela faz Bourdieu. Fácil reconhecer na crítica deste autor uma forma de enfrentar as clássicas oposições que cercam a discussão sobre ‘história de vida’ em suas várias aparições nas Ciências Sociais: objetividade e subjetividade; sujeito e estrutura, como exemplos. Forma de encarar, entretanto, que cai na armadilha de enfrentar tais oposições, afastando um de seus termos. Refiro-me às marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações e às suas existências, que não estão incorporadas na noção de agente social” (KOFES, 2001, p. 25).

de um discurso autoral proferido por um sujeito num processo de reinvenção identitária mediada por uma relação” (p. 24). É o produto da interação, da relação e do diálogo, onde pesquisador e pesquisado mudam e se criam, sem a obrigatoriedade de definir qual dos dois é o produtor de conhecimento. Nesta pesquisa em específico acabo tendo uma experiência diferenciada, tendo em vista que já conhecia anteriormente os meus interlocutores e estabeleci relações com eles em diferentes níveis de profundidade. A experiência aqui, nesse sentido, se molda também como um **reencontro**.

Rafaela é minha amiga desde a infância. Léo conheci indiretamente pela militância social. Jéssica conheci numa luta ambiental contra a construção de um viaduto sobre um parque ecológico. Leandro trabalhou comigo. Alice foi minha aluna. Todo esse histórico (visto nesses propositalmente breves exemplos) que possuo com os interlocutores será devidamente aprofundado nos capítulos específicos, mas é importante adiantar que as situações de pesquisa entre nós eram eminentemente forjadas pela lógica do **reencontro**. O ato de pesquisar neste trabalho tem sido uma relação repleta de significados. Ao passo que a ciência tradicionalmente exige o afastamento do pesquisador de seus objetos de estudo, aqui há também o movimento inevitável de significação e de encontrar mais uma vez um fio de histórias que há tempos vem se tecendo. Se ler e interpretar os relatos é um exercício analítico e distanciado, a experiência que forja as narrativas é baseada na aproximação.

Assim como as experiências laborais constituem a significação sobre os sentidos do trabalho, as experiências da pesquisa, como as que tentei desenvolver nesta pesquisa, produzem a etnobiografia. Essa experiência, segundo Kofes (2015), apresenta “conexões, movimentos da vida, experiência social e reflexão dos próprios sujeitos”, sendo que as estruturas destas experiências estão diretamente interligadas com o que fora vivido e os “sentidos dados e criados pelos sujeitos” (p. 35).

As histórias passam a ter um poder de instaurar processos de experiências quando estão funcionando relacionalmente, como destaca Cardoso (2012). Na mesma toada, Ingold (2007, p. 90) enxerga que, ao contar histórias, se estabelecem as conexões e torna a atividade um fluxo contínuo que integra e constrói os caminhos na própria concepção da narração. Para o autor, a história faz a prática. O discurso é, portanto, a própria expressão da ação.

A escrita antropológica aqui vem a serviço de uma “desterritorialização”, ao invés de se fixar na construção de uma “representação de um objeto/sujeito de pesquisa”, como sugere Mejía (2015). Antes de mais nada, a busca é essencialmente o entendimento “das condições e possibilidades da vida humana no mundo” ou ainda a relação do homem com o universo e com o seu poder como sugere Wagner (1986), não à obediência a uma técnica ou a um método.

A pesquisa que desenvolvi, portanto, buscou “ampliar o papel” desempenhado pela razão no entendimento das histórias, ao invés de buscar desvelar os grandes esquemas estruturais de manipulação e subalternização dos indivíduos, muito embora eles também sejam importantes. Como diz Geertz (2001), “tais fios” que manipulariam as pessoas “talvez não existam e as pessoas não sejam de papelão” (p.43). O trabalho de campo para o autor, em conceito incorporado aqui, é uma “experiência completa” e “o difícil é dizer o que foi aprendido”.

As relações de um modo geral, incluso as de pesquisa, acabam se assemelhando aos instrumentos musicais. Elas precisam ser afinadas e muitas vezes isso ocorre simultaneamente ao serem tocadas. Às vezes, pode levar um tempo para se aprender a afinar no ato de tocar. A melodia precisa ir e vir para se tornar agradável aos ouvidos de quem toca e de quem apenas escuta. Se o método é literalmente o caminho a se percorrer, é na experiência de andar que se aprende a força do passo e a condição do trajeto, como diz Pais (2003).

1.2 As possibilidades do cotidiano

O pensamento sociológico pode se aproximar das expressões do dia-a-dia, onde é possível encontrar as fotografias mais interessantes do que se chama costumeiramente de realidade. Alberti (2004), um dos principais expoentes do campo da História Oral, era um questionador das entrevistas que faziam os entrevistados se sentirem testados. Ele nos recorda que não há motivos para se testar o campo, principalmente porque o mais interessante em nossas investigações é justamente que os interlocutores nos permitam partilhar de suas experiências e seus posicionamentos sobre os assuntos investigados. Mais que isso, sobre suas vivências.

Nesse sentido, Pais (2003) é um autor que se debruça no aprendizado de se olhar o mundo de uma outra maneira. O sociólogo português sugere que se faça uma busca pela captura do que há de mais “fugaz” e compare as representações dos sociólogos com “o olhar vagabundo do fotógrafo”. Assim como é importante recortar, focar e estreitar objetos de pesquisa, também o é reconhecer os aspectos “particulares, acidentais e superficiais” da vida cotidiana.

Os objetos não são acabados, auto explicados ou transparentes. Pais (2003) diz que na Sociologia da Vida Cotidiana “a realidade apenas se insinua, não se entrega”. Portanto, é necessário reconstruir, imaginar e criar sempre sem a pretensão de ter dominado o que se chama de real por meio do texto:

Neste sentido, a sociologia do cotidiano é uma sociologia de protesto contra todas aquelas formas de reificação do social, animadas por uma avassaladora ânsia de possessão. Para a sociologia do cotidiano, o importante é fazer insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas, em vez de fabricar a ilusão da sua posse. A posse do real é uma verdadeira impossibilidade e a consciência epistemológica desta impossibilidade é uma condição necessária para entendermos alguma coisa do que se passa no cotidiano (PAIS, 2003, p. 28).

A vida social pode também aparecer no cotidiano por meio das camadas mais superficiais e irrelevantes. O cotidiano acontece quando “nada se passa”, onde a vida possui uma “efervescência invisível” e “escorre”. A Sociologia inspirada em Pais (2003) pode ser uma ferramenta “passeante” capaz de peregrinar sem compromisso pelo que passaria despercebido. Estar aberto ao que se encontra, mesmo que pareça nada ter encontrado. Pesquisar é atravessar caminhos sem “neles se esgotar”.⁸

Nessa abordagem, a vida deixa de ser uma mera consequência de fatores estruturais e passa a ganhar uma tessitura específica formada por “maneiras de ser e de estar”. Não se trata de uma negação dos fenômenos estruturais, mas de uma impossibilidade de totalização destes e de uma essencialização das relações. Pais (2003) menciona que “os conceitos e teorias devem entender-se como instrumentos metodológicos de investigação a serviço da capacidade criadora de quem pesquisa” (p.

⁸ “[...] é nos aspectos frívolos e anódinos da vida social, no 'nada de novo' do cotidiano, que encontramos condições e possibilidade de resistência que alimentam a sua própria rotura. Detenhamo-nos, com efeito, nesta simples constatação: se o cotidiano é o que se passa quando nada se passa – na vida que escorre, em efervescência invisível –, é porque 'o que se passa' tem um significado ambíguo próprio do que subitamente se instala na vida, do que nela irrompe como novidade ('o que se passou?'), mas também do que nela flui ou desliza (o que se passa...) numa transitoriedade que não deixa grande marcas de visibilidade” (PAIS, 2003, p. 28).

31). Esse arcabouço deve funcionar como algo que dialogue com as revelações e as interrogações que fazemos a respeito dos fatos cotidianos.

Estabelecer uma boa metodologia é pensar nos trilhos que podem ser construídos para a criação do reconhecimento dessas realidades. Esse trilhar pode ser perambulante, curioso e vadio. O “vadiar sociológico” encontrado em Pais (2003) é o que se satisfaz com as viagens possíveis pelo caminho, não com o sossego dos portos. Acima de tudo é um ponto de vista obstinado:

A vida cotidiana parece ter uma presença repousante, inerte, superficial. Contudo, essa superficialidade não deve entender-se como uma qualidade mas antes como uma situação. A situação superficial da vida cotidiana é uma situação rasa, pelo que a sociologia do cotidiano terá de rasar essa superfície, em voo baixo, de forma minuciosa, sem que esse rés (do chão, superficial) se tenha de aprisionar. Esta sociologia rasante que é a sociologia da vida cotidiana deverá ser uma sociologia matreira, feita de 'ratices', e poderia mesmo tomar por animal totem o rato: enfrentando o social, nada dele desprezando à sua passagem, interessando-se por tudo o que seu olhar oblíquo possa agarrar; manter-se ao rés das coisas mas vê-las todas, numa obstinação miúda e picuinhas” (p. 33).

O “trotar do pesquisador” encontra, por meio dessa “sociologia rasante”, as grandes respostas justamente nas pequenas perguntas, assim como acha sua segurança no exercício de correr seus riscos. Refazer-se nas discontinuidades e no que está fora dos eixos dos ditos é o valor que o vadiar da Sociologia do Cotidiano pode apresentar. Ora, se os nossos dias não são certos, nem seguros, tampouco uniformes, como a compreensão destes poderia ser?

Foi nesse espírito do “trotar” que promovi os **reencontros** com meus interlocutores. Cada **reencontro** trazia novos diálogos, (re)conhecimentos mútuos, além das amplitudes de desejos e pretensões. Nem eu ia vazio de interesses, tampouco voltava com o mesmo caráter na relação, pois estávamos crescendo juntos numa construção coletiva que instaurávamos naqueles diálogos. O **reencontro** era afetivo e científico. A produção de conhecimento se deu justamente na reafirmação de relações sociais fermentadas em nossas experiências de nos vermos mais uma vez.

A leitura atenta de Eugenio (2012) serviu como inspiração para perseguir esse caminho. Em seu texto sobre criatividade, tempo e práticas profissionais, ela faz a opção de não escolher seus interlocutores a partir de diretrizes estruturais como indicadores fechados de “classe, renda, gênero ou idade”. Ao contrário, permitiu que emergisse um “desenho da rede de pessoas que partilhariam da pesquisa por meio dos

encontros suscitados em campo”. Nesse rumo, o “modo de vida comum” é mais importante do que a filiação a traços de identidade, não significando que optar por isso seja um aprisionamento aos aspectos meramente biográficos das pessoas, mas:

[...] o desafio é encontrar meios de capturar o 'ele' e o 'ela' individuais sem perder de vista os modos específicos pelos quais eles são capazes de se misturar em um padrão, em um código, em um conjunto de costumes, em uma disciplina científica, em uma tecnologia – mas nunca em alguma sociedade englobante [...] (EUGENIO, 2012, p. 212).

Essa referência revela a dificuldade em se construir o diálogo das biografias com as trajetórias, assimilando as experiências de vida. As articulações nesse sentido não devem ser produtos apenas de estratégias de escrita, mas podem evidenciar a existência da própria relação social estabelecida. Fazer pesquisa é uma ação de estabelecimento e fecundação de relações sociais. Criar conhecimento é criar comprometimento com a pesquisa e isso nos muda constantemente. Beaud e Weber (2007) dizem que o pesquisador não pode ser inalterado de uma situação de pesquisa. Segundo eles, é justamente a transformação promovida pelo ato de pesquisar que contribuirá com a capacidade de visualizar o objeto de forma diferente.

Essa troca de peles é resultado da experiência social que a pesquisa promove. Viveiros de Castro (2002) destaca que a transformação é uma relação e é isso que promove a “constituição relacional de ambos”⁹. A diferença que o autor acentua é que enquanto pesquisador não haverá uma naturalização dos ditos ou dos vividos. Para tanto, segundo o autor, não é preciso defender a autoridade do antropólogo e nem a necessária imersão diária que almeja ser nativa em todos os lugares estudados, mas estabelecer relações intersubjetivas¹⁰.

Conversar uns com os outros em “termos não-convencionais”, como diria Geertz (2001), é o que fazem os antropólogos. Observar de perto e abordar de modo artesanal essas vivências é o que fazem os antropólogos. Estudar as “experiências humanas” a partir de experiências pessoais aparece como algo fundamental e, para tanto, a “alteridade” surge como palavra-chave, como aponta Goldman (2006). O autor

⁹ “Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos.” (CASTRO, 2002, p. 113-114).

¹⁰ Ver mais em Clifford (1998) e em Fabian (2006).

diz que esse é o limite da nossa “prática” e que nossa tarefa seria então em parte “descobrir por que aquilo que as pessoas que estudamos fazem e dizem parecer-lhes, eu não diria evidente, mas coerente, conveniente, razoável” (p 167).

Márcio Goldman (2006) deixa o entendimento de que não devemos viver nos extremos do nosso fazer. Ou seja, não podemos ser nem os cientistas que colocam seus conhecimentos científicos e seus conceitos como ferramentas totalizantes e que devem encaixar as experiências nelas, como se teoria e pesquisa fossem elementos de substâncias apartadas, mas tampouco devemos nos render à sedução de narrar relatos, quase que numa fixação pela descrição das vozes das interlocuções, por muitas vezes ocultando a figura do pesquisador. Podemos ser produtores de “teorias etnográficas”, sabendo ouvir e reconhecer a necessidade de deixar os interlocutores ficarem à vontade nesse processo.

1.3 A cozinha da pesquisa

Quando penso em discutir os procedimentos metodológicos de uma pesquisa, lembro de uma cozinha cercada por quatro paredes de vidros transparentes. Se é muito importante que o prato seja saboroso e bem feito, também há relevância em se mostrar um pouco sobre esse processo de feitura. A cozinha vista pela vidraça dá segurança para quem dela se alimenta, ensina para os que também querem cozinhar e faz com que os cozinheiros também apareçam e tenham seus rostos valorizados no preparo. Essa é a melhor metáfora que encontro para pensar sobre o passo a passo do processo de pesquisa, desde a escolha do tema, aos interlocutores e às técnicas utilizadas para produzir a pesquisa e o texto.

Para Mariza Peirano (1995), a criatividade pode suprir a falta de disciplina e de apego aos métodos receituários. Mirian Goldenberg (1999), nesse mesmo sentido, afirma que a pesquisa que produzimos “depende da biografia do pesquisador, das opções teóricas, do contexto mais amplo e das imprevisíveis situações que ocorrem no dia a dia da pesquisa” (p. 55), o que não me permite prescrever procedimentos metodológicos como se estivesse ensinando técnicas de manuseio de algo.

A preocupação em estar constantemente respondendo às próprias perguntas pode ser um erro nesse sentido, podendo se tornar obsessivo e até erroneamente mais

importante do que o próprio compromisso com a produção do conhecimento, como salienta Fabian (2006). Portanto, compreendo a importância de se estabelecer um projeto metodológico que possua uma solidez, mas sem abrir mão dos arranjos e das inovações necessárias em campo. Esses ajustes são constantes e se nos engessarmos podemos cair no imobilismo. Refletir com o campo é um ato de apanhar e bater, ao bom estilo das pesquisas de Wacquant (2002), que são feitas por um sujeito que se reconhece como alguém de carne e osso, podendo se envolver com seriedade científica mesmo em objetos que o envolvam enquanto pesquisador.

O pesquisador, como diria Whyte (2007), é um “animal social” e apenas a lógica metodológica não basta. O que se aprende na academia não garante um bom trabalho de campo, principalmente por haver diversos níveis de interação entre os envolvidos na pesquisa. A execução do “exercício espiritual” nas práticas do campo e nas ações, onde os olhares dos pesquisadores convertem-se para as circunstâncias comuns da vida (BOURDIEU, 2001, p. 74), parece preferível ao invés da fixidez a qualquer guia de instruções para pesquisas.

Esse nosso possível “vadiar” do ofício, ainda assim exige de nós alguns tipos de “truques”, assim como Becker (2007) utilizou os seus, para que possamos encontrar “maneiras fáceis de fazer algo”, que seria mais difícil para quem não é do ramo. O trabalho, assim como todos os outros, tem os seus “segredos” e estes podem auxiliar na solução de “problemas peculiares”. Contudo, esse facilitar também é uma forma de tornar “as coisas mais difíceis para o pesquisador, num sentido especial”.

Por muitas vezes, o uso dos truques tira os objetos de um lugar de confortável observação e passa a virá-los de ponta cabeça, geralmente criando “novos problemas a pesquisas, novas possibilidades de comparar casos e inventar novas categorias e assim por diante”. Becker (2007) destaca ainda que não há um momento certo para se utilizar desses truques da pesquisa, mas que estes momentos devem ser percebidos justamente quando se observa que o truque pode fazer o trabalho avançar de alguma maneira.

Comecei a fazer o trabalho de campo propriamente dito desta pesquisa em 2014, no início de meu doutorado. Já neste primeiro ano, tive os primeiros contatos com os interlocutores enquanto pesquisador, com exceção do Leandro que já participou de outros trabalhos de minha autoria. Neste mesmo período, algumas outras pessoas foram

sondadas, tivemos encontros e poderiam ser partes desta tese, no entanto, foi preciso limitar a quantidade de histórias para que fosse algo exequível.

Consolidados os contatos, apresentada a proposta aos cinco jovens que colaboraram comigo até o final, em 2015 e 2016 fiz a segunda parte do campo, que consistiu em várias visitas a lugares dos mais diversos. Na maioria das vezes, fui em suas casas, mas já fui em seus trabalhos, em shoppings, no pátio de faculdade e nos lugares em que era possível encontrá-los. A dinâmica do tempo destes interlocutores é tão complexa que todos os espaços deviam ser aproveitados. Então, em algumas situações a pesquisa aconteceu em uma carona que eu dava para um deles ou até mesmo dentro de um ônibus coletivo.

Na metade de 2016, veio o exame de qualificação, e já no ano seguinte iniciei a terceira e última parte da pesquisa de campo. Desta vez com menos visitas, mas ainda assim com várias. Além disso, foi utilizado bastante a internet e o telefone para comunicação entre nós. Essa etapa se alargou até o início do ano de 2018. Em todas as narrativas proporcionadas por nossos **reencontros** pude adentrar em suas casas, conhecer parte de suas famílias, dos seus cotidianos de trabalhos e ainda ver de perto algumas de suas parcerias profissionais. As situações de pesquisa se constituíam nas brechas que o cotidiano nos permitia acesso.

Foram, portanto, cerca de quatro anos de pesquisa de campo ao todo. Cerca de cem horas de áudio foram gravadas e utilizadas, além do material por escrito nas mensagens, os conteúdos extraídos de suas redes sociais, dentre outros elementos que ficaram sem registros e sobreviveram como memória.

O período em que o campo se estendeu tornou o processo mais complicado de se analisar inclusive pela dificuldade em se acompanhar as inúmeras mudanças que podem ocorrer em quatro anos na vida de um indivíduo. Do início até o fim, foram várias idas e vindas profissionais, mudanças de objetivos, de perspectivas, formas diferentes de observar uma questão. Era muito comum que os próprios interlocutores me procurassem para trazer alguma atualização. Por exemplo, lembro quando Leandro me ligou para contar que havia mudado de cargo ou quando eu soube pela internet de outras tantas mudanças em suas vidas.

O próprio perfil destes interlocutores é algo que não é simples de expressar. Uma simples tabela com informações básicas não daria conta de acompanhar o processo

temporal que tentei alcançar nesta experiência. De todo modo, vale a tentativa de ao menos informar um arco de apresentação de cada um destes interlocutores. Destacando que todos possuem uma faixa de idade semelhante à minha e durante esta pesquisa orbitaram entre os 24 e os 30 anos.

Rafaela nasceu e se criou no município de Pedra Branca. Tem um irmão. Seu pai possui uma oficina de conserto de motocicletas na cidade e sua mãe o auxilia no atendimento dos clientes. Chegou a ingressar em dois cursos superiores, mas não concluiu nenhum deles, tendo, portanto, o Ensino Médio como sua escolaridade formal. Suas experiências profissionais vão de atendente em um consultório às áreas de moda e gastronomia.

Léo Gambiarra é irmão de Edu Souza e amigo de Diego Jovino. Os três são responsáveis pela criação do personagem humorístico Suricate Seboso, que se tornou um sucesso em várias plataformas da internet. Morador do bairro Sapiranga desde o nascimento, criado na beira do mangue, Léo também já chegou a iniciar um curso de Propaganda e Publicidade, mas desistiu logo no início para dedicar-se à produção de conteúdos na internet. Além disso, chegou a trabalhar com montagem e manutenção de computadores e algumas pequenas experiências no comércio.

Jéssica vem do popular bairro de Fortaleza, o Bom Jardim. Filha de uma cabeleireira com um segurança de ofício, como gosta de lembrar. Estudou em escolas públicas do bairro, já se aventurou pelas áreas da moda e desempenhou serviços informais como ser auxiliar em uma cozinha. Embora nunca tenha cursado uma faculdade, chegou a fazer cursos importantes para si como de fotografia e desenvolvimento de jogos virtuais.

Leandro é do bairro da Praia do Futuro em Fortaleza. Trabalha desde os seus dezesseis anos de idade. Já chegou a cursar Ciências Econômicas na Universidade Federal, mas também desistiu do curso. Teve algumas experiências profissionais com vendas, mas a sua maior é o call center onde se mantém há uma década.

Por fim, Alice Freitas. A única das minhas interlocutoras que não reside na cidade de Fortaleza. Mora no Crato e trabalha em Juazeiro do Norte, ambos os municípios localizados na região do Cariri cearense. A única dos cinco também que está próxima de concluir o nível superior de escolaridade, se formando no curso de Ciências

Sociais pela Universidade Regional do Cariri. Mãe de Santo, filha de Mãe de Santo e irmã de Pai de Santo.

Sincronizar os **reencontros** a partir das diferenças de perfil entre os interlocutores, suas ocupações, seus locais de moradia, o tempo livre que possuem foi uma das principais dificuldades que tive neste trabalho. Em outras experiências de trabalho, eu possuía um único *locus* ou um mesmo nicho. Conciliar todas as diferenças supracitadas e encontrar espaços para me inserir em universos tão diferentes foi realmente um obstáculo interessante a ser superado.

Essa complexidade reverbera não apenas em dificuldades metodológicas, assim como teóricas. Cada um de meus interlocutores está inserido em um universo simbólico diferente. Temas como internet, gastronomia, moda, atendimento ao cliente, humor, entretenimento, redes sociais, jogos virtuais, religiões de matriz africana, gênero, dentre tantos outros estão presentes em todas as narrativas. Contudo, eu não poderia dar conta de discutir cada um destes universos em específico e de oferecer discussões teóricas e contextuais sobre cada um deles. Tanto pelos limites de tempo e estruturais, como pelo fato do foco da pesquisa estar na construção dos sentidos que estes jovens possuem sobre seus trabalhos, como eles significam suas vidas e como os rearranjos que produzem diante das dificuldades laborais e do mercado ajudam nesta significação. Portanto, é uma análise de alguns múltiplos, mas que tentou buscar suas singularidades possíveis.

Explorei este campo majoritariamente por atividades de conversação baseadas nas trocas entre os interlocutores e o pesquisador. Partilhávamos experiências em uma vida de mão dupla, o que me fez não utilizar roteiros fechados de entrevistas, promovendo algo próximo da ideia de “entrevistas livres” de Melo (1987). Dispus as conversas em diários de campo, em grande parte gravadas, embora eu sempre tentasse, como sugere Alberti (2004), reduzir os impactos desses equipamentos nas relações de pesquisa e diminuir suas influências, evitando eventuais constrangimentos. Esse cuidado era tomado em especial quando estávamos em seus locais de trabalho. Becker (1993) é uma referência para se refletir acerca desses efeitos da presença do pesquisador no campo de pesquisa e da importância de se reduzir esses efeitos.

O fato de que eu também tinha algo a oferecer e que conhecia um pouco sobre os tópicos que eles abordavam era um atalho na relação de pesquisa. Na maioria

das situações de conversas e entrevistas, havia sempre um esforço considerável por parte dos interlocutores em garantir que a pesquisa ocorresse. A condição do **reencontro** garantia não apenas que eles quisessem falar sobre suas trajetórias, mas também que eles quisessem me ouvir em uma troca permanente de vivências. Isso me ajudava a ter “sucesso na condução” desses diálogos, no sentido de que já havia, em alguma medida, uma relação prévia de confiança, seguindo uma mesma tendência que Flick (2004) observa quando debatia sobre entrevistas. O estímulo ao outro não se dava pela ocultação da minha figura, mas pela familiarização que havia na relação oferecida pelo reencontro. A proposta era da promoção da troca.

Importante destacar que com relação às gravações, fiz todas as transcrições sem uso de softwares, numa tentativa de não perder marcas importantes não expressas necessariamente nas palavras, como insegurança ou entusiasmo. Como destaca Bourdieu (2001), “transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever eu como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade” (p. 710). As tonalidades, texturas, pausas, suspiros, ritmos e até mesmo o que pode ser inferido como uma gestualidade que só conseguem ser acessadas pela memória por meio da escuta das gravações ficam desse modo mais próximas do meu domínio.

Pesquisei imagens diretamente das redes sociais dos meus interlocutores para utilizá-las neste trabalho. Plataformas como o Facebook ou o YouTube serviram para a busca destes conteúdos, com o devido consentimento dos interlocutores. Importante citar a obra de Kozinets (2010) como um aporte neste quesito, tendo em vista suas contribuições para se entender melhor o uso da internet e das redes sociais nas pesquisas das Ciências Sociais, utilizando o que o autor chama de “netnografia”. Inclusive, é fundamental registrar que algumas imagens colhidas e escolhidas, embora sejam importantes para a pesquisa, foram para os Anexos justamente por não serem o objeto da análise. A ideia aqui é compreender os sentidos do trabalho e as imagens selecionadas servem para ilustrar ocasiões relacionadas a isso. Colocá-las no corpo do texto e não dar uma análise substancial da imagem seria um erro desnecessário.

Vale ressaltar que todos os nomes utilizados nesta pesquisa são reais, com exceção da empresa em que o interlocutor Leandro trabalha. Esta interdição se dá por eu

mesmo ter trabalhado no lugar em questão e uma das cláusulas do contrato que tive com eles me impede de realizar qualquer tipo de produção sobre o local, mesmo que para fins científicos. Na tentativa de preservar a mim e a ele, resolvi criar a nomenclatura fictícia de X Center.

Outro destaque relevante neste tópico se dá justamente na discussão acerca da construção temporal dos relatos. Conforme mencionado anteriormente, a lógica da Sociologia Pós-Linear assumida neste trabalho encara os mosaicos temporais oferecidos pelos relatos como algo característico da natureza dessas narrativas. Em vários momentos há a intenção de organizar, encaixar e classificar todas estas falas, a fim de colocá-las em um formato cujo sentido parecesse mais lógico para o leitor. Entretanto, compreendo que a forma como os relatos são produzidos oferecem um dado ao pesquisador. A escolha de determinado fluxo de tempo ou de um determinado discurso é resultado de uma inclinação para aquela expressão concretizada. Nesse sentido, busquei aprender a lógica dos discursos e não apenas me seduzir por rearranjá-los.

Por fim, aponto que foi necessária a criação de um sistema específico de citação neste trabalho, tendo em vista que fiz uma incorporação direta de várias das falas dos meus interlocutores. A ideia, além de trazer uma maior fluidez ao texto, é de simbolizar a construção mútua do conhecimento, inspirada no trabalho de pesquisa desenvolvido por Guedes (2013). Nesse sentido, estabeleço que as aspas simples condensadas ao texto são falas nativas e que as categorias nativas com uma importância analítica maior virão em *italico*. Meus grifos pessoais e categorias próprias virão em **negrito**. O sublinhado foi utilizado para as palavras oriundas de outras línguas. Vale destacar que os trechos aspeados também podem refletir os diálogos com as referências bibliográficas, mas, nestes casos, os trechos vêm devidamente referenciados conforme o padrão exigido.

Guedes (2013) também influenciou neste trabalho com relação à importância de não se tratar pesquisados como “peões” de um tabuleiro, mas como possíveis parceiros de aventuras. Ele os chama por “companheiros”, colocando-se no texto como pesquisador engajado e que pelejou pela articulação do que chama de relações laterais. Desse modo, buscava “capturar as formas como eles pensavam e se relacionavam com o seu mundo” (p. 28), tal como espero ter feito nos capítulos que seguem adiante.

2 RAFAELA HIRU: ENTRE SABORES E DISSABORES

Nesta primeira interlocução, trago a construção da narrativa de Rafaela Hiru. Suas idas e vindas entre o interior e a capital, enfrentando não apenas a distância geográfica, mas as questões familiares e os costumeiros conflitos emocionais revelam uma busca incessante pela construção de uma independência e de uma autonomia que permitam a acomodação de seus desejos.

Entender suas andanças no mundo do trabalho, os tipos de ofício diferentes a que ela se submete para manter o seu sustento e as possibilidades de criação vivas é algo caro para este capítulo. Uma jovem que em vários momentos precisou reorientar suas vontades por conta das necessidades concretas. Embora os flertes com atividades criativas como a gastronomia e a moda existam desde sua infância, os seus caminhos não se desenham aqui como lineares, mas como experiências baseadas nas tentativas, nos erros, nos acertos, nos recomeços, nas desistências. Um fluxo de rupturas e irregularidades, onde o trabalho vai se modelando junto com a própria identidade do indivíduo.

Sonhos misturados com a dureza cotidiana e as densas narrativas de sua trajetória no mundo do trabalho maturam em Rafaela a intuição para saber recuar, baixar a cabeça e repensar os planos quando necessário. Estratégias de vida e sobrevivência numa metrópole como Fortaleza, as incertezas no final de mês e a resiliência necessária para fazer o que parece preciso em nome do que se parece prazeroso serão também vistas adiante.

Conheço-a desde a adolescência, quando morávamos em Pedra Branca¹¹, num tempo que fruía com música e conversas na calçada. Já em Fortaleza, praticamente uma década depois, voltamos a morar perto e a dividir um pouco das inseguranças a respeito da vida, quando Rafaela veio de “mala e cuia” do interior (Ver Foto 1 nos Anexos). Sua relação com a cidade, com o trabalho e com as dificuldades de se viver intensamente no meio disso tudo são novos a ser desfeitos a seguir. Rafaela se tornará apenas Rafa, pois o texto é também um pouco de como somos.

Entre idas e vindas, Rafa se apresenta como uma figura que cresce nesses deslocamentos. Ela entende que sua maturidade vem se desenvolvendo a partir das

¹¹ Cidade de 43 mil habitantes, localizada na Região do Sertão Central cearense. Fica à 265 km da capital Fortaleza.

situações que experienciou. Entre expectativas e necessidades, percebeu-se como agente que possui seus talentos e que deseja obter o sustento da sua vida por meio destas competências. Hoje, ela acredita que consegue se definir a partir do que faz e do que o seu trabalho é capaz de proporcionar em suas relações sociais. Em seguida, trago elementos para tentar entender este processo.

2.1 A primeira vinda

Rafa contou-me que, em meados de 2006, veio à Fortaleza pela primeira vez. Com uma mochila nas costas e um leve desespero no coração, dizia que sua vinda não era a passeio. Entendia-se como alguém movida pela vontade de apostar no incerto, pela intuição de que nesta cidade a sua sorte seria outra e que seus próprios caminhos poderiam ser escritos de verdade. Sentindo-se ainda imatura e sem qualquer tipo de planejamento, a perspectiva de sobrevivência e sustento num lugar como Fortaleza¹² era basicamente movida pela vontade de dar certo, mas antes vale a pena entender um pouco como era a sua vida em Pedra Branca.

Com o Ensino Médio recém-concluído e ainda aos dezessete anos de idade, a intenção de Rafa era cursar uma faculdade de Moda. Sua ideia era então vir para uma cidade grande com o intuito de concretizar essa vontade. Enquanto isso, Pedra Branca já ficava sem sentido para lhe caber e comportar seus intuitos. Poucos amigos tinham restado no local. Fortaleza, para ela, poderia ser ainda um lugar de experiências ímpares que considerava improváveis de viver no seu lugar de origem.

Desde os quatorze anos de idade, como conta, se mantia fazendo “bicos”¹³ em Pedra Branca, sendo o mais duradouro o de recepcionista de um consultório odontológico. Trabalhar desde tão cedo foi uma forma que encontrou para possibilitar o desejo de morar futuramente em Fortaleza. A pouca idade e a falta de experiência no mercado são motivos apontados por ela para ter exercido trabalhos mal remunerados e sob vínculos informais.

¹² Fortaleza é a quinta maior capital do país, com mais de dois e milhões e meio de habitantes. As questões de uma metrópole como essa se apresentaram para Rafa como uma novidade, tendo em vista as suas origens e as diferenças evidentes entre as duas cidades. O desemprego, os deslocamentos, a violência, a falta da rede familiar, dentre outras questões são as que mais foram evidenciadas por ela na pesquisa.

¹³ Empregos ocasionais, sem carteira assinada, freelance e, via de regra, em funções genéricas.

Quando estava ainda no Ensino Fundamental, despertou um interesse pela moda. Fã da cultura pop de um modo geral, sobretudo da música, apreciava os videoclipes de artistas como Sex Pistols¹⁴ e ficava simplesmente fascinada pelos movimentos de cunho fashion que se articulavam nos entornos do Punk Rock¹⁵, por exemplo. Sonhar estar nos subúrbios londrinos era comum para essa garota, como relata.

Conta que desde então inclinou-se para a moda. As maneiras de se vestir dialogavam diretamente com essa fase, moldando sua primeira noção de estilo e criação. Rafa relata que não se interessava pelas roupas que se vendiam no interior e, por conta do fascínio com o visual de seus ídolos, começou a desenhar seus próprios modelos e pedia para suas tias, que eram costureiras, fazerem. Junto com suas amigas, customizava as roupas convencionais que possuía, dando um diferencial mais alinhado aos seus estilos. O encanto com esse mundo era, segundo ela, tão significativo que, aos quinze anos de idade, disse não querer uma festa, mas uma máquina de costura como presente. O seu primeiro salário na clínica do dentista serviu para que ela comprasse um aparelho de som para ouvir suas músicas preferidas e que contavam as histórias em que ela gostaria de estar. Segundo ela, isso parecia que a completava e a empolgava.

A noção de que precisava ter algum dinheiro para alcançar seus objetivos a fazia trabalhar mais e mais, mesmo sem conseguir sequer responder onde iria morar, como ia se locomover, como viveria, dentre outras tantas questões. Era um momento, considerado por ela, angustiante. Batalhava para chegar a algum lugar sem saber como seria efetivamente. Diante de tantas incertezas, aos dezessete anos de idade, buscou atalhos para suas perguntas sem ter muitas das respostas, encurtando o caminho para ir embora do interior.

Em um momento de conflito entre seus pais, aproveitou para tomar o rumo desejado e tentar viver a vida que parecia lhe afetar. Na madrugada de um Dia das Mães, contou os seus pouco menos de R\$300,00 (trezentos reais), aprontou uma mochila com algumas poucas roupas, um par de tênis, uns CDs e o seu pequeno

¹⁴ Banda inglesa da década de 1970. Uma das precursoras do movimento punk rock no Reino Unido.

¹⁵ Movimento musical surgido nos anos 70 e que tinha como principais características a contestação em suas letras e a simplicidade em suas melodias, geralmente resumindo-se a três acordes e na exploração dos ruídos. O punk também foi responsável por mudanças para além da música, como no caso da moda, com as calças rasgadas e as jaquetas de couro. O movimento era, portanto, também político e cultural.

aparelho de som embalado em um saco de algodão. Foi assim que fugiu de casa, deixando para sua mãe uma carta e um chocolate.

Ao chegar em Fortaleza, procurou seu primo chamado Madjer, que lhe abrigaria, mesmo também sendo surpreendido. Rafa ligou para sua mãe e pediu “qualquer tipo de ajuda” para o início. Ela conta que estava mesmo disposta a tudo para viver em seu novo lugar. Atrevimento e coragem são ingredientes que ela considera presentes nesse momento, inclusive trazendo à superfície uma confiança em si própria que ela até estranha. Ela diz que em nenhum momento se arrependeu do que fez ou cogitou desistir.

Com a intenção de apoiar de alguma forma, sua mãe assumiu seu emprego na clínica odontológica no interior e se teria comprometido a mandar uma boa parte do salário para que Rafa não precisasse passar necessidades no início. É válido destacar aqui uma característica estudada por Pappámikail (2010), em que os jovens interlocutores de sua pesquisa reivindicam a autonomia antes de conquistar a independência financeira e acabam ainda dependendo financeiramente de alguma forma dos seus pais. Nesse caso, a autora diz que a liberdade se constrói como uma “propriedade primária da ação”. Interessante a semelhança dessa tensão entre autonomia, independência e liberdade nessa fase da vida de Rafa.

Por sua vez, o seu pai – entristecido por sua ausência - a ignorou por algumas semanas, mesmo depois tendo assumido que “admirou” sua coragem, conforme seus relatos. Já nessa época, nos encontramos e conversamos muito sobre cursinhos pré-vestibulares e sobre como buscar empregos na capital.

Foram muitas entrevistas de emprego e no início Rafa batalhava para encontrar seu lugar na cidade. Ocorre que o mercado de trabalho é árido para jovens como Rafaela, que acabaram de atingir a idade formal para trabalhar e não possuem experiências prévias de emprego, o que acaba endossando um desemprego estrutural nesta faixa etária ou alimentando a ocupação de postos precários, como bem analisa Antunes (2006). Esse fato não a desanimava e lembro disso não apenas por seus relatos, mas também por ter experienciado parte desses momentos.

As sucessivas tentativas de buscar um emprego e as dificuldades em estudar nessas condições de instabilidade, segundo ela, trouxeram uma decepção inicial que se somou a um certo deslumbre com outras experiências em Fortaleza. Amizades, rotinas,

lugares, hábitos, ritmos, sons, cores e gostos diferentes tiraram, como descreve, qualquer foco que pudesse ter até ali. Novas liberdades, a relação com a independência e um primeiro contato com as drogas trouxeram, como descreve, repercussões negativas em sua vida, principalmente com sua família. Em uma tentativa de recuperar os rumos da situação, foi, sob coerção da mãe, morar com uma tia, que residia no bairro da Maraponga, localizado na Zona Sul de Fortaleza.

A experiência no novo lar não durou tanto. Por conta de conflitos familiares e por ainda não ter conseguido emprego, quatro meses depois, sua mãe veio pessoalmente levá-la de volta para Pedra Branca. Sob protestos, teve que retornar, mesmo fazendo a promessa de que voltaria à Fortaleza o quanto antes. Assumir voltar para o interior foi, segundo ela, uma derrota pessoal e um reencontro com a solidão que sentia naquela pequena cidade. Ela descreve, em seguida, como se sentia: “Sozinha, sozinha! Eu não tinha nenhum amigo. Eu não tinha ninguém! Não tinha mais emprego, não tinha nada. Não tinha onde estudar, não tinha o que fazer, fiquei louca!”.

Aqui surge, portanto, uma primeira quebra de expectativas significativa em suas narrativas. De certo modo, houve a combinação da tentativa de elaboração de um projeto que não conseguiu ganhar concretude com um sentimento de culpa pelo que considera sua derrota. Esta parece ser uma marca interessante, onde o sucesso ou o revés caem exclusivamente na conta do indivíduo, como se apenas o erro de suas escolhas ou de seus posicionamentos explicasse o lugar em que as pessoas se encontram socialmente.

Segundo Boltanski e Chiapello (1999), é justamente na juventude trabalhadora que se encontra a maior responsabilização individual, no sentido de que esses jovens serão convencidos de que todo o sucesso e todo o fracasso de suas trajetórias dependem apenas deles. A noção de vitória, as sanções cotidianas e as formas de motivação dos funcionários estão associadas a questões de fundo psicologizantes e, sobretudo, individualizantes. Obviamente, há furos e lugares de exceção construídos a partir das práticas de resistência no trabalho, mas esse, de fato, aparece como um dos padrões consistentes.

Como via-se sem solução, conta que lhe restou, portanto, voltar ao interior e trabalhar bastante já pensando em um retorno. Passou a aceitar todos os tipos de trabalho e viveu a época em que mais diz ter feito “bicos para juntar dinheiro”.

Conseguiu uma vaga para lavar pratos em uma pizzaria, voltou a ser recepcionista em alguns dias no mesmo dentista e ainda conseguiu trabalhar ao mesmo tempo na recepção de um salão de beleza. Fora isso, ainda conta que ajudava seus pais em casa. A intenção de fundo nisso tudo, segundo ela, era voltar à Fortaleza assim que possível. Portanto, conta que precisava manter uma relação boa com seus pais e tentar fazer alguma reserva financeira.

Rafaela estava em pleno exercício do que Maria Isabel Mendes de Almeida e José Machado Pais (2012) chamam de “arte da pirueta”. Se os seus caminhos estavam “desalinhados” e não conseguia encontrar estabilidade – tampouco satisfação – em um só ofício, conforme suas narrativas, possibilitando algo parecido com uma carreira ou uma trajetória linear, era mais do que necessário buscar uma espécie de adaptação às situações mais difíceis da vida. Todo esse complexo de situações frágeis muitas vezes exige a reinvenção por parte dos agentes, e isso pode possibilitar o que os autores chamam de “a descoberta de percursos originais”. Essa originalidade aparece como sendo estranhamente uma constante na vida desta interlocutora e em muitas situações aqui discutidas encontramos essa astúcia discursiva para se moldar às situações e habilidades múltiplas para superar o que lhe é demandado no mercado de trabalho.

Por sua vez, Rafa conta que sua mãe não pretendia mais deixá-la voltar a morar na capital cearense. Ela, que dizia não sair mais de casa para nada que não fosse trabalhar, sentia-se perdida e nervosa com aquela situação. Sua mãe, segundo ela, sugeria que ingressasse em alguma faculdade na região, mas as opções consistiam apenas em Enfermagem, Administração e Serviço Social. Rafa dizia recusar tais possibilidades por não gostar dessas áreas e querer fazer Moda, mas sua mãe exigia e, segundo narra, dizia pragmaticamente: “Você não precisa fazer o que você gosta. Eu não faço o que eu gosto. Você acha que eu escolhi essa vida? Eu não escolhi não”. A sensação era de ser golpeada com essas palavras, principalmente para uma garota que se via como tendo alternativas de correr atrás do que gostaria de ser no futuro.

Independente da vocação de Rafa, das habilidades que ela possuísse ou dos sonhos que ela desejasse realizar, para a família, pelo que ela contava, o importante era fazer uma faculdade e se aquietar pela região. É uma crença que a diplomação pode resolver os seus problemas sociais imediatos, além de lhe trazer prestígio social. Esta situação posta, para os seus, era mais interessante do que alimentar uma vida incerta “na

terra dos outros”, como diziam. Importante destacar que Rafa não recusava em absoluto a importância de se fazer uma faculdade. O que ela dizia é que era possível estudar aquilo que lhe desse *prazer*. Mais a frente, como veremos, ela chega a cursar alguns semestres de Moda e também tentou a seleção para o curso superior de Gastronomia.

Da perspectiva familiar, segundo ela, não havia uma leitura sobre a formação como um processo de construção de habilidades e de alargamento de uma vocação para o trabalho, tampouco que valorize, via de regra, aquilo que se quer fazer. Como aponta Georges (2009), há, antes de tudo, uma perspectiva de formação de trajetórias profissionais mais voltada para a elaboração de símbolos de distinção e de reafirmação de prestígio. Mesmo que isso não represente uma ascensão social concreta do ponto de vista socioeconômico, a diplomação informa uma aparente mobilidade social, como destacam Comin e Barbosa (2018).

Num país de baixa escolaridade¹⁶, na média, como o Brasil, ser “formado” possui um valor histórico e social carregado, quase que como um título no imaginário social. É uma consideração muito próxima da ideia de “fronteiras sociais” vista em Bourdieu (2008, p. 42), que é capaz de consagrar os intitulados mesmo que a mobilidade social seja fluida, frouxa e pouco consistente, como analiso em outro trabalho (Benevides, 2014).

Esse nível do que considera ser conformismo, também justificado pelas próprias vivências de seus familiares, é estabelecido também por uma compreensão de um lugar de passividade para si nas grandes questões. Algo que Rafa parecia não ter para si. Ela assinala que gostaria de escolher o que fosse possível. Manifestava o desejo de viver um pouco da história escrita por si mesma e não se contentar apenas com o que foi colocado como seguro pelos outros.

As divergências de visão de mundo com a família e as interferências sutis entre o que se quer ser e o que se quer de si promoveram uma sequência de momentos acirrados em sua casa. A comunicação não mais existia, como contava, até que Rafa resolveu ceder e buscar resiliência para mediar os conflitos. Em certa medida, era preciso também conhecer um pouco da situação e se conformar com o fato de que ela não poderia ser mudada radicalmente mais uma vez. Basicamente, tratava-se para ela de entender como recuar e fazer concessões, pensando em ter ganho mais adiante.

¹⁶ Segundo divulgou, em 2017, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil possui cerca de 12 milhões de analfabetos e quase 25 milhões de pessoas entre 14 e 29 anos fora da escola.

Pensando nessa necessidade de mediação, aceitou fazer vestibular para Serviço Social, no município de Quixeramobim, que fica à 83km de Pedra Branca. Rafa acredita que, além de tornar as relações familiares mais confortáveis estava deixando a mensagem de que esta seria uma saída circunstancial: “Tá, eu vou fazer essa faculdade, mas quando eu terminar eu vou embora pra Fortaleza. Eu não vou morar aqui não. A primeira coisa que eu faço quando eu pegar o meu diploma é ir embora pra lá”. Para ela, portanto, fazer a faculdade que seus pais insistiam serviria como um trampolim necessário para os seus objetivos posteriores.

Sua mãe concorda com a situação e assim seguem os planos em outras conformidades. Rafa foi aprovada na seleção, mas a instituição de ensino não chegou a formar uma turma completa no curso que havia escolhido e ela acabou tendo que optar por Administração de Empresas, curso o qual ela relata não ter sentido algum pertencimento. Ao contrário, ela afirma se sentir constrangida por ter que ter feito esta opção sem vontade. Segundo sua narrativa, foi como ter vivido o “sonho alheio projetado em si” e isso a fazia se sentir magoada, embora assumisse ter esperanças de que todo este sentimento fosse passageiro.

Nesse momento, Rafa diz que “lutava” para não perder o sentido de seus objetivos. Chegou a entregar leite nessa época para conseguir mais dinheiro. Para tanto, acordava diariamente às 5h da manhã, ia, de motocicleta, buscar leite em um sítio e entregava na Zona Urbana, recebendo cerca de R\$400,00 por mês nessa empreitada. Bota de vaqueiro e boné foi o seu “estilo por necessidade”, como diz demonstrando orgulho. Saber lidar com esse choque de estilos parecia amenizar o momento.

A faculdade, de fato, não foi considerada uma experiência positiva para si. Ela avalia que, enquanto esteve estudando administração, viveu um de seus “piores meses”. Até que fortes chuvas no ano de 2008 danificaram bastante as estradas e o transporte escolar que a levava diariamente para a faculdade foi interrompido, assim como trouxe alguns problemas familiares, já que a barragem do pequeno açude no sítio do seu pai rompeu, chegando a matar os poucos animais que possuíam. Por conta disso e da tristeza do momento, ela não voltou mais à faculdade.

Esse acaso trouxe uma nova crise familiar, tanto financeira como de relacionamento. Os conflitos eram diários, mas que em alguma medida, segundo ela, os aproximou. Por fruto daquele infortúnio, sua mãe espontaneamente começou, como

conta, a concordar que seria melhor para Rafa ir embora da cidade e procurar sua paz em outros ares. Foi de sua própria mãe que partiu a iniciativa de ligar para uma tia de Rafa, que possuía uma marca de confecções em Fortaleza, e pediu emprego para ela. De uma situação improvável, a confiança entre mãe e filha aparenta se desenhar.

Interessante refletir aqui acerca de como uma tragédia implicou em uma série de tomadas de decisões que afetaram sua trajetória pessoal e, conseqüentemente, profissional. Nem sempre a construção da chamada biografia é feita por escolhas racionais e avaliação de condições.

O ganho de compreensão entre mãe e filha, segundo a interlocutora, foi um marco nesta primeira etapa. Rafa conquistou o entendimento de que sua mãe, dentre tantas concepções, não queria perdê-la, nem ficar sozinha e temia que a relação entre elas fosse ruim como foi a de sua mãe com a sua avó. Importante destacar a partir desse breve novelo de questões familiares, como as mudanças de rumo na trajetória de um indivíduo acontecem por elementos que nem sempre são reflexivos. Da mesma forma que, como vimos anteriormente, os infortúnios podem influenciar, as questões afetivas também podem surgir com um peso considerável nas tomadas de decisões, mesmo que nem sempre essa influência seja explicitada nos discursos.

2.2 A segunda vinda

Em 2008, Rafa retorna à Fortaleza e vem trabalhar como vendedora na fábrica de sua tia, algo que durou apenas alguns meses. Estar “mexendo com roupas” lhe trazia a satisfação por estar empregada, embora ela não fizesse “nada relacionado à criação” e isso fosse um dissabor. Ocorre que as rugas e a instabilidade nas relações familiares continuavam presentes e isso, segundo ela, fez com que aos poucos buscasse sair da casa de sua tia, bem como deixasse o emprego na fábrica para trás. Ela acreditava ser necessário buscar mais autonomia e, de certo modo, aquele lugar e aquele trabalho ainda eram frutos de uma dependência. Era preciso buscar uma nova experiência.

Rafa foi à procura de emprego e conseguiu, por meio do contato de uma prima que morava em Fortaleza, uma vaga para trabalhar em uma fábrica de jeans. Alugou um quarto em um pensionato na Avenida Antônio Sales e aceitou o emprego.

Ela já conhecia um pouco do trabalho com estoques, numeração e arrumação devido à breve experiência na fábrica de sua tia, o que a ajudou no início. Além disso, teve enfim o seu primeiro emprego de carteira assinada.

Mesmo tendo o auxílio da prima para encontrar a vaga, a sensação de ter conseguido um emprego sozinha foi excelente para ela. Chegou a passar praticamente um ano por lá e adquiriu bastante experiência. Por questões financeiras da empresa, que já não conseguia mais manter o número de funcionários, teve que ser demitida. Portanto, mais uma breve passagem em um emprego por poucos meses.

Entendendo melhor as idas e vindas do mercado de trabalho, diz que não “esmoreceu”. Compreender que a instabilidade funcional, a pequena duração dos vínculos empregatícios e a fragilidade dos empregos não eram exceções ou um ponto final, mas a regra naquele universo e apenas vírgulas foi, segundo ela, um importante aprendizado. Esse aprendizado, para ela, era a chamada “maturidade” ganhando novas camadas de profundidade.

Com o dinheiro que recebeu por direito a partir da demissão, Rafa pagou a matrícula na Faculdade Marista, onde começaria a cursar Moda. Ela avalia que essa foi uma das primeiras decisões prazerosas que teve na vida em Fortaleza e estava, finalmente, ingressando em algo que poderia colocá-la em outro patamar de satisfação e de relação com o trabalho. Em meio a isso, teve ainda a experiência de morar junto com um namorado publicitário, chegando, inclusive, a se casar com ele.

Durante a faculdade, Rafa conseguiu um novo emprego em uma terceira fábrica de roupas, mas que também durou apenas mais alguns meses. Dessa vez foi Rafa quem pediu demissão. O contato que ela tinha com a Faculdade e o encanto que dizia ter pelos processos criativos da moda criaram, segundo ela, um contraste negativo com o trabalho que tinha. Nesse sentido, ela resolveu, como diz, “pedir as contas” e tentar “dar os pulos” para “obter alguns trocados” enquanto não aparecia algo mais sólido novamente. A intenção aqui era buscar alguma saída para se manter provisoriamente e também não deixar o dinheiro da última rescisão parado.

Essa ideia de *dar os pulos* é semelhante ao *desenrascanço* presente em Pais (2001). O autor coloca o seguinte:

“As formas de desenrascanço correspondem a processos nos quais os jovens colocam em jogo uma pluralidade de estratégias que expressam a sua capacidade de gerar formas próprias de ganhar dinheiro ou de ganhar a vida,

como eles dizem expressivamente, ainda que em terrenos de marginalidade, substancializando culturas de aleatoriedade e de improvisação” (p. 19).

A lógica do *dar os pulos* está presente como uma coluna entre todas as trajetórias aqui estudadas e em todos os casos conserva a importância de se pensar a improvisação no repertório das ações sociais. Em muitos casos, como vemos neste trabalho, o aleatório, o casual e até o trágico criam cenários para ebulir as práticas dos *pulos*. Além disso, há o próprio desejo por viver situações de experimento e de aventura, conforme podemos encontrar referências em várias leituras como Thomas e Znaniecki (1984) e no próprio Pais (2001).

Retomando a narrativa, foi aí que veio a ideia de investir em equipamentos necessários para se fazer cupcakes¹⁷ para vender. Ela dizia que era “o doce da moda, que todo mundo queria comer”. Rafa conheceu os cupcakes na internet e observou que era uma tendência gastronômica em vários outros lugares, mas que ainda não havia chegado em Fortaleza. Até havia uma doceria em Fortaleza que comercializava o produto, mas, segundo ela, mesmo sendo saboroso, não tinha a finalização boa no estilo tradicional e não conseguiu emplacar como algo conceitual. Explica que o que diferencia os cupcakes dos “bolinhos de saia”, vendidos em todas as “bodegas do interior” é, principalmente, o conceito e o estilo que pode imprimir nos hábitos das pessoas.

O talento culinário de Rafaela manifesta costumeiramente os aprendizados de sua vida. Aos poucos suas experiências se substanciam como ferramenta de trabalho. A princípio, foram as necessidades de sustento que exigiram que ela fizesse do seu talento um meio de vida. Embora neste momento, comercializar os cupcakes ainda não fosse considerado por ela como um emprego, foi apenas uma questão de tempo para que entendesse que aquele seu novo sustento era, de fato, o seu trabalho.

Apostando que isso pudesse funcionar provisoriamente na faculdade, levou doze unidades para a aula e vendeu todos da primeira vez. Apesar de não ter ficado esteticamente como gostaria, conta que a primeira fornada ficou “muito saborosa e com a massa extremamente macia”. Por R\$ 2,00 a unidade, passou a repetir a prática de levar os doces para o curso, criando um público consumidor entre os estudantes. Quando

¹⁷ Um pequeno bolo que serve uma única pessoa, também é conhecido como Bolo de Caneca ou Bolo de Forminha.

chegava atrasada em sala, as aulas muitas vezes eram interrompidas pelos que buscavam reservar seus cupcakes.

Por se tratar de um curso noturno, a adesão era maior ainda, pois vários alunos vinham direto do trabalho para a aula sem conseguir comer entre as atividades. Aos poucos, foram aparecendo encomendas e algumas em forma de presente para parentes, amigos, etc. Seus produtos romperam as barreiras da faculdade, gerando assim a necessidade da criação de uma marca. “Hiru” é um apelido de Rafaela, que foi escolhido para nomear seu negócio. Estava fundado a “Cupcakes da Hiru”.

Novos sabores foram inseridos a pedidos dos próprios clientes e rapidamente foram criadas a logomarca, os materiais para a produção de etiquetas e das caixas para embalagem dos produtos. A divulgação nas redes sociais também passou a fluir bem e o negócio, segundo conta, foi emplacando. O controle inteiro sobre a produção, a criação e a distribuição estava exclusivamente sob as mãos de Rafa.

Rafa foi experimentando criar sabores com o passar do tempo. Ela não só inventava os sabores, como colocava nomes diferentes para chamar a atenção dos clientes, como o exemplo do “Beijo Moreno”, para o cupcake de beijinho com chocolate e fios de coco. Criou também o Miss Sunshine, que carrega o nome de seu filme favorito – chamado “A Pequena Miss Sunshine”¹⁸ – e possui vários pontinhos coloridos em seu interior, tendo ainda recheio e cobertura de brigadeiro branco.

Várias adaptações foram feitas como se a cozinha fosse para ela um laboratório. Rafa acha que os cozinheiros são como químicos, no sentido de estarem dispostos a fazer novas experiências. Transformar a mistura de ingredientes em um resultado que traga sabor e prazer é um efeito que lhe regozija por meio do trabalho que desempenha.

As vendas e encomendas estavam indo além das expectativas de Rafaela, até que alguns problemas pessoais começaram a refletir nos cupcakes. O fato de “ser toda a empresa”, como diz, tornou-se sobrecarga. O volume de encomendas só aumentava e ela passou a não dar mais conta sozinha. Sua vida afetiva não estava bem e isto respingava na qualidade de seus doces. Seu casamento estava acabando, para ela, de forma precoce. Cozinhar do mesmo jeito não parecia possível. Tudo o que fazia quando estava triste ou chorando, segundo ela, “não prestava”, diferente de quando conseguia

¹⁸ Longa-metragem de 2006, produzido pela FOX, dirigido por Jonathan Dayton e Valerie Faris.

cozinhar com amor. Rafa compreende o ato de cozinhar como um tipo de bruxaria e que mais importante do que as receitas serem feitas com medidas minuciosas é ter bons sentimentos na hora de preparar.

Diante desta instabilidade emocional e com a necessidade de ficar bem consigo mesma para conseguir trabalhar, resolveu voltar à casa dos seus pais no interior, encerrando o seu segundo ciclo em Fortaleza. Além de largar os negócios dos cupcakes, também se viu largando a faculdade. Apesar de ter sofrido bastante em Pedra Branca, a sua ideia original era apenas tirar dois meses de férias, até porque ela tinha já uma clientela consolidada com “consumidores assíduos” que semanalmente lhe cobravam o retorno. Ocorre que chegando em Pedra Branca, agora que os problemas familiares do início estavam estabilizados, as preocupações zeravam. O conforto da casa e o cuidado com os pais trouxe uma paz importante pra ela, o que a fez dar um tempo maior, enquanto ela organizava melhor as ideias e acumulava algum dinheiro para retornar à Fortaleza e morar sozinha.

Mesmo em Pedra Branca, continuou fazendo cupcakes em uma escala menor. Alguns amigos tornaram-se clientes, além de ter conseguido fornecer sobremesas para uma pizzaria de um conhecido do município e para clientes de cidades circunvizinhas. Até jantar especial de natal ela preparou. Só que como precisava realmente economizar para voltar à capital, resolveu aceitar um emprego no setor público e se tornou funcionária contratada da Secretaria de Agricultura do município de Pedra Branca. Segundo ela, a convivência com pessoas mais velhas e com outras mentalidades no serviço lhe ajudou a amadurecer e a refletir.

Rafa se dizia recuperando sua segurança emocional no interior, feliz com os novos clientes que não deixavam seus negócios culinários caírem de produção e com uma rara estabilidade financeira. Contudo, ainda assim a sua cabeça girava em torno de outros interesses e motivações.

“Eu tava muito bem. Eu tava estável. Eu tava com a minha família. Na minha família eu não pagava aluguel, não pagava nada. Então eu queria saber se eu tava fazendo e a galera tava comendo e aquilo estava deixando o meu coraçãozinho melhor, entendeu? 'eu estou fazendo o que eu gosto! Não estou deixando de fazer o que eu quero fazer na minha vida'. Aí peguei uma porrada de encomendas lá e tava rolando. Só que, aí a minha família ficou 'vamos botar um negócio aqui pra você!' e eu não queria me fixar lá! Eu queria fazer faculdade de gastronomia. Queria voltar pra cá, cara! Eu queria viver! Eu quero me foder, que nem eu me fodo aqui, ficando com vinte reais no final do mês, entendeu? Mas é outra coisa! O tempo passa mais rápido.

Você conhece mais gente. Você vive, velho, e no interior eu não tenho isso, entendeu?”

Sutilmente aqui Rafa, pela primeira vez, expressa seu desejo pela faculdade de Gastronomia. A explicitação desse novo projeto é interessante, pois expressa o quanto são voláteis as tomadas de decisão e os projetos juvenis. Siciliano (2012) comenta que esta é uma fase onde as mudanças e a “auto experimentação” estão presentes. Rafa, inclusive, justifica essa nova opção como aquela que a faria “feliz” e essa noção de “felicidade” que a interlocutora constrói para justificar sua escolha é capaz de, assim como diz Siciliano (2012) em sua pesquisa, manifestar reflexões acerca da reinvenção de sua carreira¹⁹.

Ter sossego em sua vida era importante, mas ela não queria se aquietar e a própria paz era tida, por ela, como algo “chato” quando em excesso. Assim como o trabalho também era chato e a cidade também era chata no seu próprio conceito. A necessidade de diversão e excitação parecia permanente. Em muitos momentos, há um prazer na ideia de ousar e não ficar em trilhos seguros. Buscar uma vida que seja rentável e segura, sem deixar de ser criativa e arrojada parecem ser alguns dos objetivos por ela buscados.

No interior, Rafa levava uma vida basicamente dentro de casa, vendo filmes e séries de TV. Para ela, sair poderia ser uma decepção ainda maior, justamente por essa ausência de sensações positivas. Em Fortaleza, ela tem a impressão de que a rua é algo cativante e provocador, mesmo que não deixe de reconhecer que muito disso tudo pode ser efêmero em algumas ocasiões.

Você quer sei lá ir pra uma Ponte Metálica ficar olhando o mar e depois vir pra casa. Você quer pegar uma bicicleta no bicicletário e rodar aqui o Bairro de Fátima e depois vir pra casa. Você quer beber um vinho velho de cinco conto numa Praça da Gentilândia com um monte de gente louca e depois voltar pra casa. Você quer conversar com gente diferente. Quer viver, entendeu? E o interior ele não te proporciona isso. Ele te proporciona paz e isso é muito bom, mas eu não queria viver lendo, ouvindo todas as músicas incríveis, tendo tempo pra isso, tendo tempo pra escrever, tendo tempo pra fazer o que eu gostava de fazer, mas eu não tinha inspiração pra nada. Eu não vivia. Passava o dia na frente do computador fazendo ofício, mexendo numa planilha de Excel.

A falta de ânimo em morar novamente em Pedra Branca somou-se à burocracia presente em seu novo trabalho, ampliando o estado de desencanto nesse um

¹⁹ Sobre felicidade, emoções e escolhas profissionais, ver também Rezende (2002).

ano meio que passou por lá. A ausência do tesão para viver e o desinteresse com o mundo eram latentes. Em Fortaleza, sentia-se permanentemente experimentando algo novo e depois voltando para sua casa. Em Pedra Branca, só saía quando necessário. Os amigos que Rafa deixou em Fortaleza foram um apoio importante nesse momento de desânimo, servindo como ponte e consolo, sobretudo, nestes momentos de indefinições e angústias. O tédio que dizia viver ali fez com que ela se machucasse sozinha, mentalmente e também em suas relações, perdendo muito da tranquilidade que tinha conquistado no início. Não à toa mantinha a convicção de abrir mão da “paz” para buscar a aventura na capital.

Na contramão de seus interesses, segundo Rafa, seus pais insistiam para que ela colocasse um negócio próprio em Pedra Branca e inclusive se dispuseram a contribuir com isso, mas ela não tinha de fato interesse e deixava claro que seu principal objetivo era voltar à capital cearense. Duas vezes por mês ela vinha pra Fortaleza apenas pra ver os amigos, passear pela cidade e ver shows de artistas de que gostava bastante, causando descontentamento para seus pais.

Ela assume que a relação com a mãe nunca foi das melhores, e o fato de ser a única filha mulher e ter tanto desejo de sair acabava gerando uma complicação justamente pela falta. As duas são amigas, mas a ausência pela distância e a divergência de interesses fortalece os conflitos e as críticas mútuas. O fato é que, apesar das divergências, Rafa se sente feliz e confortável por ter o seu “próprio banheiro” e, acima de tudo, por viver às custas do seu próprio trabalho.

Há uma diferença entre as projeções feitas pela mãe e o que a filha projeta para si mesma. Assimilando essa distorção, Rafaela vê em si potencial e capacidade para sobreviver, diferentemente do que ela reconhece na primeira vez que veio morar em Fortaleza. A perspectiva de amadurecimento desponta aqui novamente, o que a fazia acreditar que na sua próxima volta à capital, as coisas tenderiam a ser diferentes.

Rafa brinca consigo mesma quando percebe não ter projetos tão sólidos. Suas principais decisões na vida haviam sido tomadas mais por impulsos de coragem em meio às circunstâncias, do que pelo desenvolvimento das ideias. Boa parte do que decidiu na sua vida foi mais pela habilidade de saber lidar com a situação quando ela surge do que necessariamente pelo cumprimento de um plano. Dessa vez, não seria diferente. Voltar pra Fortaleza foi mais ou menos assim.

2.3 A terceira vinda

Em um dia normal de trabalho na Secretaria de Agricultura, um amigo de Rafa que mora em Fortaleza alertou-a sobre a abertura de uma vaga pra doceira em um dos principais shoppings da cidade. Ela se interessou pela oportunidade, mas não considerava ter chances de ser selecionada pela ausência de experiência formal no segmento. Por pressão do amigo, enviou um currículo mesmo assim. Simultaneamente, recebeu a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que a colocava como uma das classificáveis na lista dos aprovados para o curso de Gastronomia na Universidade Federal do Ceará (UFC), alimentando nela uma certa esperança.

De repente, nos dias seguintes, o telefone toca com um número de código de área 85²⁰. Era uma funcionária da empresa de Recursos Humanos ligada ao restaurante, perguntando se ela confirmava o interesse na vaga de doceira. Conta que nesse momento se tremeu por inteira de tanta emoção e confirmou que sim. A atendente perguntou se havia disponibilidade para fazer um “treinamento gastronômico” em São Paulo e ela prontamente disse que tinha. Rafa brinca: “ôxi, ela tava tipo assim perguntando se bode quer milho! Um treinamento em São Paulo às custas da empresa, hotel, passagem, quinze dias...”. A pergunta final da funcionária foi “você pode estar aqui amanhã pra entrevista?”, sem pestanejar ela respondeu: “posso!”.

A hora de retornar à Fortaleza chegou novamente e poderia representar a possibilidade de uma guinada capaz de conciliar seus interesses pessoais com os profissionais. Rafa considerava aquele momento como o mais adequado para o seu retorno à Fortaleza, mas para isso ainda teria que *desdobrar* com a família, para garantir que esta mudança não fosse traumática como a primeira ou passageira demais como a segunda. *Desdobrar* aqui vem como sinônimo de *dar os pulos*, expressando basicamente a utilização de estratégias discursivas de convencimento com relação aos seus pais.

Rafa chega em casa aperreada, falando para sua mãe que iria pra Fortaleza, mas alegou que o motivo principal seria para levar a documentação a fim de pleitear a vaga do vestibular. Só depois de ter conseguido a aceitação da mãe, que acreditava que estudar era o seu objetivo principal, acrescentou que também estava sendo chamada

²⁰ O código 85 identifica o conjunto de localidades da região de Fortaleza.

para um emprego em um grande restaurante em Fortaleza. Sua mãe logo perguntou com quem ela moraria e ela inventou que já tinha combinado tudo com uma amiga para passar uns tempos em sua casa, enquanto não arrumava um lugar próprio. Isto posto, comprou as passagens e amanheceu em Fortaleza. A astúcia nos argumentos mais uma vez funcionou com o uso dos seus *desdobros*.

Quanto à faculdade, não conseguiu alcançar a vaga. Na entrevista, por sua vez, foi muito bem e saiu de lá com o espírito de que tinha se empregado, o que a fez procurar amigos para conseguir algum lugar para ficar durante uns tempos. Sondou algumas pessoas e conseguiu duas boas opções provisórias. Em seguida retornou ao interior e assim que chegou, recebeu um telefonema do restaurante confirmando sua contratação e pedindo para ir, no dia seguinte, assinar o contrato, fazer uma apresentação formal e dois dias depois já realizaria o treinamento em São Paulo.

“Completamente louca”. É como diz ter se sentido com tantas coisas importantes acontecendo e pela necessidade de se organizar tudo para a mudança repentina. Rafa alegou ter que resolver alguns problemas de sua mudança e pediu um dia a mais para se apresentar no novo trabalho, o que foi atendido tranquilamente, muito embora ela tenha omitido que a mudança era de uma cidade para outra. Criar o bom argumento e investir em seus *desdobros* de modo que não cause prejuízos é um dos seus fortes.

O outro dia começou para ela bem cedo, tendo que se demitir do trabalho na Secretaria de Agricultura, arrumar as malas para viajar e ainda se despedir da família. Tudo feito de forma simples e ao mesmo tempo brusca.

É... do nada, mah, eu mandei um currículo. Tipo assim, ah... aí eu tava vindo embora pra cá e aí foi muito louco. A minha mãe ficou meio em choque e tal, ficou mal, ficou triste porque deu certo. Só que aí quando foi no outro dia de manhã, na quinta-feira a gente conversou, eu, ela e o meu pai. E aí teve o lance da viagem, que era uma empresa grande, que ia dar uma visibilidade para o que eu queria fazer na minha vida que era trabalhar cozinhando. E aí eles apoiaram. 'Cara, vai!'. Minha mãe, eu e todo mundo tava em cima da cama... quando não é brigando no café da manhã é todo mundo na cama frescando antes de sair pra trabalhar. E o meu pai disse assim 'olha aí a bichona vai simhora, hein? Graças a Deus, hein? Vai pegar o beco. Eita que coisa boa, rapaz!', só que ele tava com olhos cheios d'água, macho, assim... e a minha mãe calada e eu 'mãe, fale alguma coisa' e ela 'olhe, eu só vou dizer o seguinte, tu não desperdiça essa oportunidade, porque se der merda a gente não vai te apoiar mais não, em nada, em nada! [...] faça o que você vai fazer, tenha responsabilidade e faça que é a oportunidade que você tá tendo!'.
 A preocupação e a insegurança pela ida da filha para Fortaleza andam juntos

do desejo de boa sorte. Os pais que, segundo ela, tanto a protegeram e queriam para ela uma vida mais pacata em Pedra Branca, passaram a apoiá-la na busca por seus objetivos na capital. Embora ela manifestasse esse constante ímpeto por buscar autonomia e independência, o apoio familiar foi para si fundamental.

Seus colegas de trabalho manifestaram para ela um sentimento semelhante, num misto de cuidado e torcida. Além disso, a pedido da mãe, foi agradecer à sua tia por ter conseguido esse emprego no órgão municipal e pediu para deixar as portas abertas, caso ela precisasse voltar algum dia. Rafa já estava prevenida e, pela sua própria experiência, sabia que as coisas nem sempre são como se costuma desenhar nos pensamentos otimistas. Manter a possibilidade de retorno é uma fórmula que Rafaela diz usar pra tudo que faz, baseada sobretudo no recente histórico do que considera ser os seus fracassos.

Feito tudo isso, Rafa passou por Fortaleza e já foi direto para o treinamento de quinze dias em São Paulo. Toda a equipe contratada para o novo restaurante foi junto. Além de aprendizado, ela diz que este processo a ajudou a se sentir valorizada profissionalmente. Ela conta que se dispôs a aprender e teve seu talento observado e reconhecido em vários momentos. O primeiro contato com uma cozinha de grande porte e com um ambiente tão profissional lhe empolgou bastante e a motivou.

Novos contatos práticos foram possíveis durante esta viagem. Conheceu produtos diferentes, todo o maquinário específico, “maneiras diferentes de fazer” as receitas e técnicas especiais de preparo de alimentos. O objetivo da capacitação, segundo ela, foi alcançado. Novos saberes parecem ter sido incorporados a partir desta experiência que se inicia.

Lidar com o calor e o barulho também fez parte do aprendizado básico, embora na prática ela fosse trabalhar na chamada “parte fria” do restaurante²¹. Entender que se sabe fazer algo é, para ela, gratificante e produz um sentimento positivo, que ela não conseguiu encontrar em outros ramos, como a Moda. Rafa diz que se orgulhava deste momento e se sentia feliz quando alguém lhe perguntava: “tu faz o quê da vida?” e ela respondia: “eu sou doceira. Eu cozinho [...] e sou responsável pela parte de sobremesas de uma empresa”. Para ela, essa recompensa não podia ser medida.

Passados seis meses de experiência neste restaurante, Rafa começa a

²¹ A “parte fria” do restaurante é a que trabalha basicamente com as sobremesas. A expressão se opõe à ideia dos “pratos quentes”, que, geralmente, são as refeições principais.

perceber os efeitos do que ela considera ser sobrecarga e exaustão oferecidos pela rotina de oito horas diárias, com apenas uma folga semanal. Segundo o que ela narra, estes efeitos negativos começaram a tomar proporções maiores. Na época, Rafa morava em um quarto alugado no Bairro do Benfica, dividindo o imóvel com três estudantes universitários. Seu local, chamado por ela de “quartinho”, era onde ela chegava em casa para descansar e esperar o dia seguinte.

Mesmo tendo se encontrado profissionalmente no ofício de cozinheira, como Rafa afirma, ela sentiu o impacto do cotidiano laboral e a pressão interna que a função lhe impunha. A mecanização dos procedimentos, dos itinerários e a própria ideia de normalidade tornam-se negativos nesta chamada rotina, capaz de causar um embrutecimento no espírito, como diz Sennett (2008, p. 39). Há um movimento de acostumar-se com isso para garantir um “bom trabalho”. Sennett afirmava ainda que as “qualidades do bom trabalho não são as mesmas do bom caráter” (SENNETT, 2008, p. 21), e que, portanto, faz parte esquecer da fruição e dos objetivos próprios para adequar-se e manter o emprego.

Rafa entendia os dias como desgastantes e cansativos, mas dizia tentar ao máximo aprender com esta oportunidade. O cardápio com que lidava diariamente era completo, incluindo as sobremesas que lhe demandavam a maior parte do tempo. Vários doces tradicionais de outras regiões do país eram feitos por suas mãos, como quindins e o manjar de coco. De conhecer novas receitas até a saber utilizar um fogão industrial, muito foi absorvido.

Segundo o que ela foi percebendo com o tempo e o que relatou neste trabalho, o meio da gastronomia tem diversos problemas envolvendo as relações pessoais e profissionais. Rafa conta que há uma dificuldade considerável em compreender o trabalho dos outros e não há um equilíbrio entre as hierarquias, gerando muitos abusos de poder da parte de quem já está no topo. Grosserias e maus tratos acabam sendo algo comum nas cozinhas, principalmente por parte dos “chefs”. Para ela, que tinha para si a imagem de um “chef” como uma meta a ser alcançada, acabou sendo uma constatação consideravelmente impactante.

Além disso, ela se queixa ainda com relação à falta de capacitação de quem se insere no ramo. Embora ela mesma tenha participado do curso em São Paulo antes de ser contratada, essa não foi uma condição geral encontrada por ela na cozinha do

restaurante. Rafa conta que o desconhecimento a respeito de questões elementares para o dia-a-dia, como os insumos que são obrigatórios, atrapalhavam a execução do trabalho coletivo. Para ela, isso pode ser atribuído à própria concepção de se pensar “pequeno” a respeito da cozinha, como se não fosse um espaço que se exigisse habilidades, estudos e técnicas.

Se por um lado, percebia esta negligência, por outro, há o glamour, para ela “exacerbado”, que a profissão de chef de cozinha adquiriu, sobretudo na mídia. Não houve, desse modo, uma correspondência imediata do imaginário construído acerca da profissão com a realidade que Rafa diz ter presenciado. Ela considera ainda que o trabalho cotidiano na cozinha é basicamente um *trabalho de peão*. Nesse sentido, há bastante gente que se dedicou à apreensão de conceitos sobre a gastronomia e para capacitar-se na área, mas que não está disposta a enfrentar a cozinha como se realiza na prática.

Essa noção de *trabalho de peão* é o contraponto que Rafa constrói à ideia glamourizada do chef. Na cozinha, segundo ela, boa parte do trabalho consiste em cortar, espremer, quebrar, bater, amassar, ralar, lavar, enxugar e tantos outros verbos que ela citou para expressar o caráter “pesado” da função. Um dos principais dilemas que ela começava a enxergar, mas que de um modo ou de outro atravessa sua trajetória profissional desde o início, é justamente como equacionar fazer o que se gosta com este universo que, muitas vezes, exige o que ela chama de *trabalho de peão*. Rafa se via numa corda bamba entre o prazer de se fazer o que tem vocação, com as condições concretas da profissão. Trabalhar, para ela, era se manter firme nessa tensão.

O conhecimento sobre a cozinha quando é desatrelado à prática de cozinhar parece inócuo, e ao “cozinheiro” só resta transformar a competência teórica em autoridade. A dimensão do saber-fazer na gastronomia ganha legitimidade quando consegue se condensar à tão repetida palavra “prática”. Neste sentido, ela avalia que é preciso experimentar as práticas da cozinha de uma forma geral para que se possa ser uma profissional diferente dos que a desgostam hoje em dia.

A ilustração de “prática” nas narrativas de Rafa está numa disposição ampla de possibilidades, que vai desde lavar louça, cortar vegetais até o talento de fazer pratos complexos e saborosos com ingredientes simples e escassos. A prática é, a partir do que ela narra, valorizada neste meio quando é alicerçada na combinação entre experiência e

trajetória. Rafa conta que quando se começa numa cozinha, você inicia “numa pia [...] na louça e se fodendo mesmo”, depois você pode virar auxiliar, começar a cortar algumas verduras e por aí segue. Na própria cozinha do restaurante, a professora que lhe ofertou o treinamento em São Paulo começou lavando pratos e com 26 anos já se tornara responsável por formar novos doceiros.

Em um ramo em expansão como a Gastronomia, que atrai pessoas de outras carreiras e profissões, como relata Rafa, legitimidade e respeito se consolidam pelo percorrer destes degraus. Aparentemente, nem todos parecem dispostos a encará-los. Para ela, estes são justamente os que se apegam aos cargos para praticar do autoritarismo na cozinha. Rafa neste momento começa a relatar que parte dessas “grosserias” já relatadas se tornava assédio moral efetivamente.

Mesmo com toda a compreensão da dureza presente em uma cozinha e pelos processos que o cozinheiro precisa passar para alcançar uma maturidade, Rafa diz não ter conseguido suportar a sobrecarga de trabalho e a pressão imposta pela chefia do restaurante. Então, começou a pensar em pedir demissão e dividiu isso com algumas pessoas próximas.

Uma das grandes amigas de Rafa se chama Leidyane, também vinda de Pedra Branca e, hoje é estilista e funcionária de uma marca de moda infantil. Leidy, como é chamada, avisou para Rafaela que havia aberto uma vaga para o marketing em seu trabalho. Como Rafa já foi estudante de Moda – mesmo não tendo concluído o curso –, possui uma afinidade com o segmento desde sua adolescência e estava desgastada no restaurante, resolveu ir à entrevista, que ocorreu justamente no dia de sua folga na cozinha. Embora nunca tenha trabalhado com marketing na vida, ela já havia atuado nas redes sociais na época em que cozinhou em casa fazendo as mídias dos cupcakes, além de ter aprendido muitas técnicas acerca disso, pois o seu ex-marido era um publicitário, também facilitando com que ela conhecesse um pouco mais das ferramentas utilizadas nesse meio.

Essa sensação de segurança com a prática para a execução dos procedimentos de trabalho aparece como uma marca registrada na trajetória de Rafaela. Se por um lado, isso a coloca na condição de exequibilidade com relação ao que deve ser feito no trabalho, traz a contrapartida de se permitir a cobrança pelo desempenho de funções diversas e simultâneas. Se o conhecimento é anunciado como ferramenta, os

empregadores tendem a esperar por ele. Na necessidade de “arranjar” um novo emprego, sabendo do que a empresa precisava e do que ela poderia oferecer, essas habilidades, no seu ponto de vista, tornam-se um verdadeiro leque de virtudes a serem apresentadas na hora da seleção.

Rafa se considera uma “farsante na entrevista”, e ela ri muito disso. Conseguiu agradar à nova chefe e foi escolhida para o trabalho. Ela diz saber bastante como conseguir as coisas por meio da argumentação, apresentando com muito vigor as suas possibilidades. Num mundo de tanta concorrência e de disputas de currículos, em certa medida, acredita que os seus *desdobros*, novamente demonstrados, podem a diferenciar. Estes *desdobros*, conforme se tornam conscientes, passam a ser estratégicos.

Mostrar o portfólio de suas postagens nas redes sociais com os cupcakes foi a forma que utilizou para demonstrar sua experiência no segmento, afinal de contas, todo o conceito da marca havia sido criado por ela, não se tratando apenas da montagem de um logotipo para comida, mas da conceituação de um “produto de desejo”, onde quem consome não quer apenas se alimentar, mas “fazer parte desse universo”. Na mesma hora, ela foi conhecer a fábrica e tomar ciência do que a aguardaria no novo emprego. Antes de fechar o contrato, explicou que precisava ainda se desligar do restaurante, mas que em três dias já assumiria o posto.

Assim o fez. No dia seguinte, Rafa conta ter ido até o restaurante de posse de uma carta de demissão e ter solicitado o seu desligamento. Segundo ela, teve ainda um atrito com a sua gerente, que aproveitou para esnobá-la, e, no que acredita ser uma tentativa de desestabilizá-la, disse que já ia demiti-la em breve. O relacionamento entre elas não era bom e Rafa fez questão de recuperar as queixas de práticas de assédio moral no serviço quando se encontraram, relata. Inclusive, ela testemunha que várias pessoas pediram demissão do local apenas para não ter mais que conviver com a tal gerente.

A prática do assédio moral não é atípica num país onde as relações empregatícias são pautadas na hipossuficiência entre as partes e na própria fragilidade do vínculo contratual. Nas vivências de Rafaela este padrão se mantém, expressando-se hodiernamente nos pequenos detalhes da vida laboral. É, por exemplo, na convivência que se pode ter uma dimensão disto. Nesse caso em específico, Rafa traz relatos que podem ilustrar estas práticas, quando cita os gritos que levava na cozinha ou sempre que

sua chefe lhe dizia que ela não tinha condições de prosseguir na carreira ou que não tinha capacidade de aprender a desenvolver certas habilidades na profissão.

Ela conta que também conversou com o proprietário da franquia no momento da saída. Ele teria lamentando pelo fato supostamente precoce, inclusive por ver nela uma jovem que estaria antenada com as novidades da gastronomia e que possui um interesse notório em criar e produzir para o segmento.

A questão é que mesmo ocupando a função que realiza boa parte dos seus sonhos – cozinhar – e estar em uma empresa relevante para este ramo, Rafa não se sentiu valorizada no local e os problemas relacionados à gerência foram ganhando um volume insustentável por ela. Rafa diz que não esperava uma chefia extraordinariamente sensível, mas houve o que considerou uma quebra de correspondência entre expectativas criadas para a oportunidade que foi lhe dada e o que ocorria todos os dias. Ao perceber essa distorção, as motivações para continuar lhe faltaram. Daí o pedido de demissão, mesmo tendo consciência do peso desta escolha.

Assumindo a vaga da última seleção em que fora aprovada, Rafa foi encaminhada para o cargo de “social media e marketing de moda”. Em uma empresa especializada em moda infantil e juvenil, desde um ano de idade até os quatorze anos, seu papel era basicamente criar mídias para a internet e otimizar isso dentro de uma estratégia de marketing dada pela empresa.

Importante enfatizar o movimento pendular que ela exerce entre a moda e a gastronomia. Algo que é presente desde as elaborações que ela faz acerca do que considera serem os seus sonhos e objetivos até às vontades mais concretas dos trabalhos que se assume e se desprende por necessidade, por pressão ou pelo que considera ser uma sobrecarga. O fato é que não há uma linha reta que vá dá vocação ao emprego que considere bem sucedido. São idas e vindas, tentativas, correções, refeitura de trajetos em tentativas de significar as experiências vividas.

Todos os dias às 6h30 da manhã, Rafaela conta que estava de pé e pronta pra tomar banho, alimentar seu gatinho – o Sushi –, tomar café da manhã e pegar o ônibus para o trabalho. Chegando na empresa, começava fazendo a lista das atividades que precisava realizar durante o dia. Uma das principais funções era buscar fotografias para as redes sociais, o que para Rafa exigia bastante inspiração diária. Ela considerava exaustiva a obrigação de se “ter que pensar em maneiras pra criar uma identidade pra

uma marca e fazer as pessoas compartilharem aquilo”. Não se trata apenas de postar qualquer foto e colocar qualquer legenda, imaginando que isso vá gerar uma viralização de conteúdo. Parte de tudo é “intuitivo”, embora a maioria da produção fosse fruto de pesquisas diárias.

Cansa, nossa demais mesmo, porque às vezes você não tem de onde tirar e aí as pessoas acham que você não faz nada. Principalmente em empresas grandes, que as pessoas te veem na frente do computador e acha que você não está fazendo nada, sendo que você está procurando um monte de coisas pra poder produzir.

Exigência por criatividade, proatividade e produtividade são elementos presentes nessa relação de trabalho. Enquanto funcionária diz ter que encarar diariamente o monitor do computador e apresentar resultados. O tempo utilizado só se justifica a partir do produto do trabalho e isso parece ocorrer mesmo em empresas que utilizam o processo criativo como carro-chefe. Nesse caso em específico, embora não houvesse uma meta determinada pela chefia, a cobrança também era, segundo ela, permanente. Por conta disso, a própria Rafa resolveu estipular que nível de produção seria interessante para cada semana, em certa medida se auto gerenciando.

Além da criação em si, também ficava em contato com as lojas para saber das demandas dos clientes e das gerências. Rafa percebia que havia um acúmulo de funções no que fazia e que várias de suas habilidades, segundo ela, exploradas. Ela, por exemplo, criava set lists musicais para tocar nas lojas ou fotografava todas as referências dos produtos disponíveis para que pudessem ficar expostos no espaço virtual. No seu modo de entender, as atividades extrapolavam a função para a qual foi contratada, mas tudo se encaixava no salário de uma pessoa só. O que ela enxergava como sobrecarga diária era balizada pelos “jeitinhos” que dizia ser obrigada a dar em outros setores.

Rafaela passou cerca de um ano meio acostumada com este trabalho, o qual dizia “funcionar de um modo suportável”, embora não escondesse seu desejo de voltar às cozinhas. O ponto nodal para esta permanência era a compreensão de que não seria vantajoso ir para um emprego que não lhe permitisse ter liberdade criativa. Embora em uma área diferente da que gostaria de desempenhar, acreditava que havia um “conforto” em trabalhar com outras pessoas ligadas ao estilismo. Essa sintonia entre o que ela

pensa e o que suas colegas pensavam possibilitava uma troca de informações e ideias fundamental, segundo ela, para o exercício da criatividade.

A semelhança nas referências com o mundo além da familiaridade traz uma segurança maior para pensar no que fazer. Por exemplo, o nome de uma das coleções lançadas pela empresa foi dado a partir de uma sugestão de Rafa, mesmo não sendo oficialmente de sua alçada. Foi a possibilidade do intercâmbio e do debate saudável por lá que possibilitou esse exercício. Inclusive, a “pegada” da confecção de roupas infantis e juvenis de lá era, segundo ela, bem diferenciada do habitual, também colocando um estilo mais conceitual e que permitisse pensar outras formas de ser criança. Rafa comenta a coleção chamada “Lá fora!”:

[...] ela é uma criança pra uma criança de verdade. É uma criança que usa uma roupa de pé descalço e brinca. É uma criança que você fica até meio assim, porque é uma criança filha de um artista que é muito sabe assim... aquele ser mesmo de brincar e de imaginar coisas e não aquela coisa aquela mesmice, a blusa do Ben 10 (risos). É uma coisa que ela tem fundamento, sabe? Mas isso varia muito pra quem você vai vender.

Ter um lugar para se pensar criativamente e um espaço em que se possa agir a partir de conceitos é algo que Rafa considera relevante. Basicamente, ela compreende ser possível trabalhar sem perder a condição criativa e um estilo de entendimento do mundo. Isso pode ser considerado um refinamento construído por suas experiências. Em certa medida, evidencia-se uma relação entre autonomia, prazer e criação.

Este gosto considerado por ela como refinado e o zelo em tornar tudo mais que especial vem de berços muito simples, bem como a própria afeição de Rafa pela gastronomia. Ela se diverte com a tentativa de retomar suas memórias de infância, pois afirma que já virou um clichê e uma maneira de sensibilizar as pessoas, dizendo que aprendeu a cozinhar com a avó, que era boleira e tinha um quiosque de vender bolos, próximo a uma importante escola pública de Pedra Branca. Segundo ela, “toda a cidade” falava bem de seus bolos e, desse modo, a sua família materna cresceu na cozinha e cozinhando muito bem.

Não se trata de estabelecer uma relação de causa e efeito, mas esses atravessamentos afetivos e práticos podem constituir partes importantes das experiências de vida. Observar a forma como sua vó trabalhava foi um ingrediente importante para mobilizar gostos e noções de prazer.

Essa influência familiar somou-se à curiosidade de Rafa para entender como os pratos ficavam tão saborosos, além do seu deleite próprio em comer. Para se ter uma ideia, todos os domingos, sua mãe – que aprendeu com sua avó – fazia um bolo em casa. Embora sua mãe nunca deixasse ninguém se “meter na cozinha”, ela, aos poucos, foi ganhando espaço para ajudá-la e assumindo a tarefa semanal na família. Dos bolos, começou a fazer outros preparos em casa, como as refeições normais do dia-a-dia. Gostar de fazer comida e amar comer, segundo ela, é um vício de família.

A curiosidade para se entender a arte de cozinhar era um dos grandes prazeres da época de criança. Quando ia para o sítio da família do seu pai, queria saber do ponto em que se matava a galinha até a hora em que ela estava no prato pra ser saboreada. É uma mistura de conhecimento com sentimento, que é fundamental, segundo ela, para a elaboração de uma comida especial. Querer experimentar, querer criar e querer afetar-se pelo que se está cozinhando são desejos corriqueiros nessa história toda.

A sedução pela cozinha é marcante para Rafa. Inclusive por esse prazer de cozinhar, ela não largou efetivamente os cupcakes, embora tenha mudado a forma de trabalhar com isso. Mesmo mudando de cidade, permaneceu com a produção, ainda que em tempos diferentes e de formas distintas. Ao retornar para Fortaleza, quis retomar o negócio, mas agora tinha o problema material de não possuir mais o maquinário necessário para trabalhar. Recuperar o nome que ela conseguira no segmento era uma meta importante, e para isso não podia fazer os cupcakes “de qualquer jeito”, principalmente agora por já ter experiências importantes em sua vida pessoal e profissional no campo da gastronomia. Ela acreditava ser preciso estar segura para vender o seu “peixe” com tranquilidade.

Segundo ela, houve um aumento do seu público consumidor, e este fato veio em conjunto com sua profissionalização e o acréscimo de algumas experiências na área, o que, em certa medida, lhe coloca numa posição de maior prestígio. Essa maior consideração implica também no aumento da responsabilidade. Por isso o primor pela qualidade do produto para um eventual retorno ao mercado.

Pensando neste recomeço, Rafa criou uma nova empresa chamada Pitanga (Ver Foto 2), que oferece os mesmos produtos, mas possui um outro conceito. Agora ela relata ter inserido novos produtos além dos cupcakes. A expansão não viria no sentido

de “mexer com o carro-chefe”, mas para buscar, segundo ela, uma diversificação tanto no aspecto da criatividade como da rentabilidade. A primeira venda que diz ter feito com a marca foi positiva e gerou outras encomendas; contudo, de início, conta que não conseguiu assumir uma produção permanente e tampouco tinha condições de sair vendendo nas ruas como desejava fazer. Além de tudo, seu trabalho era diário e lhe consumia muito tempo.

A dificuldade de conciliação das atividades é uma das principais queixas nessa etapa da vida. Ter um emprego formal, com uma carga horária fixa e ao mesmo tempo desejar empreender, criar produtos e comercializá-los não parece algo simples de ser feito para ela, ampliando uma frustração. A ideia de que é possível otimizar o tempo e torná-lo potente e rentável nem sempre se consolida, principalmente em meio à precariedade funcional e à concentração de atividades em uma só pessoa.

De todo modo, a experiência em testar a nova marca foi realizada, principalmente por um marketing direto em sua página pessoal do Facebook, a partir de uma lista de amigos que poderiam encomendar produtos. Rafa conta que saiu conversando individualmente com seus contatos para mostrar o seu novo projeto (Ver Fotos 3 e 4 nos Anexos). Uma abordagem mais íntima, embora seguisse um certo padrão. Nesses testes, diz ter conseguido vender mais de 40 cupcakes.

Para ela, a experiência foi boa e as perspectivas que possuía no segmento aumentaram. Conhecendo melhor o mercado da confeitaria e da cozinha em Fortaleza e criando a expectativa precisa em sua potencial clientela, firmava assim as bases para consolidar seu retorno. Tentar lidar melhor com o tempo e buscar meios para aplicar algumas economias nos equipamentos necessários eram os empecilhos concretos descritos por ela neste momento.

Mesmo com uma vontade de voltar a trabalhar nas cozinhas e com uma insatisfação latente por conta do acúmulo de funções a que era submetida na empresa de moda infantil, foi preciso um estopim para que Rafa saísse de fato deste emprego. Mesmo relatando não ter mais prazer em trabalhar no local, não era sua intenção pedir demissão normalmente, tendo em vista que aquele trabalho lhe oferecia o seu sustento necessário. Ocorre que as relações foram gradativamente se esgarçando e, para ela, não houve condições de reparar os elos.

Aos poucos foi-se construindo o que ela considera ser um processo de humilhação da parte da gestão da marca. Por conta da quantidade de tarefas que precisava desempenhar sozinha, ela foi gradualmente diminuindo o ritmo e produzindo menos e com uma qualidade aquém da que oferecia no início. Essa mudança fez com que sua chefia comesse a lhe taxar como alguém incompetente, como conta.

Mesmo reconhecendo que não estava dando conta do que lhe era demandado, Rafa diz ter consciência de que essa queda de produção se dava mais pela sobrecarga dos trabalhos complexos e diferentes que acumulava sozinha do que pela sua falta de capacidade. Chegou um dado momento em que até a panfletagem do material publicitário era feita por ela: “Eu fazia as mídias sociais, eu fazia a arte, eu fazia tudo, e aí eu tava cansada e um belo dia ela fez uma reunião, disse que não estava gostando do meu trabalho porque eu não tava me esforçando tanto. Aí ela disse assim ‘você concorda comigo?’” e ela negou veementemente.

Rafa não se permitiu concordar com a afirmação de que a ela faltava esforço ou capacidade. No mesmo momento ela diz ter questionado os motivos para não se contratar mais pessoas e garantir que o serviço melhorasse com mais profissionais para desempenhar as diferentes tarefas e respeitando suas habilidades específicas. Ganhando apenas R\$ 800,00 por mês, segundo ela, chegava a cumprir o papel de quatro ou até mais funcionários, a partir da leitura da quantidade de funções que lhe eram atribuídas.

A partir dali, conta que o nervosismo lhe consumiu, e então decidiu de vez que deveria sair de lá, e para tanto precisaria ter algum nível de reserva financeira. Ao chegar em casa, catalogou boa parte dos objetos de valor que possuía em sua casa, sendo a maioria de valor afetivo como livros, discos, roupas e sapatos. Anunciou a venda destes itens nas redes sociais, com o intuito de “não ficar na mão” ao sair da empresa atual. No mesmo dia, chegou a vender metade do que fora oferecido, o que lhe aliviou.

Pegando o gancho desse desapego foi que Rafa começou a dar concretude ao seu interesse em voltar a trabalhar como cozinheira. Sem conseguir se manter emocionalmente no atual emprego e com as contas precisando ser pagas normalmente, conta que precisou fazer da necessidade um motor para perseguir seus objetivos. É novamente o estreito fio entre as expectativas e as necessidades. As necessidades, no caso, do sustento e da manutenção da vida material, assim como da aquisição de

experiência. Por sua vez, as expectativas de praticar um trabalho mais próximo às suas afinidades e que dê mais espaço para as experiências que tem acumulado.

2.4 O retorno às cozinhas

No dia seguinte, Rafa afirma que faltou ao trabalho e foi em busca do que realmente precisava naquele momento: voltar a cozinhar. Imprimiu algumas cópias de seu currículo e saiu de porta em porta nos estabelecimentos gastronômicos do bairro Benfica²². Um dos últimos lugares visitados foi um restaurante de comida vegana. Ela conta que chegou perguntando se o estabelecimento estava precisando de funcionários, mas diz que, de imediato, recebeu a informação de que eles não estavam contratando ninguém. Ocorre que, antes de sair do restaurante, foi chamada por uma moça que informou que a gerente queria conversar com Rafa.

Ela conta que apressou o passo para ouvir a notícia de que a dona do restaurante queria entrevistá-la naquele mesmo instante e voltou com algumas doses a mais de esperança. Na conversa, Rafa foi informada de que havia uma estudante de Gastronomia a ser contratada, mas que provavelmente não aceitaria o cargo por ter que começar como auxiliar de serviços gerais, cuja principal função é lavar pratos. Portanto, a vaga possivelmente abriria novamente. A dona a indaga se, mesmo com experiência em confeitaria, teria disposição para trabalhar no cargo, pois o serviço era “pesado” e envolvia tarefas como limpar chão e lavar panela. Sem pestanejar, conta que respondeu que precisava voltar para a cozinha, precisa trabalhar e arrematou: “tô aceitando qualquer coisa que seja dentro de uma cozinha”.

Rafaela afirma que tinha perfeita noção do que estava fazendo. Ela diz saber da dureza do novo serviço, mas que tinha clareza de que era preciso começar por algum lugar e na cozinha a pia seria a principal porta de entradas. O conhecimento sobre o ramo lhe conectava à paciência necessária para ter a expectativa de voltar a cozinhar em breve. Para ela, essa visão dos degraus na cozinha chega a ser necessária para tornar o cozinheiro mais experiente e mais apropriado acerca do “todo”:

²² Bairro localizado na região central de Fortaleza, conhecido pelos ambientes universitários e pela presença do estádio de futebol Presidente Vargas.

O certo na gastronomia é isso. Se você começa pela pia, você vai ser um cozinheiro muito mais foda, porque você sabe desde o início como as coisas acontecem. Porque você fica concentrado lavando a louça, mas você ouve, você vê muita coisa que rola, a organização dos serviços, o prato como ele volta, entendeu? Se a pessoa deixa muita salada. Muita coisa. Você saca de muito mais coisas, porque você consegue prestar atenção no movimento da cozinha e você aprende observando, entendeu? Quando você entra já no fogo quente, não tem um processo. Mas quando você já se habitua, você já conhece o território, entendeu?

A ideia do aprendizado envolvia diretamente a noção de uma experiência adquirida processualmente. Rafa diz ter aprendido de forma satisfatória sobre uma cozinha ao vivenciar as possibilidades que ela oferece. Ela acredita que se permitir ao movimento de ouvir, ver e sentir os diferentes lugares sociais e laborais do trabalho é uma forma de tornar aquela prática um hábito de qualidade. Afastando-se da ideia de uma cozinha teórica, o que se vê a partir de sua experiência é a passagem concreta pela prática cotidiana.

Rafa enfatizava a todo o instante a intenção de se reinserir a qualquer custo neste meio. Dizia que “não tem besteira” para trabalhar e que precisa disso para sobreviver, sem deixar de alargar o sentido que isso possui em sua vida. Tinha em mente, e dessa vez se considerando mais madura e capaz de promover uma melhor tomada de decisões, que esses tipos de escolha apontam para a ideia de mulher independente que gostaria de viver na prática.

Rafa se via “com a cabeça erguida” pelo que estava aceitando. Com este espírito, foi pra casa vender o restante dos seus objetos pessoais, até que o telefone tocou e confirmou que a sua vaga para ocupar a pia do restaurante vegano estava garantida. Mais uma vez, conta que sorriu e chorou ao mesmo tempo, dessa vez compreendendo melhor os sentimentos conflitantes em momentos de grandes decisões.

No outro dia bem cedo foi até à empresa de moda infantil para entregar sua carta de demissão, como descreve. “Fui diva”, diz rindo e retomando um pouco das lágrimas ao se rever naquele momento agora narrado para mim. Não só por se livrar do trabalho que, segundo ela, estava lhe diminuindo enquanto pessoa criativa, mas por saber que estava voltando para o que queria e desejava naquele momento como ofício para sua vida. Aliás, mais que isso, diz sem titubear: “a minha vida é cozinhar”.

A frase sintetiza um reconhecimento maior que a confirmação de uma profissão. É isso, mas não apenas. Reconhecer que sua vida é cozinhar não se trata de

encontrar a vocação ou de perceber em si uma série de virtudes, habilidades e ferramentas suficientes para construir pratos culinários. Reconhecer que sua vida é cozinhar significa, para ela, encontrar um fio de prumo em sua existência, e perceber que é possível buscar sentidos para si por meio do que se faz, que é possível trabalhar com o que se gosta e com o que lhe pode definir como agente criativo e potente. Isso não significa que Rafa não saiba da dureza do mercado de trabalho, dos percalços existentes na cozinha ou que romantize ingenuamente o que faz, ao contrário, significa que sabe que tudo isso faz parte e que ainda assim não se totaliza o prazer de cozinhar e de se ver como cozinheira.

Interessante ainda destacar que essa agora aparente definição de ofício da vida não é resultado de uma construção linear de eventos. A ideia de vocação não aparece nesta narrativa como algo singular e homogêneo. Ao contrário, os atravessamentos em suas trajetórias são múltiplos. A importância da máquina de costura aos quinze anos ou da avó que fazia os bolos em sua infância ou dos conflitos familiares e dos acasos são fios paralelos que se entrelaçam simultaneamente. As paixões e os interesses podem mudar, e mudam, até que ela mesma tivesse que cortar ou selecionar alguns destes fios. Inclusive, como já destacado aqui, Rafa constrói sua visão pendular de vocação recaindo ora sobre a moda, ora sobre a gastronomia, parecendo experimentar seus talentos, reforçando a ideia das trajetórias “ioiô”.

Começando pela pia, Rafa se sentia determinada em mais esta empreitada. Todo dia era “trabalhar e não se intrometer”, como descreve. Uma ideia nítida sobre espaço próprio que está relacionada à não invasão do espaço dos outros e com o reconhecimento do processo como algo maior que si próprio. “Eu sabia o meu lugar”, é como me explicava.

Poucos meses depois soube que uma das cozinheiras entraria com a licença maternidade e que, portanto, precisaria ser substituída provisoriamente. Os comentários que surgiam no restaurante era de que a proprietária já estaria buscando esta substituta e que, inclusive, havia anunciado que precisava contratar outro alguém. Dizia que ouvia, ficava no seu canto, mas que pensava consigo mesma: “quem vai ficar nesse lugar sou eu. Eu lavei todos os pratos e fiz todas as coisas do jeito certo”.

Sua forma de pensar estava alicerçada não apenas na sua esperança, mas no conhecimento sobre os trâmites da cozinha. Relata que tinha a noção de que ao fazer

bem o seu trabalho, seria lembrada caso abrisse alguma vaga numa posição maior na hierarquia da cozinha. Sua impressão estava correta. Semanas depois, a gerente a chamou para cozinhar. A chance lhe foi dada, como planejou e como sua visão sobre o negócio previu.

Para o novo papel no restaurante foi preciso ainda aprender novas coisas, pois agora tornara-se responsável pelas massas e pelos sucos. Então, conta que mergulhou no universo das pizzas e dos sucos detox, que eram especialidades do local no turno da noite. Em comparação com as experiências que teve antes cozinhando, incluindo o restaurante anterior em que trabalhou, foi preciso mudar o seu estilo de cozinhar e de pensar o serviço do estabelecimento, tanto pelo estilo vegano do local como pela modalidade de oferta das comidas.

É a primeira vez, por exemplo, que trabalharia com comidas à la carte, já que sempre lidou com encomendas ou com serviços de buffet ao estilo self-service. Agora os clientes faziam o pedido e ela preparava imediatamente. Como narra, era tudo “na hora!”: “tinha lá uma comanda com uma pizza, um café com leite vegano, um cheesecake de morango e uma tapioca vegana... era loucura, loucura, mas foi muito massa”. Isso exigia além da habilidade para cozinhar com velocidade, um conhecimento sobre o manejo de todos os procedimentos para a feitura de um prato, além de ter um bom trabalho em equipe para garantir que as etapas possam funcionar em conjunto e em poucos minutos o prato ser montado e servido aos clientes.

Com o passar do tempo, ela diz perceber que vários funcionários foram se desligando do restaurante e que isso teria, segundo ela, a ver com o tipo de trabalhador que atua por lá no período noturno. Segundo me conta, trata-se sobretudo de jovens que estão em transição entre os seus projetos, como estudar, trabalhar, voltar para casa dos pais, morar sozinhos, montar seus próprios negócios ou ter se descoberto na cozinha e decidir parar tudo para estudar a respeito.

Um perfil próximo não apenas ao de Rafa, mas ao dos cinco interlocutores deste trabalho. Jovens que possuem seus projetos individuais laborais e que atrelam a concretização disso à construção de uma identidade profissional, mas que rearranjam esses projetos de acordo com as mudanças e as circunstâncias conjunturais.

Essa característica é estudada por Pais (2001) e ele chama esse tipo de trajetória de Ioiô, justamente pelo “vai e vem” observado nos relatos, imprimindo uma condição pendular e circunstancial nas narrativas desta pesquisa. O autor comenta:

As trajetórias Yo-yo, metáfora extraída do brinquedo que sobe e desce, vai e vem, mostram que as vidas dos jovens, explícitas em seus discursos coloridos de gírias e incongruências, apresenta uma característica hipertextual como a de navegarmos em páginas da Internet, que nos levam a outras páginas e, por vezes a caminhos muito diferentes em relação ao ponto de partida. Entre o movimento vai-e-vem, as transjetividades buscam modos de deslocamento, alguns desenvolvendo estratégias refinadas, utilizando-se de guias, mapas, bússolas, outros deixando-se levar à deriva (p. 392).

No caso em específico de Rafa no restaurante – que experimenta dessa condição de Ioiô –, a instabilidade contribuía com a mudança no quadro de funcionários de modo substancial. Pelo que ela me conta, a reposição desses funcionários não se dava com a mesma velocidade de suas saídas. Isso fez com que a equipe de Rafaela começasse a ficar “quebrada” durante longos espaços de tempo e, quando reposta, ainda havia o tempo necessário para a adaptação de quem estava chegando. Tudo isso ocorria, segundo ela, de modo lento e gradual.

Com o passar do tempo, ela diz ter sentido os efeitos da sobrecarga originada pelo cenário supracitado. Como exemplo, cita que, muitas vezes, o restaurante passava longos períodos de tempo sem repor as pessoas, de modo que ela tinha que acumular funções. Diz ter feito hora extra em vários dias consecutivos para o serviço do restaurante não sofrer prejuízos na qualidade, às vezes chegando no trabalho ao meio-dia e só saindo após às 22h30.

No seu modo de entender, a situação aos poucos foi virando um fardo e impactando, por óbvio, na qualidade do atendimento. Ela não se via com tempo sequer para fazer a preparação prévia dos pratos e tinha que muitas vezes fazer isso na hora do serviço. Essas ausências também impactavam no pré-preparo, etapa que acontecia normalmente antes da chegada de Rafa e que agora passara também a ser de sua alçada. O resultado desta equação é que os pratos que levavam 10 minutos para ser montados, passaram a levar cerca de 30 minutos para chegar até o cliente, conforme narra.

Com os impactos sobre o serviço, as reclamações começaram a surgir e a história começa aos poucos a se repetir, mesmo em um cenário que lhe parecia ideal. Segundo sua narrativa, as queixas por parte da chefia eram duras e recheadas de práticas

de assédio moral, inclusive muitas delas tendo sido feitas na presença de outros funcionários e sem a sensibilidade com a profissional que estava sendo ali julgada.

Novamente, ao invés de resolver a sobrecarga sobre seus funcionários ou de minimamente reconhecer isso como um problema, a chefia do estabelecimento resolve, segundo a interlocutora, centralizar toda a responsabilidade pelo fracasso no serviço sobre a funcionária em questão. Conta que em vários momentos foi dito que ela não era capaz de trabalhar com aquilo e que era muito fraca e não dava conta de uma cozinha, sem levar em conta esses elementos mais estruturais aqui apresentados.

Rafa relata que foi ficando triste e começou a incorporar a essência das reclamações e a achá-las em alguma medida verdadeiras, sobretudo pela repetição dos eventos em quase todos os lugares em que trabalhou com o agravo de que agora ela era desqualificada fazendo aquilo que considerava ter maturidade e capacidade para fazer. Mesmo dizendo ter se esforçado para manter a qualidade no trabalho, revela que passou a não ter mais nenhum reconhecimento e só era criticada diariamente, o que, segundo ela, a afetou como profissional, como mulher e também na dimensão espiritual.

Rafa passou cerca de dez meses nesse emprego sob esse nível de críticas e diz ter se esforçado para prosseguir. No início, conta que “lutou bastante”. Largou completamente as suas encomendas com a marca Pitanga, saiu das redes sociais e imergiu no universo do restaurante vegano, tentando dar o máximo de si para mudar o cenário por lá. Ela, de fato, foi viver a cozinha plenamente. Com toda a batalha travada, diz que as condições de trabalho não mudavam e ela, por sua vez, também não conseguia mudar tudo sozinha. Então, o serviço permaneceu problemático durante todo esse tempo.

Nesse período, conheceu um casal de jovens – um deles fundador do próprio restaurante em questão – e que trabalhavam como produtores de comida vegana de modo independente. Eles cozinhavam em casa e saíam para vender na rua. Rafa se aproximou deles e aos poucos foi ajudando-os no negócio e ganhando um dinheiro extra pela colaboração.

Essa aproximação melhorou não apenas as condições financeiras, como as questões emocionais e profissionais também começaram a ganhar uma nova cara. Diz que a relação entre eles melhorava sua autoestima e que a fazia se sentir importante novamente a partir desse reconhecimento: “diziam que eu era ótima, que eu fazia as

coisas de um jeito massa, que a minha história era incrível e me ajudaram a sair do apartamento que eu tava”.

Rafa afirma ter se sentido prestigiada pelos elogios do casal, o que ia na contramão das críticas que recebia no ambiente de trabalho no atual emprego e que, segundo ela, minaram a sua autoestima. Eles a levaram para morar todos numa mesma casa. Para ela, isto foi uma solução, pois em sua casa anterior ela também se sentia sobrecarregada com os serviços domésticos. Além de trabalhar cerca de dez ou doze horas por dia no restaurante, ainda tinha que cuidar da casa em que morava, pois os seus outros parceiros não lidavam bem com essas tarefas. Portanto, se mudar também foi um alívio nesse sentido.

Morando e cozinhando juntos, precisaram ir para uma casa um maior, que desse conta da proposta que eles aos poucos estavam esboçando, algo que o quarto-sala anterior não dava conta. Brinca com a situação: “Aquele fogão industrial ficava lá na sala e eu dormia abraçada com o fogão. E eu ‘meu deus, eu sou uma cozinheira tão apaixonada pelo meu trabalho que eu durmo aqui abraçada com um botijão de gás (risos)’”. Algum tempo depois, alugaram outro imóvel maior e mais confortável, ainda no bairro Benfica.

Logo no início, tiveram a ideia de montar um stand para vender comida na Bienal da UNE²³, sendo o único especializado em comida vegana do evento inteiro. O primeiro dia de evento foi um sucesso comercial para eles e também em termos de reconhecimento para o seu trabalho individualmente. Rafa conta que foi incrível e gratificante perceber que o que faz na cozinha é capaz de fazer a diferença na vida das pessoas que estão se alimentando. Receber esse retorno foi, para ela, revigorante.

Além da renovação, isso a motivou para tomar uma decisão imediata: foi no mesmo dia ao restaurante vegano e pediu sua demissão. Novamente diz ter tido uma sensação de liberdade com a saída de um emprego que julgava ser sufocante e agora estava dando uma profundidade ainda maior neste universo em que estava se inserindo desde que passou a lavar os pratos nas passagens laborais anteriores. Com tudo ainda recente, o trio aos poucos vai experienciando a criação deste novo negócio.

²³ Festival cultural promovido pela União Nacional dos Estudantes, com o intuito de incentivar atividades artísticas, esportivas, científicas e tecnológicas.

Na própria casa em que moram há comida para vender, mas ela explica que não se trata de um restaurante. Sim, se serve comida lá, mas a concepção que eles possuem para este “trampo” almeja fugir do convencional, como ela mesmo explica:

Na real a gente não quer que o lance da casa seja um restaurante. A gente quer que tenha... nós moramos aqui, então você morar no seu trabalho é bem difícil e eu já passei por isso. Então a gente quer que seja um lugar que a gente receba as pessoas em casa mesmo. A gente vende comida? Vende comida, mas a gente é uma casa que vende comida e a gente só cobra porque a gente precisa de dinheiro pra pagar as nossas contas. O nosso serviço é um serviço de comida, mas é um serviço de conforto pra pessoa ficar de boa na sua casa e almoçar e poder dormir um cochilo.

Há novamente uma concepção por trás dos negócios em que Rafa se envolve, além de um argumento relacionado com o momento específico em que ela vive. Fugir das sucessivas sobrecargas de trabalho e dos assédios morais supostamente sofridos em quase todos os postos de trabalho que ocupou, são apresentados também como alguns dos motivos para que não queira tornar a sua casa em um emprego e seus colegas de morada em meros sócios. Esse conceito também emerge da análise que ela faz acerca das tendências neste segmento de alimentação, bem como para trazer, segundo ela, uma “leveza” de que precisa para tocar sua vida adiante e não perder o que chama de “tesão pelo trabalho”.

Ela se diz interessada em fazer com que a relação de consumo não seja meramente uma relação de compra e venda, mas que possua significados expressivos e, como ela mesmo diz, também ter um “sentido energético” entre quem faz a comida e quem a come. Rafa preza pela comida de “ótima qualidade”, que tenha “boa procedência”, além de ser “natural e saudável”. Um resultado importante nesta equação é o de que as pessoas que lá estejam consigam sair felizes e descansados. A firma ainda que o serviço é para que todos se sintam bem, desde quem prepara até quem vai se alimentar.

Rafa comenta que, para ela, existem muitos elementos mais importantes na vida que o lucro, mas que isso não muda o fato objetivo de que é preciso também ganhar dinheiro. Acredita que ter condições de sustentar-se e ampliar os seus negócios passa inevitavelmente pela necessidade de se obter dinheiro. A autonomia que ela diz buscar não se desatrela da ideia de independência financeira e isso pode ainda expressar um outro significado: o de liberdade.

Ela visualiza que o momento é “complicado para se ganhar dinheiro”, pois as pessoas, de um modo geral, estariam sentindo o que ela entende como “crise”²⁴, onde o seu público consumidor estaria descapitalizado, afetando diretamente as possibilidades do seu negócio ser rentável. Rafa diz que é comum encontrar pessoas que gostariam de consumir seus produtos e não têm condições de pagar por eles ou ainda quem já consumiu muitas vezes e não tem como fazê-lo novamente por falta de condições de pagar.

Além disso, ela tinha a visão de que o mercado de serviços veganos havia se espalhado pela cidade de Fortaleza, de modo que tornou o negócio, para ela, um tanto quanto saturado. Diferente da época em que Rafa criou os cupcakes, onde sequer havia concorrência, agora ela consegue ver muitos produtos similares aos seus sendo vendidos em vários locais.

Até por conta disso, precisa estar pensando constantemente em como diversificar seu catálogo e trazer coisas novas para os clientes. Neste momento, diz estar mais uma vez tentando utilizar o background de conhecimentos que possui em aliança com a dureza do momento para tentar melhorar sua vida. Ela se descreve como alguém que está aos poucos experimentando o que chama de “confeitaria vegana” e, no seu entendimento, o trabalho tem funcionado em parceria com os amigos de seu novo lar.

Algumas receitas estão sendo criadas pela própria Rafa, como o Bolo de Laranja com recheio de Goiaba ou ainda o Bolo de Laranja com recheio de Geleia de Coco. Esses dois bolos em específico são criações suas que já estão, segundo ela, “virando tradição” entre os clientes, que começaram a ser experimentadas como sobremesas no local e agora estão entrando para o catálogo de produtos da Pitanga.

Segundo ela, está difícil pagar o aluguel e até mesmo se pagar neste negócio, mas é com a criatividade de seu trabalho que Rafa acredita poder superar. Ela enxerga a possibilidade de “subir na vida” com prazer e amor no que se faz, mesmo com todas as experiências anteriores por ela consideradas como negativas e até, em certo ponto, traumáticas.

A sua ideia é também a de alargar as possibilidades de atendimento das pessoas e promover diferentes usos possíveis para o espaço de sua casa. Rafa conta que

²⁴ Essa parte do relato em específico foi produzida em meados de 2017, durante o governo do ex-presidente Michel Temer (PMDB). Nesse período, o Brasil se deparava com uma taxa de desemprego, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que se aproximava dos 14%.

começaram abrindo para o almoço de segunda à quarta-feira, descansando na quinta. Na sexta, abriam apenas para o jantar. Sábado era dia de preparar os alimentos a serem vendidos no domingo nas praias de Fortaleza.

Aos poucos, foram acrescentando vendas pelos bares e praças do bairro do Benfica, que servia também para divulgar o serviço diferenciado que serviam em sua casa. O serviço de entrega a domicílio também começa aos poucos a funcionar, com a oferta da “quentinha vegana”, que, da mesma maneira, servirá também como propaganda.

Um outro plano ainda a ser desenvolvido para os sábados é a elaboração de festas temáticas mensais ou ainda de criar uma feijoada vegana que pudesse ser fixada nestes dias. Em seu modo de entender, é preciso tornar o negócio conhecido e “trazer outras galeras” para a casa. Ela acredita na força dessa divulgação “boca a boca”, baseada na indicação de quem já experimentou seus pratos.

Por mais incerto que pareça o futuro, Rafa diz trabalhar hoje com uma sensação de “liberdade”. Fazendo aquilo que se quer, conectando-se com o que gosta e com as pessoas as quais lhe fazem bem, além de possuir um controle mais razoável sobre seus horários é um pouco do que lhe traz felicidade nesse momento. Prazeres como “ouvir a música que você gosta enquanto tá trabalhando” podem ser pueris, mas, depois de tudo que Rafa passou no mundo do trabalho, parece ter um tom diferente.

Nesse aspecto, Rafa tem uma visão sobre o trabalho que não se restringe exclusivamente ao sustento de si e ao pagamento das contas. Considera tudo isso importante e entende que por muito tempo teve que se manter em contentamento com esses objetivos quase que exclusivamente. O que se destaca é que, apesar de ser uma jovem, independente e que vive do seu trabalho, ela se enxerga bastante por meio do que realiza profissionalmente. A importância que dá ao prazer, à qualidade do que faz na cozinha e à satisfação de quem come os alimentos feitos por suas mãos são elementos importantes para sua realização pessoal e profissional.

Na busca por sentidos para o seu trabalho, ela alimenta uma visão otimista, mas não ingênua sobre o universo da gastronomia e do mercado em si. Acredita que há uma força diferente sobre o trabalho quando desempenhado com “amor e prazer”. As experiências que acumula na cozinha e esse novo contato (que considera ser mais saudável) com o trabalho lhe faz reinventar a própria noção do que é trabalhar.

É... você tipo... é você levar um trabalho não só como um trabalho, um ofício, dinheiro e porque a vida é maior que isso. E eu acho que na idade que a gente está também a gente busca estar bem consigo mesmo, porque é um turbilhão de sensações e coisas tipo... você vê pessoas que buscaram suas coisas e também estão bem com o que escolheram e ao mesmo tempo você está buscando o quê? O trabalho que a gente tenta fazer é se cuidar e ser feliz com aquele ofício, pra não virar só uma coisa que você se sente mal numa segunda-feira de manhã, de ter que pegar a porra do ônibus lotado e esperando dar a sexta-feira pra poder encher a cara e esquecer todos os problemas. É você ver gente. É você escutar histórias. É você conseguir deixar aquela pessoa bem e se sentir bem porque ajudou alguém, entendeu? É muito maior. É muito maior. É lindo. É romântico, mas tem muita coisa ainda...

Quando Rafa diz que é um trabalho que não soa como trabalho, ela está em certa medida tomando como referência as experiências em que ela se sentiu assediada. Não se sentir pressionada dessa maneira parece ser um importante fio condutor para esta sensação de “estar bem consigo mesmo”. O cuidado consigo, com os outros e com o que se faz são elementos presentes neste seu momento de vida.

Importante analisar aqui novamente o caráter pendular das próprias percepções de Rafa sobre o trabalho e como isso varia a partir de suas experiências vividas no concreto. Ao passo é que é possível manifestar uma leitura em que ela faz questão de evidenciar o “amor e o prazer” como algo a serem buscados profissionalmente, você consegue atravessar sua trajetória com relatos de “sobrecarga” e “pressão”.

O “Ioiô” novamente surge não apenas para destacar as várias mudanças de profissão, mas as distintas compreensões que se pode ter sobre o ato de trabalhar. É como se houvesse o entendimento de que o trabalho é duro no cotidiano, mas pode ser agradável em seu retorno subjetivo ou ainda que o trabalho pode ser reconfortante do ponto de vista pessoal e da construção de si, mas ele provavelmente será penoso pelo fato de estar inserido em uma lógica de cobranças, resultados, avaliações, alta rotatividade de funcionários e todos os elementos tão apontados até aqui.

É a própria experiência de vida e os experimentos que ela proporciona, que vão desenhando uma visão menos polarizada entre o prazer e o sofrimento no trabalho. O que aparece nas narrativas é que Rafa tem se colocado muitas vezes nesses dois extremos e que isso tem balizado muitas de suas decisões profissionais, embora ela diga reconhecer que é preciso buscar equilíbrio nestes aspectos.

Na época da adolescência, Rafa dizia que se recusava a usar a camisa de uma banda de rock n'roll sem que fosse muito fã dela, conhecesse seus discos e soubesse minimamente cantar suas músicas. Comenta que nunca quis ser “poser”²⁵ com nada, mas que quando “curtia” uma dimensão, absorvia os conceitos presentes nela e se envolvia com eles, o seu desejo era de mergulhar naquela paixão. Isso era ser fã.

Essa sensação de fã não me parece diferente da que ela possui com relação à Gastronomia em si e com relação à visão de um trabalho mais justo, simples e honesto. É por ser apaixonada por essas visões de mundo que Rafa não hesita em mergulhar novamente em um universo e viver os elementos nele contidos.

Se o trabalho, a partir das experiências analisadas, parece completar de significados e lhe trazer sensações de potência produtiva e criativa com relação ao mundo, ele ainda assim não deve totalizar sua vida. Vários aspectos complementam esse ser com tamanha importância. Um destes, conforme as narrativas, é a importância que ela vem dando ultimamente à tranquilidade de sua nova morada e à sua espiritualidade.

Ao lar, pois finalmente depois de tantas idas e vindas, mudanças precipitadas e até compulsórias, ela consegue ter uma morada estável e, para ela, equilibrada. Quanto ao espírito, quando pergunto para Rafa o que ela pretende fazer “agora” na vida, ela me diz que quer “fazer” seu “santo no candomblé”, e que tem trabalhado muito para isso. Ela conta que percebeu precisar cuidar da sua vida espiritual e que isso não está desconectado da mulher e da profissional que ela é, inclusive fala que se ver como “filha de Oxum” a faz entender melhor sua conexão com os alimentos, principalmente com os doces, o que seria um arquétipo presente nos filhos de Oxum.

Termino falando de alguns outros objetivos que Rafa desenha para sua vida. Ela diz que pretende fazer o seu lar prosperar financeiramente, quer que seus amigos sejam felizes e deseja trazer momentos bons para as pessoas que provarem de suas comidas. Conta que deseja ainda se capacitar mais em sua profissão e que, possivelmente, tentará voltar a estudar em uma faculdade, provavelmente tentando os cursos de Nutrição ou Engenharia de Alimentos.

Mesmo com uma visão que se repete com o uso da expressão “uma coisa por vez”, ela não deixa de pensar em projetos ainda aparentemente distantes, como ter

²⁵ Uma expressão que serve para descrever pessoas que constroem suas imagens a partir de aparências descoladas do que realmente pensam e são. É considerado um tipo de fingimento para se obter reconhecimento e popularidade.

uma padaria que funcione de madrugada. Rafa diz rindo que esse é o seu “sonho para a velhice”. Novamente, uma intenção baseada na construção de um negócio que seja sustentável financeiramente, que concilie as suas habilidades gastronômicas e que também conserve a ideia de cuidado com o outro. Em seu modo de entender, essa padaria poderia suprir às necessidades das pessoas que precisavam se alimentar em horários que supostamente não tem tantas opções.

Ela diz que se sente feliz, principalmente, por conseguir fazer um trabalho que considera honesto e por achar que consegue “fazer as pessoas sentirem isso”. Ela diz que o que faz é “real”, e que as pessoas lhe conhecerem por isso é “legítimo e verdadeiro”. “‘Olha a menina que faz doces é massa!’ e que seja de verdade. Que o conceito seja realmente aquilo. Que não seja só uma fachada. É isso...”, arremata.

Rafa aparece aqui como mais uma jovem saltando nos trampolins da instabilidade do mercado de trabalho. Tentando constituir a sua compreensão sobre si e a sua identidade profissional a partir das experiências laborais. O trabalho para ela não só possui significados, mas também significa um pouco de sua própria existência.

3 LÉO GAMBIARRA: NAS ONDAS VIRTUAIS

Léo é irmão de Edu e amigo de Diego, como apresentados na Introdução deste trabalho. Os três sustentam uma amizade de mais de uma década. Já passaram por diversas experiências no mundo do trabalho, mas acham a atenção em especial pela relação que possuem com a internet. Mesmo vivendo em condições financeiras consideradas por eles como precárias e diante da falta do acesso virtual doméstico no início, os três costumavam criar “produtos” e conteúdos para o universo online. De atividades que começaram como brincadeiras ou mesmo hobbies pontuais, passaram a transformar o que faziam na internet como um “meio de vida”.

Este capítulo terá um recorte especial em um destes três garotos: o Léo Gambiarra. Conheci-o, por intermédio do seu tio Sérgio Farias, coordenador estadual do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), na época em que fazíamos parte da construção da Marcha da Periferia²⁶. Por dentro da proposta deste trabalho e por considerar importante abordar um pouco da trajetória do Suricate Seboso²⁷, Sérgio ajudou na construção das pontes com Léo e os demais criadores da personagem famosa na internet e ficamos amigos na época. Entendendo inclusive a importância política desta visibilidade, Sérgio acreditava que valeria a pena refletir sobre os meninos da Sapiranga²⁸ a partir das Ciências Sociais.

Comecei então a me encontrar regularmente com Léo a fim de termos conversas preliminares sobre a tese em si. Ele foi, de fato, o meu primeiro interlocutor para esta pesquisa e mesmo quando eu ainda não tinha plena convicção sobre qual recorte deveria dar do trabalho, sempre foi atencioso e disponível para estar comigo.

Um dos nossos encontros iniciais mais importantes se deu em um shopping de Fortaleza, quando Léo estava vindo da faculdade. Na época ele cursava Publicidade e Propaganda na FIC (Faculdades Integradas do Ceará) e tinha uma bolsa integral pelo

²⁶ Manifestação realizada, desde 2015, periodicamente na cidade de Fortaleza, reunindo vários movimentos populares e comunitários. Geralmente, o mote dos atos gira em torno de eixos relacionados ao extermínio das juventudes das periferias.

²⁷ Personagem criado por Léo, Edu e Diego, que faz sucesso na internet a partir dos usos do humor cearense. No início, surgiu como tirinhas, ganhando posteriormente novas formas como animações.

²⁸ Bairro periférico localizado na região Sudeste de Fortaleza.

PROUNI²⁹. Antes de começarmos a conversar, atendeu algumas pessoas na Praça de Alimentação, tirou foto com vários, fez brincadeiras e piadas com todos. Na ocasião, Léo inclusive chegou a vender uma caneca do Suricate Seboso para um de seus fãs e depois eu descobri que esse negócio já tinha sido acertado previamente pelo Facebook. Isso me impactou de imediato. Era uma rede ainda estranha pra mim e eu não tinha noção de que andar com Léo por um local público seria como estar com alguma celebridade conhecida pelas pessoas de um modo geral.

Em seguida o convidei para almoçar, mas ele não estava muito seguro, pois não tinha dinheiro. Acabei pagando o seu almoço. Esse foi o segundo choque, pois após ter visto um pouco da experiência dele com fãs, quase que instantaneamente construí uma ideia de que ele estaria com condições financeiras proporcionais a essa aparente fama.

Tive aí um duplo choque ao ver uma figura muito conhecida e sem dinheiro sequer para o próprio almoço. Este impacto baseado exclusivamente nos aspectos contidos em uma leitura de percepção visual não está de modo algum deslocado da compreensão da vida de Léo e do Suricate Seboso. Sobre este garoto do bairro Sapiroanga, que vive divertindo os outros ao fazer graça “com tudo no mundo” é que vou me dedicar neste capítulo. Pensar como fazer da “gaiaticice”³⁰ cearense o meio de vida e nas escolhas que foram feitas durante sua vida para não desistir desse objetivo são algumas das tarefas por aqui, para a reflexão desta história de quem transformou o humor em trabalho.

3.1 A casa e a construção do ofício

Indo até o Bairro da Água Fria, conheci a “Toca do Suricate” e este foi o principal cenário dos nossos encontros. Uma casa alugada para morar e trabalhar pelos três criadores do Suricate Seboso: Léo Gambiarra, Dudu Souza e Diego Jovino. O imóvel tinha dois andares, um portão de ferro na frente e uma boa área, com capacidade pra guardar uns três carros. Uma sala pequena, com uma cozinha americana e um

²⁹ Programa Universidade Para Todos, criado no Governo Lula, onde os estudantes podem conseguir bolsas parciais ou integrais para cursarem o nível superior em instituições privadas de Ensino. Em contrapartida, o governo garante vários subsídios a essas organizações.

³⁰ Típico humor cearense, baseado sobretudo em expressões exageradas e no uso da linguagem coloquial regional.

quintal mais estreito nos fundos. Subindo as escadas que partem da sala, há uma pequena sala vazia e suja que dá à esquerda para um quarto (no qual eu nunca entrei) e à direita para o escritório, seguido de uma pequena varanda. Impressionante a desorganização da casa. Comida, poeira, baldes de tinta, dentre outros objetos aparentemente fora do lugar. A casa parece um grande canteiro. O escritório parece ser a parte mais organizada. São três computadores com telas e gabinetes enormes. Nas paredes, alguns quadros do Suricate e outros tantos souvenirs. Além disso, um violão encostado no canto.

Geralmente, eu me sentava em uma cadeira de ferro e o Léo em um galão de tinta. A casa funcionava em sua dinâmica normal em todas as vezes que lá estive e aos poucos fui entendendo que aquela confusão fazia parte do laboratório em que eles moravam. A todo instante entrava e saía gente, alguém passava para fazer alguma refeição, chegava um parente ou um amigo. Era efetivamente um espaço de sociabilidades e para se criar humor. Só fui entender isso com a convivência na casa.

Na primeira vez que fui na Toca, começou a chover forte em Fortaleza. De repente, o Diego Jovino correu sem camisa para o meio da rua com um celular na mão. Em poucos minutos, já havia um meme na [fan page](#) do Suricate Seboso sobre a chuva (ver foto 5 nos Anexos). Cenas como essa eram corriqueiras. O estilo da graça que fazem é justamente voltado para as pequenas histórias do cotidiano e que geram identificação nas pessoas. O *fazer na hora* e o *fazer com tudo* são lemas vivos no trabalho de Léo. Mais que isso, na vida dele.

Também vale destacar a forma como costumávamos conversar. Apesar do foco da narrativa ser voltado para Léo Gambiarra, a casa costumava se envolver nas nossas conversas e isso tornou as elaborações ricas, pois também trato dela e dos seus moradores em alguma medida. Então, era muito comum o Edu chegar com um prato na mão, se sentar no chão e começar a conversar conosco ou o Diego também chegar durante as histórias e acrescentar alguma coisa enquanto varria a casa. O próprio tio Sérgio também participava ativamente, pois sempre estava por lá.

Todos os que estavam presentes em nossas rodas construía as narrativas de forma metafórica e concreta ao mesmo tempo. Pesquisar com Léo era como estar sentado em uma calçada, onde sempre alguém chegava, puxava uma cadeira e entrava no assunto. Ninguém interrompia nunca, pois os fluxos não eram monolines e as

memórias deles se atravessavam de alguma maneira. Era uma interação em conjunto, coletiva e acima de tudo espontânea.

Essa movimentação foi possível pelo experimento de um método não linear de pesquisa. O fluxo das memórias nestes momentos não construíam tecidos narrativos homogêneos. Ao contrário, eram parecidos com os “altos e baixos” encontrados nas interlocuções presentes nas pesquisas de Pais (2001). Relatos que se descontinuavam entre “o antes e o depois”, sem alimentar o que o autor chama de “a ilusão de um todo” (p. 93).

As colocações eram lançadas e facilmente acolhidas por todos, que aproveitavam ainda para colocar suas impressões da história. De um jeito desprezioso, todos a partir de suas características estavam me ajudando a construir esse modelar de ideias e de memórias. Sentados em seus galões de tinta, fizemos muito juntos. Era uma junção de histórias e eles sentiam-se à vontade para colocar suas ideias, lembranças e reflexões. Este foi o espírito desta construção.

Doses de humor são ingredientes que temperam a forma de falar de si. Mesmo nos assuntos mais sérios e que sustentam até um drama da condição vivida, ele não abre mão de buscar algo para rir. “Zumbi” é como se chama ao acordar diariamente por volta das 8h da manhã. Ele se deu esse apelido baseado nas condições em que fica quando acorda e ainda passa cerca de uma hora “olhando pro teto”, pensando na vida.

Assim que consegue se levantar, a primeira coisa que faz é ir direto ao computador. Olhar o Facebook, verificar as notificações, as mensagens e acompanhar um pouco do que acontece no “mundo social” é, segundo ele, tarefa diária para “quem trabalha com internet”. Construir piadas e situações engraçadas exige dele um mapeamento permanente dos assuntos que têm sido comentados e do próprio comportamento das pessoas ao seu redor, pois isso também pode ser matéria-prima para a produção de humor.

Para Léo, é obrigatório fazer esse tipo de acompanhamento. Só por volta das 10h30 é que ele vai atrás da “merenda” e retorna pra tomar café na frente do computador mesmo. O YouTube também é monitorado, para acompanhar o número de inscritos, de acessos, a parte financeira, bem como os e-mails. Depois de ver tudo, é hora de fazer o almoço na casa. Léo é o cozinheiro da turma, “porque todos os dois cozinham um melhor que o outro” ironizando a falta de talento culinário dos amigos e

completa que “ainda tem um porém, porque quem cozinha não lava a louça. E isso é o melhor”, ri.

Depois do almoço, Léo tem o costume de descansar um pouco e em seguida volta a trabalhar. Nas segundas e quartas há gravações. A rotina peculiar lhe dá uma sensação esquisita sobre o seu senso de ocupação. Ele diz:

No resto da semana eu sou meio vagabundo e eu levo a vida. Vagabundo assim, né? Direto na internet, olhando as coisas, editando vídeos, edito muito menos os vídeos do que o que eu era pra fazer. Aí eu fico um pedaço só viçando. E daí quando chega num pedaço na noite, a gente senta, faz uma reunião. Nessa semana agora a gente teve tanta reunião, que eu nunca fui pra tanta reunião na minha vida, aí eu durmo.

Com relação às reuniões supracitadas, elas vão de discussões sobre tarefas domésticas para a manutenção da casa até o planejamento do Suricate Seboso. É onde definem-se as pautas, quais serão as gravações, o que deve ser melhorado e o que precisam estudar para isso. Uma das mudanças mais recentes e que trouxe uma responsabilidade maior para eles foi começar a utilizar das suas redes sociais particulares também como ferramentas de trabalho. Léo acredita que ao se tornar uma “pessoa pública”, as pessoas lhe seguem nas redes por motivos quase sempre relacionados ao seu trabalho e essas redes não eram antes utilizadas sistematicamente para esse tipo de divulgação, e agora são. A tentativa anterior de tentar separar o que era trabalho e o que era vida privada, hoje é considerada por ele uma “tremenda burrice” e Léo comenta: “o Suricate somos nós”. Após essa constatação somada a um estudo dos termos de rendimento e alcance das publicações, decidiram coletivamente mudar a linha de uso das redes e fazer com que o seu “trabalho chegue pra mais pessoas”. É o engajamento da vida privada para a vida pública, ampliando o alcance de seu trabalho e reconhecendo que as coisas não são tão separadas assim quanto parecem.

A gerência do tempo é feita pelo próprio Léo. Há uma sensação permanente de estar sempre fazendo tudo e nada ao mesmo tempo, conforme relata. É como se o trabalho que ele desempenha estivesse entre essas duas coisas. Mesmo valorizando a percepção de liberdade, Léo considera-se “vagabundo” por em parte da semana não ter compromissos fixos rígidos, embora quando descreva a ocupação do seu cotidiano ele esteja sempre citando tarefas. “Ficar no computador” não é uma atividade ociosa, mas faz parte da forma de trabalho que o Suricate imprimiu.

O estar *só viçando*³¹, que coloca para ilustrar o fato de trabalhar navegando na internet e pesquisando conteúdos de humor nas redes sociais, ou mesmo “assuntos aleatórios do momento” para fazer piada com isso, é encarado, às vezes até por ele mesmo, como uma espécie de não trabalho. Um trabalho que não parece ser trabalho, sobretudo pelas regras de funcionamento, de exigência e pelo processo criativo em si, que é baseado na irreverência como lida com os eventos costumeiros do dia-a-dia. Léo acredita ser preciso estar com o olhar aguçado para o que está ocorrendo ao redor, mas com a leveza de quem está apenas vivendo.

Estar sempre procurando informação e observando as redes sociais são práticas comuns. Qualquer “coisa engraçada”, postagem ou piada pode se tornar matéria-prima. O que se vê pela internet não funciona como simples entretenimento, mas há um tipo de avaliação do conteúdo. Inclusive, eles dizem acompanhar o trabalho de outros YouTubers tanto pela admiração, como para saber o que os outros estão produzindo. “Você não faz uma coisa só por acaso”, da edição à dinâmica da produção da piada há sempre algo a se influenciar, pois “tudo meio que se confunde”. Isso faz com que não haja um período reservado para “folga”. Léo conta que já tentou definir horários na sua vida, mas constata que isso é praticamente impossível, pois, se acontece algo engraçado ou importante, deve obrigatoriamente virar conteúdo. “Isso é trabalho!”.

Esta última afirmação mais enfática surge justamente quando ele, ao recontar o seu dia, se depara com a reflexão de que invariavelmente está trabalhando, mesmo que se sinta numa diversão ou num lazer. A forma do trabalho pode ser e é diferente do que temos no imaginário constituído a partir de uma relação empregado/patrão, mas o fato de estar sempre ocupado, produzindo conteúdo e tirar o sustento que lhe mantém a partir dessas atividades são garantias de que o que ele faz é, sem dúvidas, trabalhar. O fato de fazer aquilo com prazer é um bônus que ele mesmo perseguiu. É a ideia de um trabalho permanente, sem jaleco, monitoria, ponto ou tempo cronometrado ou pelo menos não explicitamente.

³¹ Nesse contexto, a expressão soa como o ato de não levar o tempo tão a sério ou com tanta pressão. Estar só viçando tem um ar de fazer algo despreziosamente, na brincadeira e/ou sem rigor.

3.2 Da brincadeira ao profissionalismo

Antes, Léo e Edu, principalmente, faziam e pensavam conteúdo para internet como algo “só na brincadeira”. Diego tinha uma visão diferenciada a respeito, inclusive encarando tudo como trabalho. Agora a intenção, segundo ele, era brincar e trabalhar ao mesmo tempo, sem necessariamente entender as duas coisas como opostas. A ideia sólida sobre profissionalismo neste segmento, portanto, era recente para o trio. O ponto crucial da questão, como Léo conta, é ser possível trabalhar e se divertir simultaneamente, sem perder a essência fundadora do coletivo que possuem: a brincadeira. Brincar e trabalhar, portanto, não aparecem em sua narrativa como algo inconciliável.

Léo conta que não entrou consciente do que estava fazendo, mas foi “empurrado por força dos acontecimentos”, sem perspectivas inclusive de ganhar dinheiro ou viver da produção de conteúdos para internet. Essa “força” que o introduziu no meio, foi basicamente a necessidade de uma pessoa para editar os vídeos do canal. Essa foi sua tarefa no início.

Interessante pensar como as necessidades materiais por vezes acabam orientando ou desviando o fluxo da trajetória de um indivíduo. As histórias, nesse ponto, são bastante influenciadas por variáveis como o acaso, as experiências, os desejos e as necessidades concretas e materiais. O meio de vida parece elaborar-se nesse miolo. Mesmo com a aparente oposição entre brincadeira e trabalho, foi brincando que se modelou aquilo que se tornou profissão.

Processualmente, Léo foi galgando posições diferentes no Suricate Seboso, mesclando as variáveis comentadas acima. De início, sua contribuição – justamente por suas habilidades conhecidas até então – se deu a partir de um perfil mais técnico:

Aí depois eu não sabia filmar direito e eu fui aprender a filmar. Aí a câmera era emprestada. Aí depois compramos uma câmera. Aí eu fui estudar as coisas da câmera, qual era o melhor microfone, aí você acaba se especializando, né? Você acaba adquirindo conhecimento de várias coisas pra poder fazer algo de qualidade. Você tem que estudar sobre luz, sobre som, estudar sobre imagem, sobre edição e aí eu meio que fui [...] E eu nem sou o melhor de tudo, não sou o melhor câmera do mundo, nem sou o mais nada do mundo, mas eu sei um pouquinho de tudo, porque a gente precisa.

Saber e fazer estão conectados pela noção da prática. Aqui, é fazendo que se aprende. Algo que se assemelha muito à narrativa anterior, de Rafa Hiru, em que ela

também aprendeu muito com o processo prático e com a necessidade de ter que se virar, como foi no caso da criação dos cupcakes. O aprendizado principal nesta carreira que Léo escolheu está nas experiências que se fazem com as próprias ferramentas de trabalho. O estudo, inclusive, citado por ele, é fornecido pelas próprias plataformas virtuais em que os conteúdos são postados. Portanto, é um circuito que se retroalimenta, criando produtores de conteúdo independentes e autônomos, capazes de alimentar estas plataformas com mais qualidade e, porque não dizer, velocidade.

Trabalhar com o YouTube é, para ele, estar disposto a ser diretor, roteirista, ator, criador de conteúdo, iluminador, câmera, editor, e ter “que saber de tudo”, finaliza. Tudo isso pode ser aprendido no próprio YouTube, com os tutoriais que eles oferecem e formam os seus YouTubers. Léo se formou basicamente por essa vida e diz que aprendeu a falar com o público, como utilizar a câmera, como se portar nos vídeos, dentre tantas outras coisas que lhe deram ferramentas para chegar até a parte de atuação propriamente dita. Além disso, tem várias sugestões de como se ter maior alcance nas suas publicações e outras tantas para aprimorar o canal. O YouTube é o seu próprio espaço para criação e formação.

Léo considera que o talento e a personalidade que seu coletivo possui não podem ser ensinados objetivamente em cursos, ele acredita que essas virtudes são um “estilo” e compara a um drible de um bom jogador de futebol, que irrita somente aqueles que não sabem driblar e, certamente, fariam se soubessem. No início do Suricate Seboso, não via essa liga e nem uma proposta definida, tanto que os primeiros materiais, para ele, eram “sem pé e nem cabeça”. A qualidade na edição e na produção começaram a melhorar e, de um modo geral, o conteúdo também, até chegar em um padrão.

Por mais que considerasse que sempre teve o talento e essa capacidade de “driblar” no que faz, foi preciso aperfeiçoar suas habilidades para a produção dos vídeos e muitas foram feitas, como demonstrei anteriormente, pelas próprias capacitações do YouTube. Sua ideia era de que o trabalho que desempenhava pudesse chegar com a maior qualidade possível e alcançando ainda mais pessoas. O humor das ruas, consolidado pelo estilo da gaiatice cearense, precisava, segundo ele, ser burilado e ganhar ares profissionalizados para chegar mais longe.

Os resultados em termos de alcance com todas as modificações de mentalidade foram, para ele, impressionantes. Decidir fazer dessa vida uma profissão garantiu essa mudança. Apesar de contar que fica feliz com o crescimento do canal no YouTube, que hoje tem pouco mais de 750 mil inscritos, ainda acha que o Suricate tem um potencial para crescer, tirando por base o Facebook, que alcança mais de 20 milhões de pessoas por semana (mais de seis milhões de pessoas curtiram esta página). Criterioso com o futuro e sem perder a satisfação com o que já foi conquistado, Léo fala com orgulho da identificação das pessoas com o canal e com o seu conteúdo:

[...] fica assim um sentimento de que ou tem muito cearense no mundo (riso) ou as pessoas vivem coisas muito parecidas. E é um negócio muito tênue, porque o cara pode até não falar do mesmo jeito que tu, mas ele se identifica com a parada. Ele pode até não ter vivido, mas ele conhece alguém que é do Ceará, conhece alguém que fala daquele jeito. “Macho, eu vi um negócio desse daí na rua”. Tem gente que acompanha e num entende e diz “cara, eu nunca ouvi essa palavra na minha vida. Me explica aí. Ri, mas não entendi”. O cara pode gostar pela palavra. Tipo assim, “pilôra”. “Que diabo é pilôra? Pelo amor de Deus alguém me explica. Estou morrendo de rir, mas não sei o que é pilôra³²! (Risos)

Esse humor reconhecido pela acentuação da identidade regional é do mesmo tipo encontrado nas ruas da cidade de Fortaleza ou pelo interior do estado do Ceará, como comenta Léo. Um tipo de riso extraído das dificuldades, mas não apenas exercido na caricatura do sofrimento. O cearense é gaiato pelo jeito de ser, de viver e de fazer piada com todas as situações que lhe ocorrem, brinca.

Ter noção do que se faz e do que se pode alcançar fazendo é algo que os integrantes do Suricate Seboso possuem a partir da percepção deste potencial e desta identificação com o público. A confiança na marca que ganhou o Facebook fez com que eles tivessem convicção de que dariam certo também no YouTube e isso dependeria, segundo Léo, bastante do nível de profissionalismo que eles estivessem dispostos a dar para o canal.

Para tanto, seria, conforme explica, necessário melhorar constantemente, entendendo inclusive o ritmo que a internet imprime para suas vidas. Aprender a fazer fazendo e se especializar no meio do processo é algo que não permite parar para pensar muito. Léo compara isso a “trocar o pneu do carro com o carro em movimento” e diz que “não dá pra esperar”.

³² Pilôra é um tipo de vertigem. Ter uma pilôra é como “passar mal”.

[...] quando você tá na onda, já foi, chapa! Não dá mais pra voltar não! Se você já está no meio da onda ali ou você morre afogado ou você vai por cima da onda e vai aprender a nadar em cima da onda ou sei lá o que você vai fazer lá em cima da onda, mas você vai na onda. Não dá mais pra parar. Parou, morreu.

Esse processo que Léo e seus companheiros do Suricate Seboso dizem passar é o que Almeida e Pais (2012) chamam de “profissionalização da criatividade”. Há, segundo ele, uma compreensão de se aceitar o seu talento, decidir dividi-lo com as pessoas na internet e nas redes sociais, tornando-se profissionais do ramo. Essa é uma das “histórias que se repetem”, as quais os autores comentam.

Com o crescimento considerável no número de usuários na internet, esse tipo de trabalho acabou se tornando uma verdadeira “vitrine de talentos” e o Suricate Seboso tem entrado nessa linha. Não à toa surge a ideia de se viver disso e de tornar essas ações até então desprezíveis em trabalho.

A julgar pela quantidade de casos como esses, é possível afirmar que a internet se transformou numa gigantesca vitrine de talento na qual é fácil expor. Não tem custos diretos (o que é bastante interessante para o público jovem) e pode fazer com que muitos consigam se destacar e criar para si uma inserção profissional que passa ao largo daquela tradicional, resultante de um processo de educação formal.

Pode-se também afirmar que tal forma de inserção no mercado profissional se configura como um novo fenômeno, que aqueles de nós que se dedicam a estudar o cotidiano e a cultura jovens necessitam compreender [...] (ALMEIDA; PAIS, 2012, p. 114-115).

Saber que se está nesse mercado e que essa vitrine está cada vez mais disputada é a força que exige de Léo e seus companheiros que troquem o pneu com o carro em movimento. É preciso evoluir no som, na imagem, no cenário, na adequação das piadas, nas trilhas sonoras, sempre tornando a irreverência posta em seu talento como algo mais palatável e acessível. A ideia de crescimento de seguidores, inscritos e curtidas deve ser permanente neste meio, principalmente se você o encarar como um negócio. Como eles decidiram viver disso, então estar sempre alcançando mais pessoas com os seus conteúdos deve ser a regra.

A economia mundial tem sido diretamente afetada por esse aumento da chamada “economia criativa”. Hoje, a produção de conteúdos e informações funciona na prática como qualquer processo de produção de mercadorias. Desse modo, há uma “mercadorização da informação”, analisada por Olf (2009), que age nesse segmento promovendo movimentos complexos de transformação e permanentemente gerando

riquezas. As possibilidades de promover conexões entre pessoas do mundo inteiro e a criatividade, sobretudo das juventudes que lideram esse mercado, tem sido uma mistura fundamental.

Há, portanto, todo um contexto socioeconômico que se beneficia desses processos envolvendo tecnologia e criatividade. Nicolaci-da-Costa (2012) destaca a importância dessa chamada “economia criativa”, principalmente no século XXI. Outros autores como Venturelli (2010) e Hartley (2005) destacam esse novo cenário que coloca a propriedade intelectual e a capacidade de produzir novas ideias como algo tão importante quanto o próprio dinheiro, constituindo desse modo um tipo específico de capital e que pode ser fortemente comercializável.

Ferramentas como o YouTube, que forma os usuários em si própria e oferecem a liberdade para a criação de conteúdos, seguem essa linha de dar “novos poderes” aos que alimentam esta plataforma. Nicolaci-da-Costa (2012, p. 122) destaca que essa é uma tendência que só cresce desde o surgimento da chamada Web 2.0³³, que foi justamente a mudança de concepção com relação ao que se podia fazer na internet, colocando os usuários em uma condição ativa de produção, não apenas como receptores de informações.

Assim como Léo, Diego e Edu inúmeros jovens estão ocupando o YouTube e outras tantas plataformas virtuais para tentar expor os seus talentos, bem como tentando capitalizar de alguma forma a partir do que acreditam saber fazer. No caso do Suricate Seboso, há um produto que cada vez se torna mais claro: o humor cearense voltado para a construção de piadas a partir da observação do cotidiano. É com esse foco que eles tentam a cada dia se mostrar mais fortes nessa vitrine tão disputada da internet.

Apesar do aquecimento macroestrutural neste mercado, Léo já pensou em parar, principalmente pela questão financeira do início, onde a instabilidade era ainda maior. “Eu deixei de trabalhar pra ganhar mil e oitocentos reais de Segurança com carteira assinada e tudo mais pra viver numa insegurança”, fala rindo da ironia com o trocadilho criado ocasionalmente na frase que fala de si próprio. No Suricate, em alguns meses entrava dinheiro, mas em outros não. Importante ressaltar que o YouTube, basicamente, paga de acordo com a quantidade de acessos.

³³ Ver mais em O’Reilly (2005).

Analisando suas narrativas, Léo vive à deriva, sem ter uma certeza do quanto o seu trabalho renderá em uma semana ou em outra. Isso acaba, segundo ele, sendo complicado em qualquer orçamento doméstico. Léo destaca que, em alguns meses, aluguel e alimentação ficavam sob risco de não serem pagos, bem como em outros eles conseguiam até comprar equipamentos novos para melhorar o serviço que oferecem. Tudo incerto e com variações até então difíceis de prever. Essa relação complexa com o trabalho evidencia que, assim como na narrativa de Rafa, a criatividade, o trabalho criativo e prazeroso não estão separados do trabalho desgastante, exigente e que os pressiona de alguma forma.

Os pagamentos são feitos pela empresa Google, no caso do YouTube, que fatura principalmente com o leilão de anúncios para os vídeos. Há uma conta complexa que envolve número de visualizações, com a quantidade de cliques nos anúncios, somados até ao tempo em que cada pessoa vê o anúncio na publicação. Quanto mais interação entre o público e a propaganda, maior o retorno para o criador de conteúdo. A respeito dos anúncios avulsos de empresas que procuram diretamente os canais, quem decide aceitar ou não as propostas é o proprietário do canal.

O Suricate, ele ganha mais dinheiro de anúncios. Tem marcas tipo Coca-Cola, Trident, P&G que já anunciaram no Suricate. Geralmente isso é na página do [Facebook](#). Tem a logo da empresa na tirinha e na descrição tem também. Tipo, a gente tá fazendo agora do Basquete Cearense, que tem tudo a ver... o Basquete Cearense, o que é que tem a ver? Mexer com basquete numa terra que só tem futebol e é Ceará e Fortaleza, é o que domina, o pessoal só fala disso, então é meio complicado. Você tem que tentar agradar o público e o anunciante, né? Você tem que fazer os dois. Às vezes a gente consegue. Ultimamente a gente tem até conseguido.

Atrair novos anunciantes pela força da marca do Suricate Seboso e fidelizar os seguidores da personagem aos produtos atrelados a ele são alguns dos desafios apontados por Léo neste caminho. Para que o trabalho com a internet seja o trabalho de sua vida é preciso que ele dê certo financeiramente também. Como tudo está sobre os seus ombros e os de seus amigos, é a partir deles que deve partir essa busca pela melhoria dos resultados e pelo convencimento dos outros sobre a viabilidade do negócio.

Justamente esse controle total do processo, não tendo padrão, nem horários definidos e avaliando vantagens e desvantagens nas negociações em que se envolvem, é considerada por ele uma tarefa complicada. Como Léo já teve várias experiências de

trabalho com “patrões convencionais”, acaba percebendo problemas em ambas as situações. A dubiedade em ser positivo ou negativo é uma constante. “Fazer seu tempo” é habitualmente considerado por ele como vantajoso, inclusive porque o ritmo que consegue impor pode implicar em concluir as tarefas mais cedo; entretanto, a dinâmica do próprio tipo de trabalho faz com que Léo também se sinta um “escravo do tempo”, inclusive relatando passar algumas madrugadas editando vídeos quando é necessário.

Léo percebe, ao se (re)contar nas narrativas, que achar ter o controle sobre o tempo pode ser uma forma de ser controlado por ele. Afinal de contas, grandes corporações como a Google e todas as patrocinadoras da plataforma do YouTube estão, de um jeito ou de outro, demandando produção de conteúdo. A autoconstrução a partir da ideia de que está sempre em alguma medida elaborando a piada para internet está em uma linha muito sensível entre o desejo e o trabalho. Esse fio parece tenso, embora prazeroso em alguma medida para ele, principalmente por se sentir vocacionado.

3.4 As origens e a transformação do Suricate Seboso

É árdua a missão de resgatar a história de algo, principalmente sem cair em uma impressão instantânea de que os fatos do passado implicam em uma relação imediata de causa e efeito com o presente e o futuro. Não se trata de pensar a trajetória como essa sequência de eventos que desembocam em outros tantos, mas de refletir a partir da própria narração, assimilando sobre o que foi dito – e foi dito por algum motivo – e entendendo essa historicidade como elementos constituintes da vida.

Feita essa ressalva, começo pelo ano de 2005 quando Léo e alguns amigos do bairro compunham um grupo chamado CAJE (Clube de Anime Japonês), formando também uma comunidade no Orkut com o mesmo nome. Diego não gostava muito de redes sociais na época, mas era o único que tinha mais acesso à internet, então sempre ajudava. O CAJE funcionava como um coletivo presencial, onde as pessoas se reuniam e pagavam uma taxa mensal de três reais, utilizados para a manutenção, a compra de DVDs de animes³⁴, de jogos de RPG³⁵ e outros itens relacionadas à cultura pop

³⁴ São os desenhos animados japoneses.

³⁵ Sigla que vem do inglês Role-Playing Game e que consiste basicamente em jogos em que as pessoas simulam realidades imaginárias, criando personagens e narrativas de modo participativo e colaborativo.

japonesa. Assim surgiu o seu primeiro contato com a geração de conteúdos para a internet.

As reuniões aconteciam na sede do MCP³⁶, sempre nas manhãs de domingo. Era uma forma de movimentar a comunidade de alguma maneira pra falar sério e também pra se divertir. Na Escola do Jucá, onde Léo estudou, começou-se a utilizar a comunidade do colégio no Orkut como ferramenta de debate para “assunto sério” e isso ajudou a consolidar o grupo como uma referência nos debates importantes para os alunos. Esta seria mais uma entrada na internet, mesmo tendo poucas possibilidades de acesso, restringindo-se ao uso de lan house caso quisesse publicar algo.

Difícilmente a constituição de hábitos e interesses são mobilizados por grandes eventos ou por meio de uma tomada de decisões baseadas em uma grande reflexão. No caso de Léo, alguns contatos pontuais que teve nessa fase da vida ajudaram a construir caminhos específicos que o aproximassem da internet em alguma medida.

Embora o acesso virtual fosse limitado, ele tinha um computador em sua casa. O equipamento pertencia ao seu tio Sérgio e era “daqueles antigões, que ele comprou aos trancos e barrancos” com o objetivo de produzir documentos para o MCP. Léo brinca que até para jogar Paciência³⁷ o computador era lento, mas que essa proximidade com o objeto foi interessante para lhe formar.

Ter a familiaridade, em alguma medida, com o uso de um computador, mesmo que para brincar ou fazer simples digitação, foi, para Léo, elementar na mudança das experiências que teve em sua adolescência. Era um campo de possibilidades a serem explorados por ele que praticamente todos os seus amigos não possuíam na época.

A internet veio com o tempo e o envolvimento dele com as redes acompanhou esse processo. Léo costuma dizer que “a internet é uma segunda rua” e exatamente por isso “tem tudo pra oferecer”, independente do horário que você acesse. Esses muitos possíveis promovidos pelos contatos de Léo com a internet eram encantadores e faziam com o que garoto quisesse cada vez mais desbravar essas ruas. Ele pegou gosto com o movimento de produção de conteúdo na escola, chegando até a criar um web jornal.

³⁶ Movimento dos Conselhos Populares. Organização em que o seu tio Sérgio fazia parte naquela época.

³⁷ Tradicional jogo de cartas, que possui uma versão para computador.

Com mais propriedade nesse universo, aos poucos as primeiras experiências que fundiram o estilo de vida de Léo e seus amigos com a internet foram acontecendo. Habitualmente, o lazer de boa parte das juventudes do bairro era ir ao mangue. Também pela falta de acesso a outros equipamentos de lazer, a ligação com o mangue, segundo ele, era “muito forte”. Em 2009, Diego era funcionário de uma rede cearense de farmácias e tinha uma câmera digital de baixa qualidade, mas que sempre usava para tirar fotografias dos amigos. Em um desses passeios ao mangue surgiu, numa brincadeira, a ideia de criar a “Tribo dos Antapoploides”. O nome não tem um significado real, sendo utilizado mais pela graça que o som da pronúncia da palavra produzia.

A garotada tinha o hábito de se pintar de lama e simular que era uma tribo que protegia o mangue. Criaram um idioma fictício e o Diego, que filmava, era o narrador das histórias que eles interpretavam na mesma hora indo ao encontro do que a narração demandava. A “marmota”³⁸, criada espontaneamente e sem um roteiro pré-definido, foi, segundo ele, gravada em vídeo, editada da maneira mais precária possível e publicada na internet. O conteúdo de pouco mais de um minuto foi para o Orkut³⁹ e o YouTube, tendo cerca de cem acessos no primeiro dia.

A reação foi a de espanto: “caralho, meu irmão, cem pessoas viram a gente... que massa! Vamos fazer o dois!”. Então, começaram a desenvolver um segundo vídeo, introduzindo personagens como o Ploplebissauro Rex. “A tribo cresceu”, fala com um sorriso estampado no rosto. O vídeo tinha como mote a defesa do mangue feita pelos Antapoploides, pois este estava sendo destruído. Com a trilha sonora que ia “do Nirvana ao Babau do Pandeiro”, o segundo vídeo teve mais de cento e cinquenta acessos. A falta de roteiro e a edição “tosca” não apenas eram ingredientes que ressaltavam a espontaneidade e a precariedade da produção, como viraram marca registrada que anotava o diferencial daqueles vídeos. A empolgação foi tamanha que gravaram até especial de Natal.

³⁸ É a expressão concreta da gaiatice. A marmota ou o mungango é a brincadeira, a tiração de sarro, a experimentação da piada. O sujeito marmotoso é aquele que busca fazer rir.

³⁹ Rede social de propriedade da rede Google, mas que, desde 2014, foi extinta. O Orkut era característico pela organização de seus usuários em torno de comunidades de interesses específicos. No caso de Léo e seus parceiros, eles gerenciavam comunidades relacionadas aos animes.

Os ideais da tribo, que pregava o igualitarismo e a defesa ambiental, chegaram a ser discutidos na UFC (Universidade Federal do Ceará) em algumas aulas, conforme relatos de amigos do Léo. Os Antapoploides chegaram ao fim, mas o espírito de criar conteúdo e publicar na internet nunca mais foi embora. Mesmo com o Diego trabalhando em uma farmácia e o Léo estudando e trabalhando na Lan House do bairro, era importante para eles permanecerem na peleja de continuar.

A vontade de não perder o mote daquela experiência foi maior que qualquer coisa, como conta Léo. Eles queriam experimentar mais elementos do humor que possuíam, acrescentando mais camadas para melhorar suas produções. Com isso, começaram a dialogar com outros coletivos juvenis da cidade, levando o símbolo do CAJE, que estava presente em tudo que era produzido.

Nesse meio termo, o grupo do bairro se desligou do MCP e Léo foi trabalhar em uma banca de revistas da localidade. Lá, fazia gravação de DVD, de CD, colocava músicas nos pendrives dos clientes, vendia bombom, cigarros, dentre outras coisas “pra sobreviver”. O forte da banca era a gravação de DVDs com animes baixados da internet, o que a popularizou o lugar como a “Banca do Anime”. Conta que fizeram um símbolo para a marca, sendo a primeira logomarca uma sátira à pirataria, já inserindo mais doses de humor no que eles faziam desde aquela época. Era a criatividade fluindo em situações de necessidade. A criação da graça até nas situações de trabalho e também de ilegalidade.

Léo se diverte lembrando das baixíssimas velocidades de conexão disponíveis na banca para fazer os downloads dos conteúdos comercializados. Além disso, o serviço era caro para os seus padrões. Diego era um dos que se insatisfazia com aquilo e não gostava da ideia de viver desse tipo de atividade. Porém, Léo não se deixou desistir da história e a partir dessa insistência criaram uma comunidade no Orkut chamada “Banca do Anime”. O resultado dessa tentativa foi que a comunidade chegou a ter mais de duzentos mil membros, o que era, em sua visão, uma quantidade exorbitante naquele tempo.

Se os primeiros vídeos com os Antapoploides já causavam muita surpresa por alcançar mais de cem pessoas, agora o alcance da Banca do Anime era algo fora da imaginação, conta Léo. Conseguir se comunicar com tantas pessoas apenas pelo estilo

de seus conteúdos trazia-lhe uma sensação indescritível. A inserção virtual de Léo já fazia sucesso bem antes da internet se popularizar no Brasil.

Léo conta que a intenção desde o início era de discutir qualquer tema com humor. “Tirar onda” e fazer a “putaria” é como Léo se lembra da brincadeira de usar elementos “toscos” para entreter as pessoas. Um dos quadros mais conhecidos da época foi o Big Banca Brasil, em alusão ao Big Brother Brasil⁴⁰, onde personagens aleatórios da TV como Psyduck⁴¹, Tiririca⁴², dentre outros viviam em uma casa e tinham eliminações semanais. Esses quadros eram criados integralmente e exclusivamente por Léo, Diego e Edu.

Com a queda drástica do Orkut, o Facebook dá uma guinada no Brasil e a migração de uma rede social para a outra foi ampla. Em 2011, decidiram fazer o mesmo movimento. Diego criou uma conta no Facebook, na época com capacidade limite para cinco mil amigos, que já superava o Orkut, que permitia apenas mil. O YouTube ainda era um lugar pouco habitado, inclusive pelas limitações que o Brasil possuía com relação à internet, no tocante a preços, velocidade, uso incipiente da telefonia móvel e acessibilidade de um modo geral. Alguns dos principais YouTubers do início da plataforma no Brasil eram PC Siqueira e o Felipe Neto, que sobrevivem de seus vídeos até hoje. O espaço não era ainda forte em termos da criação de conteúdo, sendo mais utilizado pelas pessoas para ouvir músicas. O foco então, segundo ele, era fazer com que a Banca crescesse por meio do Facebook.

Naquela época, tanto Diego como Léo tinham atividades profissionais em paralelo à Banca do Anime. O Diego trabalhava em uma franquia de fast food e o Léo fazia montagem e manutenção de computadores, mas sem salário fixo, ganhando apenas comissão nos serviços que realizasse.

Mesmo trabalhando, tinham a preocupação de minimamente fazer uma postagem ou outra na plataforma virtual. Era preciso tentar ganhar algum dinheiro com o tempo utilizado na internet e uma das tentativas que fizeram foi a de confeccionar

⁴⁰ Reality Show criado por uma produtora holandesa e que já está na sua décima sétima edição no Brasil, onde é exibido pela TV Globo.

⁴¹ Personagem do anime Pokémon. Trata-se, basicamente, de um pato que tem poderes psíquicos, a partir de suas fortes dores de cabeça.

⁴² Famoso palhaço cearense, que ficou muito conhecido na televisão brasileiro e, atualmente, é Deputado Federal pelo PP/SP.

camisas com as personagens que o seu público gostava e enviar para todo o Brasil pelos Correios. Para ele, esse exercício foi trabalhoso, mas gerou bons resultados, o que fez os meninos perceberem a possibilidade de sobreviver financeiramente com a produção de conteúdos de humor.

Quando o Diego pediu demissão do atual emprego resolveu “fazer valendo” com a internet e começou a implementar uma política de fazer uma postagem a cada dez minutos, das 9h às 19h, contando com as replicações de conteúdo de outras páginas. Com esse aumento na produtividade, a página chegou ao número de quatrocentas mil pessoas, se tornando a fanpage de animes mais influente da América Latina. Chegaram a participar de eventos de grande porte como o Anime Friends⁴³ em São Paulo. A dedicação exclusiva de um dos integrantes gerou resultados rápidos e aumentou substancialmente a repercussão que a página poderia gerar. Fato bem similar ao que aconteceu com Rafa quando conseguiu dedicar-se exclusivamente aos cupcakes.

Entretanto, devido à repetição de assunto e ao excesso de postagens, com o tempo veio o efeito inverso e a página começou a perder o alcance. Nesse momento, o Diego percebeu ser importante diversificar a intervenção virtual. Até que encontrou uma página paraibana chamada “Esquilo Lombroso” e achou genial a forma como era feita, principalmente pela simplicidade. Ele tentou ser administrador da página e ajudar o proprietário a fazer conteúdo pra ela, mas recebeu uma negativa. Então, resolveram criar uma personagem que se somaria ao Esquilo Lombroso, o Calango Mancoso e o Bode Gaiato⁴⁴ - que foi o último de todos – como páginas de humor do Facebook que utilizavam das regionalidades para divertir as pessoas com questões do dia-a-dia. Foi aí que nasceu o Suricate Seboso.

Léo diz que, até hoje, uma das questões mais curiosas é “por quê um Suricate?”, já que não é um animal que tenha absolutamente nenhuma identificação com o estado do Ceará. Eles tentaram vários animais como o jumento ou a tijubina, mas nada “vingou”. Não se sabe ao certo como decidiram pelo Suricate, mas Diego achou o animal super “marmotoso” e combinou muito com os “mungangos” propostos nas

⁴³ Trata-se de um dos principais eventos de cultura popular japonesa, realizada anualmente em São Paulo. O enfoque principal é na exposição de animes e mangás. Em média, o evento recebe cerca de 120 mil pessoas por edição.

⁴⁴ Estas três páginas permanecem ativas no Facebook, contudo apenas o Bode Gaiato permanece postando novos conteúdos nesta rede social.

ideias. Segundo conta, na primeira imagem do Suricate já houve mais de mil compartilhamentos.

Começaram utilizando o Suricate para “frescar com a galera do bairro” e isso rendeu para eles a primeira matéria no Jornal O Povo⁴⁵, justamente para comentar esse sucesso instantâneo que despontava na internet. Com cerca de dez imagens postadas por dia, apostavam na potência que a personagem teria. Para Léo, o Suricate possuía ingredientes suficientes para essa aposta de vida que fizeram. Era o momento de confiar na força das características da personagem e na criatividade que eles possuíam e, acima de tudo, confiar na honestidade dos seus trabalhos que tinham como principal função rir e fazer rir.

Sérgio considera que esse estilo nunca foi ensinado, porque “ninguém ensina um passarinho a voar”. O tio vê a genialidade nos três garotos e incentiva sempre que eles saibam o que fazer com isso. Seu orgulho é enorme pela página hoje ter um alcance maior que os dois grandes jornais do estado (O Povo e Diário do Nordeste), mesmo, segundo ele, estes tendo um grupo consolidado de publicitários e marketeiros. O espírito do Suricate começou a pegar e o conteúdo foi viralizando.

Logo após a matéria no jornal, o Suricate já era um tipo de fenômeno, com dez mil likes em sua página. Em seguida, teve a primeira aparição dos três na televisão, no programa da Babalu⁴⁶ exibido pela TV Jangadeiro, emissora local afiliada ao SBT em Fortaleza. Diego tinha muita timidez, mas funcionou. Nesse dia, Léo se lembra com muita graça, pois a apresentadora do programa perguntou se o Suricate havia sido inspirado na sua própria aparência e ri ao recordar.

Até como forma de repercutir as aparições na TV, Edu assumiu o Twitter⁴⁷ do Suricate Seboso. Com o uso desta ferramenta, o negócio foi tomando novas formas, consolidando o produto em mídias diferentes e alcançando mais pessoas ainda. Ainda no primeiro mês da personagem, Diego já foi procurado por uma produtora local que propôs a criação de um canal no YouTube.

⁴⁵ Veículo de comunicação de Fortaleza de propriedade da Fundação Demócrito Rocha. O grupo O Povo de comunicação conta também com emissora de televisão e de rádio.

⁴⁶ Um comediante local, conhecido por suas personagens em que ele se veste de mulher.

⁴⁷ Rede social de seguidores baseada no compartilhamento de links e mensagens curtas.

A ideia era interessante para eles, mas Léo conta que o produtor queria influenciar demais no conteúdo e, segundo ele, isso “desvirtuou completamente a linguagem”, mais parecido com um tipo de “humor engarrafado”. Referindo-se à produção de humor mais ligada a uma escala industrial e genérica, os meninos do Suricate Seboso tem essa preocupação permanente em não permitir a pasteurização do que fazem. Como o produtor não queria abrir mão das suas intervenções, eles resolveram abandonar o negócio e o primeiro canal do YouTube foi deletado.

Mesmo com a experiência negativa, a decisão trouxe a linha para o trio de que era preciso voltar ao YouTube e construir um canal. Assim o fizeram e o primeiro vídeo deles já começou com 400 mil acessos, viralizando imediatamente. Com a ideia de valorizar e profissionalizar o canal do YouTube, Léo assumiu a parte da edição e o Edu ficou destacado como alguém a “apresentar o canal”.

Uma das primeiras atividades organizadas pelo canal foi um Harlem Shake⁴⁸ na Ponte Metálica⁴⁹. Este evento contou com a participação de mais de 300 pessoas, chegando a fechar a rua ao passo que mais pessoas iam se somando à brincadeira. O segundo vídeo, que detalhava essa experiência, teve mais 150 mil acessos.

Ao demonstrar novamente a força na internet, agora pelo YouTube, começaram a surgir algumas propostas de anunciantes. A primeira foi uma empresa de confecção, que os ensinou inclusive como fazer esse tipo de negociação. Depois veio uma loja de óculos, que gerou outdoors e anúncios no rádio e na TV numa grande campanha para o Dia dos Namorados, alcançando um recorde de vendas na empresa. A consequência deste sucesso foi emplacar mais três campanhas consecutivas.

Outro vídeo decisivo para a confirmação do canal foi a sátira ao “Rei do Camarote” com o vídeo “O Rei das Pirangagens⁵⁰”. Aqui, Léo já assumia posição de destaque no processo criativo e não apenas mais se limitando à técnica, pensando no

⁴⁸ Uma manifestação lúdica que ficou popular na internet. Basicamente, as pessoas se reúnem em locais públicos para dançar.

⁴⁹ Importante ponto turístico da cidade de Fortaleza, localizada em sua orla marítima, também conhecida como Ponte dos Ingleses.

⁵⁰ A pirangagem, nesse contexto, é a malandragem ou o jeito de lidar com as coisas com astúcia. Também informa sobre toda uma estética associada ao estereótipo do jovem de periferia em Fortaleza, que é chamado de “pirangueiro”.

roteiro e dirigindo a filmagem. D'az Gata⁵¹ foi o personagem interpretado pelo Edu, que virou um grande sucesso na internet, basicamente resgatando de modo caricato como os jovens das periferias de Fortaleza falam.

Complementaridade é uma palavra que ajuda a explicar a relação orgânica entre os três. Suas personalidades confluem neste sentido. Essa leitura é do próprio tio Sérgio, que vê, por exemplo, o Diego como alguém mais “depressivo”, calado, que sabe ouvir os outros e que sabe ser legal e engraçado, despertando o carisma das pessoas. O Edu já tem um perfil com uma autoestima mais elevada, tornando-o mais “bichão”⁵², o que lhe dá confiança para aparecer e expor sua imagem. Por sua vez, o Léo já parece ser mais velho do que a sua idade, por ser muito legal, mas também muito “chato” e mais sério. Para o Sérgio, essas características combinam bem e gera uma “estranha harmonia”. Além disso, o trio foi criado pelas avós, vindas do interior do Ceará, em favelas de Fortaleza, e esse é mais um elo entre eles.

Segundo Léo, esse atravessamento geracional proporciona, por exemplo, que eles consigam ter um vocabulário mais próximo ao “arcaico” do Ceará, falando inclusive uma linguagem que as outras pessoas da mesma idade que eles não entendem. Expressões como “cocorote”, “intimar” e “murrinha” não são do linguajar dos jovens de hoje. “Eles sintetizaram isso”, comenta Sérgio se referindo à mistura entre o antigo e o novo.

Essa identidade cultural do cearense em meio ao humor é analisada por Silva Neto (2009). O autor fala sobre a complexidade da ressonância do chamado “Ceará Moleque”⁵³, que não dá pra demarcar razões específicas para esse tipo de “zombaria” se desenvolver no estado e comenta:

A tendência para o humor não é própria ou exclusiva do Ceará, nem mais evidente nele do que em outro contexto social. O que muda é o modo como o riso é socialmente estabelecido, ou melhor, culturalmente gestado. A ‘molecagem cearense’ ou o ‘Ceará moleque’ se gestou simbolicamente fazendo parte de um imaginário coletivo e concedendo, assim, uma forma de identificação ou atribuindo uma ‘identidade moleque’ àqueles que nascem por aqui (p. 81).

⁵¹ “D’az Gata” vem de alguém que anda com as “gatas”. Ou seja, o homem sempre acompanhado de mulheres e desejado por elas.

⁵² Nesse contexto, a expressão significa alguém convencido ou que tenha o ego inflado. Em outros lugares, é como “confiar no seu taco”.

⁵³ Ver mais sobre a construção da ideia de “Ceará Moleque” no livro “Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)” de Sebastião Rogério Ponte (2001).

Interessante a associação que o autor faz da “troça” como manifestação coletiva e que expressa um pouco da inventividade de um povo, sobretudo em momentos que imprimem contextos históricos duros. No caso do Suricate Seboso, há uma semelhança, tanto pelas dificuldades financeiras e de acesso, mas pelo interesse em construir em conjunto e em pensar o humor para além do indivíduo e da piada em si.

A brincadeira de Léo e dos meninos do Suricate tem raízes que vêm desde a graça feita espontaneamente por seus familiares. Conta que muito do que faz é o que a avó fazia, o tio faz e, por exemplo, os vizinhos fazem. É um jeito de fazer rir que o cearense tem e que eles souberam transformar num produto específico para as redes sociais.

Sérgio e Diego elogiam Léo, sobretudo pela sua capacidade de fazer ótimas edições e montagens. Comentam que isso melhorou bastante a força do canal, produzindo materiais de maior qualidade. Evoluir “mexendo” e “fazendo” foi o caminho por eles utilizado. Também, segundo eles, desenvolveu a capacidade de atuar e de ser uma figura pública do Suricate. Soma-se isso ao poder de criação do Diego e ao carisma do Edu, formando uma liga interessante e que não deixa de fazer sucesso na internet.

Essa configuração tem se consolidado e aumentado a responsabilidade, pois o público começa a se acostumar com o “jeito de fazer”. Léo se considera mais lúcido na elaboração dos roteiros e no planejamento dos vídeos para que a fórmula não se perca. Todas as estratégias de comunicação são feitas na base da experiência, algumas funcionam e são mantidas e outras são descartadas quando não geram uma boa repercussão. Hoje, eles possuem um padrão em seus vídeos.

Algumas vezes, já experimentaram fazer vídeos mais críticos e sérios, sobre assuntos complexos como política, racismo, mas conta que houve grandes dificuldades. Léo explica que os fãs acessam o canal em busca de diversão e os assuntos mais difíceis só podem funcionar se também tiverem humor, e isso não é simples fazer, então prefere não arriscar muito.

As experiências que eles fazem também têm mais ou menos condições de dialogar de acordo com o tipo de conteúdo, pois alguns são mais fáceis de ter adesão que outros. Por exemplo, uma vez criaram um quadro chamado “Sem Reboco”, onde faziam um programa de vinte minutos sem corte, sem edição, sem maquiagem e sem luz

artificial, além de uma parede sem reboco ao fundo. Foi complicado fazer um vídeo com essa alta duração numa plataforma como o YouTube e isso por si só gerou um recorte no público-alvo. Apesar do bom feedback, não atingiram como gostariam.

Em contrapartida, as paródias, por exemplo, se massificam rapidamente, pois são feitas com músicas bem populares e que tem tocado “na rua”, “na internet” ou “em qualquer lugar”. Seja com canções ou com situações da vida cotidiana, como a sátira sobre os ônibus e suas “sacanagens”, estes são os vídeos mais acessados. Buscar situações marcantes dos dias comuns dos brasileiros e marcar pelo exagero deles é uma marca registrada do grupo. O suricatezinho, que parece estar “chorando rios”, é o tom das piadas que eles dizem mais gostar de fazer (Ver Foto 6).

Até hoje o Suricate Seboso é o único personagem fictício que fez uma campanha publicitária na internet. Com o dinheiro que foi sendo conquistado, Léo e os “meninos” começaram a investir no próprio canal, sobretudo com a compra de equipamentos. Compraram uma câmera importante, “que custou os olhos da cara”, de R\$3.600,00. Depois compraram equipamentos de iluminação. Todas as reservas que o Diego havia conseguido fazer também foram utilizadas como investimento para o maquinário do Suricate. O investimento na estrutura é necessário, no seu modo de entender, para se chegar em mais lugares com uma qualidade adequada. A narrativa sobre as mudanças de cenário serve bem pra explicar esse desenvolvimento material:

A gente gravava no quintal da casa do meu tio, que era só o chapisco [...] O nosso primeiro cenário foi o quintal da sede. Tinha uma parede branca enorme com um reboco. A gente botava um aroção medonho de bicicleta todo enferrujado e um ventilador quebrado. Era o cenário. E um papel colado atrás com um suricate e ‘procura-se vivo ou morto: recompensa um marujinho e dois xilitos de dez’. Era só a putaria, né? Aquele negócio bem tosco. E aí a gente... começou a botar um cenário mais legal e tal. Arrumamos um painel de tecido branco e começamos a fazer nesse painel e depois eu comprei uma lata de textura, que ainda tem aqui que sobrou, e pinte a parede da sala da minha vó e a gente começou a gravar na sala da minha vó. E aí começou a virar canal e crescendo, crescendo...

Léo conta que foi preciso também ir se moldando ao que o público tomava como preferência. A necessidade de manter a essência não podia se transformar em rigidez. Era importante, em sua visão, manter o que fazem deles um sucesso, mas também ir evoluindo no que fosse possível. O cenário que utilizam para as gravações é um caso icônico. Ter um fundo mais limpo e organizado nos vídeos é mais atrativo para o público geral do que uma parede só com o reboco e com um papel colado. O aspecto

tosco não foi desprezado e os vídeos mais recentes mostram isso, mas ele também não podia ser a centralidade. O centro do Suricate é o humor e ele precisa permanentemente ser analisado da perspectiva do alcance, que é o principal objetivo dos produtores de conteúdo para a internet.

Com todo o sucesso, logo apareceu uma proposta para trabalho na TV. Foi aí que surgiu o quadro das “Rapidinhas”, que mesmo tendo durado pouco na televisão, por questões comerciais da emissora TV Jangadeiro, até hoje permanece nas mídias do Suricate. As rapidinhas eram uma série de piadas rápidas feitas com uma animação do Suricate Seboso. Conforme Léo narra, era muito caro para custear as animações e o quadro acabou sendo cancelado. Boa parte dos episódios exibidos foram feitos por amigos e parceiros do Suricate, mas eles não acharam justo manter a atividade sem uma possibilidade de remuneração dos profissionais envolvidos. Como a emissora não se dispôs a pagá-los, acharam por bem cancelar a exibição.

Mesmo sendo passageiras, as Rapidinhas trouxeram novos seguidores para o Suricate. Nessa época, eles deram mais um passo nas redes sociais ao entrar também no Instagram. Em seguida, vieram ao SnapChat e agora mais recentemente ao WhatsApp⁵⁴. A proposta é chegar em todas as redes possíveis e “atingir todos os públicos”, sempre seguindo a mesma linha.

O YouTube, segundo Léo, “finalmente” vem dando algum retorno financeiro, ainda que aquém do esperado. Ele disse que no início dava algo entre R\$200 e R\$400,00 por mês, mas que os valores foram aos poucos subindo. Quando chegaram aos cem mil inscritos, ganharam uma placa comemorativa do próprio YouTube, valorizando o trabalho (Ver Foto 7 nos Anexos). Isso significa, na prática, que mais de 100 mil pessoas já gostavam do seu conteúdo nesse momento. Hoje, eles já passaram da marca de 700 mil pessoas inscritas no canal. Lembrando que no Facebook são mais de seis milhões de membros na página e no Instagram passam de um milhão e quatrocentos mil seguidores.

As paródias musicais em videoclipes são um dos produtos mais bem sucedidos do Suricate Seboso. Léo entende que isso ocorre pelo fato de que parodiar músicas de sucesso e “remedar”⁵⁵ artistas famosos é algo comum na vida das pessoas,

⁵⁴ Ambos são aplicativos de troca de mensagens, sendo o SnapChat baseado exclusivamente em imagens.

⁵⁵ Expressão local que significa “imitar”.

principalmente na infância. É um hábito costumeiro do “meio da rua”, assim como a prática de apelidar os outros por suas características físicas ou por histórias marcantes.

Conta que recebe ideias de paródias diariamente de diversos lugares do Brasil, além de ter influências destacadas por artistas que fizeram isso muito bem, como os cearenses Tom Cavalcante e Falcão⁵⁶. Léo considera o ato de fazer paródia como de muita inteligência e acredita que o público sempre tem recebido bem as paródias feitas pelo Suricate.

O sucesso das paródias foi reconhecido por outras mídias além da internet. Uma prova disso foi o convite que receberam para participar do programa “Parodiando”, exibido pelo canal de TV fechada Multishow. Trata-se de uma competição envolvendo dezesseis canais de YouTube de todo o Brasil que trabalham com paródias. O concurso ocorrerá no Rio de Janeiro. Léo garante que o Suricate Seboso vai dar o melhor de si nesse espaço de repercussão nacional e brinca: “se a gente já chegou depois da Messejana a gente pode ganhar... pode não?”.

Léo acredita que o Suricate Seboso passou a dominar melhor o potencial que tem em mãos e a aperfeiçoar suas habilidades técnicas. Ele acredita que deixaram de ser apenas uma página com memes e passou a se enraizar em outras redes, virando algo muito além do próprio ícone. Para muitas crianças, o sentimento com relação ao Suricate é como se ele fosse um tipo de super-herói e algo importante para a diversão do seu dia, comenta Léo. Assimilar esse enraizamento e a força que a personagem possui é fundamental para seguir investindo neste trabalho e extraindo o máximo de possibilidades dele.

Nesse sentido, outros lances apareceram e viraram complemento ao trabalho desenvolvido na internet. Por exemplo, as apresentações de teatro com o show do Suricate Seboso⁵⁷, as experimentações de espetáculos de humor ao estilo stand-up ou as palestras que fazem pelo interior, em cidades como Tauá, Santa Quitéria, Meruoca, Sobral, São Benedito, dentre outras. A ideia das palestras era falar sobre a história da criação da personagem, como funciona o trabalho e como é lidar com o sucesso. Parte dessa iniciativa teve apoio do Governo do Estado do Ceará.

⁵⁶ São dois cearenses importantes para o humor nacional. Tom Cavalcante é um comediante e Falcão um cantor e compositor.

⁵⁷ Algumas foram realizadas em espaços importantes como o Teatro do Shopping Rio Mar ou do Shopping Via Sul.

Interessante ainda registrar o que Léo considera ser uma rede de solidariedade entre os criadores de conteúdo da internet. Pelo fato de não haver uma concorrência obrigatória entre eles, já que tudo pode ser visto em tempos diferentes, ao contrário da TV, todos podem se ajudar de alguma maneira. O Suricate contou com a ajuda de outros YouTubers dos mais experientes e hoje contribui com os mais novos. Essa rede é um tipo de network, pois fortalece a produção de todos de alguma maneira.

Léo considera o Suricate uma marca “consolidada e de referência” e agora um dos seus principais objetivos é seguir focado no trabalho até que possa “viver de internet mesmo”. O profissionalismo que o fez pensar nas instalações, nos equipamentos e no planejamento para melhorar o desempenho do trabalho bem como a convivência diária de quem agora mora junto são pontos a serem considerados avanços.

A Toca do Suricate é um espaço que funciona como um tipo de polo cultural, recebendo amigos e outros profissionais do ramo para gravações e conversas sobre a internet, além de ser o seu lar. Os meninos que se juntavam no mangue para brincar e se perceberam com possibilidades artísticas a partir seu do jeito de ser agora parecem estar mais próximos ainda e com mais vontade de ser uma expressão de sucesso tanto quanto seu personagem.

3.4 A importância das escolhas e a dimensão política

Léo acredita que está na atual situação muito pelas escolhas que fez. Essa visão sobre a importância das opções que assume tem com relação ao seu fracasso ou seu sucesso foi aprendida desde quando decidiu não continuar os estudos e seguir o trabalho na internet. Ter independência e responsabilidade por seus próprios atos pode ser sobrecarga para muitos jovens, mas para ele é algo que atesta seu protagonismo e considera isso, em certa medida, positivo.

Léo diz ter pensando em desistir e procurar opções diferentes, mas persistiu. Conta que frequentemente recusou ofertas de trabalho “muito boas pra ficar numa coisa que é incerta”. Por exemplo, deixou de trabalhar na GVT⁵⁸, na função de criação de propaganda interna, com um salário de R\$2.500,00 por mês. Chegou a ser aprovado em todas as etapas de seleção, restando apenas a entrevista de contratação, mas no final

⁵⁸ Uma empresa que prestava serviços de internet Banda Larga, mas que em 2016 foi comprada pela operador de comunicação Vivo.

atendeu aos conselhos de Diego e desistiu. Seu grande amigo e parceiro de trabalho lhe disse “macho, num faz isso não... faz isso não e tal, a gente já passou pela parte mais difícil. Vai dar certo!”. Léo ainda pensou em conciliar as duas coisas, mas percebeu que haveria sobrecarga e desistiu de vez do trabalho.

Para o Léo, pagar as contas básicas da casa e ajudar a sua vó nas despesas dela é algo satisfatório. Em alguns momentos chega a afirmar que isso é o mais importante na vida e que “quando começa a apertar as coisas em casa o cara começa a *dar os pulos* dele, né?”, enfatizando que essas responsabilidades da vida adulta o fazem ressignificar a importância do seu trabalho com a internet dar certo. Afinal de contas, é de lá que ele tira o seu sustento e o de boa parte da família.

Novamente, uma adequação entre as necessidades concretas e materiais com a vocação pelo humor e o desejo de desempenhar um trabalho que traga uma satisfação e um prazer além do aspecto financeiro andam em conjunto. Se virar em cima desta corda e não cair é a figura de equilibrista em que Léo se encontra.

Por isso mesmo, se coloca ao lado do Diego, hoje em dia, como um suporte na relação entre os três. O Edu, por sua vez, é identificado como o impulsivo do trio. Todos são muito jovens. O Diego é o mais velho com 29 anos. O Léo é o do meio com 23 anos e Edu é o caçula com apenas 20 anos de idade. Apesar da pouca idade, Léo acha que para a internet eles já estão “velhos”, pois quem está em evidência no momento são jovens com menos de vinte anos de idade, com raras exceções.

O fundamental é que essa união entre eles não gerou um produto do acaso. Léo não considera que o Suricate Seboso seja algo aleatório, mas que faz parte de um projeto para se “sobreviver disso”. Nem ele sabia do projeto, brinca, mas todas as ideias foram surgindo na experimentação sempre reforçando esse intuito. Por conta disso, ele discorda de quem diz que eles fizeram o canal “brincando” como se isso significasse que eles nunca tiveram “a intenção”. Para ele, os resultados positivos vem da persistência e da coragem de se expor, de fazer as tentativas que acharam necessárias bem como de buscar capacitação e aperfeiçoamento das habilidades. As brincadeiras são antes matéria prima que a força-motriz deste trabalho.

O entendimento sobre a história de Léo e dos seus parceiros passa ainda pela reflexão sobre as próprias lutas sociais e a violência no local onde moram. O irmão do Diego, por exemplo, foi assassinado. No período em que ele se refere por “época das

guerras entre as gangues”, os meninos eram de quadrilhas de festa junina diferentes e tiveram que mudar os locais de ensaios, por conta dos conflitos. A praça em que eles brincavam, chamada Praça Grande, teve que ser desocupada pela juventude, também devido à violência. Algumas vezes em que fui na casa deles para construir esta pesquisa, Léo ia me buscar na parada de ônibus como forma de prevenir algum problema relacionado à violência.

Nesse cenário conflituoso, basicamente se referindo ao final dos anos 90 e início dos anos 2000, eles três eram um dos poucos que tinham acesso livre entre as fronteiras justamente pelo envolvimento cultural que tinham desde criança com o lugar em que viviam. Nessa época, a prática do Sarau era bem difundida entre eles, ocupando os espaços do bairro com arte e cultura. Basicamente, eles iam às praças com instrumentos musicais e reuniam a juventude para conversar, tocar e aproveitar a noite em comum. A ideia de vida comunitária sempre esteve presente e a influência política do seu tio Sérgio tem um papel forte nisso. Por ser uma liderança comunitária, envolver as pessoas em torno de atividades coletivas era algo comum e que acabou sendo passado para o sobrinho e seus amigos como uma necessidade real da juventude.

As lutas políticas tiveram suma importância para a formação deles. Participaram, por exemplo, de uma série de manifestações no começo dos anos 2000 em prol do primeiro sinal da Avenida Washington Soares, assim como da criação da linha de ônibus Alvorada/Messejana⁵⁹. Nessa ocasião foi que finalmente se conheceram. Ainda meninos, estavam firmes e fortes nesse processo. Os Grêmios das escolas também eram ocupados por eles. Estudaram juntos em um curso de formação política oferecido pelo militante histórico da esquerda socialista cearense, o falecido Gilvan Rocha. Nessa ocasião, tiveram contatos com leituras diferentes sobre teoria crítica marxista e literatura, além de experimentarem debates coletivos sobre os problemas da sociedade e a importância da organização para se transformar a sociedade.

Essa influência com os movimentos sociais e as discussões sobre os problemas da sociedade vez ou outra aparecem também no seu trabalho. O Suricate já fez tirinhas e vídeos com temas políticos relevantes como o Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, a Reforma da Previdência ou a Reforma Trabalhista feitas por Michel Temer e agora fazem críticas ao atual presidente Jair Bolsonaro.

⁵⁹ Todos estes lugares estão localizados na região Sul de Fortaleza. A Avenida Washington Soares é uma das principais vias da cidade e liga a capital ao litoral leste.

Considera importante “bater no que você acredita”, desde que isso seja feito com sutileza. A intensidade da crítica é o segredo para não cair nas recorrentes polarizações impostas pela conjuntura política. Léo comenta que mesmo tomando muito cuidado, ainda são associados por exemplo ao PT (Partido dos Trabalhadores)⁶⁰ quando fazem esse tipo de investida humorística. Afirmar que não se incomoda muito com isso e se inspira majoritariamente no humorista Chico Anysio⁶¹, que fazia um humor, segundo ele, mais preocupado em confundir e complicar do que em explicar e mostrar tudo didaticamente.

É importante destacar que ao lado da afinidade, a proximidade política foi algo que uniu a turma do Suricate Seboso. A forma de enxergar as coisas criticamente contribuiu, segundo Léo, para que a amizade aflorasse rapidamente. “Bater os rachinhas depois da aula”, jogar o “travinha”, tocar violão na praça e falar sobre o mundo eram bons motivos para estarem juntos já desde o início, como conta. Estar próximos uns dos outros era a maior vontade que tinham até ali, desde que fosse divertido. E, para eles, era.

3.5 O tempo presente e o amanhã

Outra dimensão que não pode deixar de ser apresentada é a de nível familiar. De um modo geral, Léo se considera como alguém de sorte e não tem muito o que reclamar, embora sinta a falta de apoio de algumas pessoas. No início, alguns familiares chegavam a dizer que “isso não é trabalho!” e o julgavam como alguém que estava “se escorando na vó!”, por não ter um emprego formal e morar com ela. Sua vó o defendia sempre, mas não deixava também de se queixar um pouco da situação e às vezes dizia “vai fazer alguma coisa, rapaz, fica só dentro de casa e passa o dia na frente do computador”, mas Léo considera isso mais como coisas de “vó” e ainda associa à idade avançada dela, que hoje tem oitenta e quatro anos de idade.

⁶⁰ Partido político fundado em 1980 a partir dos movimentos sociais, camponeses e operários, consolidando-se como a maior organização política latino-americana e chegando a vencer as eleições presidenciais no Brasil por quatro vezes entre os anos de 2002 e 2014, garantindo a concretização das gestões do ex-presidente Lula e da ex-presidente Dilma Rousseff.

⁶¹ Humorista cearense, nascido em Maranguape. Chico Anysio fez sucesso nacional, sobretudo na Rede Globo, onde esteve a frente de consagrados programas do humor brasileiro como o “Chico Total” e a “Escolinha do Professor Raimundo”. O comediante faleceu no ano de 2012.

Léo conta que sua vó hoje é muito orgulhosa do que ele faz e em todo canto que vai sempre pergunta se as pessoas conhecem o Suricate Seboso. Quando Léo chega em sua casa ela já fala “lá vem meu sebosinho” e começa a gargalhar. O orgulho dela reforça a crença na vitória e enaltece também a confiança que ela deu a Léo durante todo esse tempo. Há uma demora notável na compreensão da atividade que ele desempenha como um trabalho, principalmente para as pessoas que estão mais distantes do uso regular da internet. Para ele é importante valorizar quem merece gratidão e isso é fundamental em sua vida. No seu modo de entender, a grande maioria o apoiou, o que faz se sentir sortudo.

Em muitas das vezes, Léo se vê em um mundo conjugado entre o real e o virtual, de muita instabilidade, em que a sua sensação de fragilidade se amplia consideravelmente. As incertezas sobre o dia seguinte e sobre o destino que as escolhas atuais levarão e o medo sobre este futuro oculto são alguns dos motes evidenciados em vários momentos de suas narrativas.

Léo analisa a internet como um espaço que oferece “muitas possibilidades às pessoas” e que estar nela por meio de uma personagem tem o seu lado bom e o seu lado ruim. A facilidade está no fato de conseguir trabalhar melhor no imaginário das pessoas e criar uma identificação, mas o ponto negativo pode ser a da necessidade de criação constante. Faça chuva ou faça sol, eles precisam ter novas piadas, tirinhas e vídeos, estando sob constante dependência da criatividade. Embora duvide que um dia a criatividade seja um problema, ele não descarta que isso possa ser um problema para o futuro.

No YouTube, diz ele que o desafio do canal é de uma dimensão diferenciada, pois lá estão mostrando os seus rostos na vitrine da internet e fazendo rir de cara limpa. Isso muda inclusive a relação com as pessoas. Surge uma sensação de vulnerabilidade maior para si a partir da responsabilidade de ser identificado e de ser conhecido por nome, sobrenome e aparência física, não apenas pela ideia engraçada.

Léo acredita que, mesmo com essas preocupações, provavelmente se manteria trabalhando na internet até se o Suricate Seboso um dia acabasse. “É meio que profissão”, arremata e, em seguida, complementa: “É que nem um cara que é professor, né? Ele sai duma escola pra outra. Meio que é um experimento, você já aprendeu e você já sabe como faz e vai vivendo daquilo”.

Não consegue mais se ver fazendo uma outra coisa. Chegou a cursar Publicidade e Propaganda, mas trancou, dizendo que só retornaria eventualmente se houvesse algo de concreto na área de produção cultural. A liberdade de trabalho que a internet oferece é uma das coisas mais atrativas para sua decisão e valoriza isso a todo instante. A experiência adquirida até aqui lhe dá uma certa segurança de que caso as coisas mudem de rota, ele “já sabe o caminho das Ostras”.

Para ele, conquistar um público fiel foi um grande desafio e acredita ter conseguido. Mesmo se o YouTube em si um dia não for mais tão forte, considera que assim como veio do Orkut e hoje está em outras redes, também poderá fazer a migração para qualquer plataforma em que as pessoas estejam interessadas em acompanhar o seu trabalho. Léo se vê como realista com relação a todas essas mudanças no circuito da internet e torce pela permanência do YouTube, pois esse vínculo traz uma relação íntima interessante com o público, de modo mais direto e cara a cara. Além de entender o lugar da qualidade no seu trabalho, ter a noção sobre o quanto a fidelidade do seu público tem importância é fundamental e isso foi destacado em Almeida e Pais (2012):

O aspecto que chama imediatamente a atenção é a aguda consciência que esses jovens (e todos os demais entrevistados) têm de que não basta se expor um produto na vitrine da internet, mesmo que este seja de qualidade. É necessário conquistar pessoas para vê-lo, testá-lo, lê-lo. Quanto mais numerosas forem essas pessoas, melhor (p. 138).

O “sol no YouTube é possível pra todos”, afirma Léo. Ele acredita que desde os que se focam em debates, produção de conhecimentos e repasse de informações até as pessoas como ele, que são especialistas em produzir um tipo de entretenimento, têm espaço na plataforma. O que fará ele e o canal se destacarem é justamente a capacidade de produzir um diferencial na forma como apresentar os conteúdos. Conta que muitas vezes na internet está todo mundo falando exatamente sobre o mesmo assunto, então apresentar outra perspectiva ou mesmo outro modo de contar a mesma história é uma boa possibilidade de ser visto no meio de um cenário mais homogêneo.

E aí é o lance do entretenimento. O lance de prender o cara. O lance de fazer a relação com a pessoa. Você tem que estabelecer uma relação de como se você estivesse conversando com a pessoa. Você está conversando com ela. É um Skype da vida. Lógico que a pessoa não vai te responder, mas a relação que você tem é como se fosse olho no olho.

Apesar de não poder responder no modo literal, há inúmeras formas de interação do público com ele. Pelo YouTube é possível escrever comentários, avaliar os vídeos, compartilhar, pausar e ver depois, clicar em botões que levam a indicações, dentre tantas outras funções.

Além do diferencial na forma do material, a postura dos apresentadores também pode fazer a diferença. Ser mais ou menos “engessado” contribui para a formação de público. Não se comportar como um “robozinho” é o que Léo mais se policia para não fazer. Ele acredita que é preciso ter uma desenvoltura que passe mais leveza para quem está assistindo, dando aquela impressão de se estar à vontade.

Por mais que haja uma série de recomendações aos YouTubers oferecidas pela própria plataforma no sentido de melhorar o desempenho das apresentações dos vídeos, Léo acha que é preciso mesclar o que se considera fundamental numa qualidade padrão com o “jeito de ser” que eles possuem no dia-a-dia. Ele considera que a experiência lhe trouxe a capacidade de misturar o que é bem visto pelo grande público com as maneiras específicas de expressão que ele e seus parceiros consideram engraçadas. Essa é a assinatura que trazem desde o início e vem sendo aperfeiçoada. Em seu ponto de vista, o público se acostumou com isso e quer ver mais dessa forma.

A relação com os seguidores é valiosa e responsável por tudo o que conseguiram até aqui, mas também compõe algumas das situações mais complexas atualmente. Saber lidar com esse reconhecimento dos fãs não é algo simples, principalmente pela distorção do pressuposto de intimidade entre eles que os vídeos geram. Alguns de fato o abordam nas ruas como se o conhecessem de longa data e a relação chega a ser pessoal, como destaca em sua visão. Por outro lado, também há os que apenas observam e que não têm coragem de se aproximar como se ali estivesse alguém intocável. No começo, Léo não acreditava que aquilo fosse possível e confessa que tinha até um certo pé atrás com isso, pois não conseguia entender como alguém poderia ser seu fã de verdade e se descabelar por um contato. Afinal de contas, se achava apenas um garoto normal que falava coisas engraçadas e levou isso para outra esfera.

O que conserva como aprendizado nessa questão é não alimentar nenhum tipo de excesso por parte de seus fãs, inclusive para diminuir as expectativas em cima de si mesmo. Administra essas relações com carinho e atenção, mas sempre conversando

de igual pra igual com todo mundo. Essa é uma forma em que acredita também estar de alguma maneira educando o seu público.

Uma maneira de aperfeiçoar essa relação foi, segundo ele, disponibilizar o endereço da Toca do Suricate nas suas mídias e autorizar as visitas dos fãs, para vê-los ou presentear-los. Ato corajoso, mas que acaba criando uma situação em que as pessoas curiosamente hesitam em ir até lá, talvez por entender como importante preservar a privacidade ou ainda por uma coragem que não se confirma fora dos espaços virtuais de relação. Se Léo tem algum receio com relação à intimidade com o seu público, parece que o contrário também ocorre de alguma forma.

Entre sustos, receios e preocupações, presentes em basicamente todas as esferas do mundo do trabalho, Léo não diz não temer estar na “ventania da internet”, referindo-se ao clima instável deste universo. Ele acredita no seu talento e no profissional que se tornou. Suas habilidades, capacidades e experiências lhe fazem crer que viver de internet já nem é tanto um sonho assim, mas uma realidade, sendo o medo um elemento para lhe deixar atento e não lhe tornar covarde.

O trabalho diário tem encontrado reconhecimento. Léo comenta: “A gente passou de ninguém a alguma coisa e foi muito rápido”. Essa velocidade demanda uma organização maior com relação ao tempo e à divisão de tarefas. Confluindo com esse interesse, ele conta que surgiu a possibilidade do Suricate Seboso contar com uma empresária.

Léo diz que não buscaram este serviço, mas em uma de suas gravações conheceram uma empresária do ramo da educação e de academias de musculação que tinha muito interesse em investir na marca do Suricate e que gostaria de desenvolver o diálogo com eles a respeito. Segundo Léo, ela acreditava no potencial dos meninos e queria ajudar a desenvolver a relação que eles possuem com o mercado com toques mais profissionais.

Léo, Diego e Edu pensaram em uma proposta e ela topou prontamente. Com essa incorporação, basicamente o Suricate Seboso se transforma em uma empresa. Para Léo, o ponto mais importante é o fato de que eles três passam a ter uma renda mínima fixa e que a preocupação passa a ser exclusivamente para se conseguir mais anúncios e melhorar a parte comercial. Essa “segurança financeira” é novidade na trajetória de Léo,

que brinca que agora, finalmente, “não vai passar fome” e que quando chegar no fim do mês terá condições de pagar as contas com tranquilidade.

Preocupações agora são com fazer o negócio circular. Houve, a partir disso, uma série de aplicações financeiras no Suricate como uma empresa, seja no site, no produto, no aplicativo. Pessoas foram contratadas para trabalhar e pensar a marca. Uma série de novidades que ele não imaginava acontecer tão rapidamente.

Importante também frisar que todas as questões envolvendo o conteúdo criativo do Suricate Seboso não passam pela empresária e permanecem sob o controle dos três criadores. Para se ter uma ideia, o site construído por ela teve que ser alterado em sua primeira versão, pois não passou pelo crivo de Léo e seus colegas. Ele acredita que continuar zelando pela criação e mantendo a possibilidade de “mandar no negócio” é fundamental para que continuem sendo motivo de interesse por tantas pessoas.

Interessante observar que finalmente há um esboço de reconhecimento financeiro para o Suricate Seboso. Léo conta que isso chega a ser estranho para ele que sempre teve que lidar com pouco ou nenhum dinheiro. Diz que mesmo o Suricate sendo uma marca extremamente conhecida na internet, nunca ganharam mais que R\$6.000,00 em uma campanha publicitária. Isso só ocorreu pela primeira vez no ano de 2017.

Para se ter uma ideia, muito dos anúncios que fazem até hoje são realizados em troca de produtos. Por exemplo, uma marca de refrigerantes envia alguns fardos da bebida e eles acabam retribuindo fazendo algum tipo de propaganda. Portanto, além de ser uma quantia acima do que costumam receber, chega para um negócio que passa às vezes algum tempo sem receber dinheiro pela publicidade que executa.

Léo diz que “o Suricate é um negócio meio perturbado do juízo”, afirmando que ainda há muitas mudanças ocorrendo no meio do percurso e que a própria dinâmica da internet acaba colocando isso como uma agenda. A possibilidade de “institucionalizar mais a marca” e ter uma “segurança financeira real” são confortos que precisa valorizar nesse momento. Para ele, é a consolidação de um trabalho que ainda está no início. O Suricate, segundo Léo, é um menino que já anda sozinho porque cansou de engatinhar.

Agora então seria, segundo ele, o momento de ganhar dinheiro com a marca sem precisar se esforçar tanto e concentrar a energia para o atrelamento de suas imagens individuais ao personagem consagrado. Daí a importância de explorar atividades que os

coloquem de “cara limpa” associados ao personagem, seja em materiais de divulgação ou em propostas ativas e criativas que possuem, como os já citados anteriormente shows de stand-up e palestras.

Para se ter uma ideia, essas palestras além de apresentar um pouco da história do Suricate Seboso, ainda promovem um debate sobre linguagem e regionalismo na internet, uma bandeira que sempre defenderam. Léo acredita em uma internet com sotaque e manifesta o orgulho pelo povo nordestino que consome as suas mídias e as valorizam nacionalmente.

O sucesso que o Suricate Seboso alcançou no estado do Ceará é enorme. Léo conta que a cada dez usuários do Facebook em Fortaleza, oito curtem a página do Suricate Seboso, sendo que todas as dez sabem quem é a personagem. Ou seja, todos os usuários do Facebook de Fortaleza conhecem o seu trabalho. O que precisam agora, segundo a sua forma de compreender o segmento, é buscar agregar o sucesso do Suricate às suas imagens individuais, garantindo o reconhecimento do trabalho e potencializando outras formas de fazer sucesso a partir da imagem e da presença física em plataformas como o YouTube.

Manter o “humor sadio”⁶² é, segundo ele, parte desse sucesso e uma fórmula que deve ser mantida. Léo conta que várias mães procuram o Suricate para dar o retorno de que adoram o canal, pois podem deixar os seus filhos assisti-los sem preocupação com palavrões ou ofensas gratuitas. Comenta: “A gente tem muito a preocupação com o nosso humor de não ter um humor pesado do tipo ‘olha o gordinho caiu. O gordinho só faz merda’. A gente não faz essas coisas. É... não precisa usar essas coisas... a gente faz um humor mais sadio, sabe?”. Para ele, é possível fazer humor que não seja pautado na humilhação das pessoas diferentes. O respeito com a diversidade não é transformado em bandeira militante, mas é um princípio que os tem fortalecido enquanto coletivo.

Transformar o jeito peculiar do cearense de “frescar” com os outros, de “mangar” dos meninos na escola e todas as brincadeiras que são comuns em nosso estado em piadas que não precisem ser ofensivas, apenas engraçadas, certamente é um

⁶² Para ele, “humor sadio” é aquele que pensa em ser palatável para várias faixas etárias diferentes e de diversos tipos de público. Basicamente, sem apelar para violência, conteúdo graficamente inadequado ou que contenha um teor sexual não recomendável para menores de idade.

objetivo pretensioso para quem tem as raízes do fazer rir retiradas das ruas⁶³. A evolução do Suricate, portanto, não é apenas técnica, mas também política.

A transformação que Léo visualiza em sua vida torna-se uma palavra-chave para ele:

A gente vai se transformando, mas continua a mesma coisa. Você pode mudar a cor das paredes, você pode até quebrar a parede no meio, deixar um vão, fazer um frigobar, fazer um balcão, mas o alicerce da casa a gente não consegue mudar não. Tem que cavar outro pra fazer. E a gente meio que não perdeu esse alicerce. É a mesma pegada de humor, com um humor tosco meio nosso. Porque a gente não é profissional. A gente foi ficando. Com um tempo foi melhorando, mas é profissional no sentido de conseguir entender e conseguir fazer melhor que isso aqui.

Essa definição é interessante, pois enfatiza a processualidade do trabalho que desempenham. Léo não se vê claramente como profissional, mas diz que “foi ficando”. Comenta metaforicamente que se vê como uma casa que muda tudo, menos o alicerce. Visualmente, esta é o retrato que faz de uma atividade que busca novas feições sem perder a essência ou o caráter que lhes constituíram no início. O tempo serve para aperfeiçoar ferramentas, inserir habilidades e incorporar experiências, jamais para mudar o que lhes trouxe o sucesso em praticamente tudo que tentaram fazer na internet: o humor regional voltado para as questões cotidianas e que pode atingir públicos diversificados.

Não à toa o Suricate Seboso, segundo Léo, é habitualmente procurado por jornalistas ou por estudantes de diversas áreas do conhecimento. Ele diz que já participaram de trabalhos de Geografia, História, Publicidade, Letras, Ciências Sociais e Direito, o que o fez zelar mais pela memória do seu trabalho, constituindo assim um tipo de acervo. Conta que todas as tirinhas já criadas pelo Suricate Seboso estão salvas, mesmo as que foram excluídas posteriormente das redes sociais por perceberem posteriormente que estavam mal feitas, tendo assim uma memória física do trabalho que já fizeram ao longo destes anos.

Para ele, esse sucesso vai de encontro à ideia de que a cultura popular seria uma cultura desnecessária. Ao contrário, afirma a relevância de uma página como o Suricate que não nega o que é e nem de onde vem, colocando a linguagem regional num patamar elevado. Hoje, a página em Língua Portuguesa de maior influência no

⁶³ Tanto “mangar” como “frescar” significam tirar sarro, caçoar ou se divertir às custas de outra pessoa.

Facebook é o Suricate Seboso e isso representa muito para o estado do Ceará, como destaca Léo.

Um garoto que desde cedo quis trabalhar próximo aos computadores, mesmo que eles não estivessem conectados a nenhum outro lugar. Um garoto que já fez vestibular várias vezes para não se sentir com tanto peso, mas nunca quis cursar quando era aprovado, pois o seu desejo era outro e isso era o que lhe mobilizava. Um garoto que hoje vive com um peso de sempre ter ideias, pois elas são o seu produto. Às vezes se estressa quando as ideias não surgem, mas basta um dos três conseguir um mote, que tudo parece fluir. Em miúdos, não estar sozinho e ter seus dois parceiros para dividir esse compromisso facilita as coisas. A rua e a própria internet são os seus materiais de pesquisa e que não deixam as fagulhas da criatividade se apagarem. Léo é ainda um garoto.

Hoje, se fosse preencher um formulário qualquer não teria receio de se definir como YouTuber. Acha até uma profissão bem popular, mesmo sem se tocar da naturalidade em que afirmou se tratar de uma profissão. Talvez há bem pouco tempo ele não fosse tão espontâneo para dizer que trabalha com internet, com vídeos, com imagens e com humor, mas aos poucos vai se sentindo mais em casa ainda. Léo Gambiarra finaliza dizendo que não deixa de brincar um segundo sequer, seja por lazer ou por trabalho, sendo isso o que lhe realiza.

As categorias trabalho e brincar se condensam. O trabalho não parece deixar de ser trabalhoso por ser brincante e a brincadeira não deixa de ser brincante por ser trabalhosa, embora muitas vezes as narrativas sejam atravessadas pelo cansaço e pela dúvida na sequência daquilo em que se está investindo tanto tempo e energia vital. O mundo do trabalho pode oferecer estas porosidades onde o lúdico atue e proporcione novas dinâmicas, mas ainda carregará consigo suas dificuldades estruturais, como resultados, tempo, dinheiro, etc.

4 JÉSSICA AQUINO: DAS PASSARELAS PARA OS JOGOS

A interlocutora deste capítulo inicia sua trajetória laboral ainda na adolescência e sua principal ferramenta de trabalho é o próprio corpo. Suas percepções acerca do universo da moda e o quanto isso foi marcante para suas escolhas profissionais posteriores são férteis. Esses atravessamentos pela força do trabalho expressaram significados para o que ela pensa sobre si hoje e para o que ela projeta para o seu futuro. Pensar as narrativas de Jéssica é um exercício analítico sensível, pois ao passo que suas falas mexem com esperanças em seus projetos elas também flertam com o desassossego e a falta de perspectiva para mudar o tempo presente.

Tive a oportunidade de conhecer Jéssica durante a ocupação do Parque do Cocó⁶⁴, numa luta política pelo impedimento da construção de um viaduto que destruiria uma parte do parque e fortaleceria a especulação imobiliária na região. Desde então, mantivemos o contato e uma rede de amigos em comum. Aos poucos, percebi outros lados de sua vida, principalmente sobre a sua atuação no mundo da moda pelas fotografias que eram compartilhadas nas redes sociais. O universo da moda e das lutas políticas de esquerda andando em conjunto pareciam tão desarmônicos ao meu simples olhar principalmente se somados à figura de uma mulher jovem e moradora do Grande Bom Jardim.

Essa mistura despertou a minha curiosidade também como pesquisador e aos poucos fui construindo a relação em conversas preliminares. No próprio Facebook tivemos algumas trocas importantes sobre experiências profissionais e meio que naturalmente Jessica foi se tornando uma de minhas interlocutoras.

Jéssica, também conhecida como Jeca, diz querer uma vida com pouco, mas que lhe traga o mínimo de prazer no que faz. Com várias leituras sobre erros e acertos de sua própria trajetória, ela se sente cobrada pelo seu tempo histórico para que se encontre e, principalmente, encontre o seu lugar no mundo. Sem uma linearidade nos seus desejos e intensões, histórias não faltam sobre as necessidades de saber lidar com o rígido e o flexível ao mesmo tempo ao encarar o mundo do trabalho.

⁶⁴ Um parque ecológico estadual da cidade de Fortaleza.

Da periferia de Fortaleza, passando pelo mundo da moda e atravessando vivências nas lutas sociais e políticas, como a da Ocupação já mencionada, chega ao universo da criação de jogos digitais. Jeca se esquivava das contradições e busca encontrar numa profissão ainda fluida no imaginário social, como ela mesmo reconhece. A busca pela consistência profissional sem perder os ideais também são algumas de suas questões que conheceremos agora.

4.1 Chegando ao mundo da moda: primeiras experiências

A vida de Jéssica foi atravessada pessoalmente e profissionalmente a partir dos contatos que teve com a Moda. A aproximação com este segmento vem desde o início da adolescência. Com quatorze anos de idade, sua mãe lhe incentivou a concorrer em um concurso de moda local. Não era de sua vontade, mesmo assim foi. Na ocasião isso não gerou resultados positivos efetivos, perdendo o concurso. Contudo, a fagulha da ideia persistiu e, em menos de dois anos depois, conta que voltaria a ter um contato com as passarelas.

Jéssica soube de um casting que escolheria cinco meninas dentre vinte candidatas inscritas. Todas as modelos convidadas eram de Fortaleza, o que aumentou, segundo ela, o clima de competição que é comum a este meio. Diz que a tensão em todos os processos e as disputas entre as garotas é uma constante na moda, mas por ter sido a primeira seleção profissional que enfrentava e pela inexperiência no ramo, havia um tempero a mais no momento descrito como “tenso”.

Havia ainda um desconforto tácito com relação à forma como as seleções se davam. Os procedimentos eram considerados por ela como invasivos. Mesmo sabendo que os critérios para a escolha das modelos eram relacionados ao corpo, não tinha a noção de como na prática o corpo analisado era um corpo transformando em objeto e em mercadoria. “Você fica de biquíni e uma pessoa lá te avaliando. É tipo aquelas histórias dos escravos, que colocavam os escravos pros donos escolherem se eles tinham os dentes bons. Era muito parecido com isso. A moda é muito estranha mesmo”, acrescenta. Na primeira seleção, essa sensação ruim já se fazia presente.

Mesmo tendo indícios que alimentavam a sensação de que este universo seria uma tortura psicológica, não desistiu. Um dos avaliadores da seleção a achou

muito bonita e ela, portanto, foi escolhida para o seu primeiro desfile. Esse trabalho inicial era para o Projeto Palco e o desfile se dava na praça do Passeio Público⁶⁵. O serviço foi pouco rentável financeiramente, também por ser algo de pequeno porte e organizado pela própria Prefeitura Municipal de Fortaleza, dentre outras entidades.

Considerava que tinha entrado no mundo da moda, embora achasse o retorno financeiro baixo. Foi sendo chamada diariamente para realizar trabalhos como modelo. Segundo ela, o trabalho começou a deslanchar e a impor um ritmo forte na dinâmica da sua vida. O dinheiro que ganhava nesse meio era inédito para ela e seus familiares, o que a fez relativizar as críticas que tivesse ao desgaste físico e psicológico que sentia por conta destes trabalhos. O que estava acontecendo era novo e ela sabia tratar de algo passageiro:

Tinha uma época... foi na época da escola [...] eu passava todas as aulas dormindo, porque eu chegava em casa 1h ou 2h da manhã, aí no outro dia de manhã eu tinha que ir pra aula e eu tava muito cansada. Mas teve uma época que o meu pai ficou desempregado e eu consegui sustentar a casa com o dinheiro da moda. Era muito massa esse trabalho que você podia ganhar na hora e tal.

Ainda na adolescência tinha um papel crucial para o sustento de sua casa, o que é gratificante para ela até hoje. Além disso, precisava manter as responsabilidades que faziam parte das outras dimensões da sua vida, como frequentar a escola e estudar. Com o passar do tempo, o cansaço foi crescendo e as insatisfações antes relevadas agora ganhavam contornos.

Os questionamentos do início, que eram deixados de lado, foram fortalecidos e o trabalho, que veio como uma solução, começa a ser considerado por ela como algo ruim. A sensação de estar sendo usada e o incômodo com o fato de que todos deste meio só estavam interessadas no seu corpo eram notáveis. A sensação de objetificação aumentou quando entendeu mais da lógica das seleções e percebeu que a cor da sua pele era um critério para ser escolhida em vários processos. Conta que nas seleções de casting os avaliadores exigiam que alguém, como chamavam, “morena” ou “morena jambo” deveria ser aprovada. Embora estivesse sempre presente nas fotografias e nas passarelas, diz que sua insatisfação só crescia.

⁶⁵ A mais antiga praça de Fortaleza, também conhecida como Praça dos Mártires, localizada no centro da cidade.

Outro elemento que pesava era a pressão para manter-se nos padrões de beleza. Jéssica tinha que “estar sempre bem arrumada”. Não podia deixar os seus cabelos cachearem, sempre alisando-os. Tinha “que estar sempre com a depilação em dias” e “com a magreza em dias”. Naquela fase da vida, não conseguia engordar independente do que comesse e o seu metabolismo acelerado não permitia que isso fosse um problema tão grande.

Era o disciplinamento completo do corpo, desde a forma ao comportamento. Essa técnica de poder, a serviço da moda e da lucratividade deste segmento, é um dispositivo ao estilo foucaultiano, capaz de “transformar indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2002; p. 143).

Ocorre que após seus dezoito anos de idade, conta que passou a ter facilidade em ganhar peso e essa obrigação de manter-se a mesma na balança trouxe sofrimento. Segundo ela, o desejo de comer muitas vezes vinha como uma revanche contra aquela vida que não gostaria de ter. Essa gula veio associada curiosamente a tantas outras proibições neste segmento como cortar os cabelos bem curtos, fazer uma tatuagem ou tantas outras “vontades” que eram acompanhadas da frustração em não poder realizá-las por conta do trabalho.

A existência de um padrão de beleza e a coerção que ela sentia para que todas seguissem esse formato, criou o que ela considera ser um estado de nervosismo constante. O estresse era regra no dia-a-dia e tudo que era proibido tornava-se desejo, num nítido comportamento de quem desejava mesmo era sabotar a relação com aquele trabalho e com aquelas regras as quais considerava opressoras.

Naquele cenário, ela entendia que desistir era a solução evidente, mas difícil de ser tomada. Além da dependência financeira, havia a pressão familiar. Aos olhos de sua mãe, principalmente, aquele negócio parecia ser interessante e ela não entendia os motivos para a sua filha recusar aquilo. O trabalho, embora não fosse fixo a uma agência, tinha um alto volume de serviços.

Quem sabia das minúcias de fato daquele ofício era Jeca. Toda a comunicação para chamadas de castings era feita entre as próprias modelos, às vezes por meio de grupos na internet. Havia um certo agenciamento do empresário que a aceitou em seu primeiro desfile, mas de uma maneira distante, por conta das

desconfianças que Jéssica tinha com relação a ele, considerando-o aproveitador. Eram muitos elementos sob seu controle praticamente exclusivo.

A prática do ofício no dia a dia só piorava a situação. Jéssica nunca conseguiu participar de um “Dragão Fashion⁶⁶ da vida”, porque para desfilarem precisaria estar pesando quarenta e um quilos. Quando ia no casting não conseguia ser aprovada e ainda ouvia retornos como “oh, você desfila bem, mas não dá porque você ainda tá cheinha”. Isso a deixava muito triste e irritada. Tentava minimizar os problemas com a moda e até começou a gostar, em algum momento, de ser fotografada. Contudo, foi percebendo que não havia mais condições de vender aquele padrão que lhe era exigido, o que apenas ampliou sua revolta.

Até mesmo os momentos informais de bastidores eram desagradáveis para ela. Em conversas casuais com as colegas, não queria falar sobre corpo, moda e alimentação, mas discutir filosofia e política. Com os meninos era o mesmo problema. Ser simpática e manter o sorriso estampado com essas pessoas era difícil para si.

A dificuldade de se encaixar aumentava por mais que tentasse melhorar esta relação. Só que se chega num nível de esgarçamento que dificilmente pode haver restituição. O dinheiro era, realmente, o que havia sobrado de interessante. Até hoje, Jéssica confessa que se “pudesse emagrecer agora e voltar a trabalhar”, faria só para ter novamente acesso àquele dinheiro.

No momento em que ela considerava ser o melhor de sua carreira como modelo, chegou a participar de um concurso na Rede Record⁶⁷. A proposta do programa era basicamente representar as meninas das favelas cearenses para todo o mundo, mas acabou sendo a gota d’água em sua trajetória nas passarelas. Não pelo resultado em si, pois foi a grande finalista representando o estado do Ceará.

Jéssica se via como a garota do “bicho quebrado”⁶⁸ e que estava concorrendo com outras quatro garotas, segundo ela, “magérrimas” de Fortaleza. Ela venceu a seleção do concurso e iria, portanto, disputar a etapa nacional, que seria

⁶⁶ Importante evento local de moda, realizado anualmente desde 1999. Além dos desfiles, o festival oferece serviços relacionados à gastronomia e shows musicais.

⁶⁷ Emissora de TV brasileira sediada na cidade de São Paulo, fundada na década de 1950 e hoje de propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus.

⁶⁸ Expressão cearense que representa a imagem de uma barriga não tonificada ou flácida.

transmitida ao vivo em TV aberta para todo o Brasil no programa da Ana Hickmann⁶⁹. Jeca foi à São Paulo três vezes, fez várias fotos e conheceu “pessoas importantes” da emissora. Até que o concurso foi arbitrariamente e unilateralmente cancelado. A emissora alegou falta de audiência e decidiu cancelar sem mais delongas. Essa experiência frustrou a ela e a tantas outras profissionais.

Jéssica ainda fica se perguntando como seria sua vida se tivesse ido para aquele programa. Imagina que teria sido como “ganhar na loteria” e completa: “talvez eu pudesse estar apresentando um programa véi mó paia agora na Record”, virado “top” e estivesse “ganhando rios de dinheiro”.

Eu me senti usada, cara. Porque a Record não teve nenhuma responsabilidade com a gente. Nenhuma. Eles pagaram tudo: hotel, alimentação, avião, tudo. Tudo foi pago por eles, mas o que eles fizeram com a gente não tem dinheiro nenhum que pague. E eu conheço várias meninas que também desistiram de ser modelo por causa desse dia, né? Tipo assim, acabou com os sonhos delas, né? Foi foda! [...] Mas é muito o que a mulher dentro da moda é, né? [...] tipo, a galera da moda tem que mudar urgentemente [...].

Há uma percepção encrustada em suas narrativas de que essas experiências que ela passou não foram aleatórias ou casuais, mas que são constantes no mundo da moda. Como mulher e com as discussões sobre ser mulher as quais já tinha vivenciado, essa sensação de descartabilidade era, para ela, uma das piores possíveis. Saber que você pode ser simplesmente retirada do ar, como se fosse um índice ou um produto que não está rendendo, por mais que seja a tônica de nichos como a televisão aberta, era massacrante aos olhos de Jéssica.

Jéssica decidiu desistir temporariamente das passarelas após este episódio, que considerou ser um “banho de água fria”. A partir daí ela narra que começou a experimentar outras possibilidades no mercado de trabalho e inicia a sua trajetória nada linear. A respeito disso, no tópico seguinte, tento apresentar os passos que essa jovem deu em sua vida profissional.

⁶⁹ Apresentadora de TV e ex-modelo.

4.2 Um passeio pela trajetória profissional

Graças a um programa chamado Projeto Vida, associado a uma igreja evangélica do seu bairro, Jéssica conseguiu um emprego na Unimed⁷⁰. Uma das regras para se participar do projeto era se fazer presente em algumas atividades ligadas à religião. Reclama que “tudo tinha Deus no meio” e que eles eram obrigados a “rezar”, mas como era necessário trabalhar, aceitou e entrou na lógica. “Fiquei *dando os meus pulos*”, comenta sobre este momento em que teve que fazer parte destas experiências religiosas – que não eram da sua preferência – para manter o emprego.

Houve um tempo em que Jéssica oscilava entre definir seu trabalho na Unimed como “a pior época da minha vida” e a compreensão de que amou este emprego. Sua função na empresa era atuar como recepcionista da hemodinâmica, lugar onde teve a possibilidade de aprender muito sobre o assunto, por conta da própria curiosidade.

Ela conta que passou um ano e oito meses na empresa e indo todas às quintas-feiras para o projeto da Igreja. Nesse período, diz ter se interessado pela área da saúde, onde teve um prazer estranho pelos procedimentos médicos e comenta: “eu gostava mais mesmo de ver o doutor abrindo a galera, enfiando os cateteres na galera”, fala rindo e deixando claro que preferia isso tudo do que ficar apenas no que considerava ser o atendimento lento do dia a dia.

Justamente nesse momento da história foi que nos conhecemos na experiência da ocupação do Parque do Cocó. Jeca costumava dormir por lá e ia trabalhar na manhã do dia seguinte, destacando a riqueza desta experiência para ela. “Eu tive vivência com a galera anarquista, com a galera do PSOL⁷¹, com a galera do PT, várias pessoas e foi ótimo. Foi ótimo. Eu me sentia em casa. Eu me sentia mais em casa do que na minha própria casa”, fala um pouco emocionada sobre o que viveu naquele momento tão efervescente da política e da cultura local e completa: “[...] Cocó foi uma experiência que ninguém vai conseguir entender sem viver. A gente era uma sociedade, né? Tinha comida, a gente trazia lanche, fazia cota, eu pegava o meu cartão de

⁷⁰ Atualmente, é a maior operadora de planos de saúde do Brasil. Nesse caso, Jéssica estagiava em um dos hospitais de propriedade da Unimed.

⁷¹ Partido Socialismo e Liberdade, fundado no ano de 2005. Origina-se a partir de um grupo dissidente do Partido dos Trabalhadores (PT).

alimentação da Unimed e eu dava metade pra mãe e a outra metade eu gastava no Cocó”.

Conta que nunca imaginou que dormiria no “meio do mato” ou “no meio do lixo”, como às vezes era preciso dentro da ocupação. Segundo ela, tudo isso a fortaleceu como pessoa, lhe dando uma visão diferente sobre o mundo. Talvez por tudo isso e por todo o envolvimento criado, sua reação na desocupação do território foi chorar exaustivamente, como narra.

Durante a ocupação, como citado anteriormente, ela teve experiências políticas e pessoais importantes, que aprofundaram seus conhecimentos sobre temáticas diversas. Embora a atividade tivesse primariamente um objetivo de proteção ambiental, questões como o feminismo eram bastante ativas e isso influenciaria a vida de Jéssica como um todo. Acredita que as marcas da Ocupação não sairiam do seu corpo e da sua memória tão cedo.

Voltando à Unimed, Jéssica diz que queria ter continuado trabalhando lá, mas o seu contrato via Projeto Vida acabou e não poderia ser renovado. Isso acontece, segundo sua explicação, por conta do interesse das empresas em continuar tendo uma mão de obra mais barata. Comenta que este tipo de vínculo “é a melhor forma da empresa ganhar mais”, inclusive seu salário era de apenas R\$409,00 mensais para uma carga horária de seis horas por dia, onde chegava a trabalhar mais do que muitos dos funcionários efetivados. Ao sair, teve acesso ao FGTS⁷², mas não aos demais benefícios trabalhistas, como por exemplo o Seguro Desemprego⁷³.

O fato é que para o mercado de trabalho, de um modo geral, os seres humanos são tratados como “supérfluos”, exceto quando podem ser “consumidores”. Esse cenário observado por István Mészáros (2007) está alinhado ao cálculo que as empresas contratantes fazem, sempre contabilizando a vida em planilhas eletrônicas e monetarizando as relações sociais, por vezes, de forma grosseira. Por conta disso, mesmo sendo uma boa funcionária, a empresa racionaliza a partir da lógica dos custos.

⁷² O Fundo de Garantia do Tempo de Serviço é um benefício que tem por objetivo proteger o trabalhador demitido sem justa causa.

⁷³ É um direito trabalhista constitucional. Trata-se de algumas parcelas equivalentes a um salário mínimo, que o trabalhador receberá após sua demissão. A quantidade de parcelas varia de acordo com o tempo do vínculo empregatício desfeito.

De volta ao desemprego, a necessidade foi apertando e chegou a fazer alguns trabalhos na moda, que ela mesmo chama de “bicos”. Essa classificação se dava tanto pela natureza dos vínculos, como pelo seu pouco interesse em se manter no ramo. A ideia é que pudesse buscar trabalhos circunstanciais com a única finalidade de obter dinheiro para se manter e contribuir com as finanças de sua casa. Tudo isso enquanto não arranjasse um outro emprego. Era uma forma de aproveitar a sua experiência no ramo para tentar faturar algo, enquanto não chegava uma oportunidade que julgasse ser mais adequada para si.

Basicamente fez algumas “fotinhas”, como descreve, para contatos que já possuía desde quando atuava organicamente como modelo. Buscou contatos, mostrou o seu material e então conseguiu novos negócios provisórios. Entretanto, vale destacar que o dinheiro, embora fosse importante naquele momento, já não era expressivo como antes, o que aumentava sua sensação de estar numa “escravidão” pela baixíssima remuneração, chegando a ganhar algo como cem reais por ensaio.

As quantias não valiam a pena para ela quando se calculava os deslocamentos, os gastos com alimentação e o próprio desgaste em si. Procurar a moda já havia sido um ato de quem estava “desesperada” e “precisava de dinheiro”, mas não conseguiu suportar por tanto tempo.

Numa tentativa de vislumbrar horizontes diferentes, esboçou tentar uma capacitação profissional, chegando a fazer, por exemplo, um curso de fotojornalismo no Cuca Barra⁷⁴. Como teve muitas dificuldades para se locomover, decidiu que não havia condições de estudar. O problema financeiro estava tão agravado que precisou buscar um novo emprego. Conta que então recorreu a uma amiga, fotógrafa, que conheceu no cenário da Moda e havia acabado de criar um próprio negócio no ramo da confeitaria.

Oriunda de família rica, segundo Jéssica, esta amiga passava por uma crise financeira e fazer docinhos para vender foi a solução que encontrou para se estabilizar novamente. Sua proposta era elaborar brigadeiros gourmet e vender, inicialmente, para clientes já conhecidos. Jéssica conta que sua amiga era bem relacionada com a “alta sociedade” e não teria dificuldades, portanto, para vender seus produtos. Inclusive, destaca que nem sempre os produtos utilizados eram realmente “de ponta como o que

⁷⁴ Um centro cultural mantido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, localizado no bairro da Barra do Ceará.

era anunciado”, mas isso não a impedia de vender boas quantidades de doces regularmente.

Na função de preparar esses docinhos, entrava diariamente às 8h e saía às 17h, recebendo R\$20,00 por dia, o que considerava uma “micharia” e totalizava menos que um salário mínimo ao fim do mês. Pela capacidade de trabalhar com bastante velocidade e qualidade, havia ainda uma concentração de funções nas mãos de Jéssica, conforme relata.

Ela considerava que havia uma sobrecarga e que isso foi se tornando insustentável, gerando inclusive alguns problemas de saúde, sobretudo impactando sua coluna. Segundo ela, os doces eram todos feitos no apartamento de sua amiga e sem nenhuma condição laboral adequada à disposição. Embora fosse uma residência “chique”, ela não via aquele local como propício para se realizar aquele tipo de trabalho com segurança e conforto.

Por conta de todas estas questões, comunicou a sua amiga que não continuaria mais no negócio e novamente foi batalhar por um novo emprego no mercado de trabalho. Mesmo tendo tentado abandonar de vez as passarelas, Jéssica diz que não pôde ficar tão distante assim do mundo da moda.

O seu próximo emprego seria como “corpo de prova” numa fábrica localizada no bairro Antônio Bezerra, situada ao Oeste do Centro de Fortaleza. A pedido da mãe, havia enviado currículos para algumas empresas com vagas abertas. A empresa era renomada nacionalmente por produzir as roupas para uma grande loja de departamento brasileira. Sua mãe acreditava que o emprego numa empresa consolidada poderia lhe trazer status e segurança financeira. Elementos que, segundo ela, seriam necessários na vida de sua filha.

Mesmo relutante por todas as questões que diz ter sentido na pele, resolveu fazer a seleção pela necessidade de trabalhar e pelos motivos que sua mãe lhe apresentava. Na primeira vez que tentou o processo, conta que fez alguns testes de medidas e foi reprovada por ter o “quadril muito grande”. Na segunda tentativa, uma das funcionárias apertou a fita de medidas e disse “olha, seu quadril está ótimo”, lhe dando a chance de entrar mesmo sem cumprir com os pré-requisitos.

Ela conta que alguns funcionários ficaram sabendo desta facilitação na hora da contratação e a partir daí iniciou-se uma série de perseguições. O policiamento com o

seu corpo, segundo seus relatos, era permanente. A alimentação da fábrica seria muito saborosa, mas considerada por ela como “pesada” e “tinha fermento”, o que a teria prejudicado também no aspecto de pensar em cuidar das medidas. Sempre quando estava no refeitório, alguém comentava “ah, aquela ali é a corpo de prova!”, condenando-a simplesmente por estar comendo. Além disso, se sentia criticada por não se arrumar e por andar “desleixada”.

Jéssica se considerava assediada nesse contexto e diz que isso se agravou ao ponto de espalharem o boato de que estaria grávida. Ela conta que chegou a pensar várias vezes em gravar as práticas que ocorriam e denunciar o caso ao Ministério do Trabalho, mas nunca o fez. Os seus chefes tentavam lhe convencer de que existia a “numeração da mulher brasileira” e que esse número seria o 36 e não o seu atual 40. “Tá vendo como a moda é ridícula?”, questionava com indignação enquanto me contava essas histórias de assédio moral e violência psicológica.

As classificações geradas pelas caracterizações do seu corpo como “acima do peso” geravam um duplo papel demarcatório suficiente para distinguir os melhores dos piores dentro daquele universo. Foucault (2002; p. 151) comenta que esses mecanismos basicamente servem para “marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar”.

Apesar de tudo, Jéssica se dedicava muito a este emprego e buscava aprender a desempenhar papéis que extrapolavam o exigido por sua função. Elaborava fichas técnicas, pedidos de fábrica e ainda ajudava outros colegas de trabalho. Aceitar essa sobrecarga mesmo numa experiência que chegou a ser, em sua visão, “humilhante” e que, segundo ela, a deixou “impregnada e sem vontade de viver”, foi o fruto da circunstância de quem precisava do emprego.

Toda a dedicação e o esforço para “engolir sapos” não foi suficiente. Com apenas três meses de serviço, a crise financeira foi a justificativa para a empresa realizar um corte no seu quadro de funcionários. Nessa leva, Jéssica foi demitida ainda no período de experiência. Mesmo afirmando que detestava aquilo que fazia na fábrica, a empresa pagava os salários rigorosamente em dia e isso foi motivo suficiente para que ela tentasse ser corporalmente produtiva no máximo possível. A descartabilidade surge novamente em sua vida e ela perde este emprego.

Nessa tentativa de estabelecer uma linha do tempo, em seguida viria o que para ela seria uma de suas melhores experiências profissionais. Na informalidade, sem carteira assinada ou qualquer outro vínculo empregatício sólido, conseguiu trabalho em uma boate chamada que funcionava em um shopping de Fortaleza. Ingressou nesse posto de trabalho por indicação do ex-namorado de sua melhor amiga, até então responsável pelo bar. Sua função era basicamente ocupar a bilheteria e receber o dinheiro dos ingressos. Ela diz que agradou à dona desde o início e, por isso também, permaneceu na função.

Com a característica de querer se apropriar de tudo e de ajudar as pessoas com quem trabalha, diz que acabou se tornando praticamente a gerente do estabelecimento. “Ganhava bem e era muito divertido”, como se lembra da experiência. O negócio não durou muito tempo, por questões pessoais e financeiras da proprietária. Mesmo com a falência, Jéssica, enquanto responsável pelo dinheiro, tratou de pagar as pendências que restavam com os funcionários da boate.

As breves narrativas de cada experiência profissional que Jéssica teve são um reflexo do caráter passageiro, circunstancial e descartável que elas, via de regra, tiveram. As reflexões sobre os vínculos acabam se atendo mais à entrada e à saída, do que o processo em si. Se a trajetória no mundo do trabalho até o momento se constituía como uma série de transações e tentativas, mais complicado ainda, para ela, seria a convivência prolongada com o desemprego.

4.3 A falta de trabalho e a necessidade de ter opções: desespero e nada

Havia dias em que Jeca classificava o seu momento como um “nada”. Sem perspectivas e sem sequer ter a dimensão correta do que queria fazer, a ideia de estar fazendo “nada” acionava um desânimo latente em suas feições e trazia narrativas que só a torturavam. “Tô desempregada. Parada. Louca. Desesperada. Já não sei mais o que fazer”, dizia (Ver Foto 8 nos Anexos). Não era a primeira vez que ficava desempregada, mas quando ainda trabalhava na moda tinha mais facilidade de conseguir serviço em eventos ocasionais. Agora, isso não faz parte do seu atual campo de possibilidades. Ela se encontrava nesse momento “sem sentido” por não se enxergar em alguma atividade.

Os comentários sobre a vida e sua dureza do cotidiano revelavam uma personalidade depressiva. Nesse caso, não como uma questão estritamente psicológica, mas que diz respeito a toda uma série de conexões e desconexões com a realidade do mundo e suas cobranças diárias. A depressão que identificava em si era uma espécie de sentimento social, alimentando o desagravo por não se encontrar, por exemplo, num mercado. “Eu tô aquela pessoa sem esperança. Com vontade de me jogar da ponte. Tô bem desse jeito aí e o pior é que tá todo mundo desse jeito”, contava na época.

Jéssica se sentia vivendo uma crise que percebia ser maior que si própria. Ela se sentia encarnando a crise do seu tempo, do seu país e da sua geração e, por isso, se considerava doente. A indisposição com o futuro posto e a desesperança com o que ainda podia ser construído era a combinação mais eficiente que posso descrever para representar este momento em específico de sua vida.

“A gente mudou” é como ela retrata sua geração, que se sente meio perdida no mundo e sem conseguir encaixar-se perfeitamente em nada. Conforme suas impressões, a ausência de linearidade em suas trajetórias de vida, implica, inclusive, numa dificuldade de construir uma perspectiva de consolidar elementos como ofício, carreira e profissão. “Eu não sei” é a resposta mais concreta que consegue dar quando perguntada sobre o que faz ou o que sabe fazer. Compara a mudança do seu tempo com o de seus pais. Por exemplo, seu pai era segurança, e achou que “ia morrer trabalhando como segurança”, mas ficou desempregado nesse mesmo período e assim permaneceu por um bom tempo. Por sua vez, sua mãe era dona de casa e achou que “ia morrer como dona de casa e hoje tem o salão dela”. Além de ter o próprio negócio, sua mãe também voltou a estudar, o que era impensável em um passado bem próximo, estudando inclusive para aprimorar a profissão de cabeleira. A mãe, que outrora era impedida pelo pai de trabalhar, agora é principalmente mantenedora financeira da casa, o que para Jeca é algo engrandecedor.

Costumeiramente refletidos a partir de questões sociais, Jeca associa o seu “nada” com as perspectivas que possui com relação ao mundo, principalmente dialogando com o momento político do Brasil. Manifesta vez por outra uma vontade de ir embora do país, não por não gostar daqui, mas por ter a sensação de que alguma mudança conjuntural negativa virá para piorar a situação, como uma nova ditadura militar. O fato de ser “pobre, [...] escura, [...] morar numa periferia [...]” a faz ter mais

medo ainda deste possível futuro. A relação das pessoas com as redes sociais e as informações sempre em caráter instantâneo contribuem, na sua visão, para a adesão a ideias retrógradas, reacionárias e que agridam os Direitos Humanos.

É o acesso fácil da internet, né? A gente vê lá o conhecimento jorrando e não está sabendo utilizar. Tipo, ele está aí na mesa. Tá todo mundo segurando um celular e tendo um acesso rápido a alguma coisa, mas ninguém está procurando nada. É só recebendo na verdade. Eu estou recebendo o dia todo do Jornal Nacional uma notícia e eu acredito naquele jornal, porque desde criança o meu professor de história dizia que quem não assiste jornal não é uma pessoa inteligente. Então pensa aí essas crianças que cresceram e até hoje são esses bestas. Chega é tenso. Você entra num lugar, vê uma pessoa nova e ela começa a falar de política, você já olha assim... 'mas tu num vota no Bolsonaro não, né?' aí a pessoa 'não, voto não. Deus me livre!'. Aí você fica aliviada, porque é foda.

Falar dessas percepções políticas de Jéssica acaba sendo uma maneira de entender o seu olhar para si e para o mundo. O pessimismo para ver seu futuro está atrelado ao que possui para enxergar a sociedade de um modo geral. O “nada” que ela sentia e expressa em suas narrativas está aparentemente espremido na relação que alimenta com a vida.

Várias foram as vezes que tentei acessar alguma das camadas desse “nada” ao buscar atividades práticas do dia-a-dia de Jéssica e o que ela me relatava; mesmo com todo o ar entristecido e com o desdém sobre tudo, eram relatos de experiências que davam indício de haver ali naquela mente uma garota criativa, e que gostaria de se encontrar e não tem conseguido sequer assumir esse interesse por si própria.

Ao passo que me contava o quanto estava dormindo mais que o de costume, também falava que gostava de experimentar um pouco do som do violão, bem como discutir com alguém sobre questões filosóficas da vida ou fazer leituras de revistas em quadrinhos. Esses momentos, no seu modo de entender, ainda são muito “depressivos”, mas esboçam contatos que ela possivelmente não tinha interpretado ainda.

Justamente no atravessamento dessa prolongada crise existencial e profissional, Jeca resolveu participar de uma seleção para um curso técnico em animação gráfica de jogos eletrônicos, oferecido pelo Porto Iracema das Artes⁷⁵. Ali, timidamente revelou que teria a vontade de tornar a criação de jogos em uma profissão para sua vida.

⁷⁵ Escola de criação cultural, de formação e difusão de cultura e artes vinculada ao Instituto Dragão do Mar.

A seleção havia sido “bastante tensa”, inclusive por conta da probabilidade de cortes nas verbas que financiam o curso, o que gerou um nervosismo nos candidatos. Com esse risco e por conta da alta evasão da última turma formada – que de 30 inscritos, apenas 10 se formaram – havia uma tendência de que a seleção fosse ainda mais rigorosa, evitando estes “erros de escolha”. Ter um aluno que garantisse “ficar, independente do que aconteça” era o principal objetivo da banca, segundo ela.

O curso ocuparia todas as tardes da semana durante dois anos e isso eventualmente se tornaria exaustivo para muitos desprevenidos, numa carga horária como a de qualquer faculdade, como ela associa. Era preciso então entender que o engajamento para se chegar até o fim da formação deveria ser pleno.

Jéssica nunca teve uma experiência de trabalho anterior com jogos, mas chegou a fazer um curso de web design oferecido pela Fábrica de Imagens⁷⁶, que também durou dois anos e foi gratuita. Lá ela aprendeu a utilizar vários softwares livres como o Ubuntu e o Linux. Além disso, por conta do perfil da organizadora do curso, ainda houve toda uma abordagem voltada para a discussão de diversidade sexual e estudos de gênero. Esses módulos tinham tanta importância para ela quanto os que se focavam na parte mais técnica, sendo um importante aprendizado para ela e sua turma.

Quando perguntava no início sobre as suas perspectivas para o curso do Porto Iracema, ela dizia titubeando: “eu tô querendo e não tô, ó Márcio”. Naquele momento, já estava entre as sessenta primeiras colocadas, num processo seletivo que começou com duzentos e setenta inscritos, sendo uma análise rigorosa de perfil o primeiro filtro. “Talvez eu passe, mas talvez eu não passe” foi novamente a impressão de si transmitida em palavras de dúvida e um certo desinteresse ao perceber a falta de sintonia entre as vontades e as perspectivas. Para ela, o nível de incertezas era expressivo de modo que, poucos dias após essa conversa, contou que havia passado na seleção, mas que não tinha certeza se iria se matricular. Os motivos para isso? Ela não sabia explicar, mas o cenário era todo movido pela insegurança: em não conseguir, em não se encaixar, em não gostar, etc.

Em um dado momento, Jéssica contou que estava prestes a realizar um concurso público para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mas decidiu parar de estudar, abandonando o processo antes mesmo de fazer a prova. Tudo

⁷⁶ Organização Não-Governamental localizada em Fortaleza que promove atividades que estimulam capacitações e atividades relacionadas ao segmento audiovisual.

por conta da divulgação da concorrência que a deixou pessimista e entendendo que não valeria a pena se esforçar para não ser aprovada. Rindo meio nervosa, justifica essa avaliação pelo fato de que, em sua leitura, a maioria dos candidatos vinham se preparando há tempos e tinham mais qualidade do que ela. Além disso, há o que ela chama de “concurseiros”, que são os candidatos especialistas em prestar concursos públicos, que já passaram em vários certames e continuam tentando com o intuito de escolher a melhor vaga para si.

O fato de ter se inscrito no concurso público, significa que esboçou em alguma medida a procura por um emprego estável e que lhe trouxesse algum nível de segurança financeira. Contudo, os caminhos para se chegar até este lugar não lhe pareceram sequer possíveis de serem alcançados. A exequibilidade dos projetos caía por terra a partir da sua leitura pessimista.

A relação de Jéssica com os estudos era, para ela, complicada. Considera-se “muito preguiçosa” e diz que tem problemas com concentração. A facilidade considerável em estudar algo relacionado à política não corresponde à indisposição para aprender Matemática, Física ou algo do gênero. Simplesmente diz que não consegue. Desde criança tem esse perfil, embora avalie que seja boa no raciocínio lógico. Acha que é a própria preguiça que dificulta sua relação com os cálculos.

Enxerga um problema nos professores e nos cursos, de um modo geral, por supostamente terem a necessidade de “doutrinar” seus alunos e tentar colocá-los em “casinhas”, se referindo à necessidade de especialização, e que nem sempre essa especialidade é a que está relacionada aos talentos de cada indivíduo. Estudos e leituras desse tipo, para ela, não proporcionam prazer algum. A preguiça que percebe em si, portanto, não é a mesma para todas as atividades. Para as quais sugere ter uma maior aptidão e um maior prazer no seu exercício, desempenha de uma outra forma.

Jéssica se queixa de outro motivo que a impede de estudar: as dificuldades financeiras. Esse elemento gera um impasse na manutenção de projetos mais longos, bem como na sua própria mobilidade por uma cidade das proporções geográficas de Fortaleza, levando em conta principalmente o fato de que mora no bairro do Bom Jardim, que fica numa localização periférica.

Vários cursos interessantes são oferecidos no Porto Iracema das Artes, no Centro Cultural Dragão do Mar e até mesmo nos Cucas⁷⁷, por exemplo, mas que não podem ser por ela realizados por lhe faltar dinheiro. Mesmo as atividades sendo gratuitas, não há condições materiais de locomoção diária e os governos não dão condições para quem não tem como ir e vir, tampouco alguma ajuda para alimentação. Segundo ela, “a maioria das pessoas que vão ali pra fazer o curso precisam trabalhar” e a falta de assistência estudantil faz com que elas não permaneçam até o final.

Na época ainda vislumbrando a aprovação no Porto Iracema das Artes, estudava algumas possibilidades alternativas para garantir que pudesse concluir o curso. Uma delas seria o uso da bicicleta, mesmo tendo noção do cansaço do deslocamento diário e dos riscos que correria, levando em conta o fato de Fortaleza ser uma das cidades mais violentas do mundo, sobretudo quando se trata da integridade física e material de uma jovem mulher⁷⁸.

Ela contava que o governo estudava a possibilidade de ofertar ajudas de custo para os estudantes que não pudessem arcar com suas próprias despesas durante a formação no Porto, o que melhoraria suas condições de vida e de permanência nas aulas. Contudo, além do uso da bicicleta, também já pensava na possibilidade de “tentar fazer algum dinheiro” com outras atividades. Sua ideia principal era fazer alguma coisa para vender, como brownies.

Nesse aspecto em especial, tivemos uma troca interessante de informações, pois eu também já tive que fazer comida para vender, enquanto estava no meu mestrado e precisava complementar minha renda para arcar com as despesas básicas. Coincidentemente ou não, eu também fazia brownies e os levava para a faculdade diariamente. Então, a discussão sobre logística e custos acabou sendo familiar.

Jéssica conta que cogitou buscar um empréstimo para começar o negócio. Apesar do desconforto com a situação, não era a primeira vez que Jéssica precisaria inventar soluções para sair das crises. Mais uma vez ela esboçava uma reação na vida a partir da dureza da realidade e da falta de condições para a realização de alguma

⁷⁷ O Centro Cultural Dragão do Mar e o Cuca são dois equipamentos relevantes para a promoção da cultura e da arte na capital cearense. O primeiro é de administração do Governo do Estado do Ceará e o segundo, por sua vez, é gerido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza.

⁷⁸ Segundo pesquisa da ONG Mexicana “Seguridad, Justicia Y Paz”, Fortaleza é a sétima cidade mais violenta do mundo. Esta organização é responsável globalmente pelo monitoramento do número de homicídios.

atividade desejada. Estabelece, nesse sentido, um tipo de padrão para sobreviver e existir diante de tantas dificuldades.

4.4 Encaixes e desencaixes

Pensar sobre este hiato no mercado de trabalho e refletir sobre o seu lugar na sociedade, remontava as narrativas de Jéssica a momentos diferentes e condensava experiências que lhe atravessaram com mais força em toda sua vida. Não se trata de um debate sobre traumas, mas a respeito das marcas que as vivências deixam. Em vários momentos que pensamos juntos sobre suas falas e suas lembranças, alguns pontos se destacam perceptivelmente como encaixes e outros como desencaixes. A política, o desemprego, a moda, os jogos, a compreensão dos objetivos – ou da falta deles – no mundo aparecem em um conflito que informa sobre a juventude desta garota.

Ainda no Ensino Fundamental, Jéssica e sua turma fundaram o primeiro Grêmio Estudantil de sua escola, numa chapa intitulada “Os revolucionários”. Realizaram atividades interessantes como informar aos alunos sobre a Ditadura Militar, a censura, além de mobilizar os alunos para festas temáticas. Esse muito provavelmente foi o seu primeiro contato com a política, introduzindo-a nessas discussões que a acompanham até os dias de hoje.

Conversar sobre política parecia inevitável em nossos encontros. Era particularmente interessante ver alguém jovem e com dificuldades concretas na vida, dispensando parte do seu tempo para refletir sobre política, poder, comunicação, linguagem e todas essas articulações que são importantes para conhecer melhor sobre si e sobre a vida.

As elaborações políticas são, portanto, uma constante no cenário do universo de suas práticas e suas escolhas. Vale destacar que as experiências ruins que teve nas passarelas – bem como as que viria a ter posteriormente com o interesse pelos jogos de videogame – são diretamente relacionadas a essa politização em sua vida. Nada é tão aleatório como possa parecer, mesmo que isso não signifique uma carreira linear, bem arranjada e com eventos sucessivos e acumulativos.

A demarcação dos padrões dominantes, por exemplo, foi marcante. Tão marcante que a sua ideia principal para trabalho com jogos de vídeo game gira em torno

da possibilidade de criar jogos em que há um respeito entre os gêneros. Jéssica apresentava este conceito já na sua entrevista de seleção para o curso do Porto Iracema, sendo também muito questionada, sobretudo pelo argumento de que o mercado era quem ditava as regras e que se ela fosse contratada por uma grande empresa, teria que ceder. Isso a irritou bastante. Inclusive, nessa ocasião, sustentou que não faria de forma alguma, nem se fosse convidada para fazer os jogos da Lara Croft⁷⁹.

Sua proposta consiste em produzir jogos independentes, o que lhe traria mais liberdade criativa e, principalmente, não a obrigaria a reproduzir certos padrões do mainstream dos games, como a hiperssexualização de personagens femininas. Afirma que pretende criar um padrão e não reproduzir o vigente. Se machucar como se machucou por conta dos padrões da moda não é, definitivamente, uma história que ela quer que se repita (Ver Foto 9 nos Anexos).

É observável mais uma vez as experiências que teve na vida, pinceladas pelas leituras políticas que faz da realidade, se somando às suas habilidades e aspirações profissionais por meio de uma potencial vocação. Essa mistura garante a construção de uma concepção de si a partir de uma concepção profissional. Observando suas narrativas, é possível entender que, quando ela fala sobre como se vê trabalhando, percebe-se como ela se vê enquanto ser humano criativo e potente.

No fim da fase de desemprego, que considerou dura e longa, Jeca alimentava tensões em si a partir das oportunidades que apareciam. Por exemplo, chegou a ser convidada para fazer o Miss Fortaleza, mas não conseguiu se encaixar, porque precisava “deixar o corpo mais slim”, e ela não se via na submissão a essa lógica novamente. Por conta da necessidade de dinheiro, diz que não recusaria os trabalhos na moda, mas havia limites para aderir a eles. “Trabalhar com o seu corpo é a pior coisa que existe”, finaliza.

Neste período, Jéssica tinha apenas vinte e três anos de idade, e dentre tantas crises, se percebia praticamente “fora” da idade para modelar. Por mais que contestasse aquele lugar e o recusasse em diversas situações discursivas, reconhecer-se como alguém que provavelmente está fora do circuito pela idade e pelo peso tinha um sabor amargo. Conta que várias amigas que chegaram a essa idade e ainda estão na ativa, praticamente já não são mais escolhidas. Ser mais jovem é ter mais facilidade para

⁷⁹ Personagem fictícia da franquia de games *Tomb Raider* criada pela Square Enix em 1996 na Inglaterra.

emagrecer. Ela diz que o envelhecimento dificulta e o metabolismo se torna “cruel” nesse ramo.

Uma menina/mulher que gosta de cozinhar, de desenhar, de jogar, de dialogar com as pessoas, de escrever, de criar, de fotografar, mas que parecia ainda não ter conseguido usar de suas aptidões para se ver como parte do mundo. Passou por experiências desagradáveis e violentas pela necessidade de trabalhar, mas gostaria de fazer algo que lhe soasse mais vivo e potente. Ela diz:

Eu gosto de criar. A palavra certa é criar. Porque na cozinha você tá criando também. Você tá criando alguma coisa. Você não tá só fazendo. Eu gosto muito de criar. Talvez eu não tenha conseguido me encaixar, porque em nenhum trabalho eu consegui criar. Sempre tive que fazer o que tava posto. Eu detesto ordens.

Dar os pulos para viver é uma tentativa de escrever a sua história com seu próprio lápis e imprimir sua vida com suas próprias cores ou pelo menos uma expectativa de que as coisas vão melhorar e a oportunidade vai chegar. Jéssica conta que respirava e tentava não desistir, sem ser obrigada a reverenciar aquilo de que discordava e desobedecer aquilo que lhe machucava. Ela acreditava que este esforço seria recompensado quando finalmente se encontrasse em algo, o que parece ter acontecido.

4.5 O início de um curso

Durante todo o processo seletivo para o Porto Iracema das Artes, Jeca sentia dúvidas com relação ao que estava se envolvendo. Acreditava que dificilmente seria aprovada, pois “havia uma galera padrãozinho”, se referindo a possíveis candidatos preferidos dos avaliadores e que possuíam um perfil, segundo ela, universitário e de classe média. Além disso, tinha em mente que, mesmo sendo aprovada, não conseguiria cursar por não ter “nem o dinheiro da passagem”.

A aprovação veio. Houve uma resistência no início, por se achar pouco merecedora da vaga, por se sentir diferente dos demais aprovados e por não ver si em condições de estar naquele mesmo lugar que os demais. Nesse momento, seu namorado foi bastante importante, pois não a deixou desistir e a ajudou como pôde naquele

instante. Com o apoio dele, fez uma manutenção mínima na sua bicicleta, colocando novos freios.

O primeiro ano de Jéssica no curso já se concluiu, do total de dois anos. Ela comenta que, “na dureza da vida”, está frequentando, e que está dando certo. Para se ter uma mínima ideia, chega a percorrer 32 quilômetros diariamente para ir e voltar da sua casa, no Bom Jardim, ao Centro Cultural Dragão do Mar, onde fica a sede do curso. Várias são as histórias de desrespeito por parte dos motoristas dos automóveis, bem como do medo pela violência urbana e pela própria violência específica contra a mulher. Ela acredita ter “metido o corpo na estrada” para estar neste lugar e conta que é na hora de voltar para casa que a tensão aumenta. Suas mãos chegam em casa doloridas por tanta pressão que concentra no guidão para se manter firme no trajeto.

Imaginar essa postura de Jeca pedalando é ter um breve esboço do envolvimento corporal que realiza nessas atividades. Em certa medida, ela está finalmente se dando para um projeto, como nunca havia feito antes na vida. Correr os riscos cotidianos passam a ter, para ela, um volume tão expressivo. Depois de ter renegado o corpo no trabalho da forma como era cobrado na moda, agora seu engajamento corporal é composto por uma outra intencionalidade.

Nos dois primeiros semestres concluídos do curso, se prejudicou em alguns momentos pela questão das faltas às aulas, tanto por não ter muitas vezes dinheiro e também por ter dias em que não há condições físicas e psicológicas de pedalar. Outro fator concreto também é a própria situação da bicicleta, que vez por outra tem algum problema e nem sempre é possível consertá-la imediatamente.

As condições financeiras de sua casa continuam precárias, embora tenham melhorado. O seu pai, que passou mais de um ano desempregado por conta da falência da empresa em que trabalhava anteriormente, conseguiu um emprego no Porto do Pecém⁸⁰. Hoje, ganha metade do que recebia no antigo vínculo, tanto por sua idade – que é substancialmente levada em conta no mercado – como por estar agora numa empresa terceirizada, cujo contrato é mais frágil e possibilita essa desregulamentação salarial.

O Porto Iracema das Artes, segundo ela, reivindicou políticas voltadas para estudantes com o seu perfil socioeconômico. A principal delas foi garantir a carteirinha

⁸⁰ Terminal portuário localizado no município de São Gonçalo do Amarante, na Região Metropolitana de Fortaleza.

de estudante para todos os seus matriculados. Com isso, passa a ter o direito à meia passagem e à meia entrada cultural. Sente-se “tendo o luxo de às vezes vir de ônibus” e comenta que faz uma diferença enorme pagar R\$1,60 ao invés de R\$3,60 no preço de cada bilhete.

Quando lembra de todo o esforço que tem feito, ameniza a dor ao pensar no futuro. O curso tem oferecido uma ideia que não estava presente até então nas narrativas de Jéssica: uma perspectiva. No nosso último encontro da pesquisa, fomos ao Porto Iracema juntos. Em algum momento, paramos ao lado de sua bicicleta que estava trancada por lá, Jeca a segura pelo guidão e comenta: “vamos ver se eu vou me tornar uma grande designer de jogos aí”, sorrindo ainda desconfiada, mas com esperança no olhar.

O curso em si tem alimentado essa visão de futuro e de si contida nele. Conta que tudo está sendo melhor que imaginava. Acrescentaram cadeiras de programação e está vendo disciplinas sobre animação 3D, modelagem em 3D e outros temas que muito interessam à sua formação e tudo com, segundo ela, os melhores professores da cidade.

Jéssica fica efusiva ao descrever as aulas e como elas estão voltadas, via de regra, para oportunizar momentos criativos. Diz que eles fazem o brainstorm e os estudantes vão “jogando as ideias”, por exemplo. A segunda metade do curso, que ela está entrando agora por sinal, é onde se concentram os principais espaços para se criar os jogos e propor ideias novas.

Comenta que, para sua alegria, uma das disciplinas tem trabalhado como obrigatoriedade o uso de temas sociais para a criação de jogos. Assuntos como a busca por pessoas desaparecidas, animais abandonados, reciclagem ou reflorestamento são utilizados para se pensar as plataformas dos games. A proposta consiste em estimular uma responsabilidade no processo criativo no sentido de buscar uma conscientização da população a respeito dos assuntos e que isso, de alguma maneira, faça algum sentido para quem está jogando, sem se tornar um assunto desagradável. A ideia é tentar aprender e ensinar ao se divertir.

Para algumas pessoas da turma, como conta, essas ideias sempre geram conflitos, sobretudo com os que possuem uma visão política mais reacionária. Contudo, especialmente para Jéssica, essas experiências são mais que necessárias. Acredita que é

preciso trazer temas mais densos socialmente para os jogos e isso não significa que eles tenham que deixar de ser bons de jogar.

A importância da reflexão social é um motor da criação de Jéssica e ela comenta que tem batido na tecla a respeito da importância de se repensar as personagens femininas nos jogos e nas ilustrações. A criação do corpo feminino gráfico, em seu modo de ver, não tem correspondência com o corpo feminino na vida real, sendo apenas a produção do corpo como objeto:

Eu acho massa o uniforme das personagens femininas, é interessante ver alguns, mas a gente viu em algumas cadeiras que existem pessoas famosas que trabalham o desenho, a arte gráfica do personagem e eles gostam de colocar muito músculo. Músculos que não existem no homem e na mulher, um seio que não existe no homem e na mulher e dentro do curso eu perguntei sempre isso pra galera: “galera, vocês acham que o peito da mulher é desse jeito? Não é”. O peito da mulher não é desse jeito. Então a gente tenta trazer sempre o desenho que abranja todas as pessoas e traga todas as pessoas e que envolva todas as pessoas. Seja uma coisa que uma pessoa com o número 50 olhe pro personagem e se sintá representada. Não é uma personagem número 36, porque as personagens eram esqueléticas. E é massa, porque a galera melhorou muito, amadureceu muito e eu amadureci muito com o curso.

Interessante observar como o próprio curso tem aberto espaço para que essas reflexões ganhem forma. As discussões com os outros estudantes e com os professores fazem Jéssica amadurecer suas críticas a respeito deste corpo fantasioso da mulher nos jogos e nos desenhos, geralmente colocados em hiperlativos tendendo ao erótico. Essa representação além de objetificar o corpo feminino, traz pouca identificação por parte das mulheres jogadoras com as personagens. Não há representatividade corporal nestas representações corporais. As pessoas comuns que jogam precisam se encontrar na tela, segundo ela.

Além da construção imagética do corpo feminino, há a construção do que é a mulher nos jogos. Geralmente, personagens que sempre são ajudadas ou que agem por motivações relacionadas aos interesses dos homens ou ainda para a simples construção do casal romântico heterossexual. Pensar a mulher suficientemente boa em si mesmo, heroica por si só ou forte por contra própria está no mesmo bojo.

Sob essa ótica, afirma que espera construir jogos com concepções diferentes das suas personagens e que traga uma identificação maior com os jogadores e as jogadoras. Essas reflexões individuais que agora tomam uma dimensão coletiva têm, aos poucos, trazido um certo amadurecimento para toda a turma. Mesmo num espaço

em que a maioria absoluta é de homens, sendo apenas Jéssica e mais quatro meninas, há uma possibilidade de se repensar as questões que são dadas como normais.

Jéssica sabe das dificuldades em se mudar essas visões padronizadas e observa que até suas colegas mulheres tem dificuldades em compreender estes conceitos que tenta trazer:

Dentro da minha sala tem mulheres que acham que não tem nada a ver o que eu falo do personagem ser estereotipado, do personagem ser extremamente sexual. Tem inclusive uma das meninas que adora desenhar assim. E eu já respeito porque é o jeito dela, né? Ela acha que aquilo dali não tem problema, mas na minha cabeça você pode desenhar daquele jeito contanto que você desconstrua aquilo. Você pode fazer um personagem altamente erótico, contanto que você entenda que a maioria das personagens que são eróticas são mulheres. Você não vai ver um personagem erótico sendo homem.

Dá para se observar que há um refinamento em sua própria crítica. Jéssica parece perceber que não adianta tratar essas questões como um cavalo de batalha contra o mainstream, mas que é preciso partir para uma perspectiva mais parecida com a educação. Entender o porquê de se fazer, depois entender o que fazem e aí por quê ainda fazer daquela forma é como ela enxerga os processos, além de ter uma paciência maior com as mulheres inseridas neste mercado, pois merecem todo o respeito e talvez precisem de muito mais para se desconstruírem e trabalharem para isso.

Não se sente sozinha nesta toada. Ao contrário, percebe que há muita gente pensando isso no mundo inteiro e que inclusive o grande mercado tem incorporado aos poucos essas concepções. Dá o exemplo do cinema, que até na produção dos seus blockbusters⁸¹ tem investido mais em representatividade e em personagens femininas que sejam fortes por si só e que se destaquem por suas habilidades e não pelo seu físico. Dá o exemplo inclusive do filme Warcraft⁸² adaptado do game World of Warcraft, mas que nas telonas não reproduziu as personagens femininas com os seios expostos desnecessariamente, como ocorre nos jogos. Esse é um desenvolvimento nas mentalidades que ela observa com apreço e se empolga por ter identificação com isso.

Recentemente, Jéssica teve a oportunidade de criar um jogo físico de tabuleiro. A plataforma se chama “Assalto ao Vilarejo”. Uma experiência como esta

⁸¹ Palavra de origem inglesa, que significa filmes feitos para serem populares.

⁸² Filme lançado em 2016, dirigido por Duncan Jones. O trabalho foi baseado no jogo de vídeo game World of Warcraft produzido pela Blizzard Entertainment e que teve sua primeira versão lançada em 2004.

tem a feito adorar mais ainda o curso e até viajar pelo país em breve para mostrar seu jogo. Uma das marcas deste jogo é justamente a possibilidade de colocar suas experiências com relação à visão sobre violência e sobre os contextos sociais imersos nessa discussão.

Acredita que tudo o que fizer no mundo dos games terá sua “personalidade” e adora a ideia de “ser a sua cara”. Ter a oportunidade de criar produtos que se relacionem consigo e com suas visões de mundo é um objetivo concreto de trabalho e que parece aos poucos ter espaço para ser desenvolvido concretamente. Há um interesse em ter experiências de jogabilidade que envolvam as noções de respeito e de limites. Ela conclui: “sem o respeito a gente não cria o jogo”.

Por mais que ainda veja o mundo das ilustrações e dos jogos como um ambiente ainda muito desrespeitoso e machista, sente que a presença de criadores como ela é a possibilidade de não perder a mudança de vista. Conscientizar os novos criadores a desejar ser pessoas lembradas pela qualidade dos jogos e pelos avanços que trouxeram não apenas na técnica, mas nas concepções, é algo que a instiga. Esse convite permanente pela análise do que se faz, para ela, é um tipo de “trabalho de base”, e remete diretamente a um certo caráter militante, mesmo assumindo eventuais contradições pelos diálogos necessários a se fazer com a indústria.

Com relação ao mercado, Jeca conta que alimenta um otimismo sem cair na ingenuidade. Tem a dimensão de que a crise econômica global vai afetar o consumidor por conta do aumento dos preços, o que já tem se constatado no Brasil, por exemplo. Contudo, avalia que a indústria dos games em si não será tão impactada, no sentido de que deverá continuar crescendo.

Embora tenha uma leitura estrutural sobre o ramo e a própria formação em andamento tenha contribuído para isso, também se preocupa com os aspectos pontuais e locais. Possui uma concepção para os negócios dos jogos que mobiliza uma relação mais dinâmica entre os conceitos de “local” e “global” e isso é nitidamente sedutor para ela quando pensamos nas suas perspectivas de futuro.

Jeca comenta que há em Recife um polo crescente para a produção de jogos, pois há diversas empresas que trabalham neste segmento inclusive em parceria com marcas reconhecidas internacionalmente como a empresa japonesa Sony. Essa ideia é interessante para ela que pensa num mundo conectado pelos jogos e comenta

emocionada: “Pra você jogar um jogo da Sony, que é estrangeiro, e você ver que aqueles robosinhos são do nordeste, pra quem tá fazendo animação, pra quem tá criando isso é tipo assim encher os olhos de lágrimas”.

O curso do Porto Iracema das Artes tem ajudado a desenvolver esse olhar mais aprofundado a respeito do mercado. Há regularmente palestras discutindo não só o mercado de trabalho, também pensando em formas de vender os jogos produzidos no futuro pelos estudantes, bem como em formular acerca da própria criação como algo dirigido para nichos específicos deste segmento no mercado.

Essas reflexões são interessantes para ela, e acredita que essa visão qualificada sobre onde está entrando vai garantir que não perca a personalidade em suas produções e que saiba como tornar isso viável comercialmente. Jéssica acredita que embora não esteja ainda inserida e não possua clientes, é possível ingressar no mercado também por meio da criação de um campo alternativo. É o que chama de indústria indie, que a exemplo da música e do cinema, tem esboçado produções que não necessariamente sigam o formato do que o mainstream⁸³ tem colocado como padrão. Portanto, há uma expectativa de que as produções alternativas também possuam valor de mercado e possam alcançar as pessoas no mundo inteiro, ao invés de serem vistas como produtos restritos e que sejam pensados “para poucos”. A ideia é atingir.

Embora olhe para o mercado e para suas questões como algo breve, entende sua inserção como algo passo-a-passo e planeja a construção deste miolo da profissionalização com muito zelo, como antes não se havia em suas ideias de futuro. Jeca diz se ver como alguém que parece finalmente saber o que está fazendo, e suas elaborações a respeito da sua construção enquanto produtora de jogos são, no seu modo de entender, consistentes, embora as dificuldades de costume ainda estejam no seu pé.

Como objetivo de curto prazo, diz que pretende fazer o ENEM para tentar uma vaga no curso superior de Mídias Digitais oferecido pela Universidade Federal do Ceará. É um curso que também se volta em partes para a questão dos jogos e a maioria dos professores do curso do Porto Iracema também estão na UFC. Inclusive, esse é, certamente, um dos pontos que ela mais elogia no Governo do Estado do Ceará por pagar bem estes profissionais e garantir que eles deem o curso de forma gratuita e com muita qualidade. Reconhece que esta oportunidade é valiosa, mas trata-se de um

⁸³ Palavra de língua inglesa que significa convencional ou a corrente dominante.

privilégio devido à centralização das atividades no Dragão do Mar. Jéssica sonha em outras edições do curso sendo realizadas nas periferias, como no Bom Jardim.

A pretensão de ter um curso de nível superior na área está voltada basicamente para a construção do currículo e da solidez profissional. Conta que vários colegas de sua turma conciliam os dois cursos. Além disso, tem uma expectativa de que, ao estar vinculada à Universidade, tenha mais facilidades para conseguir um estágio ou uma bolsa de estudos para se manter e auxiliar nos gastos básicos que tem apenas para estudar.

Problemas financeiros concretos são coisas que não lhe faltam e vários destes limitam sua experiência de formação. Para se ter uma ideia, Jeca sequer tem um computador em sua casa e isso a impede, por exemplo, de exercitar os conhecimentos que adquire no curso. A falta de prática pode ser um diferencial num universo tão competitivo, e por isso tem como meta material imediata comprar um computador adequado para trabalhar – que custa cerca de três mil reais – e uma mesa digital para desenhar, que tem seu preço orbitando na casa dos mil reais. Explica que não dá para ser qualquer equipamento, mas um dos que lhe ofereça condições de exercitar aquilo que tem aprendido.

Jéssica sabe que não pode esperar tanto tempo por isso e que talvez nem tudo ocorra exatamente como planejou, então também se sente preparada para se ocupar com um “emprego qualquer”, caso seja necessário. Precisa do dinheiro para arcar com estes equipamentos e para seu sustento, então não descarta aceitar qualquer emprego. Inclusive, disse que se lhe chamassem para um ensaio fotográfico, toparia voltar, mesmo sabendo que essa chance é muito remota, pois sabe que foi “completamente cortada” das seleções na moda por tudo o que já fora comentado anteriormente.

De todo modo, Jeca sairá do curso com alguns detalhes encaminhados. O principal deles é a criação de um coletivo a partir dos estudantes formados pelo curso do Porto Iracema das Artes. A ideia é que eles possam se ajudar a montar estratégias para “se sair melhor no mercado e tentar sobreviver no sistema”, como comenta. É notável que ela tem investido em sua rede de contatos, tanto com os estudantes como com os professores.

O curso ofereceu também a possibilidade da criação de um startup⁸⁴ para todos os seus formados. Essa ferramenta é basicamente um lugar onde as pessoas podem criar os seus jogos, divulgá-los, oferecer informações a respeito das produções e receber propostas de eventuais clientes. Um dos alunos que se formou na edição anterior do curso, por meio do startup, conseguiu vender um jogo para a Steam⁸⁵, e o jogo está sendo financiado atualmente. Este é o futuro que ela quer para si: “a gente quer ver o nosso jogo na Steam também!”.

Um dos maiores encantos que esta profissão lhe traz é a ideia de chegar em lugares distantes e que nunca sequer pisou e talvez nem pisará. A Steam, por exemplo, é uma empresa global que financia vários jogos disponíveis em consoles conhecidos mundialmente, como o Playstation 4⁸⁶. Saber que um jovem formado no mesmo curso que está fazendo conseguiu colocar o seu trabalho tão longe é acenar para o seu próprio sonho de conseguir minimamente o mesmo. Vários professores do curso também tiveram seus trabalhos em empresas globais como a Blizzard ou a Bethesda⁸⁷. Segundo ela, todo desenvolvedor de jogos hoje gostaria de produzir para estas empresas.

Atravessar fronteiras, chegar nas casas de pessoas diferentes e de todos os cantos são vontades que alimenta para sua vida profissional, além da ambição de experienciar culturas diferentes e países diferentes direta ou indiretamente. Conta muito animada que um de seus professores trabalha e mora na Terceira Etapa do Conjunto Ceará⁸⁸ e comercializa sua produção de jogos para mercados no Japão, na China e nos Estados Unidos. As empresas lhe dão os prazos e ele trabalha na própria residência, criando suas personagens, elaborando seus conceitos e produzindo pro mundo inteiro. Essa dimensão, para ela, é especial e lhe dá a sensação de estar fazendo parte do universo de forma sólida.

Há uma animação de sua parte quando analisa o espaço que as animações tem ganhado em vários segmentos da indústria do entretenimento. Destaca que

⁸⁴ É uma empresa nova, com caráter emergente, que serve para desenvolver uma ideia ou um modelo de negócio e, normalmente, possui bases tecnológicas.

⁸⁵ Plataforma de jogos digitais criada pela Valve Corporation em 2003.

⁸⁶ Video game criado pela empresa Sony há mais de uma década é o mais vendido do segmento.

⁸⁷ Ambas as empresas são produtoras de jogos de vídeo game.

⁸⁸ Conjunto Ceará é um bairro de Fortaleza, que se divide geograficamente em etapas.

empresas como a Disney têm praticamente chegado à perfeição em níveis técnicos, mas que ainda é possível oferecer muita qualidade técnica e conceitual de forma alternativa. Contudo, acredita que para se destacar de modo independente é preciso ter uma marca própria de distinção no meio de tantas opções.

Jéssica destacadamente se interessa pela animação e pelas ilustrações, então tem sempre praticado para tentar aperfeiçoar os seus desenhos, mas comenta que a busca principal deve ser pela assinatura própria, pelo traço particular e pela personalidade impressa “na ponta do lápis”:

Eu gosto de desenhar coisas realistas. Eu ainda não tô fazendo o meu traço. Eu gosto de desenhar as coisas reais e eu acabei me bloqueando pra criar um personagem meu com o meu traço, entendeu? Porque todo mundo pode desenhar bem real, né? Mas a galera tem o seu próprio tracinho. Tem gente que já desenha e você olha ‘parece coisas da Disney’ e tal, mas vou com calma porque eu sei que eu vou descobrir o que eu gosto mais de desenhar no futuro.

Agora, que se sente nos trilhos, é mais simples até pensar em esperar. A paciência que se revela em seus planos é um resultado do conforto psicológico que o momento lhe reservou. Encontrar a dimensão do prazer naquele ofício, se reconhecer como talentosa, desempenhar o esforço máximo para aprimorar suas habilidades e aprender novas técnicas e conhecimentos é o que anda fazendo. Compor suas próprias histórias no mundo dos games é algo que lhe vem como condição de sucesso. Ela se diz feliz justamente por se sentir envolvida com aquilo que ama: os jogos.

Várias vezes recupera o contraponto de outrora, quando está fora de uma noção de futuro e reconhece que em vários momentos pensou em morrer para dar fim à agonia. Agora, pensa diferente, pois se sente também diferente. A sensação de utilidade informa, mas é insuficiente, quando dá pra perceber as dimensões da possibilidade e da potencialidade que possui.

No mundo “lá fora”, como diz, Jéssica sabe que ainda há uma certa desinformação com relação à profissão de criador de *games* e percebe isso inclusive na própria família ou em várias amizades. A visão que se tem sobre quem vive para criar jogos é muito similar à construída para quem vive jogando videogame, como comenta. Acredita que é o mesmo efeito que artistas de um modo geral sentem, sendo habitualmente tratados como “vagabundos ou desocupados”. É assim que se sente: como uma artista. Uma trabalhadora e uma artista que busca desfrutar de muitos dos

prazeres da vida por meio do trabalho e se satisfazer pelo seu encanto com a virtualidade. Diverte-se comentando: “[...] e tem jogo, bicho, que você fica olhando assim ‘meu irmão, olha esse cenário, doido. Pra que é que eu quero viver a vida real tendo um cenário desses?’”.

A admiração pode finalmente lhe trazer um lugar não de mero expectador, mas de produtor destas realidades virtuais. Diz que quer fazer estes jogos com muita qualidade para que, ao ver seu trabalho na tela, sinta felicidade. A dedicação diária não parece faltar, e ela sabe que isso será o combustível para em algum momento não se deparar mais com o comentário “ah, isso daí não é trabalho!”. No fundo, acredita que essas desconfianças só podem ser superadas com o próprio exercício do trabalho.

Jeca afirmar ter noção do quanto a concorrência é forte e como o “capitalismo tem seus abusos”, inclusive já passou por diversas situações no mercado de trabalho que a fizeram sentir na pele como o mundo do trabalho é duro. Contudo, acredita ser possível explorar este mercado com criatividade, engenhosidade e resistência com relação aos seus ideais. Vê muito potencial na construção de um cenário *indie* para acolher suas ideias, mas também sonha em alcançar grandes públicos no mercado já consolidado.

Jéssica conta que ainda não consegue viver disso e diz sentir-se próxima deste objetivo e que já se permite imaginar e sonhar consigo mesma em outro patamar. O prazer em olhar para sua arte e saber que o seu dinheiro vem dali, que paga sua conta de luz e que paga “até com a língua de quem duvidou” é incomensurável, como destaca. Muitos que a cercam tem duvidado dessa possibilidade, mas ela percebe que a cada dia está mais concreto e o futuro já tem várias cores em sua imaginação.

A ideia de “ser algo” toma substância e já imagina como sua vida estaria em breve. Diz que dentro de cinco anos, por exemplo, gostaria de viver no Canadá, trabalhando com jogos, produzindo sua arte e a vendendo bem. Teria muito prazer em ouvir sobre ela o comentário “olha aí, a filha da puta, saiu lá do Ceará, lá do The Good Garden⁸⁹, cria jogos” e ri. Sabe que precisa melhorar muito para conseguir chegar neste ideal, mas busca o foco todos os dias para alcançar.

Atualmente, está saindo das redes sociais justamente para tentar se reservar mais. Considera que estas ferramentas afetam o seu processo criativo e a sua

⁸⁹ Apelido em inglês para o seu bairro, o Bom Jardim.

concentração. A imaginação e a tranquilidade, para ela, são partes muito importantes para a criação de qualquer ilustrador e que tem se dispersado por conta do mau uso da internet. Contudo, assume que o ideal é buscar um equilíbrio nesta relação, pois é importante estar conectado ao mundo, ser antenado a suas questões, mas sem deixar que seja bombardeada e afetada tanto pela potência e velocidade da produção de informações nas redes.

Jéssica acredita que o próprio capitalismo gera interferências negativas para o trabalho artístico e “pode matar o processo criativo”. Conhece várias pessoas que saem criativos das suas faculdades, mas quando chegam no mercado de trabalho começam a definhar. A obrigação de pagar as contas e de produzir podem ser elementos que contribuem para isso, mas afirma que não há como fugir destas duas condições, então é preciso saber entrar no ritmo com a vontade de se preservar e de não se perder neste jogo, que é muito maior e mais complexo que os seus jogos de videogame.

É por conhecer tudo isso, que reconhece a importância do lazer para arejar as suas ideias e deseja que o trabalho possa também ser em vários momentos a sua diversão. Jeca diz conhecer bem os limites disso, sabe que haverá dias mais duros, mas que é preciso construir uma nova mentalidade com relação ao trabalho, que sirva para vencer tanto a opressão, como as pressões postas.

Jéssica acredita que sozinha não conseguirá alcançar seus sonhos e, por isso, investe tanto no já comentado network. A coletividade, que já era um ideal de transformação do mundo, agora é também uma forma de sobrevivência no mundo do trabalho. É o trabalho em conjunto que, do seu ponto de vista, pode garantir uma boa parte do futuro projetado para si. Sobretudo nas áreas que envolvem criação, diz ser importante revelar essas concepções, além de aproveitar para conhecer pessoas interessantes e que tenham algo a acrescentar na sua estrada.

É fundamental estabelecer aqui um parêntese acerca da importância do conceito de network em todas as narrativas apresentadas nessa tese. Léo, em conjunto com os demais YouTubers, Rafa, com seus sócios da Gastronomia, Jéssica, com os seus colegas do curso de produção de jogos, Leandro, com os funcionários que gerenciam a X Center e Alice, com os professores e colegas da Universidade.

O trabalho de pesquisa de Maia e Mancebo (2010) debate a importância do network, sobretudo, no universo de jovens trabalhadores. Pois além de estabelecer e

manter conexões e contatos, o *network* também pode ser um espaço para se construir relacionamentos sociais. É uma ideia de coletividade que, segundo elas, geralmente é frágil, mas que é valorizada para quem ingressa no mercado de trabalho. Aparece então como uma possibilidade de crescimento profissional e pessoal.

Construir os projetos com outros que pensem de modo semelhante é mais prazeroso, aponta. Trocar experiências e partilhar dos espaços parece ser, portanto, fundamental. Jéssica tem percebido a força da empatia em vários de seus colegas e isso a faz sentir uma confiança profissional que aos poucos vai fortalecendo essa ideia de se pensar num mundo em redes.

Confia na sua essência e individualidade, sabe da importância de suas raízes, de suas características e de suas visões de mundo. Ao mesmo tempo, sabe quando precisa se voltar para as coletividades, quando precisa aprender a fazer concessões e a criar com outras mãos e outras cabeças, que também são diferentes e tem suas próprias experiências. É nessa dança que Jéssica afirma querer estar, pois, para ela, o entendimento é de que é preciso fazer com muitos para se refazer. Esse tem sido o movimento.

5 LEANDRO JESUÍNO: A ESTABILIDADE À DERIVA

Não é nenhuma novidade ter o Leandro como interlocutor em minha curta trajetória acadêmica. Foi uma das principais personagens em meu trabalho de monografia (BENEVIDES, 2011), teve um papel fundamental na minha dissertação (BENEVIDES, 2014) e agora retorna na construção desta pesquisa para a tese de doutorado. Importante frisar que antes desses desenrolares de pesquisas, nós trabalhamos juntos na mesma empresa de call center⁹⁰ em que ele trabalha até hoje e ainda somos amigos, assim como sou amigo de sua esposa, Andreia, que também trabalhou conosco. Agora, no terceiro trabalho de pesquisa consecutivo, o tempo passa e já encontro Leandro com sua filha, a pequena Lívia (Ver Foto 10). Muita coisa acumulada nessas experiências todas e encontrá-lo é sempre um prazer pessoal e profissional enorme. Sua fidelidade e confiança para a troca de ideias, além de ser caro para a minha produção, é importante para nós enquanto relação social.

Ter essa percepção firme do “dentro” contribui com o amadurecimento e a abertura de novos horizontes para quem inevitavelmente enxerga a partir do “fora”. Trocar a partir desses universos nos engrandece de uma maneira ou de outra. É marcante como a trajetória profissional de Leandro na X Center está entrelaçada com suas decisões pessoais e afetivas mais importantes. Da história do seu casamento ao nascimento da sua filha, o que tento apresentar aqui é como esse jovem de 28 anos de idade constitui os significados para sua vida a partir do trabalho, permitindo atravessar-se pela família, pelas vontades e pelas expectativas.

Nos encontrávamos às noites na faculdade em que Andreia estuda. Ele saía do trabalho direto pra lá e tínhamos longas conversas enquanto as aulas duravam. A pesquisa foi uma atividade de reencontro e troca, onde a abordagem sociológica se permite existir em meio aos afetos e às memórias em comum. A relação de pesquisa aqui, mais do que nunca, era uma relação social.

⁹⁰ “Call center como um centro de atendimento telefônico, ou seja, uma estrutura montada para centralizar o atendimento por telefone (RUFINO, 2005, p. 2)”.

5.1 Antes de chegar à X Center

Já são mais de dez anos de carreira no segmento do call center e reconstruir essa trajetória é uma proposta complexa, sobretudo quando se pretende aprofundar as narrativas e ampliar a visão sobre os processos vivenciados até então. No sentido de garantir que haja bases sólidas de conhecimento com relação ao interlocutor, fiz a escolha de começar a contar as experiências de Leandro com o mundo do trabalho antes mesmo de embarcar na X Center, percebendo os contornos em sua vida profissional.

Ainda na adolescência, Leandro já ouvia de sua mãe que estudar e trabalhar eram práticas que tinham pesos iguais de importância na vida adulta. Numa família de trabalhadores sem escolaridade, isso significava na prática que os estudos tinham uma relevância expressiva e que precisavam ser valorizados. Mesmo tendo estudado majoritariamente em escolas públicas, fazer vestibular era, portanto, um dos principais objetivos de Leandro, embora se soubesse que as chances seriam diminutas por conta da qualidade do ensino.

Após o ensino fundamental, sua mãe o matriculou em uma escola particular, mas, não conseguindo pagar as mensalidades, com apenas três meses ele foi expulso, voltando ao ensino público. Nessa época, um amigo da família, que era diretor de uma pequena escola do bairro, tinha seus filhos estudando no Colégio Batista⁹¹ e, sensibilizado com a situação, conseguiu bolsas de estudos para Leandro e alguns amigos do local. A bolsa não era integral, mas esse mesmo rapaz ajudava com o restante das mensalidades, já que a mãe de Leandro não tinha condições de pagar sequer o restante do valor. Nesse negócio, Leandro conta que sua família desembolsava apenas o necessário para arcar com as despesas com as apostilas, que giravam em torno de setenta reais por mês, o que na época representava ainda assim uma quantia considerável no orçamento e demandava esforço para ser pago, conforme narra.

Aos dezessete anos, quando concluiu o Ensino Médio, pensava desejoso: “ah, vou estudar e ter um bom emprego”. Fazer cursinho e arranjar algum trabalho era crucial de agora em diante. Então, surgiu a sua primeira oportunidade profissional, que foi a de vender cursos de inglês para uma empresa chamada British and American. O trabalho consistia basicamente em ligar para pessoas da cidade de Fortaleza e lhes

⁹¹ Tradicional colégio privado de Fortaleza.

oferecer os cursos oferecidos pela franquia. Esta primeira experiência acabou sendo com call center e durou exatamente três dias.

Leandro conta que o trabalho era excessivamente rígido no que diz respeito à oralização de scripts para os clientes. Por exemplo, era obrigatório que o cliente na linha indicasse quarenta pessoas que estivessem possivelmente interessadas em fazer um curso de inglês e só assim era fechado o contrato. Até já esteve muito próximo de conseguir concretizar uma venda, mas nunca encontrou ninguém que se dispusesse a dar quarenta indicações. A impossibilidade de se vender algo nesses moldes era refletida em todos os funcionários, pois nos três dias em que Leandro lá esteve, ninguém na operação inteira conseguiu fazer uma venda sequer.

O gerente da empresa chegou a oferecer cinquenta reais de premiação para quem fizesse a primeira venda, mas ainda assim não teve jeito. Pelo visto, não se tratava apenas de algo para se motivar. Ao conversar com o seu superior, Leandro ficou mais indignado ainda: “[...] o gerente, ele tinha dito que não podia mudar nada. Quando eu cheguei na sala dele e disse que eu não fiz a venda por conta disso, ele disse 'devia ter falado comigo'. Só que ele disse que não abrisse mão de jeito nenhum”. Desgostoso, pediu as suas contas e saiu da empresa.

A próxima tentativa no mercado de trabalho foi na Editora Abril. Quando encontrou a vaga, o anúncio era de que o emprego seria em um call center ou em um stand. Fez o treinamento, que durou três dias, entregou toda a documentação necessária e começou no trabalho. Contudo, nada tinha relação com as informações anunciadas anteriormente. O ofício era realizado em um cubículo que ele chama de “buraco”, e tinha que pegar as revistas para sair vendendo as assinaturas pela rua. Era o conhecido “porta a porta”. Em menos de uma semana, decidiu também não continuar.

Filho de um pintor com uma dona de casa, tendo um irmão mais velho autista e uma irmã caçula em casa, não era simples recusar uma oportunidade de trabalho, seja ela qual for. Apesar das dificuldades financeiras e do movimento duro da vida, Leandro tinha o apoio de sua mãe, que fortalecia suas decisões.

Em mais um momento de dificuldade, o amigo da família, que lhe conseguiu uma bolsa de estudos no Ensino Médio, voltou a ajudá-lo, desta vez oferecendo a Leandro um emprego em sua pequena escola, localizada na Praia do

Futuro. Basicamente, deveria ajudar as crianças a aprender a digitar. Esta seria mais uma experiência profissional breve de Leandro.

Aos poucos a escola foi entrando em falência e os professores debandando, até que a vaga de Matemática foi uma das que ficou desocupada e Leandro teve que assumi-la. Considerava-se bom na matéria e resolveu encarar as turmas de quinta à sétima série, ganhando duzentos reais por mês. Apesar de nunca ter pensado em ser professor e ter dificuldades no relacionamento com os alunos mais indisciplinados, gostou de dar aulas por um tempo.

Sem êxito no dia a dia da sala de aula e com a escola falindo, conta que até tentou emprego como professor em outra escola pequena do seu bairro, mas recebeu uma negativa que o fez desistir de vez da profissão. O elemento principal nesse aspecto foi a falta de formação na área, bem como a pouca idade, que passava pouca credibilidade para quem fosse lhe dar uma oportunidade, como comenta.

No meio disso tudo, entre os dezesseis e os dezenove anos de idade, Leandro diz ter feito vestibular algumas vezes. O curso de administração foi o que teve mais tentativas, chegando até à segunda fase da seleção da UECE (Universidade Estadual do Ceará), mas sem sucesso. Leandro chegou a prestar seleção até para o curso de Medicina. “Eu não sou tão inteligente, também não sou tão burro. Dá pra passar”, era o lema que utilizava para continuar insistindo.

Com tantos revezes, diz ter avaliado os motivos para não ser aprovado. Então, começou a buscar o histórico dos candidatos que eram aprovados nos vestibulares e foi analisar a média que precisava para também conseguir passar. Baseado nisso, escolheu o curso de Economia. “Eu gosto de Matemática, eu gosto de História, então vamos lá” e essas eram as disciplinas mais importantes para a seleção, tendo em vista que seriam cobradas numa chamada “Prova de específicas”, equivalendo à segunda etapa da seleção. O resultado dessa logística toda deu certo.

Passei na primeira fase em 22º, tudo por causa da Física, que eu nunca soube porra nenhuma e já zerei umas duas vezes Física, mas eu elaborei uma estratégia pra não zerar Física. Só que essa estratégia foi tão boa, que eu acertei 5 questões de 8. [...] Fora que eu tinha ido razoavelmente bem nas outras e aí eu fiquei em 22º. Eu faço uma redação boa. Em Matemática eu vou dar uma enrolada, porque matemática era fodendo. Na segunda fase era uma prova do caralho. Macho, em redação eu sempre me saí bem, mas pra tu ter uma ideia, eu me lasquei nessa. Nessa, que eu passei eu me lasquei. Fiz 35 de 80 [...] aí eu 'puta que pariu' [...], mas em compensação em Matemática que a galera não acertava nem 20, eu fiz 30, mas como é que eu fiz 30? A

primeira questão era de porcentagem. Fácil. Era dada. Então, 10 pontos. A segunda questão era assim ó, eu não sabia resolver, mas eu sabia que eram as relações de Girard, aí eu “de acordo com as relações de Girard”, escrevi as relações, mas não sabia responder. Uma parte! Meio ponto! Aí fui pra terceira e sabia que era pra responder com polinômio, se eu não me engano aí eu “os polinômios” (risos) aí botei os polinômios tudinho, mas não sabia responder. Ganhei mais pontuação e no final das contas eu fiz uma pontuação boa. História eu também fui bem. Passei na posição de 69. Bom.

Devido a colocação, sua chamada na UFC (Universidade Federal do Ceará) só se daria no segundo semestre. Em breve, ele descreve que receberia o telefonema da sua mãe contando da sua aprovação no vestibular e a vontade, segundo ele, seria de “soltar o telefone e sair correndo” pela alegria que sentia. Tantas estratégias, tantas invenções de jeitos de resolver, de encaminhar, de racionar e de fazer, tiveram um resultado positivo. Essas maneiras encontradas para se chegar ao resultado nunca alcançado até então são reflexos que entende como “se virar” e não tem dúvidas de que são ações envolvidas numa lógica racional que está presente com frequência em sua vida.

Após sua saída da escola em que trabalhou alguns períodos, passou algum tempo indo diariamente ao SINE/IDT⁹², sem conseguir nenhuma vaga. Até que um dia estava jogando videogame em uma locadora próxima à sua casa e sua mãe chegou dando um recado de sua tia “Léo, tem uma vaga lá no SINE pra operador de telemarketing e não precisa de experiência”.

Contrariado por ter que largar o videogame no meio de uma tarde de relaxamento, assume rindo disso, foi se arrumar para ir ao SINE. Ao chegar lá, recebeu um encaminhamento direto para a X Center. A facilidade para a obtenção da vaga foi neutralizada pelo dilema com outra vaga que havia surgido no mesmo dia.

Ainda pela manhã, Leandro havia ido em um dos prédios do Centro de Fortaleza que oferecia vagas para emprego. Chegando lá, se deparou com cerca de 200 pessoas disputando 50 vagas. A seleção começava com o preenchimento de um formulário, onde o candidato deveria apontar quais as suas pretensões e falar um pouco de si. Apesar de não se encaixar no perfil da empresa, suas pretensões chamaram a atenção dos entrevistadores e ele foi incluído entre os selecionados. A vaga consistia em vender cursos diversos nas escolas. O combinado era para que retornasse dois dias

⁹² É o Sistema Nacional de Emprego vinculado ao Instituto de Desenvolvimento do Trabalho, onde são oferecidas vagas de emprego.

depois para começar o treinamento. O principal problema é que o encaminhamento para a X Center estava marcado justamente no mesmo dia e no mesmo horário.

Agora, por uma coincidência, a ida à X Center ficou exatamente no mesmo dia e horário do treinamento, o que o obrigou a escolher. Confiando que o papel que lhe encaminhava para a X Center também era um documento que garantia a sua contratação, Leandro resolveu escolhê-la ao invés de ficar com a venda de cursos. O motivo da opção foi por conta de que o Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (SINE/IDT) anunciava a vaga como “Oi”⁹³, que era uma das empresas contratantes da empresa terceirizada de call center. Portanto, ir para uma empresa com um nome mais expressivo e conhecido no mercado de trabalho foi o seu critério de escolha principal.

Foi à empresa no dia combinado e percebeu que a situação no call center não estava dirigida como imaginava. Inicialmente, todas as pessoas que estavam com a ficha de encaminhamento tiveram que se apresentar, falar um pouco sobre si e suas pretensões. Só neste processo de apresentação, vários foram sumariamente excluídos de sala. Foi aí que Leandro se deu conta de que estava em mais um processo seletivo. Conta que pensou imediatamente “caralho, velho, eu tava no outro emprego! Eu já tinha passado no outro! Fodeu foi tudo agora!”, ri, ainda nervoso, ao lembrar de sua sensação naquele momento.

Ver alguns candidatos eliminados e lembrar da vaga que já estava garantida trouxe peso e um certo desespero que o obrigou a “dar o gás” dali em diante. Após as apresentações, a banca de seleção pediu que os candidatos se dividissem em grupos e elaborassem um produto fictício para ser vendido, sendo exigido dos candidatos que haja originalidade e funcionalidade na criação. No sufoco, pensa “puta merda, velho. Cara, eu não quero nem saber o que é que eu vou criar, mas tem que ser o mais foda de tudinho”. Ser pelo menos o melhor do seu grupo era o seu objetivo mínimo. Na hora de apresentar o produto, Leandro tomou a iniciativa apresentando também os demais candidatos e explicou detalhadamente o produto criado. O plano era se destacar e permanecer na seleção até o final.

Novamente, várias pessoas foram excluídas em mais essa rodada, restando apenas cinco candidatos. Uma pessoa de cada grupo, como imaginava. Em seguida, houve um teste de digitação, onde uma candidata ainda chegou a ser reprovada, o que

⁹³ Uma empresa brasileira de telecomunicações.

implicou em apenas quatro candidatos selecionados, sendo Leandro o único homem entre eles. Pela análise de perfil, o setor para o qual foi enviado seria o SAC do 103. Aguardou o telefonema da empresa para entregar a documentação nos próximos dias já feliz e aliviado com a semana em que começou com dois prováveis empregos e poderia ter terminado sem nenhum.

A escolha pelo call center se dá a partir de uma necessidade genérica de estar empregado, tanto que Leandro diz ter escolhido em detrimento do outro trabalho por razões que não são necessariamente ligadas a uma vocação ou perspectiva de carreira. Como destaca Selma Venco (2009), é um tipo de ocupação circunstancial, que sempre se promove mais pelo que se pode proporcionar a partir deste posto, do que pelas vantagens no trabalho que será desempenhado. O principal benefício é, de fato, estar empregado. Não havia uma perspectiva de construção de uma carreira no segmento, tornando o emprego provisório e etéreo, como discutido em Rosenfield (2009, p. 178).

Fundamental destacar essa leitura para o início da jornada de Leandro na X Center, sobretudo pela falta de motivações subjetivas para essa inserção. Nesses dez anos é perceptível o quanto se reinventou, buscou o interesse pelas diversas possibilidades na escalada da empresa, aprendeu novos conhecimentos, utilizou suas habilidades para se manter e subir por lá e passou a gostar de viver estas experiências, mesmo que no começo não fosse assim. De certo modo, ele entende que aprendeu a dar sentido àquela experiência.

Em pouco tempo, foi chamado para um treinamento voltado para a apresentação dos procedimentos de trabalho e técnicas a serem utilizadas no atendimento. Esta atividade durou quase dois meses, com todas as despesas com transporte sendo retiradas do próprio bolso e a empresa oferecendo apenas a alimentação. Apesar das dificuldades, Leandro começava a se destacar, sendo o único da turma que tirava notas bem acima da média. A capacidade de criar atalhos mentais para os códigos dos sistemas e as funcionalidades da operação se destacavam em Leandro, que utilizava isso somado à sua memória ímpar para números complexos. Nas provas, além de se sair melhor que os demais, ainda conseguia terminar os exames primeiro pela velocidade com que se lembrava dos registros necessários para a

resolução das questões. Assim, seus caminhos para chegar à empresa foram sendo traçados sem muitos problemas.

5.2 Contratado: trajetória na empresa

Finalmente na X Center, outro fator que o colocou naturalmente na frente dos demais foi a experiência de ter servido de Help!⁹⁴ para uma bateria inteira de novatos, tendo ele apenas quatro meses de trabalho na empresa. Leandro só tirava nota dez nas avaliações das monitorias e tinha a confiança de sua supervisora. A primeira vez que diz ter ficado com o conceito abaixo de dez foi apenas com nove meses de trabalho e o primeiro zero veio por ter tido “pena da cliente”, descumprindo um procedimento padrão e ajudando a cliente, mesmo indo de encontro ao sugerido no script. Esse modelo de ética, não é bem visto aos olhos de quem lida com lucros diariamente e por isso é tido como negativo por parte da contratante.

De todo modo, a confiança era garantida e ele foi fazer o Help!, o que lhe deu uma boa sensação de “eu desenrolei. Consegui ajudar todo mundo”. Não havia tempo ruim para ele, que diz sempre ter sido assumidamente “bitolado” para aprender os procedimentos do trabalho. Enquanto todos aproveitavam os raros momentos de disponibilidade nas ligações, conta que aproveitava para estudar sobre o atendimento e se aperfeiçoar. Essa “curiosidade” constante contribui para a formação de um upgrade considerável e uma identificação com aquele lugar. Aos sete meses, já se candidatou à supervisão.

Nessa primeira tentativa, percebeu-se ainda “verde” para conseguir esse tipo de mobilidade e sentiu-se nervoso, não conseguindo se destacar e nem se colocar durante as etapas propostas. Três meses depois, tentou uma nova seleção, agora para avaliação dos chamados AG 90 – que são registros de elogios de atendimento –, mas, apesar de ter sido enaltecido na seleção, a vaga foi preenchida por um candidato que era casado com uma supervisora da área.

⁹⁴ Geralmente, quando grupos de novatos são inseridos na operação, os trabalhadores mais antigos são chamados pelos supervisores para ajudá-los nos primeiros atendimentos. Esse tipo de contribuição ficou conhecida no call center como Help!. Ver mais em Bernardo (2009).

Além dos Help!, era muito comum que os funcionários mais velhos também ensinasse aos mais novos alguns truques para facilitar o trabalho. Quando estes atalhos se davam por meio de atos que burlavam os procedimentos da empresa, eram chamados de *mazela*. *Mazelar* seria, portanto, descumprir com o padrão utilizando macetes técnicos. Vale destacar que, via de regra, a *mazela* não vinha necessariamente para facilitar os atendimentos. Na maioria dos casos, era justamente uma forma de sabotá-los. Os veteranos se valiam dessas estratégias principalmente para criar espaços de fuga contra o excessivo controle e o estresse comum do cotidiano. Mais sobre isso pode ser lido em outro trabalho que produzi (Benevides, 2016). Não demorou muito para que Leandro também viesse a conhecer estas dinâmicas e também passasse a *mazelar*.

Os períodos em que Leandro diz que *mazelava* e “segurava a URA”⁹⁵ são lembrados com muito peso, por conta da rotina e do cansaço extremo no atendimento e conta: “Tinha dias que eu não aguentava atender um cliente que [...] já me dava uma agonia, uma coisa ruim, sério mesmo. Eu entrava na empresa já com um sentimento ruim. Então eu ia trabalhar já 'cara, isso aqui é uma merda'. Então quando eu pegava uma URA, velho, foda-se [...]”. Ele analisa que boicotar os procedimentos da empresa também era uma forma de diminuir a pressão e dá o exemplo de Andréia, que prezava por atender corretamente, até que não suportou mais o trabalho e chegou a pedir demissão. Diz “às vezes você é muito rígido com uma coisa e quando bate, quebra. [...] Então, onde eu passei e deixei um rastro (*risos*), porque, velho, não dá pra você ser o corretão e chegar tão longe assim não”.

Leandro considera que essa postura desajustada era uma espécie de mal menor dentro da empresa, pois prejudicava os níveis de atendimento, mas não havia um conflito direto com os clientes. Olha para o passado e se percebe um teleoperador “nota oito” e que atendia bem os clientes que lhes eram designados. Ele afirma que tinha uma disposição mediana com relação às pretensões na empresa por um bom tempo. A maior vontade de sair de lá era justamente quando Andreia também queria o mesmo.

⁹⁵ Essa ação ocorre por uma falha técnica na operação, onde ao invés de um cliente cair na chamada, uma secretária eletrônica, chamada URA, entra na chamada e fica presa, aguardando o teleoperador desligar e ficar disponível novamente. No caso, “segurar a URA” é não fazer esse desligamento e, portanto, evitar novas chamadas de clientes para aquela unidade. É possível ver mais sobre esse sistema de atendimento em Oliveira (2009).

A *mazela* aparece nesse contexto como estratégia de resistência por parte dos teleoperadores. Rosenfield (2009) analisa que “aliviar a pressão” é um dos principais objetivos nesse segmento. Também há aqueles que desejam punir a empresa de alguma maneira, mas não era necessariamente o caso do Leandro. O fundamental aqui é entender que essas ações eram executadas individualmente, mas tinham uma dimensão coletiva a partir do ensinamento das técnicas de *mazelar*, vindo dos mais velhos para os mais jovens.

Essa espécie de boicote faz parte, portanto, de um tipo de “rede de antidisciplina” (Certeau, 2014), em que é possível oferecer resistência e contra-ataque às formas de opressão e dominação. O que não é nada novo no mundo do trabalho, bastando observar as leituras de Thompson (1998) sobre a classe operária inglesa, onde existiam as inúmeras formas de resistência do proletariado contra os atos obscuros da burguesia.

As narrativas analisadas até aqui neste trabalho falam, de um modo geral, de algumas dessas tramas do resistir nos cotidianos da vida laboral. Isso não significa necessariamente uma refutação do trabalho. Parece menos uma manobra de desistência, que uma manobra de resistência. Aprender a se sentir bem, mesmo que não se esteja fazendo exatamente o que é considerado correto naquele posto é um tipo de visão estratégica presente nos relatos dos interlocutores desta pesquisa.

Mesmo em trabalhos aparentemente mais rígidos, como no caso do call center, ainda assim há espaços criativos muitas vezes forjados pelos próprios agentes. Resistir está, em muitas vezes, no singelo ato de abrir um livro escondido enquanto se está *mazelandando* no atendimento. Esses tipos de práticas que parecem fazer o cotidiano ser sustentável e suportável por muitos desses jovens. É na invenção de pontes para o prazer e para a fuga que possivelmente conseguem redefinir o sentido em fazer aquilo para além do sustento.

Retomando à elaboração sobre o casal Leandro e Andreia, vale ressaltar que eles se conheceram ainda na época do treinamento e trabalharam mais de três anos juntos na empresa, muitas vezes sentados lado a lado. Leandro conta que havia um termômetro similar de expectativas deles com relação ao trabalho e que quando Andreia não estava bem, ele também não ficava muito bem. Brinca dizendo que se considera “Maria vai com as outras”, sempre acompanhando as impressões da companheira.

Numa dessas passagens de dificuldades e angústias para os dois com relação à teleoperação, surge o projeto do Back Office Ceará, onde eu, Leandro e Andreia tivemos a oportunidade de trabalhar juntos pela primeira vez. A ideia era reunir teleoperadores para fazer análises das reclamações referentes à contestação de valores nas contas telefônicas. Neste setor, não havia teleatendimento e toda análise era feita como se estivéssemos em um escritório. O fato de não usarmos o telefone foi um grande alívio para muitos de nós e Leandro considerou aquilo como “férias”, pelo tanto de tempo que ficou anteriormente em atendimento. Sua qualidade de vida melhorou nos meses em que estive no setor e foi nesse momento que pôde observar uma nova perspectiva de prazer no emprego.

Em pouco tempo, se casou, não apenas pela leveza do momento, mas pelas circunstâncias concretas que enfrentava. O trabalho era realizado de madrugada e os funcionários eram deixados em casa ao final do expediente num transporte coletivo oferecido pela própria X Center. Contudo não havia itinerário disponível para a Praia do Futuro, onde Leandro morava e a empresa só permitia que fossem inclusos no Back Office quem estivesse contemplado pela rota. Sabendo disso, utilizou o comprovante de endereço de Andreia para garantir sua vaga no setor. Ocorre que desde que entraram na empresa, incluindo o treinamento, Leandro e Andreia trabalharam juntos, nas mesmas equipes e nos mesmos horários e dessa vez não queriam que fosse diferente. Conta:

Então, eu passei quase três meses indo dormir lá na casa da Andreia, a mãe dela se mudou, a gente foi junto. Era uma coisa muito pequena, então eu tinha que dormir na sala, acordava lá quengado e ia pra casa na Praia do Futuro, aí voltava pra ir pro trabalho, aí à noite ia pra casa da Andreia de novo. Eu num sei se tu via, mas às vezes eu tava com uma mochilazona [...] Era só migrando. Eram coisas da aula, eram coisas de casa. Era só fazendo migração. Aí eu pensei “não, Andreia, a gente devia se juntar”. Eu nunca gostei desse negócio de juntar. Era muito de família mesmo e meus pais não gostavam disso. Então, eu resolvi me casar e a gente alugou uma casa lá perto. E aí foi!

Novamente, Leandro aparece buscando atalhos para conseguir mais momentos confortáveis na sua experiência laboral. Desta vez, ao adulterar seu endereço, consegue ao mesmo tempo ir para um setor de trabalho mais tranquilo e permanecer junto de Andreia nesta jornada. Com o supracitado “aí foi!” eles se arriscaram a constituir um lar. Leandro relembra das dificuldades e valoriza o que passou com Andreia na sua primeira casa.

Aí eu ganhei da minha mãe uma geladeira, um fogão, aí a gente arrumou uma cama lá de mola usada e a gente levou pra casa. Um sofá a minha sogra deu. Algumas coisas a gente comprou em crediário. Aí compramos um ventilador e uma rede e tal. No começo, a gente não tinha nada. A gente levou uma rede. Aí a gente botou uma rede assim e a outra rede por cima da outra. A gente dormia de rede beliche (risos). Caralho, era muito bacana, velho. Era muito legal. Eu achava bacana pra caralho. Aí a gente fez um casamento civil e aí a gente pegou o dinheiro do décimo, isso era mais ou menos no final do ano, era 600 reais, 600 reais a gente tinha quando a gente casou. Só que esses 600 reais a gente comprou uns utensílios pra casa. Era muito dinheiro na época. A gente comprou o bolo do casamento. Era 2008 pra 2009, foi em dezembro que a gente casou. Compramos o bolo, compramos umas coisas, né? Então, a gente tinha cartão de crédito na época, eu estourei e meu nome foi parar no SPC por comprar umas coisas no cartão e fodeu foi tudo. Foi bacana. Foi uma experiência bacana.

As dívidas já faziam parte do contexto do casal desde o começo, mas adquiri-las foi a forma que encontraram para conseguir comprar algumas coisas para mobiliar a casa. Leandro passou alguns anos com restrições sobre o seu nome no comércio, mas que, para ele, não geram arrependimento. Ao contrário, observa que precisava fazer aquilo para que as coisas acontecessem.

As memórias deste começo do casamento vêm com ares de lembrar os problemas, mas também de se orgulhar das estratégias utilizadas para superá-los ou ao menos colocá-los de lado. Leandro ri ao lembrar que era um sofrimento enorme subir com sua bicicleta – o seu principal meio de transporte da época para trabalhar e ir à faculdade – pelas escadarias da quitinete quente em que viviam.

A situação confortável na empresa se desfaz com o súbito fim do Back Office, lembrado com pesar até hoje. Encerrar um setor inteiro de um dia para o outro sem consultar os envolvidos não era algo fora dos padrões da X Center. Para a empresa, valia mais descartar do que reciclar e remoldar. Esse modus operandi desgasta a relação com os funcionários e conosco não foi diferente e nesse momento a narrativa de Leandro me inclui literalmente mais uma vez.

É importante destacar que o impacto maior para a dissolução do Back Office foi causado pela informação que recebemos anteriormente em que após quatro meses de trabalho em Fortaleza, a empresa efetivaria o setor na capital cearense. Portanto, não precisaríamos mais voltar a atender ligações. Eu havia sido colocado como *operador sênior* e cumpria o papel de supervisão provisória, tendo a promessa de ter a promoção concretizada assim que o setor fosse consolidado como parte do site

Ceará. Porém, o lema “a única constante é a mudança” se confirma e dessa vez não foi diferente.

Poucas semanas depois da euforia, uma das nossas chefes imediatas chegou até mim e disse privadamente que os planos mudaram e o B.O. não viria mais para o nosso site. Ocorre que ela também traz a notícia de que sairia dispendioso para a empresa treinar novamente os funcionários – que já estavam há mais de quatro meses fora da teleoperação – e devolvê-los para seus setores anteriores. Deste modo, todos, com exceção de mim, seriam demitidos. Não consegui participar daquilo. Minha indignação foi grande e a única coisa que consegui expressar foi o pedido para que Leandro e sua esposa não fossem demitidos, pois tinham acabado de se casar e isso seria trágico em suas vidas. Pedido esse que foi aceito pela representante da empresa.

Leandro até vê justiça em boa parte dessas demissões, pois pelo que entende, eles já não vinham trabalhando com seriedade há muito tempo, alguns até querendo forjar sua própria demissão. Por isso, mereciam sair. Essa é uma visão que constrói a partir da sua experiência acumulada até o tempo presente. Essa perspectiva gerencial e meritocrática traz leituras diferentes sobre a realidade e a própria história.

De toda forma, com ou sem sentimento de justiça, voltar à operação foi ruim para ele, sobretudo pelo cansaço de voltar à função original. Andreia chegou a informar para sua supervisora que não queria permanecer no trabalho e Leandro decidiu acompanhá-la em sua decisão. Ideia essa que foi desaconselhada pela própria supervisora que, em tom de bronca, alertou-os: “olha, tu e o Leandro, casados, vão pedir as contas, vão fazer o quê da vida de vocês?” Foi quando Leandro percebeu a gravidade da decisão e concordou que aquilo seria um ato impensado e que refletia uma imaturidade para encarar as dificuldades do momento.

Na fase de retorno ao atendimento Leandro conta que teve momentos graves de estresse e “abuso total” da empresa. Para agravar a situação, foi designado para atender clientes da Oi Internet, em que todas as ligações eram referentes a problemas sem uma resolução específica. Ele descreve que, na prática, sua função era basicamente “enrolar os clientes” e pedi-los para ligar para um número de telefone inexistente, até que a empresa encontrasse uma solução para a situação. Segundo ele, essa fase durou mais de um mês e Leandro teve noites em que chegava em casa chorando de nervosismo. Já estava decidido a pedir demissão, tamanha pressão psicológica. Conta

um pequeno relato de um de seus momentos mais difíceis por conta desse perfil de chamadas:

Cara, chegou uma época que tinha só eu. Só eu atendia esse discador. Cara, eu fui trabalhar numa véspera de natal, até chegar uns novatos que atendessem esse discador, só tinha eu atendendo esse discador, velho. Tu acredita que na véspera de Natal eu atendi o mesmo cliente cinco vezes. O mesmo cara. Eu mandava ele retornar pra um número que não existia, eu não sei se tu lembra, e ele retornava e caía em mim de novo. [...] Aí, caralho velho, e véspera de natal e todo mundo disponível. Todo mundo rindo e conversando e eu atendendo essa merda. Macho, isso era injusto demais. Eu cheguei em casa chorando dizendo que eu não ia nunca mais no outro dia.

É textual o nervosismo presente neste momento. Aos poucos, o próprio exercício do trabalho se manifestava por meio de situações de tensões e dissabores. Voltar a atender os telefonemas dos clientes diariamente e ainda ter o acaso de cair em um dos piores setores possíveis da empresa trouxe o ápice dessa condição nervosa.

Ocorre que no dia seguinte ao fato narrado, quando Leandro finalmente estava disposto a pedir demissão, boas notícias o fizeram imediatamente desistir e repensar sua decisão. Novos funcionários foram colocados à disposição do serviço de internet e Leandro deixou de atendê-los, recebendo um skill⁹⁶ que tinha uma baixa carga de ligações. A fase agora seria de muita disponibilidade no atendimento, diferente dos últimos quatro meses atendendo no Oi Internet onde não passava mais que um segundo sem uma ligação na linha.

O medo e a sensação de segurança são sentimentos aparentemente contraditórios, mas que estão presentes na vida de Leandro e são responsáveis por ele continuar fazendo seu trabalho, independente das adversidades. O medo de estar “à deriva”⁹⁷ no mundo do trabalho e a segurança no emprego, mesmo considerando-o tão frágil e tão adoeceador, era o que também lhe fazia pisar no chão e sustentar a sua casa.

Leandro tem uma história de mais de uma década na X Center, o que foge à regra numa empresa com o índice de demissões tão alto. Ele conta que passou bastante tempo na própria teleoperação, que possui a descartabilidade em maiores índices, com uma vida útil média de um ano e meio para cada funcionário, como pode ser visto em Benevides (2011). Não ser um operador padrão é uma das explicações que encontra

⁹⁶ Literalmente, a tradução significa “habilidade”. Neste caso, é o código que endereça tipos de chamadas específicas de alguma categoria.

⁹⁷ Categoria de Richard Sennett (2014), que auxilia a pensar a respeito da noção de instabilidade e insegurança nas formas contemporâneas de trabalho.

para ter durado tanto no mesmo setor. Ter agido fora dos procedimentos sem nunca ter sido pego, como na prática da “*mazela*”, ajudou nessa permanência.

Considera que foi um “ruim bom” no atendimento e que conseguia ficar numa linha mediana na qualidade. O conforto de estar na média era efeito do seu jeito de ser e de querer se desgastar o mínimo possível nos afazeres do cotidiano. Parece ter uma espécie de uso inteligente da energia vital, sendo algo que ele concorda e se diverte com o assunto. Leandro diz que no trabalho tem dias em que passa o tempo inteiro conversando, dando risada e no final ainda consegue entregar suas demandas do mesmo jeito. Nesse sentido, a automatização dos processos e os atalhos que constrói para resolver as questões contribuem.

Depois de alguns revezes e mais de três anos na teleoperação, veio um momento substancial de “ostracismo” e ausência de perspectivas com relação ao trabalho. Nessa fase de desmotivação, Leandro se voltava para a faculdade e, quando tinha oportunidades, estudava até no trabalho. “Segurar a URA” era uma forma de tornar possíveis esses momentos. Por não ter o interesse em desligá-la e atender um outro cliente, os operadores que fazem a “*mazela*”⁹⁸, seguram o quanto podem. De fato, a ideia era usar a empresa como uma ajuda para chegar a uma fase melhor futuramente por meio dos estudos.

Aqui a ideia principal gira em torno da instrumentalização do trabalho atual como um trampolim, dando um caráter circunstancial para a experiência vigente de trabalho. Com todo esse desânimo, Leandro narra que fomentava expectativas com relação aos estudos e tratava o trabalho apenas como uma passagem para este futuro e com data de validade curta.

Ocorre que as decisões profissionais de Leandro acabam, segundo ele, tendo influências pelo desenrolar dos eventos de sua vida familiar. A mudança no caráter de sua relação afetiva, como conta, trouxe uma pressão diferente, que acabou o motivando de um jeito ou de outro. Agora, Andreia estava grávida, o que veio a lhe motivar para fazer a seleção para a supervisão de teleoperação. Mais ou menos o que aconteceria na época em que teria a oportunidade de ir para a instrutoria de treinamentos, que se concretizou pouco após o nascimento de sua filha Lívia.

⁹⁸ Mazelas é como são chamados os operadores que não realizam o trabalho dentro das exigências da empresa. São uma espécie de sabotadores dentro da função, que utilizam dos conhecimentos adquiridos na teleoperação, para trabalhar menos.

Observa-se que a cada momento em que sua vida adulta se tornava mais complexa e com outras responsabilidades, era a hora necessária para se “dar mais um passo” na empresa. Quando vinham os riscos da acomodação com o cargo que ocupava no momento, algo relacionado aos seus afetos vinha lhe lembrar que era preciso continuar na busca por um futuro melhor e com alternativas. Sem dúvidas, trata-se também do peso que as responsabilidades trazem.

Há um comportamento estratégico para avançar na empresa sempre que as questões pessoais ganham uma nova camada e a permanência na mesma função torna-se complicada. Nesses momentos, em especial, Leandro aprofunda o uso de suas habilidades e dos seus conhecimentos na empresa e se engaja para mudar de patamar buscando uma ascensão funcional.

Diante do processo seletivo, Leandro percebia que tinha bagagem suficiente para se diferenciar dos demais candidatos e não havia espaço para ser “passivo” em um processo de competição. Foi o primeiro a se apresentar. Na etapa em grupo, foi a liderança que despontou. Definiu os papéis e sabia que estava sendo observado por quem avaliava a situação. Se alguém da equipe tentava se sobressair, ele concordava com a pessoa, mas sempre acrescia uma opinião em que pudesse se destacar. Tudo aparentemente calculado. Segundo ele, uma estratégia que vinha sendo pensada há muito tempo para que uma próxima chance não escapasse de suas mãos. Aprovado nessas etapas iniciais, foi para a entrevista com uma das gerentes da empresa, para falar mais sobre sua vida pessoal e familiar de um modo geral.

Nas voltas que a vida dá, Leandro é selecionado e assume a supervisão, retomando seu foco para o trabalho.

Só que quando eu passei na supervisão, eu comecei a cuidar mais do trabalho do que da faculdade. Eu via mais oportunidades dentro da empresa do que no mercado de trabalho em si. [...] Eu comecei a ver na faculdade não muita perspectiva, porque na realidade não era só a faculdade que eu precisava ter. Eu precisava ter outros cursos. Eu precisava ter outras vivências. Eu precisava ter outras experiências.

Hoje, Leandro até relativiza a decisão da época, pois acredita que se tivesse se formado em Economia, somado com a experiência que tem na empresa, teria um “upgrade gigante”. É necessário destacar que o abandono da faculdade, apesar dessa leitura inicial, não foi algo simples em sua visão. Tentou conciliar por um bom tempo, mas a quantidade de disciplinas que havia reprovado já tinha desestruturado sua grade

disciplinar, ficando com extremas dificuldades de recuperar o tempo perdido. Daí, quando assumiu o próximo cargo na empresa, de instrutor de treinamentos, teve um novo aumento na carga horária, largando definitivamente os estudos na UFC. Eram mais de dez horas diárias de trabalho e embora tivesse os finais de semana disponíveis, não se dispunha a sacrificá-los pelos estudos.

A conciliação dos estudos com o trabalho ficou insustentável e Leandro precisou escolher. A opção foi pelo trabalho, que lhe garantia o sustento e lhe dava perspectivas mais visíveis a curto prazo. Com a subida recente de cargo então, não restou dúvidas para ele sobre o que preferir. O fato é que o tempo não possibilitou que as duas atividades tivessem um equilíbrio e a prioridade ficou sendo trabalhar e vivenciar o novo cargo.

O setor em que Leandro diz ter conseguido menos equilíbrio físico e mental foi a supervisão. A ideia de ter que mostrar resultados a todo instante foi insustentável para ele, inclusive porque seus resultados não eram bons. Ocorre que para ter os resultados positivos, precisaria “fazer como os outros supervisores, bater em pessoas e eu não conseguia fazer isso”, comenta referindo-se às dificuldades de cobrar duramente dos seus operadores, agora subalternos hierarquicamente. Os feedbacks que aplicava eram todos como uma conversa e nunca como uma cobrança que pressionasse o funcionário e em muitas vezes precisava agir com mais dureza. Explica que as consequências de um mau desempenho poderia ser até a demissão, mas usava esse argumento como se estivesse responsabilizando a própria empresa pelo rigor, isentando de cobrança tanto ele como os seus operadores. Todos de sua equipe eram cientes da necessidade de se trabalhar por conta dessa sutil estratégia. Quando era excessivamente contrariado e questionado pela equipe, deixava que ficassem em alguns momentos na posição de gestão, para que tivessem a ideia das dificuldades de se estar naquela outra perspectiva e isso geralmente tinha efeitos positivos.

Leandro conta que era “mal visto” pelas altas hierarquias da empresa pelo jeito brando com que conduzia a operação, pelos resultados negativos no que se refere às metas e ainda pelo alto número de operadores *mazelas* em suas baterias. Efetivamente, nunca se dispôs a combater essas práticas, muito por reconhecer a importância que isso possuiu na sua vida, inclusive para preservar um pouco da sua saúde mental em tempos de exaustão. Então, assume ter sido conivente com a situação.

O curioso é que pelas boas condições e pela leveza nas cobranças, a bateria de operadores de Leandro era muito coesa e um dia acabaram vencendo uma campanha de absenteísmo na X Center como a equipe com o menor número de ausências de toda a empresa. Leandro e sua “equipe mazela”, como ele mesmo gosta de se referir e não esconde o certo orgulho, venceram uma campanha estadual, mesmo sem a menor preocupação em agradar os superiores no que diz respeito a ser o melhor em tudo. Unidos e presentes no dia a dia certamente a sua equipe era. “Fomos campeões, e aí?”, finaliza.

Conforme expresso em seus relatos, costurar relações em vários âmbitos e em camadas diferentes da hierarquia da empresa foi uma constante que contribuiu em sua permanência na empresa. Esses atalhos formados no chamado network garantem uma certa estabilidade no que é demasiadamente instável. Lidar com a pressão diária em tudo o que se faz não é nada simples e Leandro precisou aprender e se refazer para ter uma jogabilidade maior nessas regras da X Center.

Sua fase na instrutoria, logo após a supervisão, não foi diferente. A pressão da supervisão o fez tentar a seleção para se tornar instrutor o quanto antes. Sua coordenadora vetava essa migração tão prematura, mas Leandro diz que teve a sorte de encontrar o edital aberto nas férias de sua chefe e conseguiu a autorização sem muitas dificuldades da coordenadora em exercício. Com apenas oito meses sendo supervisor, foi para o processo seletivo.

A seleção consistia basicamente em dar uma aula para uma espécie de banca sobre um tema livre, sendo permitida a utilização de recursos audiovisuais para auxiliar na didática. Era basicamente a simulação de uma aula, onde a banca inclusive podia fazer questionamentos ao candidato “professor”. O formato da apresentação devia ser pensado para o tempo de vinte minutos.

O tema escolhido por Leandro foi “a evolução do videogame”. Ele conta que preparou trinta e dois slides para uma apresentação em que diz ter estado muito à vontade, inclusive chegando a desagradar uma das avaliadoras que reclamou do excesso de coloquialidade. Contudo, a banca, de um modo geral, gostou da apresentação e da forma como a aula havia sido dada, expandindo as aparentes possibilidades que o tema oferecia. Na ocasião, Leandro obteve a aprovação e tornou-se instrutor.

Interessante que a escolha do tema se deu a partir de uma situação para ele comum. Leandro estava em casa jogando videogame nas vésperas da seleção e Andreia reclamou com ele dizendo “vai pensar na tua aula, menino! Tu só pensa nesse vídeo game!”, e aí surgiu o insight necessário. Refletiu sozinho e ri ao contar: “Eu só penso em vídeo game, pronto. Vou falar do vídeo game. Foda-se!”. Então, fez uma breve pesquisa na internet e montou as informações para a aula. O material preparado, em comparação com o que produz hoje, era extremamente desorganizado, mas mesmo assim deu tudo certo.

E “aí foi!” é uma expressão tão repetida nas mudanças importantes na vida de Leandro. É quase que uma maneira discreta de arrematar os seus momentos como algo simples e complexo ao mesmo tempo. Utilizar do seu lazer enquanto vivia o que dizia ser a “preguiça no lar” como tema para uma promoção no trabalho em que tanto tem se empenhado é de uma sagacidade característica deste jovem. Ele acredita que soube encarar as fases de sua vida profissional como etapas passageiras.

5.3 As iniciativas nos cargos de gestão

Leandro não se considera um cara inteligente, mas tem certeza de que é “esperto pra algumas coisas” e isso o fez estudar bastante sobre procedimentos técnicos e se preparou para o processo seletivo do MIS⁹⁹. Dessa vez, era a primeira seleção que fazia sem a pressão por uma nova questão familiar ou pelo esgotamento no atual cargo. Agora, o que lhe movia era o fato de enxergar em si um talento para aquele setor no qual estava inserido. Acreditava que fora da teleoperação, mas relacionado à ela indiretamente, poderia apresentar o seu potencial e demonstrar todas as habilidades que aprendeu nas diferentes experiências que teve na empresa.

Na primeira avaliação, diz que fez 49% das questões, mas teria que alcançar a marca dos 60% para ser aprovado na primeira fase, a chamada “Prova de Excel”. Um detalhe importante: era o único candidato inscrito. “Aí pra mim foi 'eu desabei'... só eu inscrito, eu estava concorrendo só comigo mesmo e não passei, então pra mim foi muito pesado, mas mesmo assim não desisti e fui continuar estudando, porque um dia vai aparecer essa oportunidade”, acrescenta. Por coincidência ou não, Leandro agradece

⁹⁹ Significa Management Information System, que são sistemas de informações gerenciais.

hoje por não ter sido aprovado nessa tentativa inicial, tendo em vista que o setor para o qual essa vaga de MIS tinha sido aberta, que não era a Retenção¹⁰⁰, foi fechado e todos os funcionários foram demitidos. Logo, se tivesse passado na prova, hoje não estaria mais na empresa.

Na segunda vez que a vaga abriu, agora já para a Retenção, Leandro decidiu não concorrer. Ocorre que ele nunca havia trabalhado nesse segmento, pois desde o seu ingresso na empresa sempre esteve envolvido com o SAC, então imaginava que não daria conta de ir para um universo tão diferente. Conta que, a pedido da coordenadora, resolveu então ajudar um colega de trabalho que tentaria essa seleção, mas que “não sabia de nada” sobre Excel¹⁰¹. O resultado foi que esse colega obteve a aprovação graças às suas contribuições e se tornou analista, embora tenha sido desligado um ano depois por questões pessoais. O pensamento rápido de “se ele conseguiu, eu também consigo” não demorou para funcionar e ele não desperdiçaria uma outra chance, que uma hora viria.

Contudo, a chance que veio na sequência foi apenas para assistente de MIS, mesmo assim se inscreveu e tirou 9,5 na prova, enquanto o outro concorrente tirou 4,0, num processo em que a média mínima era de 5,0. Porém, por conta da valorização do trabalho que esse outro candidato vinha realizando no setor, seu concorrente foi contratado mesmo assim. “A gente vai passar fulano” foi dito com tranquilidade, demonstrando que algumas seleções só servem pra “cumprir tabela”. Leandro diz que “ainda tem muito disso” na empresa e que boa parte dos processos de seleção servem, na realidade, para promover funcionários. Apesar de tudo isso, esse processo não foi em vão, pois sua qualidade foi de alguma maneira demonstrada com a sua pontuação.

O feedback que foi passado pelas pessoas responsáveis pela seleção informou que Leandro era um funcionário que deveria ser aproveitado para um cargo mais alto, ao invés de ser assistente. Nesse sentido, ele acredita que alcançou seu objetivo de se “vender para a próxima”. Afinal de contas, queria ser analista, não assistente. A confiança no feedback é plena, pois o cargo de assistente é voltado para o trabalho manual e eles preferem “basicamente uma pessoa que não pense”, diz Leandro.

¹⁰⁰ Setor responsável por tentar reter os clientes que desejam cancelar os serviços com a empresa. Quanto mais pessoas forem impedidas de rescindir seus contratos, maior é a comissão para os teleoperadores.

¹⁰¹ Software de planilhas desenvolvido pela empresa Microsoft.

Interessante como há uma distinção entre cargos de mera execução e outros que envolvem minimamente uma tomada de decisões ou de processos de criação. Não pensar, nesse caso, remete à função de assistente, que apenas faz o que lhe é mandado e cumpre com as práticas já estabelecidas, sem um espaço para inovar ou inventar procedimentos. Nesse caso, Leandro busca estar mais próximo de onde possa se envolver ativamente.

No mês seguinte, finalmente, a seleção para analista de MIS volta e Leandro se inscreve para concorrer com três atuais assistentes da área. “Todo mundo dizia que a vaga era dos três assistentes”, pois “teoricamente são os caras mais preparados para ser analistas”, traz o interlocutor. A gestora da seleção já tinha uma boa impressão sua e o preferiu em detrimento de um dos assistentes.

Leandro já vinha com uma bagagem considerável para o cargo, pois tinha passado por alguns cargos diferentes da empresa, trazendo acúmulos de outras perspectivas, mas hoje avalia que está “200%” mais preparado do que quando chegou e diz que apanhou e se estressou muito no início. Preocupado em cumprir os prazos e os resultados, na verdade, até hoje ainda se estressa. Considera que já tem “as costas grossas” e consegue levar o trabalho com certa tranquilidade, mas que já teve momentos de forte nervosismo e chegando em casa com um cansaço extremo. Atualmente, vê totais condições de ser líder onde atua e que, caso abra uma vaga para coordenador desse grupo, certamente se inscreveria. Complementa:

Porque hoje eu vejo que o coordenador me pede ajuda, então eu posso chegar e fazer o trabalho dele. Sabe aquela situação em que você pensa 'ah, macho, o cara vai ganhar num sei quanto pra fazer o trabalho que eu tô ensinando pra ele!', o cara ganha mais do que o dobro do que eu ganho pra eu ensinar pra ele o que ele tem que fazer. [...] é um objetivo meu. De certa forma, a longo prazo, a não ser que apareça uma oportunidade.

Destaco a relação que Leandro estabeleceu com os saberes e as competências exigidas em muitas das funções na X Center. Hoje, acredita que conhece por dentro os procedimentos – e muitos teve que aprender ao fazer – e esse entendimento facilita a construção da visão sobre si por parte dos superiores e a relação que possui com os funcionários. Suas habilidades foram maturadas pelas experiências que teve na empresa, além dos espaços que ele mesmo diz ter tido a esperteza de abrir para que pudesse dar vazão aos talentos que acredita possuir, como no caso da lida com os números e na elaboração de atalhos técnicos.

Leandro conta que, no MIS, iniciava o dia lendo os e-mails e observando as demandas. Seu trabalho consistia basicamente em análises gerenciais. Em miúdos, sua função era “dar suporte à gerência na questão de resultados operacionais”, avaliando os resultados dos grupos de operadores em geral e, por meio desses resultados, as decisões eram tomadas. Contudo, a parte da tomada decisória em si ficava a cargo do gerente de operações. Basicamente, oferecia apoio e sugestões nos processos decisórios da gerência, mostrando resultados, avaliações dos cenários e indicando opções. Portanto, para ele, tem uma “pegada” de estudo.

Esta área em que atuava tem uma centralidade na empresa e funciona como “a cabeça das operações”. O trabalho dava-se diretamente com o cliente contratante, no caso a Oi. O objetivo era avaliar as metas propostas pelo cliente e pô-las em prática, inclusive analisando se elas são agressivas, adequadas, aplicáveis e possíveis, embora reconheça as dificuldades de se opor às vontades do cliente. Uma das formas de se verificar a aplicabilidade das metas, por exemplo, era averiguar se pelo menos cinquenta por cento dos funcionários estava conseguindo atingir os resultados propostos.

Falando nisso, a apresentação de resultados era parte da rotina semanal, assim como o trato com a RV (Remuneração Variável). Leandro explica passo a passo de como se dá essa análise das RVs, que basicamente são as comissões que cada teleoperador ganha ao conseguir atingir tais resultados. No caso em questão, por tratar-se do Setor de Retenção – responsável pelo atendimento aos clientes que desejam fazer o cancelamento de suas linhas telefônicas –, o pagamento da RV está atrelado a evitar que o cancelamento ocorra e que a empresa não perca mais um usuário. Descrevia:

A gente apura mensalmente, mas ela tem várias etapas. Tem a etapa de montar um modelo. Dizer pra operação “olha, eu quero que vocês façam assim. Essas são as regras do jogo desse mês”, digamos assim. A segunda etapa é a apuração dos resultados. A gente apura como é que foi feito na operação. A terceira etapa é divulgar esses resultados na operação e se a gente fosse fazer um fluxograma, a terceira etapa seria divulgar pra operação. A quarta etapa seria receber contestações da operação, avaliar se essa contestação é procedente ou improcedente [...] e a partir daí a gente dá uma devolutiva pra operação. Depois de tudo acertado, a gente envia pra pagamentos. Então, quando a gente envia pra pagamentos a gente envia pro RH Negócios, que não funciona aqui, funciona na matriz no Rio de Janeiro. A gente manda pra lá e eles enviam as informações pra folha de pagamento. E aí o consultor recebe o pagamento no quinto dia útil.

As rotinas mudam de acordo com as mudanças dos gestores, mas esses processos supracitados são constantes. Uma outra função interessante mencionada por

ele era o trabalho com o “painel de reincidência”, que, objetivamente, funcionava como uma medição da repetição do “comportamento” dos teleoperadores, no que diz respeito aos resultados. Por exemplo, era avaliado se o não alcance de uma meta em específico acontecia há alguns meses ou se ocorreu isoladamente em um mês apenas. A depender da relevância dos resultados violados, criava-se uma lista para demissões futuras. A taxa de desligamento de funcionários, chamada de turn-over, da X Center chega a 25% ao ano.

Vale fazer um parêntese aqui para mencionar que este setor é movido pela lógica que se amplia no Brasil desde o final dos anos de 1980, com o desenvolvimento da “reestruturação produtiva” analisada por Antunes (2006). Nesse contexto, o trabalho, sobretudo no setor de serviços, se molda a partir de metas fortes, métodos participativos de inclusão de funcionários, monitoramento na qualidade do atendimento, redução do número de funcionários, terceirização dos processos de atendimento e uma escalada na descartabilidade dos trabalhadores, o que pode ser averiguado na alta taxa de demissão anual verificada nesta empresa em específico.

Com o avanço nas cobranças e nos esquemas sofisticados de monitoramento – presencial, por tela e por áudio – tenta-se moldar os funcionários a um perfil desejado. De certo modo, há uma tentativa de se promover uma “fábrica de indivíduos” que sejam burilados pelo disciplinamento. A exemplo do que Foucault (2002) observa em “Vigiar e Punir”, a disciplina é sim capaz de promover linhas de separação bruscas entre os “melhores” e os “piores” e é nessa lógica que as empresas também trabalham, inclusive sob o véu dos discursos meritocráticos e do merecimento por conduta. Para se ter uma noção, os “tempos são rigidamente controlados” e as metas envolvem desde a postura do teleoperador até a exata “scriptização” das falas no atendimento. Esse processo criterioso confirma-se como algo adoecedor com o passar do tempo (VILELA; ASSUNÇÃO, 2004), o que apenas “vem a aprofundar esse sentimento de robotização”, segundo Wolff e Cavalcante (2006; p. 265).

A associação com o panoptismo discutido em Foucault (2002) é imediata ao se refletir sobre esses esquemas complexos de controle que permitem “ver sem parar e reconhecer imediatamente”, exatamente como nas clássicas descrições das torres de vigilância que monitoravam constantemente as celas dos prisioneiros, estabelecendo objetos de informação. Esse laboratório de poder é eficaz até hoje nos dispositivos de

controle laboral e servem para moldar comportamentos para que se tornem adequados e devidamente produtivos.

Todos esses esquemas não seriam possíveis dessa maneira se não fossem os contratos legais de terceirização. Essa forma de contratação de funcionários, que é assegurada pelo Estado e recentemente teve sua intervenção alargada com a Reforma Trabalhista de 2017¹⁰², garante a precarização imediata nas relações de trabalho, pautado sobretudo pela diminuição dos custos por parte das empresas contratantes. Afinal de contas, esses artifícios diminuem consideravelmente os encargos trabalhistas e as responsabilidades dos empregadores com os empregados, como visto a fundo em Marcelino (2006) e Cavalcante (2009). Este último conceitua terceirização como sendo “o movimento básico que define a transferência, por uma empresa, de partes do processo de produção, ou mesmo da prestação de serviços, para outra, criando uma relação de subcontratação e diferenciação coletiva de coletivos de trabalho” (p. 193).

“[...] hoje eu gosto muito do que eu faço”, diz ele, mesmo reconhecendo a seriedade do seu ofício. Contudo, mais do que analisar, Leandro gosta de sistematizar informações. Transformar processos que eram feitos manualmente em algo automatizado, jogando bases e cálculos nos arquivos é pelo que tem se destacado e se tornado uma referência entre seus colegas de empresa. Se chegou no MIS com muitas dúvidas, hoje é um das pessoas responsáveis por tirar mais dúvidas no setor. O fascínio pelo desafio de resolver trabalhos que poderiam se estender por horas, apenas apertando alguns poucos botões lhe empolga. Já especialista em planilhas, diz “[...] no Excel só não tem jeito pra morte”.

“Quebrar a cabeça com esses dados” é algo que Leandro afirma ter se tornado prazeroso com o passar do tempo e reforça: “[...] eu não gosto muito de desistir dizendo que não dá”. Desse modo, tornou-se mais especial ainda, pois os seus colegas começaram a demandar fórmulas diferentes para criar atalhos em suas funções. Demandas essas que o motivavam para achar soluções e ele as encontrava. Não foi por meio de cursos, nem de formações que aprendeu a fazer isso e a se reinventar dessa maneira, mas tudo se desenrolou pelos atos do fazer. Ao perceber que poderia fazer

¹⁰² Reforma aprovada no governo do ex-presidente Michel Temer. Veio com o objetivo de flexibilizar as relações trabalhistas e com o discurso de que geraria mais empregos para a população. Contudo, o desemprego tem aumentado até aqui, em 2019.

mais rápido o que lhe era solicitado, buscou aprender as ferramentas. A “curiosidade” foi fundamental.

As necessidades impostas pelos cargos em que passou anteriormente, sobretudo na supervisão e na instrutoria, contribuíram para que fosse atrás de novas possibilidades. Então, conseguia criar formas de automatizar relatórios e processos, assim como de elaborar provas e formar gabaritos com poucos cliques. Isso chamou a atenção de colegas dos mesmos setores, assim como das respectivas chefias. Leandro conta que costuma buscar se aperfeiçoar e estudar e que, quando viu que isso tinha retorno, começou a baixar planilhas na internet para aprender mais ainda. Justifica de um modo engraçado: “[...] eu coloquei muito na minha cabeça, Márcio, que assim [...] se uma pessoa que eu julgaria que não conseguia fazer uma coisa, consegue, então eu também consigo. Eu tenho muito isso na minha cabeça” e dá uma risada no final.

Embora se considere preguiçoso em outras dimensões da vida, na empresa ele valoriza a eficiência – levando em conta a economia de energia –, mas não nega que isso também é uma maneira de tornar o seu trabalho mais visto e reconhecido pelos outros. Em um de nossos encontros após o seu expediente, ainda no MIS, ele conta um pouco dos afazeres que tinha acabado de concluir:

Hoje, eu fiz quatro arquivos de RV, que é muito. Um arquivo de RV pra fazer é um negócio gigante, mas os meus são tão automáticos, que eu pego, jogo as bases aqui, confiro e pronto é só enviar pra operação. Mas quando eu vou vender isso, eu digo “eu fiz quatro, hein? Tu viu aí? 'eita, tu fez quatro arquivos? Mas como é que tu fez? 'Bicho, deu um trabalhozinho desgraçado aqui!” (risos). Macho, por menor que seja a coisa, o gestor diz assim “ei, Leandro, dá pra fazer um negociozinho aqui, dá?” é difícil pra caralho. Eu concordo. Mas eu faço e não vou fazer e dizer assim “ei, mah, foi bem facinho”. Eu vou chegar e dizer “ei, mah, deu um trabalho desgraçado, mas está aqui”, aí ele vai dizer “caralho, velho, ficou massa ó” e eu chego lá no gerente da área e digo “olha aí, velho, o que eu fiz aqui”, aí ele “caralho, velho, ficou massa!” mostro pro diretor e tal e é assim que a gente vai vivendo. Aqui acolá eu dou uma ajudazinha.

Demonstrar esforço e o quanto a execução daquele trabalho exigiu de si faz parte dessa estratégia. Isso não o torna simples, mas certamente menos complexo por conta de atalhos que ele mesmo teve a perspicácia de criar e de consolidar como ferramentas de trabalho. Isso exige muito de si todos os dias e reconhece que “a pior parte é pensar” e que nem sempre é confortável ter de elaborar estratégias para todas as decisões a serem tomadas em sua vida.

Embora, como já comentei anteriormente, os índices de demissões na X Center fossem elevados, Leandro fala que no MIS as coisas eram diferentes e que só existiam desligamentos no setor por dois motivos: cortes de funcionários por conta de uma crise econômica e/ou quando os próprios funcionários deixavam a empresa por encontrarem oportunidades melhores no mercado de trabalho, o que tem ocorrido com menor frequência pela baixa absorção do próprio mercado.

Mesmo diante desta estabilidade comum aos cargos de alta importância como o dele, um dia Leandro me envia algumas mensagens via celular para contar que estava mudando mais uma vez de cargo. Como ele mesmo diz “sabe como é a X Center, né? A única coisa que não muda são as mudanças”. Leandro agora deixa o MIS e se torna Analista de Business Intelligence (BI), mantendo o salário. Ocorre que o seu setor, agora antigo, foi desfeito pela empresa contratante pois não havia recursos para mantê-lo. No meio da crise, foi escolhido para migrar ao BI, permanecendo com o seu emprego, diferentemente de alguns de seus colegas, que foram cortados. Esse retorno acabou sendo positivo para ele, pois mais uma vez é o sinal de que há uma valorização de seu trabalho (Ver Foto 11 nos Anexos).

Sem falsa modéstia, acredita que dificilmente seria demitido, por conta do prestígio que alcançou na empresa (Ver Foto 12 nos Anexos). Então, a tranquilidade é possível mesmo nesse redemoinho de mudanças que ocorrem diariamente no mundo empresarial. Leandro segue do seu jeito e, quando se dá conta, “aí foi!”.

Com mais de um ano no setor de Qualidade, como é conhecido o BI, Leandro percebe as mudanças de ritmo e as desmotivações do início com a nova função. Permanece como analista, mas agora o seu papel está mais voltado para a elaboração de projetos de qualidade do tipo que exigem que trabalhe com indicadores da operações obtidos por meio de monitorias realizadas no teleatendimento. O objetivo principal é utilizar esses dados para “identificar oportunidades, sugerir melhorias e fazer a ação”.

Este trabalho incide diretamente sobre os processos do atendimento, bem como nas posturas dos profissionais da teleoperação. No cargo anterior, o MIS, era responsável por gerar os dados, analisá-los em certa medida e essas informações serviriam para munir a gerência, que seria responsável pela tomada de decisões. Como ele mesmo diz, era “entregou e pronto”. Sem dúvidas uma área estratégica, praticamente com atividades de escritório e sem a perspectiva da relação.

Hoje, na Qualidade, ele afirma sentir que há uma atividade mais dinâmica. Agora, além da geração de dados e da identificação de oportunidades para incidir sobre estes índices, há uma dimensão maior de execução. Leandro é responsável pela criação de planos de ação, executa estas ações e depois ainda irá colher os resultados, basicamente com o intuito de entender se toda essa cadeia de processos surtiu efeitos concretos.

Muitas são as reuniões em que Leandro precisa estar presente e várias delas são conduzidas por ele próprio. Alguns destes espaços são realizados com a presença de gerentes da empresa, alguns vindo do exterior, com o intuito de melhorar os resultados com relação às empresas contratantes da X Center. Portanto, é uma fase que exige dele a disposição para se relacionar com pessoas de diferentes status e funções no organograma da empresa.

Vale destacar também que vários destes funcionários de alto escalão, mesmo vindo de fora da realidade da operação, trazem sugestões e orientações de procedimentos para resolver os problemas locais. Esta é uma das situações que mais o irrita no atual cargo, pois percebe minúcias do cotidiano que os índices nem sempre podem dar total dimensão:

Por exemplo, na minha percepção qual é o problema do TMA? O problema do TMA é a postura do operador. É o cara que segura o cliente porque ele quer. A gente que já foi operador, a gente sabe que às vezes é uma forma de fazer com que o ritmo seja mais confortável pra ele. Só que a pegada tem que ser um pouco diferente. Eu não posso de cara dizer que é isso e mesmo com fatos e dados eu também não posso dizer que é isso. Eu posso dizer que existe oportunidade na gestão, mas eu preciso encontrar outras oportunidades.

O TMA é o Tempo Médio de Atendimento, sendo uma das principais metas cobradas para cada teleoperador, tendo em vista que a empresa é passível do pagamento de multas caso exceda a média de duração das chamadas. Vários desses detalhes que só alguém experiente como Leandro percebe na operação também estão repletos de questões éticas. Nesse caso do TMA, por exemplo, há uma dificuldade de analisar objetivamente os impactos sobre o índice em conjunto com a chefia por receio de prejudicar os operadores e de entregar algumas de suas práticas.

Atualmente, inclusive, ele conta, há uma campanha na empresa para se reduzir o TMA das chamadas. Suspeitando que as “*mazelas*” influam sobre essas variáveis, a gerência autorizou a ampliação do monitoramento online dos

teleoperadores. Agora, além de monitorados por áudio e pela captura da imagem da tela, os computadores de cada atendente terão uma pequena câmera que os monitores conseguem ver ao vivo os atendentes e até mesmo interagir com eles por um serviço de mensagem de texto. A ideia é que esses dispositivos de controle aprimorados possam trazer mais eficiência no atendimento. É o controle absoluto do comportamento no trabalho para a produção de corpos produtivos e dóceis.

Além das diferenças de concepção e dos dilemas éticos, Leandro comenta que há metas que não dialogam entre si. Dá o exemplo das “chamadas improdutivas” e das “taxas de transferências”. Esses dois índices precisam ser baixos, mas só ocorrem em conjunto, pois um é solução para o outro. Ambas incidem no faturamento da empresa, pois as contratantes pagam de acordo com os resultados obtidos pela X Center. Caso os resultados não sejam alcançados, há inclusive pagamento de multa.

Há perceptíveis problemas de capilaridade nas relações de poder, onde “os cabeças”, segundo Leandro, não estão dispostos a ouvir os gestores que estão na base do processo, baseando-se apenas pela dureza dos números. Conta que muitas vezes passa semanas de análises apenas para justificar um segundo mal utilizado em uma ligação e que muito disso poderia ser resolvido com uma conversa franca entre quem comanda a empresa e os que estão no dia a dia da operação.

Esses problemas de gestão afetam diretamente o trabalho de Leandro, conforme relata, que desde que assumiu a Qualidade do site Ceará teve que ampliar sua relação com a operação. Para se ter uma ideia, em várias situações precisa ir pessoalmente até às “baterias” de atendimento para conversar com os operadores, entender os insucessos no alcance das metas e cobrar os resultados. Papel que poderia ser feito por outras hierarquias menores, caso isso funcionasse organicamente como está disposto.

Mesmo dizendo entender a complexidade de sua nova função e o acúmulo de novas tarefas para o cargo que assumiria, Leandro não hesitou em mudar e isso não ocorreu por questões meramente salariais. Ao contrário, a ascensão econômica mensal não chega sequer a duzentos reais de aumento. Segundo ele, o seu principal objetivo com esta mudança é a melhoria do currículo.

Considera que trabalhar exclusivamente com a geração de dados não faz do seu currículo um diferencial no mercado, pois é algo considerado apenas como técnico,

o que, para ele, passa uma impressão geral de que qualquer sistema mecânico pode realizar tais operações. Nesse sentido, desejava trabalhar com algo que tivesse um cunho analítico, que aí sim gera um apelo maior no mercado de trabalho. Além disso, a própria descrição da função ganha um tom positivo e de maior respaldo, sob a ótica destes critérios apresentados, tendo em vista que passa de “Analista Junior” para “Analista Pleno”.

Dessa forma, Leandro se dispôs a encarar estes novos desafios na empresa, mas afirma que não contava com o fato de que assim que assumisse o cargo na Qualidade, o seu coordenador pediria desligamento da empresa. Desta forma, Leandro ficava, na prática, sendo o principal responsável pela área no estado do Ceará. Em pouco tempo, dois coordenadores externos assumiram o cargo, mas continuaram fazendo isso à distância, sendo um da Bahia e outro do Rio de Janeiro. Esse distanciamento efetivamente o faz coordenar as atividades localmente, não se envolvendo apenas na gestão geral e na supervisão de qualidade, mas fazendo todo o resto dos projetos. Considera ser ruim essa experiência de gestão à distância e acredita que a empresa deve contratar um novo coordenador. Atualmente, há várias baterias de monitores desmotivadas pela falta deste profissional.

Este impacto foi maior ainda, pois ocorreu assim que Leandro voltou de férias. Conta que chegou e viu em sua mesa os processos que havia deixado exatamente como estavam, o que só atestava a ineficiência do momento em seu novo setor. Aos poucos, vai se apropriando melhor da condução dos novos processos, começa a melhorar no ritmo de trabalho, na elaboração das apresentações e no novo trabalho como um todo. É uma adaptação consistente.

Adaptar-se não é nada estranho para ele nesses mais de dez anos de trabalho na X Center. Passando por vários setores diferentes, tendo que aprender sobre cada um deles com a própria prática, Leandro é um profissional que se considera cada vez mais maduro, o que não significa que esteja blindado aos problemas. Ao contrário, conta que, em todos os cargos que passou, teve um período de queda e desmotivação. Assim que chegou na Qualidade, por exemplo, pensou seriamente em pedir demissão e se lançar como motorista de Uber. Como a relação com o trabalho foi melhorando gradualmente e o mercado dos Uber foi saturando, deixou o sentimento esfriar. Fato que só atesta a estabilidade à deriva em que vive.

5.4 A visão de futuro

Leandro diz que alimenta ainda algumas pretensões na X Center, sendo a principal delas a de fazer um futuro processo seletivo para o cargo de Coordenador de Operações. Novamente, o foco não seria, para ele, salarial. Ao contrário, teria uma redução passando de R\$3.200,00 – seu atual salário – para R\$3.000,00. Ainda que considere o cargo da coordenação como “um negócio sem futuro” e sabendo que se trata de um “trabalho desgastado”, entende a importância de mais essa promoção para a construção do seu currículo profissional.

No seu ponto de vista, um dos principais problemas, além da diminuição da renda, seria perder o privilégio de folgar aos finais de semana. Na coordenação, o funcionário trabalha todos os dias e em alguns momentos pode ser escalado até para as madrugadas. Hoje, Leandro trabalha apenas em dias úteis e em horário comercial.

A respeito da defasagem salarial, explica que sempre que há acordos coletivos entre as categorias, os sindicatos e a empresa, não há aumento apenas na coordenação, o que gerou essa corrosão do valor. O impacto disso tem sido sentido na própria relação do coordenador com os outros cargos abaixo na hierarquia. Leandro entende que tem diminuído a relevância do cargo muito pela falta de interesse em se alcançar a promoção até ele. A queda na atratividade financeira para ocupar a função pode, portanto, ser explicada, segundo ele, também pela diminuição da diferença salarial entre as hierarquias. Comenta a respeito:

Tem caído muito no perfil do coordenador. Hoje em dia, coordenador não é mais respeitado como era na nossa época. Na época que a gente era operador, coordenador não pisava nem no chão, né? Hoje em dia corrou tudo, os supervisores são caras que não sabem ler, escrever... são uns caras que não sabem nem montar uma apresentação. Então, tipo assim, na época que eu era supervisor eu levava muita porrada pra apresentar meus relatórios semanais e mensais. E hoje em dia o cara não sabe nem o que é isso.

Sendo financeiramente algo nada satisfatório, na sua concepção, os melhores profissionais tendem a sequer prestar a seleção. A falta de prestígio de quem está no cargo hoje em dia também se torna um espelho com um reflexo embaçado para quem ainda assim almeja. Saber de tudo isso e ainda assim tratar esta promoção como um objetivo é algo considerado estratégico para Leandro, pensando no acúmulo de

experiências, na passagem por mais um setor e no incremento da sua trajetória profissional expressa no currículo.

Enfrentar esse cenário de precariedade laboral e pouco conforto no exercício do trabalho em nome da melhoria do currículo diz muito sobre uma leitura mais balanceada de Leandro a respeito de seu futuro. Mesmo dizendo estar tranquilo na empresa, nunca se permitiu deixar de pensar no que pode acontecer caso seja demitido em algum momento. É como viver em ondas de instabilidade numa situação aparentemente estável. Por óbvio, como já foi comentado, que nos “cargos das pontas dos processos” e de menor custo para a empresa, esta fragilidade do empregado fica mais explícita. Com mais de uma década de trabalho e uma vasta experiência em quase todos os setores da empresa, Leandro entende estar mais seguro, mas ainda assim não pode pagar para ver.

Uma outra ação que alimenta, nesse mesmo sentido, é tentar manter uma rede de relações equilibrada com os funcionários, independente do cargo que possuam. Entende esse network como uma estratégia para o presente e para o futuro. Para o presente, no sentido de ter uma sociabilidade mais agradável e que lhe traga benefícios dentro do próprio trabalho na empresa. No futuro, quando se refere a não saber onde estará trabalhando em algum tempo e se não precisará de algum modo conviver com estas pessoas ou de alguma recomendação por parte delas. Interagir saudavelmente com todos os setores e não comprar briga com ninguém, segundo ele, são princípios básicos para manter o mínimo de harmonia no caótico trabalho da X Center.

Além disso, Leandro entende que na empresa a ideia da meritocracia é completamente relativa. Comenta que “não é sendo o melhor que você realmente é reconhecido. Isso não existe”. Justifica dizendo que é mais importante ter essa rede de relacionamentos para lhe dar um suporte nas horas de maior necessidade do que ser um funcionário padrão e que alcança todos os resultados. Ilustra a reflexão com uma história:

Isso é tão de um jeito que quando eu era analista antes a gente apurava campanhas e teve uma vez um prêmio que era um iPhone pro coordenador e aí tinha uma operação que tinha quatro coordenadores e aí quem ia ganhar esse iPhone? Teoricamente o que pontuasse melhor, né? Em tese, né? Em tese é isso. Só que eu tive que fazer, tive que refazer umas cinco vezes porque sempre vinha um “se”. Então, não é uma meritocracia objetiva. Tem muitas subjetividades. No fim das contas, quando eu fazia tudo isso e passava

algum tempo chegava o coordenador e dizia ‘bote o prêmio pra fulano, porque ele é o melhor coordenador que eu tenho aqui’ e foda-se.

Leandro diz enxergar a manobra sobretudo com relação aos discursos que são oferecidos à operação, que precisa acreditar que o seu esforço será recompensado, mas não entende que esse modo de funcionamento seja necessariamente um tipo de corrupção. Ele afirma que muitas das escolhas feitas na empresa são resultados também de critérios subjetivos como confiança e credibilidade e que isso não necessariamente está expresso numericamente em planilhas de resultados. É certo que muitas das promoções são feitas apenas por preferência pessoal e relações afetivas, mas muitas delas podem ser escolhidas por critérios não objetivos e ainda assim serem escolhas respeitáveis.

Embora pense e nutra o interesse pela Coordenação, considera que, em certa medida, chegou ao auge na empresa nesses dez anos de trabalho. Inclusive, faz o exercício de imaginar como seria se chegasse em 2027 e completasse uma segunda década. Acha possível alcançar tamanha durabilidade, mesmo sabendo que isso por lá é algo até então inexistente.

O fato é que Leandro acredita que chegou a uma situação confortável financeiramente, baseado nas pretensões salariais que possui, além de ter “rodado por todos os cantos da X Center” e vivendo estas experiências de maneiras diferentes. A sensação de ter chegado a um topo, dentro do que lhe foi colocado como possível, gera a reflexão sobre ainda haver ou não reais pretensões e desejos para um futuro. Sabendo do seu pragmatismo, dos seus pés no chão e principalmente do entendimento que possui sobre os esquemas para atalhar caminhos, adequar posturas e melhorar de forma inteligente as relações, é importante entender o que ele almeja na dimensão da satisfação.

Leandro se vê numa etapa em que as coisas estão consolidadas em alguma medida, mas que por outro lado “ainda tem muita coisa pela frente”. Ele considera que é preciso “deixar rolar” e que os processos irão aparecer e “naturalmente” se vê galgando espaços. De certo modo, isso foi assim desde o começo. Um ciclo de desmotivação, reanimação, tentativa e êxito, dialogando com suas questões pessoais e afetivas que dão contornos no engajamento voltado para suas decisões profissionais.

Ele afirma saber que pode ir mais longe. Entende que levou “muita surra e muita pêa” para aprender um pouco de cada setor e não se acanha quando assume ser

mais competente que muitos dos gerentes da empresa. Quando exploramos mais este aspecto, comenta que hoje teria um perfil e habilidades suficientes para ser alçado como gerente de operações. Leandro se percebe como alguém capaz de “bater de frente com o diretor” e isso tem sido cada vez mais tranquilo.

Talvez essa opção não tenha se destacado anteriormente, porque diz compreender a importância de se pensar etapas por vez. Por isso, em seu julgamento, é interessante primeiro falar da Coordenação de Operações do que já apontar a gerência como uma vontade sua para se trabalhar. Leandro faz questão de manter os seus desejos sob um filtro que o faz refletir com paciência sobre a realidade na empresa. Tem dimensão, por exemplo, de que sua futura coordenadora será contratada diretamente do mercado de trabalho e que, sem conhecer bem as dinâmicas internas da X Center, ela poderá passar pouco tempo na empresa, o que geraria um processo seletivo interno. Ele tem objetivos, mas sabe ter uma cautela para entender o que tem pra amanhã.

Antevir situações pela semelhança com tantas outras que já aconteceram desde que lá está é a essência da experiência de Leandro na X Center. Experiência esta talhada nos erros e nos acertos que cometeu e em tudo que vivenciou por lá. Se algo é certo em sua narrativa é que ele valoriza absolutamente tudo o que conquistou por meio do seu trabalho. Comenta inclusive que não sabe como teria sido sua vida e de sua família se tivesse sido demitido em alguns de seus momentos de fragilidade, como por exemplo no caso da situação do Back Office. Leandro diz não ter muita coisa materialmente falando, mas que absolutamente tudo o que tem é fruto do seu trabalho e isso o faz dar muita relevância ao que faz.

Ainda com relação ao futuro, ele fala um pouco do panorama de mercado para além da X Center. Afirma que teria interesse em procurar outras empresas caso houvesse boas oportunidades e, apesar dos mais de dez anos de X Center, mudaria sobretudo por uma melhor proposta salarial. Ganhar mais ou menos trinta ou cinquenta por cento a mais do que ganha atualmente seria suficiente para admitir uma troca. Reconhece que há uma “zona de conforto” e que isso lhe amedronta um pouco pela ideia de sair e mudar de ares. Em todos os setores ele conseguiu identificar o desejo de ser demitido, inclusive nos cargos de instrutor e supervisor, mas considera isso um tipo de imaturidade que não se repete no cargo que ocupa agora.

Segundo Leandro, empresas concorrentes como a GVT, que hoje é Vivo¹⁰³, pagam melhor em todos os cargos, principalmente nos da base da pirâmide do organograma da empresa como supervisão e teleoperação. Vários funcionários fazem essa passagem de uma empresa para outra, inclusive alguns supervisores migram para ser operadores na concorrente pela compensação salarial.

Esse fluxo reforça o perfil da X Center que é forte desde o início, baseado na possibilidade de se absorver uma mão de obra sem experiência. Nas outras empresas, é mais comum buscar por profissionais que já sejam “rodados” na função, o que facilita contratar funcionários ou ex-funcionários da própria X Center. Há uma preferência em empresas desse tipo por funcionários inexperientes em alguns postos de trabalho, parte pela ausência de histórico relacionado à socialização com problemas práticos do mundo do trabalho e diálogos coletivos e ideológicos entre funcionários, bem como a questão de que um novato nesse universo é mais suscetível a incorporar aspectos disciplinares, assim como ainda está “iludido” com “as possibilidades de carreira”, como destaca Márcia Bernardo (2009).

Apesar de todas as críticas à empresa, Leandro acredita que não teria chegado no cargo em que chegou se não estivesse na X Center e argumenta demonstrando a envergadura da empresa: “pra entender a X Center tem que ser X Center. Você sabe bem disso! É um mundo de processos. É uma empresa que, de certa forma, é gigante. Não é uma empresa pequena, [...] regional”. Para se ter uma ideia, hoje a empresa conta com quase dez mil funcionários apenas no site do Ceará. Retoma o argumento trazendo um elemento muito importante que diz: “alguém vai ter que se sobressair”.

Essa frase é importante, pois o espírito da concorrência e do arranjo é comum na empresa. A rotatividade em parte dos setores é considerável, então os processos seletivos são cada vez mais rotineiros. O que ocorre é que às vezes subir de cargo não parece compensador, com o melhor exemplo sendo da ascensão da operação para a supervisão, onde você tem um incremento salarial de pouco mais de cem reais e o seu trabalho aumenta, tanto no nível de procedimentos, como na pressão sofrida pela coordenação e da gerência, assim como dos próprios operadores.

¹⁰³ A exemplo da já citada Oi, trata-se de uma empresa de telecomunicações.

A pressão por parte dos operadores, segundo Leandro, cresceu com o fortalecimento sindical, pois agora “qualquer besteira”, como ele traz, já é motivo para processo. Ele diz que as condições de trabalho já foram bem piores, então a proteção ao funcionário aumentou, protegendo mais os seus direitos. Leandro consegue se colocar tanto na perspectiva do operador, como da empresa e acha que os dois estão corretos, em certa medida, nessa queda de braço. O operador está correto em querer mais direitos e a empresa também tem o seu sentido em pretender lucrar com o seu empreendimento, pensa ele. De uma maneira ou de outra, tudo está diretamente relacionado a dinheiro no call center e todas as metas estão relacionadas com as margens de lucro.

Aos supervisores são exigidas funções que vão desde o “monitoramento do trabalho dos teleoperadores” até a tarefa de motivar e animar as suas respectivas equipes (OLIVEIRA, 2009). Além disso, nem sempre há uma legitimidade adquirida com os demais funcionários. Como pude discutir em outra pesquisa (BENEVIDES, 2013), esses elementos somados à sobrecarga e à baixa remuneração supracitadas provocam um desgaste rápido no exercício da função.

Leandro recorda que em seu passado na empresa tinha mais dificuldades do que para os operadores de hoje, inclusive financeiramente. Em seu setor de origem não havia sequer comissão para vendas e os operadores ainda eram obrigados a vender produtos. “Ah, esses caras têm tudo nas mãos”, comenta ao ler o cenário presente. Porém, percebe uma contradição em sua fala e diz “às vezes eu me pego com pena dos caras, porque é uma condição filha da puta na maioria das vezes e às vezes eu me pego sendo ruim”, ressaltando uma certa dualidade no que faz. Inclusive isso impacta na sua própria condição de funcionário, pois “pegar pesado demais” pode desmotivar o teleoperador, mas se “pegar muito leve”, eles podem “avacalhar”.

Há uma dupla condição estabelecida entre as ações que Leandro pensa tomar no cotidiano do trabalho. Ao passo que ele precisa ser esse elo forte da empresa, também conhece a situação dos teleoperadores. Administrar essa tensão sem escolher um dos dois lados em detrimento absoluto do outro é que ele tenta equilibrar. Há um fluxo contínuo de trocas entre as duas perspectivas.

A partir dessa trajetória toda que o faz ver os detalhes da vida funcional na X Center por várias lentes diferentes, tenta apresentar novidades na forma de cobrar os trabalhadores. Uma última resolução que criou foi a instituição de um bônus para a meta

do absenteísmo e argumenta: “ao invés de te punir pelo absenteísmo, eu vou te bonificar por você ter entregue [...] a gente tem que criar muitas estratégias pra esses caras” e completa: “tudo é estratégia!”. “É certo e é errado” é a definição que Leandro consegue ter sobre o que precisa fazer diariamente.

A dubiedade está posta, mas isso não diminui a força da sua tentativa. Nesse caso, as condições concretas não mudarão apenas se Leandro fizer uma opção acreditando que há um lado certo e um lado errado. O que mudam, de fato, as relações no dia-a-dia da empresa são as práticas que conseguem levar em conta esses processos em movimento permanente. Afinal de contas, ele coloca a questão de que não quer prejudicar ninguém, mas também não pretende prejudicar a si mesmo. Sobreviver neste universo é um passo obrigatório antes de se pensar em qualquer jogada.

Para se ter uma ideia, quando estava no MIS, Leandro ligava-se diretamente à formulação de novas diretrizes para o monitoramento da qualidade na teleoperação. Isso implica numa grande responsabilidade, pois os resultados disso tem como consequência a manutenção ou a retirada de empregos. Ou seja, está diretamente associado à mobilidade na X Center. Pensando nisso com peso, Leandro também conseguiu criar um software dentro das planilhas do Excel para que pudesse automatizar o acompanhamento dos resultados dos teleoperadores, já os dividindo nos quartis de qualidade. Com isso, a perspectiva de quem sobe e de quem cai de nível pode ser vista com facilidade, segundo afirma.

Esse tipo de trabalho diferenciado garante um reconhecimento por parte dos seus superiores. Comenta orgulhoso: “eu digo que mais ou menos eu vou caminhando, porque depois disso aqui, quando tem uma reunião lá na sala da diretoria, que antes eu não era chamado, 'chama o Leandro pra dar umas ideias'. [...] 'macho, se tem alguém que pode fazer isso aqui é o Leandro', então vai dando uma certa moral”. Assume que gosta dessa valorização, mas deixa que claro que gosta porque precisa disso e explica:

A X Center é uma empresa muito grande, velho, e um dia tu tá aqui, um dia tu viu que eu conseguia fazer isso aqui, um dia tu vai sair da empresa e vai trabalhar em outro lugar. Um dia tu vai ser chefe em outro lugar. Tu vai precisar indicar alguém. Alguém vai dizer “macho, o Leandro conseguia fazer isso aqui lá na outra empresa. Vamos chamar ele!”, entendeu?

Há um sentido visado em seu esforço de, dentre outras coisas, criar uma espécie de network na empresa e na rede de contatos que lá se forma. Pensar nessa boa

impressão é uma constante no seu trabalho e por isso se coloca na posição de ajudar. Embora haja esse objetivo, nem sempre a reflexão precede a ação, sendo definida por ele como “automático” em algumas vezes e explica “isso é muito de mim mesmo”, pelo fato de não gostar de recusar auxiliar alguém. Dentro e fora da empresa se vê assim:

Então, eu sempre fui muito difícil assim de dizer “não” pra alguma coisa. Isso nunca me atrapalhou. Eu num sei se tu já assistiu aquele filme do “Sim, Senhor”, né? Macho, às vezes eu me pego nas mesmas situações e aquele filme ali é muito interessante. Tipo, o cara vai fazer umas coisas que são nada a ver, mas ele está fazendo, até que lá na frente aquilo serviu pra alguma coisa.

Joga entre o que se é e o que se precisa ser, sabe se fazer e se refazer em um universo onde tudo é medido e vira ferramenta. O mundo do trabalho exige essa flexibilidade e inventividade por parte dos seus novos trabalhadores. Nesse aspecto, Leandro se considera extremamente profissional e sua trajetória aponta neste sentido.

É essa trajetória que ele espera estar expressa no currículo de alguma forma. Quando pensa nas possibilidades futuras do mercado, no potencial de remuneração que pode alcançar e no know-how que acredita ter construído ao permanecer tanto tempo em uma empresa com altas taxas de desligamento e conhecida nacionalmente pela pressão pelos resultados.

Contudo, tem a cautela para observar que a X Center possui as suas vantagens e lhe dá um conforto que não seria facilmente construído em nenhum outro lugar. Conhecer grande parte dos funcionários, ter passado por vários cargos, receber os pagamentos pontualmente em dias há mais de dez anos são alguns dos elementos citados por ele. Existem outros pontos não tão objetivos que se dissolvem em algumas de suas falas:

Eu penso às vezes que se eu fosse desligado seria massa, mas eu não forço esse desligamento. Tem dias que eu chego lá 9h30, o meu horário é 8h, tem dias que eu chego lá 9h30, 10h e se alguém reclamar “foda-se, velho”. O principal são as entregas. Então assim tem muitas coisas que se eu entrasse numa empresa hoje, o horário de 8h seria 8h. Cara, eu chego atrasado todos os dias e isso não vem de hoje. Eu era operador e chegava atrasado.

Leandro afirma ter encontrado o seu lugar na empresa e este lhe confere alguns benefícios. Sente que “enlargueceu as suas costas” com o passar do tempo e isso lhe permite ter uma situação extraordinária de conforto com algumas questões que são rígidas para a maioria dos que trabalham na X Center. Para quem nunca teve a

preocupação de se manter andando na linha e agindo de acordo com as normas, percebe que seu estilo de ser e trabalhar lhe deu uma tônica diferenciada.

Encarar o trabalho como um jogo em que é preciso conhecer as regras, mas também encurtar os caminhos e descobrir formas de diminuir os impactos do dia-a-dia são questões obrigatórias para Leandro. Abaixo, comenta um pouco sobre como enxerga a necessidade de buscar formas de escapar da rigidez e das cobranças pelo que é considerado “correto”:

Cara, e você tem que fazer isso se não você endoia. Às vezes eu vejo o pessoal muito bitolado, entendeu? Tipo assim, a pessoa que vai ser desligada é a mais bitolada que existe e a que vai permanecer não é. E a que vai permanecer é mais antiga, e essa foi trazida recentemente. Então assim são coisas que é a lógica, é o que faz sentido, entendeu?

A assimilação desta lógica não dita é a expressão da sua forma de se relacionar com o trabalho. Olhando para sua trajetória, lembra que sempre que decidiu fazer tudo perfeitamente não teve sucesso e que não é possível ser “100% certo sempre”. Leandro acredita que é preciso saber lidar com as situações de pressão. Para ele, estes atalhos tornam as coisas menos sérias e o cotidiano mais confortável. Se tivesse seguido todas as regras desde o começo, segundo ele, não chegaria onde chegou, pois teria se esgotado fisicamente e psicologicamente. Nesse sentido, parece que o tempo das pessoas não é compatível com o tempo dos negócios. Não se perder nessa mediação parece ser uma reflexão interessante.

Leandro tem a sua experiência talhada nesta lógica da pressão do mundo do trabalho, da cobrança permanente por resultados, mas sem perder a dimensão de si próprio, do seu conforto e da sua satisfação. Ao mesmo tempo, conseguiu aprender e trazer suas habilidades como indispensáveis para a vida laboral de uma empresa enorme. Viver numa harmonia regular nesta corda bamba é algo bastante complexo.

Então seria a felicidade encontrada no mercado de trabalho? Seria muito simples e inocente cair nesta conclusão rasa e Leandro entende que há camadas diferentes tornando essa questão multifacetada. Ele acredita que sabe diferenciar felicidade de realização e de satisfação, dando tons mais realistas aos seus desejos. Numa tentativa de aprofundar estas sensações, destaca a relação com os momentos difíceis e a noção de felicidade:

Eu acho que existem dias felizes. Não existe felicidade plena, até porque tudo tem todos os fatores que podem impactar. Então, por exemplo, tem dias que foram muito cansativos e às vezes você espera receber um parabéns e não tem. Pelo contrário, tem é porrada em cima do que você fez e aí é muito desmotivante, é pesado. Tem dias que eu chego em casa estressado, chateado, com raiva e digo “ah, no outro dia eu vou pedir minhas contas” e desde o tempo de operador eu já cheguei a quase pedir as contas, como supervisor também quase, como instrutor também. Então, em todos os cargos eu já passei por isso. E aí...

O fato é que sempre quando Leandro pensou em pedir a demissão, acabou desistindo e tentando uma outra coisa, segundo ele, pensando ainda no crescimento na empresa. Ele afirma que sabe que valeu a pena justamente pelo lugar que atingiu. Considera que ter vencido esses impulsos, ter tido a sabedoria para entender que as dores são passageiras, foi fundamental para não ter abandonado este trabalho, mesmo sabendo que por lá “nem tudo é permanente”. Tem a dimensão de que vive no fio da navalha e que esta sensação provavelmente não se findará enquanto estiver por lá. Contudo, não acredita que em outras grandes empresas seria tão diferente, o que o faz ter ainda mais tranquilidade para saber viver o seu momento.

Leandro não se considera um homem acomodado. Esta seria uma conclusão guiada pelos olhos do mercado, que exige das pessoas que se viva dando o seu melhor e sempre almejem chegar a pontos mais altos e com salários elevados e cargos de maior gabarito. Em contrapartida, também não se trata de uma leitura romântica, achando que ele faz apenas o que gosta ou tem um puro prazer no ofício que desempenha. Ainda em sua juventude, Leandro tem uma concepção de trabalho que orbita numa linha tênue entre prazer, satisfação e conforto. De forma descontraída, destaca:

Primeiro que se eu quisesse de verdade fazer o que eu gosto, o meu sonho era ser músico. Eu lembro que logo quando eu fiz vestibular, eu queria fazer pra Música, sem onda. Aí meu pai disse assim ‘eu não paguei tantos anos de num sei quê...’ e foi foda porque meu pai e minha mãe já chegaram a vender televisão pra eu fazer vestibular, né? E aí eu chegar e sacanear e fazer música era foda. Então, assim, eu não fiz, mas eu toco ruim pra caralho e não era vocação, né?

Há uma percepção de que está ocupando, de fato, sua área de preferência, mas isso não significa que esteja cumprindo com sua vocação. Basicamente, consegue fazer duas distinções nítidas. A primeira entre prazer e satisfação. A segunda entre vocação e localização. É uma questão relacionada a extrair significados de sua vida a partir dos momentos proporcionados pelo trabalho e, acima de tudo, perceber que tudo o

que passou na trajetória da empresa foi importante para a constituição deste quadro de habilidades e experiências capazes de tornar este tempo presente como positivo.

A ideia de situação é, nesse sentido, mais adequada que a ideia de condição. São situações mais relacionadas ao cotidiano e às práticas basilares do dia-a-dia no trabalho que exprimem o que há de significativo no que faz. Leandro comenta que em vários momentos do dia percebe que gosta de desempenhar aquele trabalho. Isso não o faz estabelecer uma condição permanente de satisfação, mas o faz compreender a aceção do momento por meio da própria prática.

Basicamente é o mesmo modo de construção das experiências, que não existem no campo do a priori e nem podem ser relacionadas necessariamente à lógica do ensino ou da educação. As experiências construídas no trabalho são resultados das práticas exercidas no dia a dia. É um saber-fazer-fazendo do cotidiano. É o saber-fazer-fazendo ao errar também. É o saber-fazer-fazendo na subversão das normas e na criação de atalho. É um saber-fazer-fazendo movido em parte pela troca.

Leandro é de um tipo que gosta de “mexer no Excel” quando está em casa. Aos finais de semana, às vezes, fica vendo vídeos no YouTube sobre o assunto. Aponta que faz isso não apenas com a perspectiva da capacitação, mas porque gosta de conhecer sobre o assunto e em alguns momentos se sente diante de um entretenimento que lhe traz situações de prazer. O que Leandro também gosta é de saber que é útil para a empresa e que suas habilidades são necessárias para a construção de algo:

Porque o que eu gosto do meu trabalho é que às vezes a pessoa chega assim “ô, Leandro, a gente consegue fazer uma planilha pra que faça isso, isso e aquilo?”... Tem até um coordenador antigo que saiu e dizia que “a frase do Leandro é ‘que dá, dá’”, porque toda vez que ele pedia uma coisa eu dizia “macho, que dá, dá, só vai dar um trabalhozinho, mas dá” e ele sempre dizia isso, então assim eu gosto disso. Porque você fazer um trabalho que poucas pessoas fazem e no fim das contas você dizer “caralho, isso daqui ficou massa ó” é bom pro ego, é bom pra tudo e você se sente bem por isso. Então, isso é o diferencial.

Sentir-se bem, importante, exclusivo e útil são adjetivos que confortam a mente deste jovem trabalhador. Num ambiente com mais de dez mil funcionários, em que a maioria está competindo a todo instante entre si e tentando provar-se melhor que os demais, sentir esta recompensa pelo trabalho desempenhado e pelas ferramentas que construiu para facilitar a labuta diária é algo que traz gozo para Leandro. Gosta de desenrolar os problemas em diversos níveis e de ensinar os processos que desenvolveu e

que conseguiu abreviar. Saber que procedimentos que demoravam dez dias para serem realizados, agora, com sua intervenção, podem ser feitos em dois dias apenas é ímpar e lhe agrega valor. Leandro aparece em suas narrativas como uma espécie de encurtador de caminhos em uma empresa em que os principais rumos são “scriptados”.

De fato, se Leandro não arriscasse nessas empreitadas de fuga, nada disso teria sido impresso na sua imagem. Tudo o que obteve foi, de certo modo, feito do seu próprio jeito. Esse jeito de fazer foi talhado na prática, no desvio e na extrapolação dos limites impostos. Nesse sentido, Leandro considera como positivo, por exemplo, ter neste momento um coordenador externo, que não está disposto a monitorar cada passo do seu trabalho e que tem contato apenas com o produto final do que faz. Brinca que, às vezes, o seu superior “acha que deu um trabalho desgraçado, sendo que eu levei meia-hora pra fazer. Às vezes dá um trabalho desgraçado mesmo, mas às vezes eu faço voado”. Não ser pego, desde o início, é uma meta para tudo o que faz. Parece ter funcionado.

Um jovem que trabalha e se percebe enquanto frágil neste mundo do trabalho, sente a força dos papéis que foram colocados para si e que, ao mesmo tempo, não se deixa atrofiar em seu potencial de criação e de invenção. É na insistência pelo desfazer que Leandro mais se fez. Foi desconstruindo que construiu. Foi desmanchando regras, normas e padrões de procedimentos que conseguiu inventar novas formas, novos trilhos e funcionalidades a serviço de sua satisfação e da produção da operação. Leandro considera que sabe relativizar o lugar do prazer e da satisfação, mas é absoluto ao dizer que o que lhe traz o verdadeiro regozijo é não se quebrar neste meio, não se fragmentar nessas disputas e estar inteiro nos finais de semana para estar com sua família e proporcionar um pouco do que o dinheiro conquistado pode oferecer a eles.

6 MÃE ALICE: CIÊNCIA COM OS PÉS NO TERREIRO

Neste capítulo, discuto um pouco a partir das narrativas da jovem Alice. Mãe de Santo da Região do Cariri cearense, que se dispôs a fazer trocas de suas experiências em espaços de conversação para esta pesquisa. Ela que me chamou a atenção desde o início pelo estilo e pela postura que tinha enquanto mulher e liderança no curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri, no qual tive a oportunidade de ser seu professor em algumas ocasiões entre os anos de 2014 e 2017.

Desde o início desta partilha científica e social, o caráter mágico das explicações do mundo me chamou a atenção e esta característica em si passeia por todas as frentes de sua vida. Alice aparece aqui como mais uma jovem que assume substanciais responsabilidades e que faz do seu trabalho a força-motriz para a explicação de sua existência e de produção do seu cotidiano.

Passageira dos próprios dias, é possível pensar o trabalho em sua vida dividido em três frentes de perspectivas. Numa dimensão mais ligada à concretude, às necessidades básicas, o sustento, à manutenção da vida e à própria circunstancialidade da função, tem um emprego multifuncional em um órgão público do município de Juazeiro do Norte. Pensando num futuro, ela sonha com as possibilidades científicas, com os conhecimentos em condição de troca, num aprender e ensinar permanente e por isso se engaja para ser cientista social. Por fim, há o trabalho que não escolheu. Aquele que transcende às barreiras do tempo e da racionalidade, que é fomentado no espaço de sua religiosidade. Como uma jovem Mãe de Santo, estudante universitária e funcionária de um fundo previdenciário municipal se compreende pelo exercício que desempenha e o esforço que prossegue no texto.

6.1 O ganha pão

Alice atualmente é funcionária do PREVIJUNO - Fundo Municipal de Previdência Social dos Servidores de Juazeiro do Norte/CE. Os funcionários públicos municipais contribuem para essa instituição em específico. No ano de 2013, entrou no PREVIJUNO ainda como estagiária, ficando mais ou menos um ano com o vínculo ligado ao estágio e sendo, posteriormente, efetivada.

A respeito de sua efetivação contratual, laboralmente e em termos de tarefas a serem executadas, não houve tantas diferenças na quantidade e nem na qualidade do trabalho, mas recebeu um aumento no salário. Enquanto estagiária, Alice recebia R\$1200,00, agora são R\$1.500,00. Nos dois tipos de vínculo, trabalha seis horas por dia. O normal seria que sua carga horária tivesse aumentado para oito horas diárias, mas por conta da sua faculdade – que é na parte da tarde – solicitou que não houvesse aumento no tempo de trabalho. Ao final do expediente, que se inicia às 7h30 e vai até 13h30, Alice pega sua moto e vai até a URCA – Universidade Regional do Cariri –, onde está matriculada no curso de Ciências Sociais.

Seu vínculo formal é por meio de um contrato de trabalho, sem registro em carteira. Contudo, pondera que “eles pagam tudo direitinho, tem décimo terceiro [...]”, trazendo o detalhamento da pontualidade do pagamento como uma justificativa válida não apenas para o formato da contratação como por ser o principal motivo de adesão ao seu trabalho. Precisar trabalhar para se sustentar, como neste caso, é fundamental que os pagamentos sejam honrados para que a empreitada tenha alguma lógica.

“Serviço de três pessoas mais ou menos” é como descreve a sobrecarga do seu ofício. Iniciou como atendente, passou a ser assistente de arrecadação, faz parte das contas, da comissão de notificação, da assessoria gestora de análises de processos temporários e ainda cumpre papéis relacionados ao setor financeiro.

A quantidade de funções que desempenha sozinha está diretamente conectada às narrativas desta pesquisa e parece ser uma constante no mundo do trabalho. Os empregadores desejam reduzir os seus custos com funcionários e, ao invés de ter especialistas que desempenhem com maestria um determinado papel, preferem trabalhadores de baixo custo e que possam cumprir com várias tarefas ao mesmo tempo.

A exigência por um exercício multifacetado vem esgotando sua relação com o trabalho há um tempo. Antes, gostava mais do que fazia, mas hoje percebe-se cada vez mais numa condição de exaustão. O acúmulo de trabalho e de funções gera uma sobrecarga suficiente para minar qualquer adjetivo que se refira à polivalência.

O trabalho demonstra-se “pesado”, inclusive no que se diz respeito ao cansaço mental, tendo em vista a grande quantidade de informações que precisam ser aprendidas para se executar o ofício com qualidade. Abaixo, Alice fala sobre sua

relação com o cansaço e explica um pouco dos trâmites em sua primeira função, o atendimento:

[...] é muito cansativo. Você tem que aprender o regime geral. No atendimento você tem que entender de tudo um pouco. Documentação pra aposentadoria, auxílio pra abrigo, você tem que saber a lei pra licença maternidade, você tem que saber preencher os formulários, que parece uma bobagem, mas, dependendo do problema, você tem que encaminhar pra tal setor. Você tem que dar satisfação ao setor administrativo. Você tem que pegar ofício, encaminhar e receber correspondência.

Interessante fazer um destaque a respeito das condições para se executar essas funções. Alice conta que não houve nenhum treinamento para que aprendesse os procedimentos utilizados no dia a dia. Explica como aprendeu a trabalhar: “Foi na tora [...]. Graças a Deus tive sorte!”. Em quase quatro anos de trabalho no PREVIJUNO, destaca que a melhor forma de aprender foi fazendo. O saber-fazer aparece mais uma vez atrelado à condição de ter que fazer. É possível que a necessidade de exercer o trabalho seja o que talha a competência e exige a construção de habilidades para construir o êxito na experiência.

Ela afirma que os erros acabaram também sendo relevantes nessa formação de experiências. Conta que teve alguns problemas na época em que trabalhava no atendimento, tendo como ápice o erro no envio de um importante ofício, que impactou no serviço do atendimento e até mesmo na parte jurídica. Por conta disso, foi retirada do atendimento, sendo removida para outro departamento.

Embora tenha conseguido, na prática, ascender de cargo, Alice tem em mente que isso ocorreu mais por uma ocasionalidade – neste caso, numa situação de erro de procedimento da sua parte – que por uma política de mobilidade do PREVIJUNO. Pensar assim a faz não alimentar expectativas com relação ao trabalho no que diz respeito à ascensão funcional. De fato, o principal objetivo dela na empresa é a manutenção das suas necessidades financeiras básicas. Trabalhar para se manter e arcar com as despesas é a tônica.

Outro elemento interessante a se acrescentar sobre o PREVIJUNO é o fato de que não há uma alta rotatividade de funcionários. Ao contrário, desde que iniciou por lá viu apenas duas pessoas serem desligadas do quadro, sendo que uma decidiu não renovar o contrato após sua gravidez e a outra era uma advogada que escolheu se dedicar a uma nova graduação, optando por fazer isso com exclusividade. Portanto, há

uma certa estabilidade, o que a tranquiliza com relação ao cumprimento de seus compromissos com o pagamento de suas contas.

A rotatividade que ocorre comumente é a relacionada à troca de funções. Há funcionários que estão desde a fundação do PREVIJUNO, em meados de 2006, e já passaram por todos os setores, inclusive ocupando cargos de liderança. Para se ter uma noção das proporções da organização, as instalações se dão em um prédio com dois andares e os setores principais são o atendimento, que conta com duas funcionárias; o setor jurídico; o gestor; a perícia médica, que conta com o chefe de perícia e os médicos peritos; o setor de benefícios, que trata, principalmente, das aposentadorias, de gravidez, da contribuição compulsória e por idade; o setor de arrecadação; e, por fim, a coordenação administrativa.

Importante apresentar também como os caminhos de sua vida profissional foram desenhados, contando sobre como seu percurso profissional lhe levou até o PREVIJUNO. Para tanto, faço um retorno até o ano de 2005, quando Alice era estudante de Ciências Econômicas na URCA e começou a trabalhar com licitações no município do Crato. Sua função era basicamente ser responsável pela conferência de preços em processos licitatórios, além de carimbar e organizar todas as documentações correlatas.

O processo de pesquisa de preços era extremamente manual. Seria possível fazer uma parte do trabalho pela internet ou no contato à distância com as empresas, mas a visita pessoal aos estabelecimentos era fundamental. Não havia uma carga horária fixa, mas uma meta de cotações a serem realizadas em um mês. Alice “ganhava a cidade” para atingir os resultados estabelecidos em um mínimo possível de dias. Nessa época, chegou a perder bastante peso e teve problemas físicos de tanto caminhar e atravessar a cidade várias vezes a pé, machucando os seus joelhos. Concentrando grande parte das tarefas em menos dias garantiria mais tempo para os estudos e, principalmente, para sua vida religiosa.

Em alguns períodos, o volume de trabalho em gabinete era maior, sobretudo quando havia vistorias do TCM (Tribunal de Contas do Município). Esse órgão poderia multar a Prefeitura por “coisas grandes e por coisas pequenas”, então o cuidado para não errar era máximo. Ela diz: “imagina o trabalho que num dava aí com quinze pastas de A a Z e mil e tantas folhas? Tudo manualmente!”. Todas as páginas eram carimbadas

nas partes superior e inferior para, em seguida, serem digitalizadas. Não à toa esse período foi caracterizado por ela como “um inferno”, inclusive fazendo com que perdesse várias aulas na faculdade por conta do cansaço.

As narrativas de Alice a respeito desta camada de sua vida profissional estão, via de regra, atreladas à dor, ao nervosismo, à exaustão e ao sofrimento de um modo geral. Tendo como única recompensa o dinheiro, cuja dependência para ela é considerada um karma, as expressões cotidianas do trabalho voltado para o sustento e que não abre espaço para seus talentos, virtudes, habilidades e as próprias experiências adquiridas na vida são majoritariamente negativas.

Como boa parte dos empregos vinculados às prefeituras municipais, a fragilidade contratual é considerável, submetendo os trabalhadores ao sabor das decisões reverberadas pela política eleitoral. Dessa vez não foi diferente, devido ao resultado das eleições, houve uma onda de demissões e, dentre as pessoas demitidas, estava Alice. Basicamente, o quadro de funcionários de uma prefeitura, com exceção dos concursados, muda quando também se altera o grupo político responsável pela administração da cidade.

Alice afirma valorizar as relações que constrói, inclusive no ambiente de trabalho. O bom trato que teve com os seus colegas de trabalho e seus chefes não a deixaram na mão após a demissão. Essa rede de relacionamentos lhe garantiu uma indicação para um novo emprego em menos de mês. É a mesma ideia trabalhada em todas as narrativas até aqui de network. Agora, conta que iniciaria um trabalho já no município de Juazeiro do Norte, fazendo um pouco do outro lado da moeda no processo de licitações. Ao invés de fiscalizar e coletar preços, seria uma das responsáveis por fornecer os valores.

Ocorre que este vínculo era temporário e expirou-se brevemente. Novamente desempregada, Alice se alicerçou em sua rede de contatos e, por meio de uma ex-chefe, foi convidada para trabalhar no PREVIJUNO. Aceitou prontamente e está lá até hoje. Entrou como estagiária, garantindo seu ganha pão, suas possibilidades de sonhar com os possíveis frutos de seus estudos e que sua espiritualidade seja praticada com o mínimo de respeito.

Por fim, vale destacar que uma das frentes abertas por Alice para tentar mudar a dinâmica da dureza do trabalho do tempo presente foi buscar encaminhar a

concretização de um sonho antigo: a construção de uma Organização Não-Governamental responsável pela alfabetização de jovens e adultos e a realização de diversos trabalhos sociais na comunidade onde sua família mora.

Além de pensar nisso como uma atividade relevante para a vida comunitária, tem em mente que será possível aplicar os conhecimentos aprendidos no curso de Ciências Sociais de “forma direta”. Acredita que é possível oferecer outros tipos de intervenção para além da teoria e que estuda este mercado de trabalho para a profissão, o que lhe garante que a visão de ter sustento com satisfação não é um mero sonho.

Alice vê este projeto como uma das possibilidades de realização na vida. Sempre teve esse desejo de “passar conhecimentos” para outras pessoas, bem como dar oportunidades para muitos que talvez não tenham. Acredita que com a ONG funcionando, poderá garantir que este projeto tenha sucesso e ainda terá uma fonte de sustento que lhe seja menos dolorosa. Caso isso ocorra, sairia do PREVIJUNO, dedicando-se mais ao seu trabalho social.

“Viver mais folgada” é um de seus objetivos. Quem sabe fazendo o que lhe dê mais possibilidades de satisfação diminua este peso de ter que trabalhar forçadamente apenas para o sustento e ainda dê lugar a outros possíveis para substituir o seu estado permanente de cansaço. Mais à frente, há uma discussão sobre a importância de Alice e da sua religiosidade para a comunidade e também sobre os investimentos que ela faz na vida acadêmica, o que dará mais substância para este projeto da ONG que, de um jeito ou de outro, está relacionado diretamente a estes dois aspectos.

6.2 “A fé não costuma falhar”

Isolar a vida religiosa da vida profissional de Alice é meramente um recurso organizativo deste trabalho. Ao contrário, suas expressões religiosas são a forma que encontra para se exercer no mundo enquanto agente criativo. A fé é alimento e alicerce na vida dessa jovem mãe de santo. A fé para ela também é trabalho, no sentido de oferecer um sentido para sua existência, bem como pelas responsabilidades que assume e com o tempo que dispensa de sua vida. Para entender este entrelaçamento, é importante apontar um pouco da perspectiva de origem de mais esta camada.

A ligação de Alice com o Candomblé¹⁰⁴ vem de família. O seu pai, piauiense, já era um homem “de terreiro” e foi lá que conheceu sua mãe, uma cearense, quando moravam na região do ABC Paulista, lugar onde nasceu. A iniciação de seus pais deu-se em “casas diferentes”, o que implica em algumas concepções distintas. Uma dessas divergências ganhou força quando sua mãe estava grávida de Alice, pois, espiritualmente falando, as divindades não aceitavam que a gestação prosseguisse sem que houvesse a iniciação da mãe e do bebê, trazendo riscos concretos de vida para ambas. Foi o que ocorreu. “A minha mãe se iniciou grávida de mim”, conta-me emocionada sobre o ritual necessário pela não permissão do orixá.

Para a religião do Candomblé, após a iniciação há um período de três meses (ou três meses e sete dias em algumas casas) do chamado “resguardo”, onde o iniciado deve passar por algumas privações. Nessa cosmovisão, o que ocorre é a morte do iniciado. A iniciação é, de fato, “a mortificação do corpo para o nascimento de uma nova vida”, o que implica num recolhimento obrigatório em um quarto recluso. A retirada dos cabelos simboliza justamente o nascimento, fazendo alusão aos recém-nascidos. Esse ato de purificação tem como objetivo o estabelecimento de elos com o seu orixá e para isso é necessário manter-se puro para que esse encontro ocorra. Não namorar, não ingerir bebidas alcoólicas, não ir a cemitérios, não ir a hospitais, não tocar outras pessoas são as restrições mais conhecidas. Atestando a seriedade destas exceções, Alice conta que sua mãe chegou a cair no meio da rua quando estava grávida e não pôde receber ajuda de seu marido e nem de sua irmã para levantar-se, pois não poderia ser tocada.

Com exatos três meses e sete dias após a iniciação, Alice veio ao mundo. Justamente após o encerramento do resguardo espiritual, o nascimento ocorreu. Mesmo conhecendo bem a religião, ela me diz que nunca ouviu nada parecido e comenta: “Nós não éramos uma só, sei lá. Eu também fazia parte daquele corpo. Eu não era uma pessoa que estava passando a mesma coisa que ela. Ela passou por mim. [...] Eu me iniciei na

¹⁰⁴ Segundo a definição de Prandi (2004), podemos entender esta religião do seguinte modo: “O Candomblé – religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia no século XIX – e demais modalidades religiosas conhecidas pelas denominações regionais de xangô, em Pernambuco, tambor-de-mina, no Maranhão, e batuque, no Rio Grande do Sul, formavam, até meados do século XX, uma espécie de instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos, e depois dos afrodescendentes, resistência à escravidão e aos mecanismos de dominação da sociedade branca e cristã, que marginalizou os negros e os mestiços mesmo após a abolição da escravatura. Eram religiões de preservação do patrimônio étnico dos descendentes dos antigos escravos” (p. 223).

barriga dela [...] Ela passou por todos os processos por mim”. A iniciação de Alice ocorreu, portanto, em conjunto com a de sua mãe e ela já nasceu como parte da religião.

Embora o resguardo acabe, as obrigações religiosas não se encerram aí. Com um ano, há uma espécie de confirmação, três anos depois há uma outra em que você deve alimentar o seu orixá e com sete anos de iniciação chega-se ao alcance da maioridade na religião. Alice conta que teve muitos problemas de dimensão simbólica durante sua infância e que por mais que sua mãe a deixasse livre para fazer suas escolhas quanto à religiosidade, era difícil resistir. Segundo ela, até um ano de idade não havia sequer uma fotografia em que ela aparecesse e isso se deu não porque fotos não foram tiradas, mas porque sua imagem não tinha “permissão” para sair nas fotografias e comenta: “foram tiradas de várias câmeras, de várias pessoas diferentes e eu não tenho fotos. Não tem explicação!”. Após o primeiro ano de vida, sua imagem já saía nas fotografias: “No meu aniversário de um ano tem foto, mas tem alguns que você ainda vê o vermelho assim [...]”.

Apesar de ter nascido no interior de São Paulo, Alice veio com sua mãe para o Ceará com menos de dois anos de idade, quando seus pais se separaram. Conta que desde criança gostava de “vestir umas roupas”, referindo-se às vestimentas tradicionais do Candomblé, obviamente influenciada por sua mãe, que voltou para o Nordeste já como mãe de santo. Influência essa que se dava mais pelo exemplo do que pelo incentivo como podemos ver em seguida:

Criança de seis, sete anos ia fazer o quê? Mas às vezes eu gostava de botar umas roupas, de pegar umas folhas e tal. Mas teve uma época que eu fiquei muito fanática, porque a minha mãe ia atender algumas pessoas e eu falava 'tá faltando isso, isso, isso'. Por que tu sabe que a gente faz as coisas com comida, né? A limpeza que a gente faz geralmente é baseada em comida. Você passa a comida na pessoa e isso limpa, purifica e retira o mal. Aí pode ser o mal de saúde, pode ser o mal de infelicidade e assim sucessivamente. E aí eu ficava metendo o bedelho e aí ela me cortou.

Com visíveis contatos com a vida religiosa desde o berço, Alice foi crescendo e se preenchendo pelas contradições entre aderir ou recusar estes caminhos da fé. Para ela, a influência das questões espirituais na dimensão corporal é bastante concreta e vários problemas de saúde se manifestaram na sua vida por conta da não aceitação de sua missão religiosa. Com três anos de idade, com sete anos novamente, chegando aos quatorze mais uma vez. Enfim, sempre, segundo ela, em fases em que deveria passar por procedimentos ritualísticos. Para se ter uma noção, aos sete anos

Alice chegou a desenvolver depressão, quando chorava sem parar, mas não sabia explicar os motivos de suas lágrimas. Quando esses problemas afloravam, a solução era passar por algumas limpezas no Candomblé até que sua saúde se recompusesse.

Quando tentava recusar a vida religiosa não era tão simples. A dimensão forte do preconceito e do estigma de ser identificada como “macumbeira”, eram exemplos que a faziam pender para esta escolha. Alice conta que em um dos momentos de maior recusa da vida espiritual, quando disse explicitamente para sua mãe que não queria seguir os caminhos do Candomblé, chegou a se ver fora do corpo após ter uma parada respiratória.

As fases do crescimento de Alice aparecem em suas narrativas como sagas em processos de passagem ritual precedidas, via de regra, por uma recusa. Em seguida viria a dor e logo imediatamente a aceitação pelo entendimento da lição que o processo lhe oferecia. Esta lógica se repete em várias etapas de sua vida. A análise do ritual aqui não entra como um tópico a ser estudado, pois como analisa Peirano (2005), os rituais não são simplesmente “objeto” ou um “tipo de comportamento”, mas “o que nossos interlocutores em campo definem ou vivem como peculiar, distinto, específico” (p. 10). Portanto, o foco aqui é na passagem, no contexto e na mudança, não no ritual em si.

Ajuda psicológica também foi buscada para que não surtasse. Tudo era delicado, pois parte das explicações de que precisava não se encontram na dimensão do racional e do explicável. Seu comportamento agressivo na adolescência teve um tom diferente, pois era associado à presença do pai, que havia falecido há alguns anos. Alcoólatra e violento, quando Alice agia com agressividade vinha a mãe ou a tia pra dizer “não é a Alice, é o pai dela”. Novamente, o caráter mágico dando a linha na explicação.

Destaco a interessante experiência de troca que tivemos acerca desta questão em específico, pois vivenciamos elementos familiares semelhantes, como a violência doméstica, a necessidade de isolamento das nossas mães para proteger as nossas vidas, o recomeço em uma cidade nova e o espírito corajoso dessas mulheres guerreiras e generosas. Os traumas que essas histórias geraram em nossos corpos e mentes é bastante sentido e criou uma espécie de cooperação solidária constituída na partilha do tempo e das memórias. Memórias essas que vinham machucadas, como se tivesse caído de árvores altas o suficiente para não terem suas folhas e ramos observáveis a olho nu.

Em certa medida, essa abertura na relação estabelecida entre nós favoreceu que estas “memórias subterrâneas”¹⁰⁵, antes em silêncio ou aparentemente esquecidas, viessem à tona e fossem fruto de troca.

Diante da percepção de um *ethos* feminino novo em nossa sociedade, demonstrando um empoderamento e um desejo por autonomia, Alice me diz “Sabe por que eu trabalho tanto e faço tanta coisa, Márcio? Pra não ter que passar por isso também. [...] Autonomia e independência assusta de vez em quando certas pessoas”.

Interessante que para compreender seu destino, Alice afirma que nunca abriu mão de buscar caminhos diferentes de compreensão. Uma dessas buscas por respostas foi indo ao “homem que lia envelopes”. Trata-se de um senhor que morava próximo à Cajuína, local bem conhecido em Juazeiro do Norte e que carrega esse nome pois encontra-se próximo à fábrica da Cajuína São Geraldo. Ele molhava os envelopes e conseguia ler imagens que apareciam no papel encharcado. A tia de Alice, também mãe de santo, desconfiava tanto desse tipo de ritual que levava os próprios envelopes de casa para dar mais credibilidade ao processo, o que resultou num certo ultimato para sua vida: “Aí molhou, aí ele viu lá 'fizeram um negócio e pegou na sua filha e tal. E é o seguinte, quando ela completar dezoito anos ela vai ter que fazer uma escolha pra vida dela. Ou ela rompe as correntes ou ela segue em frente'.”.

A busca por saídas para os seus dilemas se concentrava em reflexões na sua mente adolescente, mas principalmente na experimentação religiosa. Alice afirma que apostou no “caráter mágico” de sua existência e uma forma de testar este universo era justamente experienciando os possíveis que estes contatos trariam. Nas dúvidas entre aceitar ou não o Candomblé, foi buscando encontrar respostas com a dimensão espiritual que se encontrou.

Até os dezoito anos de idade sua vida foi assim, entre recusas e adesões. Várias eram as desculpas para seus amigos e namorados, justificando as grandes ausências para cuidar dos seus adoecimentos espirituais e explicar as fases em que as limpezas eram necessárias. A desculpa da hipoglicemia era a mais utilizada.

As desculpas nesse momento funcionavam como um ponto comum entre as ações para fora e as para dentro, ajudando a manter a convivência com as pessoas

¹⁰⁵ Ver mais sobre memória, silêncio e esquecimento em Pollak (1989), onde o autor se debruça melhor sobre a questão do tempo, da memória e de seus traumas. Episódios como o Stalinismo são utilizados para se pensar essa disputa pela memória.

mesmo passando pelas indecisões na vida espiritual, seguindo um modelo estudado por Austin (1979). Como analisam Scott e Lyman (2009), essas justificativas “servem para diminuir os impactos ou neutralizar as falhas”. É uma espécie de tentativa estratégica para restaurar o equilíbrio das relações estabelecidas.

Trata-se de uma negociação – o que não significa que seja harmônico – em seus relacionamentos. Essa “conta”, como chamam Scott e Lyman, age sob a expectativa da reparação, mesmo que nem sempre consiga garantir a total explicação. Mills (1940) traz que esses motivos para as ações apresentadas nas relações nomeiam as consequências dessas práticas. Mais importante que pensar sobre esses motivos em si é pensar como esses efeitos se estabelecem no plano do social e o quanto isso afeta a ela e aos seus.

Alice chegou a se achar louca, até que não conseguiu mais resistir e começou, de fato, a encarar a sua religiosidade como um “destino”. Aos dezenove anos, pouco após a morte da sua vó, foi quando ela sentiu que “caiu a ficha” e, já iniciada desde o útero de sua mãe, começou a missão de ser Mãe de Santo.

Preconceito e ausência foram as questões que traziam mais complicações nesse processo de assumir-se enquanto Mãe de Santo. A sua primeira tentativa de ter uma trajetória acadêmica começou a se desmanchar nesse momento, pois somou-se o desinteresse pelo curso de Economia com a necessidade pungente de se movimentar religiosamente. Alice conta, empolgada, sobre o mergulho profundo que deu: “Comecei a atender e fui, fui, fui, fui... fui tanto que eu esquecia do resto mundo”.

A imersão na vida religiosa foi completa. Alice assumiu a religiosidade como seu trabalho real no mundo. Era não apenas a sua conexão espiritual, mas a sua conexão plena com suas atividades terrestres. Eram os atendimentos e o exercício diário da fé que tornavam a sua existência plausível e faziam-lhe gozar das experiências sociais.

Para se ter uma noção do nível de profundidade das relações estabelecidas daí em diante, conta que ser mãe de santo é como ser mãe biológica. Alice tem vários filhos, todos lhe pedem a benção, a abraçam, pedem conselhos, ajudas diversas, etc. Isso exigiu um amadurecimento precoce, onde ela diz: “eu tive que ser sábia, entre aspas, muito rápido”. Hoje, Alice tem filhos com praticamente o dobro de sua idade. A maturidade e a perda de pessoas importantes trouxeram sofrimento, mas um

aprendizado pela ausência. Escolher assumir esta responsabilidade não significou um tolhimento da vida, pois isso, como ela acredita, é a verdadeira expressão do seu viver. Sua vida lhe parece a sua missão.

Essa passagem para a vida adulta de Alice se instaura ao lado da sua escolha pelo que chama de “lado da fé”. A aceitação deste “lado” como uma missão de vida é fruto de um processo ritual que institui uma diferença duradoura entre o antes e o depois. Bourdieu (1996) destaca que esses ritos de legitimação ou de instituição são processos capazes de promover um “assumir-se”, evidenciando a linha de separação que diferencia o antes do depois.

Basicamente, houve uma naturalização daquilo que foi elaborado socialmente. Bourdieu diz que nesses ritos “você ensina o peixe a nadar” (p. 99). Essa instituição promove uma nova condição simbolicamente eficaz e capaz de alterar o nome e a identidade do indivíduo. Após assumir-se, naturalmente, Alice se tornou Mãe Alice e essa nova roupagem implicou numa nova pauta para sua vida e suas práticas.

Esse processo não é artificial. Ao contrário, trata-se da “magia performativa de todos os atos de instituição” que conseguem promover o lema “torne-se o que você é”. Ou seja, já havia uma vocação que precedia o rito e isso só foi evidenciado pelo processo de diferenciação. Inclusive, vale destacar que havia uma crença anterior por parte da família, da comunidade e de muitos amigos e que essas ações legitimam e garantem a “condição de eficácia do ritual”.

Um elemento que tem trazido a atenção dela tem sido o fato de que seu irmão está enveredando pelos mesmos caminhos na vida religiosa. Iniciado há algum tempo, ele a toma como exemplo e busca seguir seus passos. Para Alice, é preocupante ser tomada como espelho e querer ter uma vida igual a dela, pois, além de não se sentir confortável numa posição de mulher idealizada, tem a dimensão do quão árdua é a responsabilidade que se assume com outras pessoas, que passam a depender de você.

As contradições por vezes geram reflexões importantes. A conciliação de dores mal resolvidas com a força para se escrever um futuro novo são bem presentes nessa história. Fases difíceis foram vividas até que Alice se encontrasse com o que acredita ser a sua missão de vida. Problemas de saúde, com dinheiro, com a falta de perspectivas, com o próprio corpo foram constantes em todo esse caminhar. O choque cultural em sua vida e em suas relações não existe em uma escala meramente abstrata,

mas traz impactos fortes no seu viver. Hoje, tenta construir caminhos diferentes, que possibilitem mais diálogos e maior aceitação com a vida que escolheu ter; esse foi um dos objetivos que inclusive fez com que escolhesse o curso de Ciências Sociais futuramente, o que será aprofundado no tópico seguinte. Por ora, explico melhor como se dá a prática cotidiana do exercício de ser Mãe, o que faz na prática. Abaixo, ela descreve um pouco do cotidiano de seus atendimentos e explica o seu papel de uma forma bem didática:

Vamos pensar. A gente é quase um padre, né? A gente vai recebendo, a gente fica a noite acordada. Então o que é ser mãe? A pessoa que passa pelas fases de iniciação, passa pela fase de se tornar o irmão mais velho, depois de sete anos, e pela mística, digamos assim, é designada a ser sacerdote pai e sacerdotisa mãe. O que é que faz essa mãe? Ela inicia outras pessoas na religião, ela cuida dessas pessoas com problemas de todos os sentidos, porque a gente acha também que existe muita coisa física, mas existe muita coisa espiritual e que uma coisa espiritual pode também influenciar em problemas físicos, digamos assim. Então, por exemplo, o que acontece muito, problemas de saúde mental. Já chegou muita gente doida lá em casa, doida mesmo, de cortar pulso, de abrir barriga, louca. Eu estava até lembrando esses dias que teve um menino que entrou, que a mãe levou ele lá pra casa, que ele escreveu um M de Maria em homenagem à mãe dele na barriga [...] com um caco de vidro. E aí a gente fez algumas limpezas, digamos assim, nele. Levamos ele e fizemos umas coisas, alimentamos a cabeça dele, que é um ritual. Chamamos de o ritual do Obi, que é uma fruta africana à base de cola, que inclusive dizem que está na composição da própria Coca-Cola [...] que é um dos alimentos pros orixás e assim que a gente fez a limpeza o menino disse 'não, eu nunca mais vou fazer isso'. Hoje o menino é contramestre de capoeira. Ele não lembra de nada disso que se passou. Ele não tem cicatriz nenhuma, que é o que é mais impressionante. Você via o M e via os braços dele todos cortados e ele não lembra de nada, nada, nada, nada. A pessoa não tem caminho de prosperidade, a pessoa não consegue arranjar um emprego, a gente faz determinados rituais, determinadas limpezas, determinados caminhos pra que aquela pessoa consiga prosperar. Então a mãe, ela é uma mãe de verdade. Ela só não pariu. Não pariu, literalmente, mas a gente pare na religião. Se aquela pessoa por ventura se iniciar, você é mãe dela como se... como a pessoa passa por um tempo de recolhimento, é como se ela realmente viesse do útero pra vida religiosa, pra uma nova vida.

A dinâmica do trabalho espiritual que desempenha é a todo instante encarada como missão ou obrigação. É como se não houvesse espaço para a recusa e que a aceitação fosse fruto da compreensão mágica de que ela deveria estar naquela posição e desempenhar este papel na vida. A compreensão sobre ser mãe aparecia em suas narrativas como um processo irreversível, o que a faz acolher, portanto, esta dimensão e aceitar os seus filhos espirituais como uma obra a ser zelada por toda a vida. Uma obra completamente criada e estabelecida por meio deste renascimento.

Alice costumeiramente destaca que os filhos são, de fato, como crianças e isso inclui prós e contras. Ao passo que há coisas positivas como o afeto e o reconhecimento, diz que eles também “fazem raiva e dão trabalho”. Conta que foi “a cabeça da turma” desde quando era criança e que naturalmente assumia a posição de quem mais ponderava, raciocinava, mediava e arquitetava as questões com as demais crianças e logo depois na adolescência não foi diferente. Brinca que era a menina que chegava e dizia “eu tenho um plano!”.

Acredita que isso a fez aprender a orientar desde cedo e que isso reverbera na ideia de vocação que possui. Ela comenta: “você não pode fugir do que você é, por mais que você se modifique... essa história de natureza infelizmente ou felizmente existe realmente de cada um”. Alice reflete sobre suas características e atribui muito disso às conexões religiosas que possui e ao próprio “berço”. Diz que foi “velha desde criança”, explicando a sua maturidade precoce e que aprendeu a viver assim.

De certo modo, é uma ideia de vocação inata, mas que se dilui em porções de compreensão de que há aprendizados e que há experiências que lhe atravessaram e construíram seu caminho. Essa fluidez é característica da própria compreensão do fluxo como um todo. Não há um percurso claramente definido com início, meio e fim ou numa relação simples de causa e efeito. O que é e como se entende é uma miscelânea de variáveis que dão vazão a um ser humano tão complexo.

Esse aprendizado permanente, que também tem embasamento no que ela chama de compreensão “mágica” do mundo, alimenta o entendimento de que as pessoas vivem para aprender. Numa perspectiva de evolução espiritual, tem em mente que “ser feliz é aprender a estar em paz consigo mesmo” e que este discernimento só vem com o tempo, com as trocas, com os erros e com as experiências do viver.

A aceitação da missão que assimilou como sua é entender-se enquanto produtora de sentidos e como alguém que busca objetivos relacionados a este plano maior. Para ela, “fazer com que as pessoas sejam melhores” é uma tarefa de transformação do outro e de si própria e encara isso como seu “trabalho neste plano”. Isso a produz constantemente. A produção de si é um processo diretamente atrelado ao que se faz com sentido pleno. Ela arremata: “Eu estou me tornando cada vez mais a pessoa que eu mais gostaria de ser, e é verdade”. Para Alice, quantos mais “filhos” você tem na vida, maiores são as possibilidades de aprender, de evoluir e de fazer sentido.

A mãe se mostra, na perspectiva religiosa, capaz de iniciar e de, portanto, fazer com que a pessoa iniciada renasça com uma nova mãe. Filhos são muitos em sua vida e compreendendo perfis diversificados. Há, por exemplo, os filhos que são clientes, que seriam os que não frequentam a casa, mas estão sempre próximos. Nesses casos, os atendimentos são esporádicos e se assemelham à consultas. Também há os filhos que estão no cotidiano, que se aconselham, que dependem da atenção da Mãe para refletir sobre suas decisões e sua própria existência.

Importante destacar que em todos os casos há uma relação financeira constituída. Além do tempo dispensado para realizar as atividades, os custos gerados para a elaboração dos rituais são altos, devido à necessidade, por exemplo, de se comprar as comidas. A maioria dos rituais de limpeza do Candomblé são feitos com a utilização de comida, que não são ingeridas, mas passadas no corpo das pessoas. O arroz, o feijão, a farofa, o milho branco, dentre outros tantos alimentos que possuem funções específicas nessas atividades. Portanto, há custos consideráveis. Há gastos com os animais que são utilizados para sacrifícios, mas estes ainda têm a vantagem de servir como alimento para a comunidade após os rituais ou festas. Uma última coisa está relacionada aos produtos que são trazidos de outras cidades e até mesmo de outros países, é que além, dos seus preços, há os valores relacionados ao frete e ao transporte. As mercadorias são comercializadas principalmente das cidades brasileiras do Rio de Janeiro, Salvador e Fortaleza, além de localidades específicas do continente africano.

Alice e sua mãe têm uma casa chamada Ilê Axé Oxum Kundi (que significa “A casa de força da mãe das águas que renasce”, ela explica que é praticamente “A casa da senhora das águas que renasceu”) e boa parte desses filhos com perfil de cliente aparecem ao serem atraídos pelo letreiro colocado na frente da casa, com demandas de problemas bem diferentes e situações que são objetivamente circunstanciais: “Porque tem gente que quer entrar pra religião. Tem gente que quer resolver um problema. É aquela história, quando precisa vai, faz o que tem que fazer e volta pra sua igreja”. Há, portanto, uma clientela que instrumentaliza a religião para solucionar seus problemas pontuais e após a resolução destes resolvem voltar à sua vida normalmente sem manter-se orgânico ao Candomblé.

Os problemas de saúde são os mais recorrentes nestes casos. Segundo ela, vários clientes procuram tratamento com a medicina convencional ocidental, dispõem

dinheiro e tempo com exames e medicamentos, mas não encontram a cura. Alice diz jogar os búzios para esses clientes e oferecer caminhos para a resolução. Caso o cliente tope, informa-se o preço para as despesas materiais e se executa o que for necessário.

Todas as técnicas e rituais são preservados e transmitidos oralmente. Embora Alice tenha a prática de escrever, o que acaba conservando alguns detalhes por meios diferentes, ainda é na memória que se conserva o arcabouço de práticas. Reconhece que muitos elementos foram perdidos e muitos rituais se modificaram por conta desses meios de transmissão, mas valoriza esse *modus operandi* como algo que realmente tem a força de uma tradição.

Outro aspecto interessante para apresentar é a questão da relação da casa Ilê Axé Oxum Kundi com a comunidade. Há dezoito anos o “barracão” da mãe de Alice existe e mesmo antes de ter a própria casa, ela já tinha uma função solidária forte e “muita gente corria atrás dela na comunidade”. Complementa que “a mãe fez parto de vaca, de jumento, de menino, de criança mesmo, entendeu?”. De rezadeira à enfermeira, mil facetas tinham a se oferecer até mesmo na perspectiva de poder ser compreendido como um serviço ao próximo, pois, por ser enfermeira, oferecia tirar a pressão ou aplicar injeção nas pessoas, mas também tinha o dom ou a capacidade de oferecer a cura pelas vias espirituais. A mediação de conflitos entre os moradores também acaba sendo algo de sua alçada.

Tanto Alice como sua mãe conseguem até hoje fazer uma combinação das habilidades e técnicas que aprenderam escolarmente – como a Enfermagem –, com as experiências que tiveram por outros eixos da vida – como a mediação de conflitos e a lida com as diferenças – e a vocação para o trabalho espiritual no exercício das práticas do Candomblé em si como duas importantes Mães de Santo da Região do Cariri. Essa mescla concebida na prática do trabalhar em si mais uma vez aparece como um fator consistente para a construção de sentidos e significados para a vida.

As festas de Candomblé que ocorrem na comunidade têm como base de funcionamento a lógica da partilha e da solidariedade. Desde a arrumação das cadeiras, que quando faltam são complementadas pelas cadeiras das casas vizinhas até à alimentação. As comidas da festa são também divididas com a vizinhança, incluindo as carnes utilizadas nos processos rituais.

Quanto ao preconceito por parte dos moradores do local, Alice minimiza e diz que não há uma rejeição declarada. O que ocorre, de fato, é a reprodução do estigma classificatório atrelado ao uso da expressão “macumba”. Isso é perceptível quando o terreiro se torna um ponto de referência na comunidade, na hora de oferecer uma orientação especial, como por exemplo “fica lá perto do terreiro de macumba”. Não parece haver um incômodo de sua parte, a depender de quem seja a pessoa a falar ou do tom que se utilize para emitir a mensagem. No caso dos moradores de lá, ela não entende como um ato reflexivamente pejorativo.

Depende muito do espaço. Uma coisa é eu explicar pra você o que é um terreiro de candomblé, outra coisa é eu explicar pra minha vizinha o que é um terreiro de candomblé. Então depende muito do ambiente. Se for um ambiente que me exija isso, eu faço. É que nem no meu trabalho, eu falo “ah, eu sou do Candomblé” e as pessoas “o que é isso?” “é macumbeira! Sabe aqueles que tocam tambor? Então! É isso”. Já fiz isso.

A associação da religião como algo “do mal” é comum para ela. No PREVIJUNO, Alice conta que há uma funcionária da limpeza que tem medo dela e isso fica explícito em diversos momentos do convívio profissional. Além disso, ela percebe o que chama de uma negação da “macumba” associada ao termo “magia negra”, sempre utilizado para desconstruir a sua imagem e do seu credo. Esse fato já a deixa mais desconfortável e sempre que ouve vem a rebater com veemência: “Porra de magia negra! Magia negra é magia de negro. Num é religião de preto? Por que é que vai ser magia branca? Só porque é magia negra é magia ruim?”. O fato de que a relação se dá por aspectos de preconceito racial agrava a sua insatisfação e projeta essas reações.

Alice assegura compreender que uma parte do preconceito existe justamente porque há uma demanda grande por “trabalhos” que produzam efeitos negativos nas vidas de outras pessoas e que isso traz repercussão. Ela faz questão de explicar que tanto ela como sua mãe se recusam a fazer esse tipo de prática: “Por exemplo, já teve gente chegando lá em casa, pra minha mãe, 'eu lhe dou tanto para você matar fulano de tal', 'meu filho, o pistoleiro é mais acima’”. Segundo ela, “não existe religião ruim, mas pessoas é que fazem a religião ruim, independente de quem seja. Eu conheço gente que faz orações católicas, cristãs, para fazer o mal a outra pessoa”. Prossegue com os exemplos: “Acontece muito. Por exemplo, quando alguém vem me pedir pra fazer uma amarração o que é que eu falo? 'minha filha, não vale a pena, porque todo dia você vai

olhar pra cara daquela pessoa e vai se lembrar que ela não está com você porque você teve a capacidade de conquistá-la”.

Acredita muito no que chama de “lei da ação e da reação”, e complementa: “existem várias formas de pagamento. Várias mesmo”. A lógica é que quando se circula o bem, o bem volta em circulação; quando se circula o mal, o mal volta em circulação. Portanto, é importante para ela, como um valor, utilizar a sua fé para fazer o bem. Alice utiliza essa vertente de sua fé para justificar sua coragem de enfrentar o cotidiano e traz algumas declarações consistentes sobre essa sua sensação de segurança: “[...] hoje eu não tenho medo de perder um emprego, porque eu tenho certeza que acho outro. [...] Meu orixá não me deixou faltar. Ele nunca vai me deixar faltar. Tá entendendo como é a troca? Tudo é uma troca. Não tem pra onde correr. É da religião, né? São as trocas”. Arremata sobre esse ponto trazendo um pouco da experiência dos benefícios que pode proporcionar a si mesma e aos outros no ato de ser mãe:

Então assim, tudo que você dá de bem, você recebe de bem e aí é aquela história que religião boa é aquela que te faz bem e a minha me faz bem, porque me dá a oportunidade de ajudar outras pessoas que de uma outra forma eu não teria como fazer. Eu passo minhas comidinhas no meu povo, eu faço minhas oferendas para os meus orixás e eles são muito contentes. Em compensação quando eu erro, eu adoço, eu fico sem dinheiro, num é pra ficar assim passando fome, mas eu fico sem dinheiro. Quando eu quebro algumas regras também eu fico sem dinheiro, eu adoço. A gente passa por um monte de coisas. Então, como é que eu vou praticar o mal, mesmo recebendo por esse serviço por ser uma prestação de serviços, e eu não vou receber a minha recompensa, entre aspas, negativa obviamente? Tanto recebo eu que me propus a fazer aquilo ali, como a pessoa que mandou fazer. Não vale a pena. Eu sinceramente não vim no mundo pra isso não. Eu tenho muito mais coisa pra fazer. Bom é você ver a pessoa que está do seu lado crescendo. Não tem recompensa maior. É muito bom. É o negócio que eu faço. Cuido das minhas pessoas, me preocupo. Tem dois doentes agora. Eu estou doidinha. Tem dois doentes. Aliás, três agora. Uma quebrou o braço hoje de manhã. É filha da minha mãe, mas é tudo da gente ali. O outro tá com uma febre de 40 graus. E a outra teve um ataque de nervos ontem por conta da hiperatividade, porque ela é hiperativa. Aí você fica 'tá bom, eu vou pra onde?' e tem que ficar atrás de notícias de todo mundo. Aí você fica se preocupando com as pessoas. Eles estando bem você estará sempre cumprindo sua missão e seu orixá vai te recompensar por isso também. É egoísta? Num é não, porque na verdade eu penso neles. Se eu recebo em troca uma melhora pra minha vida eu só agradeço.

O sentimento de gratidão parece surgir de maneira emocionada ao final dessa declaração. O orgulho por cuidar e por ver as pessoas bem, ao passo que a sua própria vida também ganha sentido é interessante. A compreensão desse tipo de vida como uma incumbência é diferenciada e quando pergunto se ela sabe os motivos para

ter essa missão ela atribui à predestinação, mas complementa: “eu não tenho é escolha de achar outra coisa diferente”. Nem todo mundo que é iniciado chega a ser pai ou mãe, podendo ser apenas irmão mais velho. Como ela mesma diz: “nem todo mundo nasceu pra ter coroa não”.

Essa sensação de carregar uma coroa em forma de objetivos de vida é bela, mas exige uma responsabilidade maior. Alice afirma necessitar de uma energia grande, além de estar preparada para se dispor a fazer as vezes de uma dimensão mais política, psicológica, médica, mística, comunitária e, dentre tantas outras coisas, religiosa. Apesar do peso e do cansaço reincidentemente resgatados em suas falas e na demonstração de um comum mal humor com os problemas cotidianos, Alice não parece ser tão preocupada com a pergunta sobre o seu preparo para encarar essa missão pela vida toda e me responde com uma simplicidade poética: “Eu não sei nem dizer. As águas me encaminham na frente. Então, em que elas me encaminharem, pra mim, tá valendo. A resiliência entra aí”. Cumprir com o seu trabalho parece ser parte importante da feitura do seu espírito na carne.

6.3 O saber como passagem

Mesmo tendo enfrentado três greves consecutivas durante a graduação, Alice, com os seus 28 anos de idade, concluiu o oitavo semestre no curso de Ciências Sociais da URCA. Nessa mesma universidade desde 2005, quando ingressou no curso de Economia – não concluído, como dito anteriormente –, ela diz que conseguir se formar é um dos seus objetivos mais importantes.

Chegou ao curso de Economia pelo interesse em Geopolítica, que vinha desde os tempos de escola. Na época da inscrição no vestibular, foi pesquisar no manual do candidato da URCA quais os cursos dialogavam com essa preferência e, na dúvida, entre Geografia e Economia, escolheu Economia, por não se imaginar como professora. “Eu não quero dar aula. Eu nunca tive paciência nem com o meu irmão, quanto mais com um bando de gente. Aí fui parar na Economia”, comentava sobre como pensava há cerca de dez anos. O curso de Letras também foi descartado nesse período pelos mesmos motivos, embora ela seja “louca por literatura, principalmente pelo realismo”.

Ainda no primeiro semestre de Economia, já teve uma quebra no desenvolvimento curricular, devido ao falecimento de sua avó. Por conta da própria estrutura do curso, foi necessário que ela fizesse disciplinas tanto pela manhã, como pela noite. Porém, aí é onde Alice conta que começou a se “desvirtuar” na universidade. Nesse momento da vida, conheceu pessoas diferentes, que se juntavam no centro acadêmico do curso para conversar e aproveitar a noite no Crato, como conta:

[...] eu encontrei uma galera muito louca e tomava cachaça todo dia. Era uma turma muito boa mesmo. Como a minha mãe ficava muito preocupada pra eu voltar todo dia pro Juazeiro, eu arrumei um canto pra eu ficar aqui no Crato. No começo foi massa, mas aí num deu certo. Do meio pro fim, desandou. E eram uns meninos bons, mas da turma se formaram só uns três. Éramos uns dez ou quinze.

Essa declaração de que as coisas desandaram, não diz respeito apenas à sedução pelas farras, pela noite e pela liberdade que morar sozinha lhe proporcionava, mas também pela falta de estímulos para continuar no curso. Teve ainda alguns desentendimentos com professores, que não criavam condições para que ela estudasse e trabalhasse, por exemplo. Entre idas e vindas, trancamentos e matrículas, ficou no curso ainda até 2009 quando migrou para as Ciências Sociais. De todo modo, a lembrança mais importante que guarda do outro curso é quando à noite formava-se a FECASIN (Fundação para Estudação em Capacitação de Assuntos Sem Importância Nenhuma), “coisa de faculdade, né?”. Esse era o espírito vigente. Nessa idade, suas demandas estavam mais voltadas para a dimensão lúdica das coisas, para conhecer novos bares e seus tira-gostos.

Curiosamente, Alice agora é uma referência dentre os estudantes do curso de Ciências Sociais na URCA, justamente por conta da sua experiência e da sua capacidade de mediar os conflitos, principalmente com os mais jovens. Atualmente, ajuda, inclusive, sua turma a resolver questões concretas e que costumam gerar algumas crises, como os detalhes para a formatura.

Ao final do curso, faltando apenas a monografia e algumas poucas optativas, todo o esforço é valorizado por si própria pelo peso que carrega em acumular trabalho com estudos e a vida religiosa. Por sentir-se cada vez mais cansada com o acúmulo dos trabalhos acadêmicos, espiritual e ainda do PREVIJUNO, pretende o quanto antes se formar. Quer fazer um Mestrado, depois um Doutorado e fará isso “nem que tenha que vender miçanga na porta da faculdade”, brinca.

Alice diz estar disposta a fazer o melhor para se tornar uma antropóloga e a cumprir seus objetivos. A exaustão constante a desanima em vários momentos, mas mesmo as histórias desmotivadoras não a deixam desistir, como nesse pequeno trecho: “Teve um tempo que eu chegava no trabalho tão cansada, que eu passava uma meia hora no computador, depois ia pro banheiro como se eu tivesse com dor de barriga ou alguma coisa e me deitava um pedacinho. Dormia um pouquinho, me levantava, lavava o rosto e voltava pro trabalho”. Esse é mais um retrato do cansaço.

Em contrapartida, quando falamos sobre o curso de Ciências Sociais, o tom da fala muda, a expressão facial também e o próprio espírito de Alice parece mesmo apontar para um nível considerável de satisfação:

Eu gosto muito das Ciências Sociais. É um canto onde eu realmente me encontrei. Não me vejo em um outro universo. Eu entrei com a intenção de mostrar o meu mundo pras pessoas e eu achava que era muito interessante, mas eu não pensei que fosse tanto. É que nem aquela história que eu tava te contando, eu entrei na sala e ninguém sabia que eu era mãe de santo, que eu era de candomblé e todo mundo tomou um susto. E aí que foi muito interessante. Houve trocas. Houve tudo. Eu pude expor. Eu pude colocar a prática misturada com a teoria. Eu pude fazer o que eu pensava sobre a religião dentro da academia. Coisa que eu nunca pensei que eu fosse conseguir. Provavelmente na Economia eu não ia conseguir isso. E eu consegui. E vou chegar no Doutorado, porque se eu posso juntar a coisa que eu mais amo na vida, que é a minha religião, com a segunda coisa que eu mais amo na vida que é o curso de Ciências Sociais, que realmente me instigou, por isso eu tenho que me manter nesse caminho e correr atrás.

A dimensão do prazer aparece quando se imagina “vivendo de Ciências Sociais em um futuro próximo”. Se o trabalho no PREVIJUNO por ora só lhe apresenta como perspectiva um tempo presente com as contas pagas, a ideia de se formar e ter uma vida acadêmica lhe garante almejar novos desenhos em seu horizonte. Nesse quesito, a satisfação é uma noção que entra em tona.

A capacidade de fazer projetos na área e de ambicionar objetivos diferentes nas Ciências Sociais salta aos olhos. Contudo, é importante não desconsiderar outros elementos que se associam à identificação acadêmica. A possibilidade de estabelecer relações sociais de outros níveis, o prazer de partilhar suas experiências religiosas dentro e fora do aspecto profissional e a possibilidade de ser reconhecida como alguém especial fazem parte dessa soma, que a contempla e fomenta sua continuidade no ramo.

A vontade de mostrar o outro lado da moeda de sua vida religiosa é um dos grandes motivadores para sua entrada no curso. O interesse por expor que o

macumbeiro não é só “o que o povo pinta”, mas também não pode ser resumido apenas pela literalidade do termo, dando a impressão de que se trata apenas do tocador de macumba. Nesse último sentido, a macumba apenas como um instrumento musical utilizado nas festas religiosas e que por muitas vezes são deixados nas encruzilhadas, onde há homenagens a algumas entidades. O objeto se transformou no ritual e foi generalizado. Portanto, observa-se um interesse em mostrar as possibilidades plenas do exercício de uma religião de matriz africana.

O fato de pouca gente ter visto uma macumbeira em uma sala de aula debatendo religião é um combustível para Alice. Para ela, a Antropologia e a Sociologia podem proporcionar essa mistura e garantir, por exemplo, que ela possa estudar e se envolver com essas temáticas. Apesar disso, na faculdade a sua pesquisa, até o momento, tem sido a respeito da Umbanda. A questão da proximidade com o Candomblé poderia afetar no sentido de não conseguir evitar juízos de valor ou desqualificações, segundo ela. Como ainda não conseguiu resolver essa dificuldade com relação ao estranhamento com o objeto nas Ciências Sociais, fez esta opção, mesmo assumindo uma parte da contradição. Ela diz: “eu não tenho condições de estudar Candomblé em determinados pontos não. Não é nem estudar a minha casa, porque aí eu acho muita presunção de fato, mas mesmo estudar coisas de outras casas e ter o relativismo assim na cabeça 'ah, tudo é legal, porque aquela casa faz assim”.

Alice conta uma história interessante a respeito dessa questão, quando sua mãe foi até a URCA para assistir uma apresentação de um Grupo de Trabalho sobre religiões. Por conhecer muito bem a região e as religiões fortes no local, ela se sentiu incomodada e divergia de várias leituras apresentadas pelos acadêmicos a respeito dos hábitos e tradições regionais. Para acalmar sua mãe ela explica “mulher, se acalme, ela não pode discutir uma coisa diferente do que disseram a ela. Ela tem que respeitar a fala do outro dentro da pesquisa” e daí lança as questões:

Será que eu vou conseguir? Sabendo o que eu sei dentro da minha religião, dentro da mística mesmo, do ritual? Será que vou conseguir entender o que o outro pode falar pra mim sobre esse bendito ritual que seja diferente do que eu aprendi? E aí, como é que fica esse embate? [...] Será que eu não vou prejudicar a pesquisa por causa disso? Você tá entendendo? É muito complicado e por isso eu resolvi dar uma entortada para a Umbanda. [...] Tenho vontade de estudar o Candomblé, mas não estou pronta.

Alice disse que aprendeu que não existe apenas uma verdade na vida, e credita essa lição às Ciências Sociais. Não vai conseguir dizer que o Candomblé é uma religião africana, porque acredita que há muitas vertentes de povos misturados. Não vai conseguir dizer que o Candomblé é universal, porque conhece muito bem os idiomas e as multiplicidades. Não se sente preparada ainda, portanto, para trabalhar com a própria religião sem fazer algo que não ache correto.

Reconhece que, mesmo estudando uma outra religião, leva consigo a bagagem de experiências e vivências pessoais. Com a Umbanda, percebe diferenças palpáveis e que recuperam a perspectiva da descoberta e do acúmulo pelo aprendizado na pesquisa. A Umbanda, como uma religião brasileira com elementos notavelmente sincréticos, apresentando “traços kardecistas, indígenas, cristãos – católicos no caso –, africanos, além da Jurema, tudo misturado pela necessidade de resistir e conseguir permanecer cultuando suas divindades, mesmo com a proibição dos homens brancos”, analisa.

Toda a cautela com a ciência e o calor da própria fé formam um cenário em que Alice não julga entre certo e errado, verdadeiro e falso, tampouco usa a sua religião como a referência adequada e, partindo disso, desmerecer as outras formas de crença. Assume já ter sido preconceituosa com a religião dos outros, mas que esses momentos podem ter sido garantidos mais por uma autodefesa, do que por uma ausência de um senso crítico ou de um conhecimento maior sobre a religiosidade alheia.

Alice diz que se habituou a acreditar em muitas coisas, inclusive nas que possam parecer contraditórias. Como exemplo, menciona que é batizada no catolicismo e tem São José como seu representante na Terra. Nos momentos de tristeza, quando dá vontade de ficar sozinha para pensar e chorar, o seu refúgio é a Igreja Católica, chegando a rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria, e diz acreditar sempre nas coisas que possam ajudá-la, e por isso vai tanto no médico como na rezadeira do bairro. Até em lobisomem, desses que se transformam em dias de lua cheia, como nas lendas mais conhecidas, ela acredita e comenta:

Eu acredito em lobisomem. Eu acredito mesmo. História da vizinha! Da dita rezadeira, que já vi. Que fulaninho já foi cortado por ele. Como é que eu não acredito? Num é um povo de mentira. É um povo de ciência. Eu só acho triste que isso está se perdendo. [...] Eu acredito que lá na vila tinha lobisomem. Eu acredito em Iara. [...] mas ninguém viu mais não. Depois que começou a criar muita casa, ele desapareceu. Num tem a história da pessoa que virou uma porta? Tu já viu? A minha mãe conheceu a pessoa que virava

na porta. Eu não vou acreditar na minha mãe? Nunca! Acredito sim!

Segundo Alice, essa história de acreditar em tudo não lhe gera tantos conflitos assim. Ao contrário, ela “acha massa” e diz que sua própria religiosidade tem esse sentido, pois acredita numa divindade que só viu em sonhos e em visões, mas que não pode tocá-la e nem sentir em sua pele. E acrescenta: “se eu acredito nisso, que é uma coisa tão distante e ao mesmo tempo tão próxima, porque é que eu não vou acreditar em Jesus Cristo da outra pessoa? Não tem a mesma importância pra mim, mas isso não quer dizer que eu não vou respeitar ou não vou acreditar, entendeu?”. Para ela, acreditar em tudo não significa, de modo algum, cultuar tudo.

Mulher de fé, de crença no mágico, mas também de muito zelo pela Ciência. Essa combinação é um elo forte para a imaginação a respeito do futuro. Sobre seus planos, no que toca a essa questão dos estudos e da vida profissional, assumindo a total circunstancialidade do trabalho no PREVIJUNO, aposta suas fichas na carreira acadêmica.

A principal meta é, de fato, se formar e entrar para o Mestrado. UFPB, UFRN e Unilab são as instituições que parecem lhe agradar do ponto de vista acadêmico, pela possibilidade do aprendizado na dimensão dos estudos das religiões de matrizes africanas¹⁰⁶. Alice ouviu de seu orientador que é possível que seja aberto na URCA, futuramente, um curso de graduação em Ciências da Religião, o que ela acredita ser uma possível oportunidade de emprego para o futuro. Além de poder trabalhar na sua região, com o curso que sonha, ampliaria seu leque de conhecimentos, tendo em vista que se queixa muito das possibilidades que as Ciências Sociais oferecem hoje em dia para se trabalhar com os tipos de religião que está habituada, fazendo uma crítica ao eurocentrismo ainda presente no nosso campo científico. Diz que no Cariri tem de tudo, do Santo Daime aos juremeiros.

Objetivamente, a decisão sobre fazer uma Pós-Graduação passa muito mais pelas condições concretas de deslocamento e de tempo do que por preferências acadêmicas. A vida religiosa e os laços que deixa na região do Cariri são fundamentais para não querer sair do local para estudar ou algo do gênero. A dependência que os seus

¹⁰⁶ Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, respectivamente.

filhos possuem com relação à ela, além da lida com a comunidade são compromissos que não pode simplesmente abrir mão para realizar uma outra atividade.

Como é que eu vou fazer um mestrado? Eu não posso sair daqui, porque eu tenho um monte de gente precisando de mim e como é que eu vou deixar esse povo sozinho aqui? Porque, como eu já lhe disse, mãe de santo é vinte e quatro horas. Meu WhatsApp é o dia todinho. Não para. Se você olhar a última visualização é de quinze em quinze minutos e eu tô... quando não é de noite, né? Às vezes não dá tempo nem de fazer outras coisas.

Dizer “vou ali e volto já!” não é uma hipótese a ser cogitada e por isso ajusta seus trajetos a partir destas condições de sua vida como Mãe de Santo. Conta que além das opções no Nordeste, teria interesse em ir para a Universidade Federal do ABC (UFABC), que fica em Santo André, é vizinho de onde nasceu e lá teria uma rede de parentes e amigos que poderia lhe auxiliar no tempo em que passasse estudando por lá. Isso é possível, mas não é realizável. Não se trata de impedimento ou veto, mas de uma escolha fora das possibilidades reais.

Por conta dessas limitações, ela diz que formula algumas alternativas para não abrir mão totalmente da sua carreira acadêmica. Uma destas ideias novas que tem crescido em seu gosto é a de fazer um mestrado acadêmico em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Cariri, em Juazeiro do Norte. A ideia, que tem apoio de seu atual orientador, é trabalhar com Desenvolvimento Sustentável no terreiro. Além de ter se interessado com a proposta na perspectiva do desenvolvimento de seu trabalho acadêmico, pensa pragmaticamente nos aspectos do deslocamento e se vê “mirando” no futuro. Acredita que, com um mestrado, teria mais facilidade em passar em algum concurso público e quem sabe posteriormente poderia retornar à área em um Doutorado em Antropologia.

As possibilidades se estabelecem, portanto, de acordo com os limites das relações e das vidas que estão em situação de dependência da sua. A orientação e o convívio são diários e de forte intensidade. Não é uma questão meramente de escolher, mas de ter consciência desta missão, segundo ela. É uma compreensão de que é preciso lucidez e consciência para se acolher a vocação e entender o destino que lhe é apresentado pelo trabalho no Candomblé.

Alice revela que em vários momentos se imagina escolhendo outras opções. Que pensa em como seria se fosse em algum dia estudar no Estados Unidos da América ou no Canadá, mas entende que, no fundo, “não é pra ser”. É como se isto não lhe

trouxesse conforto. Um racionalismo aparentemente baseado na explicação mágica da sua vida religiosa. Suas principais decisões estão relacionadas a estas questões. Ela comenta: “Eu acho que hoje eu sonho no meu limite. Eu tenho que adaptar meus sonhos aqui até onde eu posso”.

Ao contrário do que uma leitura precipitada possa concluir, Alice se considera ainda assim uma mulher “livre” e que “não gosta que a prendam”. Daí a importância de reiterar que não se trata meramente de um bloqueio nas suas decisões, mas de uma noção de realização mais ligada ao que está posto para ela como possível, dentro dos limites aceitáveis com as suas conexões sociais estabelecidas a partir do compromisso religioso.

Conta que, inclusive, tem um mecanismo interessante de que quanto mais as pessoas a incentivam a sair e buscar outro destino fora do Cariri, mais pensa em permanecer e cuidar da vida de sua comunidade e de seus filhos. Para ela, é preciso viver os sonhos, mas isso não pode ser diferente de viver a própria vida.

Em termos de vontades e objetivos a curto prazo, diz se satisfazer mais com as opções que lhe deem paz. Planeja, nesse sentido, buscar estabilidade financeira com um trabalho que lhe dê mais prazer, daí pensa em sair do PREVIJUNO e se dedicar na ONG ou quem sabe ainda tentar um concurso público. Almeja algum dia sair do aluguel e ter a sua casa própria. Planeja fazer um mestrado perto de onde vive e de quem convive e diz amar, quem sabe até dar aula em alguma faculdade particular, desde que seja perto.

Se suas escolhas são essas, não são por aprisionamento a uma lógica, mas porque diz gostar das opções que assume para si. Alice afirma que se não tivesse prazer no trabalho da fé já teria feito uma revolução em sua vida. Para ela, a ideia de ser feliz é diretamente ligada a uma compreensão específica sobre o que é a felicidade. Diz que ser feliz é estar em paz, ter independência e ter uma mente estável e saudável. Isso é o que realmente vale para si.

A noção de felicidade também está presente nas cinco narrativas dispostas nessa pesquisa. Cabe uma reflexão sobre que tipo de elementos sociais são encontrados nesse dispositivo discursivo. A felicidade atrelada ao trabalho vem, como ressaltado acima, pela própria fala de Alice, como algo relacionado à estabilidade e uma noção de ausência de sofrimento. Elias e Dunning (1992) discutiram acerca das possibilidades de

se buscar o prazer e a excitação pelo trabalho, diminuindo a separação entre lazer e trabalho.

Na pesquisa de Siciliano (2013) ela analisa que os seus entrevistados, também jovens trabalhadores, entendiam a felicidade como uma “obrigação” e que o trabalho seria justamente um meio para chegar até esta condição de ser feliz. Ela afirma:

Daí rejeitarem ofícios que não têm nada a ver consigo, pois a profissão não pode ser encarada apenas como uma obrigação, sob pena de se tornar um fardo. O ideal de felicidade é abraçarem uma profissão e terem um trabalho em que fiquem ‘decepcionados, porque chegou a hora de ir embora, ao invés de ficarem o tempo todo olhando e contando quanto tempo falta para poderem ir embora’. E, quando percebem que não estão se sentindo desse modo, pelo menos na maior parte do tempo, começam a se questionar sobre o tipo de vida que estão levando a se sentirem infelizes e até deprimidos, quando não enxergam uma forma de mudá-la (p. 258).

Importante destacar que nos dados por ela analisados, a felicidade vinha como uma meta a ser atingida em determinadas situações, não como uma condição estável e permanente. Ela inclusive diferencia “estar feliz” de “ser feliz”. Também torna-se fundamental perceber que essa felicidade está diretamente relacionada à construção da identidade do indivíduo a partir do seu trabalho. Se reconhecer e ser reconhecido parece construir a identidade do trabalhador feliz.

Alice não demonstra receio de falar acerca de suas pretensões e sobre como enxerga a vida. Em suas narrativas ela evita fazer média ou se prender a falsas modéstias.

[...] por isso que eu entrei na Universidade. Não foi pra aprender religião. Eu aprendi porque foi consequência e eu fui começando a gostar, mas eu vim pra mostrar que não era aquilo. Eu vim pra fazer o caminho oposto. Todo mundo veio pra aprender e eu vim pra ensinar. Olha que prepotência [*ironiza*], mas é! E eu acho que eu cumpri a minha missão aqui dentro. O que é mais legal é que é isso, eu vou sair com a sensação de dever cumprido. Com a sensação de que eu tenho uma sala de aula menos intolerante. [...] um departamento menos intolerante. Eu não tenho o que me queixar de nenhum professor aqui, por exemplo, nesse sentido. Todos entenderam quando eu precisei viajar ou quando eu precisei me organizar pra faltar alguns dias por conta de motivos religiosos (Ver Foto 13).

A sede por pluralidade e a vontade de expor essas facetas para todos é algo interessante na vida dessa jovem. Diz que veio para mexer com a cabeça das pessoas e que esse é seu diferencial e a faz feliz. Gostar do que faz, mesmo numa vida dura e cheia de idas e vindas, é uma possibilidade inspiradora em Alice. Uma mulher que

apesar de reclamar, ama o objeto de suas reclamações, como a mesma define (Ver Foto 14).

Segundo ela, os filhos de Oxum possuem um brilho próprio e ela se enxerga como alguém que tem coroa de verdade. Alice diz ter como grande amiga na faculdade uma evangélica e como grande amigo no trabalho um Testemunha de Jeová, o que a faz acreditar que possui uma capacidade de criar pontes em suas relações. Essa capacidade de praticar a alteridade em algumas situações é por ela valorizada.

Ouvir tantas narrativas que se condensam entre magia, emotividade e racionalidade, deixam, particularmente, uma sensação de que pouco sabemos sobre as profundidades dos saberes da vida. O fato é que me permiti “ser afetado” nesta experiência de um modo que não limitasse apenas a conhecer sobre o outro, como sugeriu Favret-Saada (2005), com o cuidado de não perder no trabalho. Francamente, lembrando Goldman (2003), pouco importa se ouvi os tambores ou não, a experiência foi ímpar.

7 REFLEXÕES FINAIS

Muitas das reflexões estão dispostas tanto nas regularidades, como nas dispersões. Ver o conteúdo não apenas no “lado de lá” ou no “lado de cá”, mas no “entre”, nos pontos de interseção, me parece ser uma busca interessante. Quando Schütz (1943) criticava o modelo racional distribuído em camadas de conhecimento proposto por Popper, ele apontava ser possível enxergar horizontalidades tanto na formulação, quanto no entendimento. As experiências são repletas de conhecimento. Percebe-se, passando por diversas trajetórias, que viver é também a construção do conhecer. Vivenciar e usufruir da agência promove conhecimentos contidos na prática. É um saber empírico, que cada narrativa aqui possui. É o cotidiano praticado. Essa série de vocações, virtudes, qualidades, jeitos, habilidades, sentidos, desejos, interesses podem ser traduzidos.

Creio que os agentes sociais se constroem e se reconstroem nas lacunas, nas fissuras e nas brechas deixadas pelas estruturas maiores, que pretendem constituir dominação. A invenção transborda o controle, pois este não abarca a realidade social. Analisar essas trajetórias revela isso e o meu fio condutor foi a inventividade e a persistência encontradas nessas histórias de vida.

A garota que largou tudo no interior do estado para encontrar uma metrópole que não lhe acolhe e ainda assim ser fascinada por essa instabilidade. O jovem que há dez anos se mantém no fio da navalha em uma empresa que demite 25% dos funcionários por ano e conserva uma vida útil média de um ano e meio para cada trabalhador. Uma ex-modelo da periferia que se recusa a entrar nos padrões estéticos desse nicho e hoje se remolda na produção de games. Um rapaz que junto com dois amigos conseguiu criar uma página de internet que tem a maior influência no idioma em todo o Facebook. Uma mãe de santo que geralmente é mais nova que seus próprios “filhos” e que veio para as Ciências Sociais a fim de ensinar um pouco de si para os outros, não apenas para receber conhecimentos. São fios soltos e desencapados.

Em cenários diferentes e sem se conhecer, essas pessoas fazem parte de alguma espécie de configuração. Elias (2000) já destacava que “o ponto de partida de toda investigação sociológica é uma pluralidade de indivíduos, os quais, de um modo ou

de outro, são interdependentes”. Além disso, são fios soltos, desencapados, não isolados e possíveis de uma compreensão apurada.

Para o entendimento desses fios, os conceitos não precisam ser simplesmente aceitos como algo dado e com a secura de uma representação perfeita. Bourdieu (1996) assumia ser preciso ter noção das lutas que originam cada formulação. O que o sociólogo francês chama por “lutas classificatórias” nos remete ao debate acerca da constituição de cada conceito, não apenas pelo fetiche da busca da gênese, mas pela necessidade de demonstrarmos que há uma proposta na nomeação de algo, que aquilo não é desprezioso, que não é maior do que a própria vida real e que também tem suas fragilidades.

A harmonia encontrada, via de regra, nas teorias, torna-se estranha quando colocada diante das narrativas concretas. A recusa pela naturalização das categorias é vista por Encrevé e Lagrave (2005) como uma tentativa de se assimilar os processos de modo mais dinâmico e com o entendimento acerca das configurações sociais. Nesse sentido, busquei inspiração diretamente na proposta de “dupla ruptura epistemológica” trazida por Boaventura de Sousa Santos (2004) e esse rompimento torna-se possível quando o outro tiver condições de participar da produção de conhecimento e de categorização do campo.

Esforço endossado por Sérgio Costa (2006) ao traçar um panorama sobre a desprovincialização da Sociologia a partir das contribuições oferecidas pelos estudos pós-coloniais. O autor comenta que é necessário “esboçar, pelo método da desconstrução dos essencialismos, uma referência epistemológica crítica às concepções dominantes de modernidade” (p. 117). Portanto, oferecer essa outra possibilidade de produção científica é também um ato político e de questionamento das estruturas dominantes do nosso próprio circuito acadêmico.

Compreender a realidade como algo inesgotável de sentidos, como visto em Weber (1979), é também se colocar na condição de não “fornecer todas as molduras conceituais em que o mundo tinha de se encaixar”, como diz Becker (2007, p. 20). É importante ter um acervo para auxiliar na interpretação do mundo, mas isso não pode ser feito exclusivamente pela “teorização sociológica abstrata”. Becker discute a necessidade de nos confrontarmos com “problemas concretos de pesquisa” e, a partir

desse ato de encarar a realidade, é fundamental mobilizar nossas ferramentas para produzir análises.

Simmel (1984) se dispõe a entender as interações que ocorrem no plano do social sem a pretensão de apreender a realidade. Essa é uma leitura incorporada por Pais (2003) em sua “sociologia do talvez”, onde observa o real como algo que “se insinua” e não como algo dado e entregue de bandeja para os cientistas. Portanto, é uma questão de perspectiva sociológica, envolvendo o cotidiano e a sua ligação com a imaginação, a construção e a descoberta.

Dito isto, tento pensar a respeito da categoria “trabalho”, movido por este interesse de mobilizar o conceito para operar nas diferentes matrizes dispostas em nossa complexa realidade contemporânea vislumbrada nas singularidades das narrativas aqui trabalhadas. Por conta disso, penso ser importante apresentar, antes de mais nada, uma breve revisão por algumas importantes leituras acerca do trabalho, pincelando algumas teses importantes como a do fim do trabalho vivo. Os principais autores que contribuem para explanação são de linha teórica marxista, pois a Sociologia do Trabalho é dominada historicamente por essa concepção.

Desde Marx (1971) o trabalho surge como um criador de valores e um fomentador de sentidos para o mundo das coisas. O ser humano teria uma “necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana”. Portanto, há o entendimento de ter que se trabalhar para se ter valor, no caso o trabalho humano que se distingue frontalmente a quaisquer tipos de trabalhos animais por conta da especificidade subjetiva no que diz respeito a capacidade de elaborar os sentidos da produção, como visto também em Marx (2004) e analisado em Antunes (2009) e Lukács (1978).

Esse tipo de trabalho adquire o que Marx chama de “forma social”, a partir do momento em que homens passam a trabalhar uns para os outros, independentemente das maneiras como isso ocorra. O produto de toda essa trama é justamente a mercadoria, que além de possuir valor também serve para dissimular misteriosamente as “características sociais do próprio trabalho”. Portanto, também tem o papel de ocultar as relações contidas no trabalho.

Ainda nesse bojo, só que analisando por outra perspectiva, a “efetivação do trabalho” implica opostamente na “desefetivação” do trabalho, onde ele cria uma

condição de estranhamento com relação ao que faz, como traduz Antunes (2011). Esse estranhamento é a matéria-prima para o conceito clássico de “alienação”. Esse estranhamento se dá não apenas no produto final, mas em todos os atos da atividade produtiva.

A alienação traz um tipo de captura das subjetividades dos trabalhadores, onde eles se concebem como sujeitos genéricos, sem um pertencimento com o que fazem e sem uma ligação direta com o que produzem, muitas vezes sequer têm conhecimento sobre o produto completo. Marx (2004) considerava haver uma perda de consciência de modo sistêmico. Antunes (2009) define abaixo:

O que deveria ser fonte de humanidade se converte em desrealização do ser social, alienação e estranhamento dos homens e mulheres que trabalham. E esse processo de alienação do trabalho não se efetiva apenas no resultado de perda do objeto, do produto do trabalho, mas também no próprio ato de produção, resultado da atividade produtiva já alienada. O que significa dizer que, sob o capitalismo, o trabalhador não se satisfaz no labor, mas se degrada; não se reconhece, mas se desumaniza no trabalho (pg. 232).

É o estranhamento do homem consigo próprio. Segundo Cinara Rosenfield (2009), “o reconhecimento do trabalho é a própria expressão da retribuição simbólica em termos de realização de si mesmo”, logo reconhecer o seu trabalho é reconhecer a si. Essa noção traz diretamente ao debate a inclusão da afirmação de identidade. Então, a linha marxista parte desta análise para reivindicar a transformação da sociedade a partir do processo de tomada de consciência por parte do proletariado, reconhecendo seu lugar no mundo ao buscar a tomada dos meios de produção e, por consequência, o controle de todos os processos produtivos, derrotando os setores burgueses que os detêm.

O mundo do trabalho aparece em caráter pendular. Inclusive, a própria noção da consciência do seu lugar no trabalho mudou bastante com as profissões etéreas. Rosenfield (2009) discute a dificuldade de se construir uma carreira por conta das perspectivas trazidas por este cenário.

É sabido que desde os anos de 1970 houve vários rearranjos no cenário do trabalho a nível global. Antunes (2009) conta que essas remodelagens vieram sobretudo para “recuperar” um “padrão de acumulação”, além de “repor a hegemonia”, sobretudo pelo que foi o final dos anos de 1960 na Europa Ocidental. O capital – não como uma entidade supra-humana, mas como algo que possui os seus agentes – teve que experimentar “novas e velhas modalidades de trabalho” para conseguir esses objetivos, e

foi aí que a precarização virou regra. Ainda que sob a maquiagem de discursos psicologizantes como o da “flexibilidade”.

Em países como o Brasil, que nunca teve experiências anteriores de emprego pleno e saiu da escravidão há pouco mais de um século, há uma ressalva importante para se transpor essa categoria da precarização. Afinal de contas, não estamos passando por uma etapa de precarização. Como comenta José Sérgio Leite Lopes (1999; 2011), nós somos o país do precário.

Algumas tendências são listadas por Antunes (2009) como as mais presentes a partir dessa nova inclinação do Capital. A primeira delas é a diminuição considerável do que se entende por “proletariado fabril”, do fordismo e da estabilidade laboral. Em segundo lugar, a expansão da massa de assalariados para o “setor de serviços”, inclusive agregando vários dos que perderam espaço no primeiro exemplo. Por fim, um acirramento da exclusão das juventudes nesse mercado de trabalho formal, condensando uma nova forma de “desemprego estrutural” em outras linhas. Dito isso, torna-se pertinente afirmar que o trabalho humano se encontra completamente subordinado aos interesses do Capital, como destaca Mézáros (2002).

O desenrolar disso, seguindo a linha de raciocínio, é a provável diminuição do “trabalho vivo”, retirando-o da centralidade analítica. A reengenharia tecnológica, os processos de informatização e mutações dos procedimentos laborais automáticos alteraram o eixo de leitura, onde o trabalho não ocupa mais o centro. Essa é a leitura encontrada no marxismo para se compreender o que Antunes (2009) chama de *nova morfologia do trabalho*. Autores como Cavalcante (2009) não compram essa leitura integralmente, pois enxergam a importância do homem por detrás da tecnologia.

A leitura de Marx aqui cotejada, se colocada literalmente para pensar nos dias de hoje a partir de todas essas transformações, talvez, por exemplo, não incorporasse os setores de serviços como atividades produtivas. Silva (2009) vai nessa linha e diz:

Em suma: os trabalhos que só se desfrutam como serviços não se transformam em produtos separáveis dos trabalhadores – e, portanto, existentes independentes deles como mercadorias autônomas – ainda que se os possa explorar de maneira diretamente capitalista, constituem magnitudes insignificantes se comparados com o volume da produção capitalista. Por isso, se deve fazer caso omissos desses trabalhos, e tratá-los somente a propósito do trabalho assalariado, sob a categoria de trabalho assalariado que não é ao mesmo tempo trabalho produtivo (Marx, 1978: 76).

Ursula Huws (2009) é uma das que debate esses limites analíticos, inclusive estabelecendo o justo parâmetro a respeito da época em que Marx escreveu, para dizer que é possível incorporar essas novas classes trabalhadoras ao universo do novo proletariado, não se resumindo ao chão de fábrica. Ela diz que a constante mercadorização das atividades de serviços foi uma das principais responsáveis por essa releitura.

A rigor, as informações e o conhecimento se tornaram mercadorias, instituindo inclusive um segmento específico de mercado, como no caso da “economia criativa” abordada aqui neste trabalho. Wolff (2009) retrata esse fato e torna a colocar o trabalho humano no centro da análise e não como “apêndice” dos maquinários. Ocorre que agora ele possui novos papéis e precisa “estar apto para lidar e resolver situações imprevistas”. É aí que novamente a precarização se acentua e as contradições nesse tipo de trabalho são enormes:

Articula tecnologias do século XXI com condições de trabalho do século XIX, mescla estratégias de intensa e brutal emulação do teleoperador, ao modo da flexibilidade toyotizada, com técnicas gerenciais tayloristas de controle sobre o trabalhador; associa o serviço em grupo com a individualização das relações trabalhistas, estimula a cooperação ao mesmo tempo que fortalece a concorrência entre os teleoperadores, dentre tantas outras alterações, ampliando as formas mais complexificadas de estranhamento e alienação contemporânea do trabalho (ANTUNES, 2009, p. 10).

Antunes (2009) conclui na tentativa de definir esse novo lugar do proletariado do século XXI. O autor elabora o conceito de “homens que vivem do seu trabalho” e assim alarga sociologicamente esta categoria. Vale destacar que ele ainda exclui dessa tipificação aqueles que ocupam postos de gerenciamento, assim como os pequenos empresários urbanos e rurais, além, claro, dos tradicionais burgueses donos dos meios de produção.

O que esta pesquisa tenta colocar como contribuição para toda essa tradição de estudos sobre o trabalho é que, mesmo estes “homens que vivem do seu trabalho”, podem viver para além da ideia de sobrevivência. Mesmo em situações de complexidade no tocante à pressão e à cobrança de resultados, além de uma forte descartabilidade, como vemos no caso de Leandro Jesuíno, é possível não apenas se manter mais tempo empregado, como promover experiências de satisfação, de prazer e

de reconhecimento de si por meio daquele trabalho. Rafa, que tenta criar o seu próprio negócio num mercado que no seu conceito já está saturado. Léo, que fortalece a parceria com Edu e Diego numa tentativa de viver a partir do uso da internet. Jéssica, ao sonhar em trabalhar em grandes produtoras globais de jogos, mas se imaginando como alguém que leva seus conceitos para este tipo de entretenimento.

A explicação marxista sobre a relação do homem com o seu trabalho, gerando a produção da própria noção de humanidade é primordial até hoje. Contudo, a noção de que a *alienação* seja capaz de capturar completamente as subjetividades dos indivíduos e que no sistema capitalista o trabalho seja exclusivamente uma atividade para suprimento das necessidades materiais parece dialogar pouco com narrativas como as analisadas neste trabalho.

Trabalhar, de fato, ocupa uma centralidade nas atividades humanas, e os indivíduos continuam elaborando seus significados a partir disto. Porém, o espaço das agências, da criatividade e da própria noção de resistência não foi eliminado pela exploração deste trabalho. Seja nas profissões mais relacionadas às artes e às práticas culturais, como no caso de Jéssica, Rafaela e Léo, ou nas que envolvem diretamente o trato com atividades mais genéricas, como no caso de Aline e Leandro, é possível extrair elementos que caracterizam a agentividade destes interlocutores.

Essa constatação não significa dizer que os capitalistas estão corretos e que é possível ser feliz trabalhando neste sistema que se retroalimenta da exploração do outro. Não se trata disso. A noção de felicidade é construída dentro da lógica da vida dura. As relações de dominação continuam existindo, e não à toa todas as narrativas que trago aqui são repletas de histórias sobre depressão, demissões sucessivas, assédio moral, sobrecarga de funções, descartabilidade, dentre tantos pontos comuns.

O exercício que proponho neste trabalho não é o da conformação com a dominação, nem o sublinhamento dela. Tento apontar a potência que os agentes sociais possuem mesmo nas condições mais adversas. Em certa medida, observar a capacidade de produzir desejos em esquemas de controle e opressão é um sinal de que há vidas pulsando e repensando a si, o que é evidenciado quando essa relação de trabalho permite ao fim uma identificação.

Nesse processo, Pais (2001) traz a compreensão do “fazer pela vida” dos jovens trabalhadores, onde eles estão em busca de uma noção de plenitude e de

identificação com o que fazem. O autor afirma que os jovens “não querem ser escravos do trabalho, mas também não o rejeitam, tanto como fonte de rendimento como de realização pessoal” (p. 8-9), desse modo acabam se equilibrando nesta tensão e buscando algo parecido com a noção de satisfação.

Quando se articula a incorporação das experiências de cada indivíduo, o aprimoramento ou a maturação de suas habilidades e a busca por prazer que possuem é possível "voltar-se" por meio do exercício de si no mundo do trabalho. É exatamente essa dimensão que este trabalho tentou apontar. Para além do suprimento das necessidades materiais, o trabalho serve à vida na construção de sentidos.

Pensar as estratégias oferecidas em suas histórias para combinar estes elementos que possibilitaram a satisfação e o prazer a partir do trabalho que desempenham foi um dos objetivos fundamentais da pesquisa. A busca por este gozo não significa necessariamente a aquisição de uma “consciência de classe” ou que se alcançou um fervor revolucionário, mas em alguns casos pode ser o mais simples escapismo, como no caso das *mazelas* no call center ou ainda experiências de criatividade que buscam dar sabor ou entretenimento para as pessoas ou quem sabe até a busca pela espiritualidade que serve ao outro a possibilidade, inclusive, da cura física e psicológica. Tudo isso foi buscado nesta tese.

Um dos principais autores dos estudos culturais, Richard Hoggart, foi fundamental para me despertar essa forma de olhar sobre as chamadas classes trabalhadoras. Fazendo uma leitura a partir da dimensão cotidiana, Hoggart (1973) era filho de operários e criado nos subúrbios de Leeds na Inglaterra, mas se recusava a reproduzir as formas caricaturais que descreviam a cultura do proletariado.

Sem a pretensão de expor uma verdade científica e sociológica, Hoggart se esforçou para esboçar outros desenhos do que se entende por “povo”, compreendendo que em outras experiências é possível se ter leituras diferentes. Escrever para ser compreensível a todos, sem o receio de baixar o nível da linguagem é um outro objetivo interessante do autor. Para ele, a ciência pratica uma banalização da linguagem técnica.

Um outro aspecto ainda a se ressaltar em sua obra é o seu cuidado em não desempenhar uma espécie de ciência protetora, que insista em tratar os trabalhadores com “um sentimento semi-apiedado, semi-protetor, que nada tem a ver com a realidade

dessa classe” (p. 19). Hoggart encontrava inspiração nas artes para ir na contramão do que era dominante no conhecimento científico.

Importante compreender a multiplicidade e saber que os números sobre as classes trabalhadoras precisam ser vistos dentro do que esses números significam para elas. Ou seja, aquilo que “os hábitos representam para além dos hábitos”. Hoggart (1973) deixa claro que não será possível ainda assim “atingir uma objetividade absoluta”. Completa:

É lícito procedermos a generalizações no que se refere às atitudes características do proletariado, o que não implica que todos os indivíduos dessas classes pensem ou procedam dessa maneira em relação ao trabalho, ao casamento ou à religião. [...] As generalizações a que procedo ao longo deste livro significam apenas que a maioria das pessoas do proletariado consideram que assim se deve pensar ou agir neste ou naquele caso (p. 27).

O campo da subjetividade assume, portanto, um novo lugar. Conceitos clássicos como o de “alienação” parecem não dar conta literalmente dos processos desse universo laboral. Torna-se importante, portanto, estudar a dimensão das economias e dos investimentos agentivos que os jovens trabalhadores formulam para ingressar em seus postos de trabalho; mesmo havendo uma dominação e exploração por parte da empresa, esse poder não é totalizante.

Importante, portanto, pensar no poder como algo que não é unilateral ou dotado exclusivamente da capacidade de reprimir e censurar o outro. Foucault (2002) analisa que há uma dimensão dos “efeitos positivos a nível do desejo” e também “a nível do saber”. O autor comenta que “o poder, longe de impedir o saber, o produz” (p. 148). Essa relação complexa existe justamente pela força que o poder possui, não o contrário.

Foucault (2002) comenta abaixo sobre sua visão acerca da dominação, falando sobre uma preocupação metodológica que alimenta ao analisar estas questões:

[...] não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de

transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles” (Pg. 183).

Portanto, não se trata de fazer análises centristas, mas moleculares, que consigam em certa medida repensar a interação entre o “cima” e o “baixo”, entendendo que as expressões sociais não são unilaterais o que não significa que não sejam hipossuficientes e desiguais. São questões diferentes. A intenção, mais uma vez, não é de negar os eventos estruturais, mas analisar por uma outra perspectiva possível e não oposta.

Não se trata de uma negação. As relações de dominação se manifestam de fato de uma forma “global e maciça”, como discutido em Foucault (2010), mas o que torna possível pensar isso em outra clivagens é justamente o fato de essas relações de poder estão diretamente entrelaçadas “com as relações estratégicas e seus efeitos de interação recíproca” (p. 295). Tento apresentar um outro leque de possibilidades, partindo da compreensão de que vivemos também sob uma política de existência conjugada entre nossa agentividade e esta articulações estruturais.

Trazer essa dimensão é uma tentativa de oferecer uma outra tonalidade às leituras sobre o trabalho. Sim, de fato o trabalho possui uma relevância enorme na constituição de nossa humanidade, mas o modo como isso ocorre é diferente. Se o tal do sistema age mesmo nesse modus operandi da desumanização, é no exercício da política de existência – em que o próprio ato de trabalhar está embutido – que se dá a contrapartida criativa das pessoas. Daí a importante dimensão dos arranjos agenciais (individuais e coletivos).

Penso ser interessante a perspectiva da invenção pelas experiências dos cotidianos. Visualizo essa potência no nosso povo e vi isso de perto durante minha vida. Meus interlocutores são jovens que inventam seu dia a dia de uma maneira arrojada. Como eles dizem, *dou meus pulos*. *Dar os pulos* é o arranjo no limiar entre a invenção e a prática (prática como “modo de fazer” ou “maneira”). A brincadeira é um constituinte da vida.

O documentário chamado “Tarja Branca”¹⁰⁷, desconstrói o apego à depressão e mostra um pouco da importância que a noção de “brincadeira” tem na vida das pessoas. Isso me remeteu à infância, onde eu observava atentamente as “épocas” das

¹⁰⁷ Produzido pela Maria Marinha Filmes, dirigido por Cacau Rhoden e lançado no ano de 2014.

brincadeiras. A época do pião, da pipa, da bila, do queimado, do João-Acoca, do 31 de janeiro salve todos, etc. Tinha o “tempo” pra tudo e a gente nem sabia quem decidia quando começava. O prefeito é que não era! Viver era brincar. Em certa medida, ainda é. Pensando ainda sobre o filme, é emocionante a cena em uma criança “batiza” sua pipa. O tal batismo se dá quando o soltador consegue usar toda a sua linha. É o ápice. Como um gol do título. Sua pipa tem nome. Ninguém poderá mais cortá-la. É um limite que não causa secção, mas um início.

O trabalhar que me esforço para entender parece constituir perspectivas de agência que podem oferecer significados à vida e aos arranjos voltados para sobrevivência. É arranjo para “charlar¹⁰⁸”. É arranjo para pagar as contas. É arranjo para estudar. É arranjo para ser. É arranjo para aparecer. É arranjo para crer. É arranjo para criar. É arranjo para saborear. Tudo isso dotado de estratégias e táticas que não necessariamente são frutos de uma reflexão, mas de maneiras de fazer, que muitas vezes vêm de gerações.

Ao longo dos escritos desta pesquisa, percebe-se que o trabalho pode ser uma categoria mais porosa. Lugar de fluxos e atravessamentos. Lugar que também compreende os “poréns” e os “senões”. Há quedas, mas também ascensões e de todos os tipos. Os feixes de sentidos que perpassam os tipos de trabalhos, inclusive, dificultam a leitura sobre o que é e o que não é trabalho. Os suportes que os atos de trabalhar colocam nas vidas das pessoas, inclusive, transbordam as vãs noções de legalidades e ilegalidades ou de moralidades e imoralidades.

A busca pelo prazer e pela satisfação podem se ressignificar. Mesmo entendendo que o próprio capitalismo encontra formas de se apropriar deste “espírito”, há um universo de pretensões subjetivas na cabeça de cada jovem desses com quem estabeleci interlocução, que abre perspectivas para se pensar a agência e a resistência. De certo modo, é um leque de ações corporais que enfrentam cotidianamente as estruturas sociais do mundo do trabalho no capitalismo. Portanto, é possível viver numa condição conflituosa e simultânea entre empreender e ser empreendido. Aí que entram os esquemas de “dar um jeito”, “dar os pulos” e “se virar”, acostumados a constituir existências sobre as cordas bambas que a vida imprime.

¹⁰⁸ Charlar significa viver despreocupado ou à toa.

Essas maneiras de existir se relacionam com condições duras no universo laboral. A sobrecarga de trabalho, por exemplo, foi um elemento evidenciado em todas as narrativas presentes neste trabalho. Fernanda Eugenio (2012) colabora ao apresentar algumas formas do que chama de “criatividade situada”, analisando como se dá a “orquestração do tempo nas práticas profissionais contemporâneas”. Um dos elementos interessantes que ela verifica é justamente a formação do slash. A autora explica em detalhes:

Slash é o nome do sinal gráfico de uma barra diagonal, utilizado em endereços web e também para indicar múltiplas habilidades ou funções acumuladas por uma mesma pessoa: advogado/chef de cozinha; historiador/curador/DJ; produtora cultural/atriz/bailarina etc. Do mesmo modo que os espaços reversíveis, capazes de se transformarem em outros pelo uso, também o funcionamento profissional se dá por sucessivas 'migrações' ou acúmulos de habilidades e ocupações exercidas em simultâneo: é frequente a operação do 'virar', em vez da lógica da carreira progressiva que forma o especialista. Afetando ao mesmo tempo a organização da vida profissional e o entendimento do que seja uma boa formação, percebemos que a lógica instalativa ou da ocupação temporária que 'vira' outra e outra, em regime de reversibilidade ou de simultaneidade, se atualiza nos modos de produzir não apenas os espaços, mas também o próprio entendimento de si como agente criador (p. 229).

As narrativas deste trabalho tentam dialogar diretamente com essa perspectiva do slash, seja pela investida em profissões novas e sem carreiras constituídas ou ainda pelas possibilidades de inventar estratégias a partir do “jeito” em seus trabalhos. Acumular várias funções em uma só e saber “dançar conforme a música” é uma pedida praticamente regular no mundo do trabalho flexível que temos atualmente. Porém, além do “precisar fazer algo”, há o “querer fazer algo” para se obter vantagens futuras. Nesse sentido, mesmo quando se convive com a sobrecarga funcional há uma perspectiva curiosa de saber ou se relacionar por meio da network. São maneiras complexas de agir e que mobilizam atos interessados.

O que Eugenio (2012) chama de “invenção dos possíveis” é, dentre tantas coisas, a retração de vidas que conseguem criativamente encarar cenários sombrios ou as tais “realidades duras” analisadas em Pais (2001). Esse malabarismo juvenil basicamente ocorre quando as potências encontram brechas e nelas promovem algo diferente, muitas vezes quebrando as fronteiras entre lazer e trabalho, permitindo fluxos inviáveis em uma empresa ou em um espaço laboral mais tradicional.

Os ofícios que dão novos significados às histórias em questão, recriam-se em “desdobros” ou “jeitos” ou “maneiras” de se conceber nos cotidianos, sob a elaboração de estratégias. Os estilos e as formas de ação são inscritos nas práticas. Certeau (2014) se preocupa, acima de tudo, com essas “maneiras de fazer” e com o exame das “práticas”. O autor comenta:

Essas 'maneiras de fazer' [...] as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de 'táticas' articuladas sobre os 'detalhes' do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes da 'vigilância'. Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidiplina que é o tema deste livro (p. 40-41).

As estratégias, para Certeau (2014), são como cálculos feitos dentro dos possíveis específicos. As maneiras de se fazer e de se utilizar levam em conta exatamente as condições que estão postas. Sendo que muitas vezes os agentes se apresentam como desobedientes e antidiplinados, gerando rotas de fuga nas ações estruturantes. É a “trampolinagem” ou “trapaçaria”, ou ainda utilizar o próprio conhecimento sobre as regras dos jogos para se jogar e se desfazer deles.

De certo modo, agir estrategicamente é estabelecer uma rotina de práticas que respondem diretamente ao que é mais adequado nas conjunturas específicas. Essas habilidades inventivas fazem parte de um repertório que não é formado em atos de formação necessariamente. Há um saber incorporado e um cotidiano vivido que amplia as experiências.

O conhecimento para Ingold (2010) é justamente uma habilidade. Segundo o autor, “todo ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de prática” (p. 7). Uma reflexão importante no sentido de não fazer a distinção trivial entre o que é capacidade inata e o que foi adquirido como competência. As habilidades que os interlocutores desenvolvem e apresentam em suas narrativas não são necessariamente resultados de um processo de educação, mas fazem parte da própria experiência. Os indivíduos não se entendem como vazios em busca de preenchimento por meio da cultura. Tudo o que age sobre o corpo e o modifica, como se vê em Teixeira (2010) é um processo de experiência.

É na sutileza dessas tramas que se fabricam as experiências de resistência. Caroline Knowles (2004) assume essa mesma linha de que o poder não consegue operar de modo totalizante. A autora aponta que é justamente nas fissuras que o sistema produz que as agências conseguem ser mais criativas e produzir possibilidades de reinvenção. Explorar, portanto, o que ela chama de “texturas sociais da vida cotidiana”, é um contraponto a essas tentativas de essencialização.

Essas incorporações da realidade, como no caso do fenômeno da Globalização que Knowles (2004) estuda, aparecem como monstros que engolem os sentidos e as ações. Ela explora a recusa pelas metateorias de modo consistente. A partir da sua pesquisa sobre as flip-flop, a autora afirma:

A vitalidade da agência humana se manifesta através da trilha do chinelo na medida em que as pessoas andam, correm e vivem – de maneiras criativas e inventivas – ao longo da trilha, moldando a globalização em torno de suas vidas, preocupações e vizinhanças. [...] o material humano encontra novas rotas, novas estratégias e novos lugares para viver, ao passo que a globalização se transforma e assume novas formas. A trilha do chinelo mostra isso (KNOWLES, 2014, p. 291).

Knowles (2014) é direta em definir a missão da teoria como a de ter ambições “modestas e úteis”, contribuindo para que possamos pensar em diálogo com elas e abrindo “novas revelações em vez de fechar explicações” (p. 304). Portanto, é interessante também trazer indagações permanentes ao invés de simplesmente acolhermos os “sistemas abrangentes de pensamento”.

Penso estar exercitando algumas reflexões em um vasto campo de possíveis. Algumas das formulações geradas na força dos reencontros mobilizaram este campo. Inevitavelmente, finalizo este trabalho lembrando do meu filme preferido, chamado “O Sétimo Selo”, feito em 1956 pelo sueco Ingmar Bergman. Em sua trama, o protagonista convida a Morte para jogar uma partida de xadrez, com o objetivo de prorrogar a vida, numa busca incansável por novos sentidos.

Diante da potência criativa e das agências que resistem e pulsam nos cotidianos destas juventudes, parece que, em certa medida, Rafa, Léo, Jéssica, Leandro, Aline e tantos outros jovens pelo mundo também iniciaram partidas de xadrez desafiando seus destinos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis – punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- _____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, mai/jun/jul/ago 1997, n. 5; set/out/nov/dez, 1997, n. 6.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; PAIS, José Machado (org.). *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- ANTUNES, Ricardo. A era da informatização e a época da informalização: riqueza e miséria do trabalho no Brasil. In: _____ (org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- _____. *Dimensões da precarização estrutural do trabalho*. Disponível em <<http://www.itcp.usp.br/drupal/files/itcp.usp.br/ANTUNES%20LIVRO%20GRA%C3%87A202007.pdf>>. Acessado em 03 de outubro de 2011. ITCP/USP: São Paulo, 2006.
- _____. Os exercícios da subjetividade: as reificações inocentes e as reificações estranhadas. *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 121-131, 2011.
- _____. Século XXI: Nova era da precarização estrutural do trabalho? In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (orgs.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- AUSTIN, John L. *A plea for excuses*. Philosophical papers. Londres, Oxford University Press, 1979.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEAUD, S.; WEBER, F. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BECKER. *Segredos e Truques da Pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BENEVIDES, Márcio R. T. *As faces da oportunidade no Capitalismo Contemporâneo: da paranoia à consternação em uma empresa de call center*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

_____. *Expectatividades e necessidades: as estratégias de adesão, sobrevivência e resistência de jovens trabalhadores do call center*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

_____. Jovens supervisores de um *call center*: ex-teleoperadores ou sujeitos responsáveis pelo exercício disciplinar da empresa? *Sociologia Plurais* – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v. 1, n. 2, ago. 2013.

_____. Os “mazelas” e os “dormentes”: estratégias de resistência de jovens trabalhadores do *call center*. *Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos*, v. 5, n. 9, jan-junho 2016

BERNARDO, Marcia Hespanhol. *Trabalho duro, discurso flexível: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BOLTANSKI, L. e CHIAPELLO, E. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. Compreender. In: _____. *A miséria do mundo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. 9 ed. Campinas: Papirus, 2008.

CARDOSO, Vânia Z. Marias: a individuação biográfica e o poder das estórias. In: GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. *Etnobiografia: esboços de um conceito*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O nativo relativo. *Mana*, n. 8, v. 1, p. 113-148, 2002.

CAVALCANTE, Sávio. *Sindicalismo e privatização das telecomunicações*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: _____. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COMIN, Álvaro A.; BARBOSA, Rogério Jerônimo. Trabalhar para estudar: sobre a pertinência da noção de transição escola-trabalho no Brasil. *Novos Estudos*, 91, novembro 2011, p.75-95

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a Sociologia. A contribuição pós-colonial. *RBCS*, v. 21, n. 60, fev./2006.

COSTA, Sandra Regina Soares da. O que é ser “novo” na Baixada Fluminense: notas sobre representações da juventude entre as camadas populares. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Org.). *Juventude Contemporânea: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo, Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Milles plateaux*. Paris: Minuit, 1980.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação no lazer*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie. *Trabalhar com Bourdieu*. Tradução de Karina Jannini. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

EUGENIO, Fernanda. Criatividade situada, funcionamento consequente e orquestração do tempo nas práticas profissionais contemporâneas. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; PAIS, José Machado. (Orgs.). *Criatividade, Juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FABIAN, Johannes. Entrevista: a prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. *Mana*, n. 12, v. 2, p. 503-520, 2006.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de campo* n. 13: 155-161, 2005.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FORACCHI, Marialice Mencarini, *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo, FFLCH/USP. Tese (Doutorado), 1994.

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *Microfísica do Poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- GEORGES, Isabel. Trajetórias profissionais e saberes escolares: o caso do telemarketing no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (orgs.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GOLDMAN, Márcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. *Etnográfica*, v. 10, n. 1, p. 161-173, 2006.
- _____. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 46, n. 2, 2003.
- GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. *Etnobiografia: esboços de um conceito*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- GUEDES, André Dumans. *O trecho, as mães e os papéis: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás*. São Paulo: Garamond, 2013.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006.
- HARTLEY, M J. *Creative Industries*. Malden, MA., Blackwell, 2005, p. 1-40.
- HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa: Presença, 1973.
- HUWS, Ursula. A construção de um cibertariado? Trabalho virtual num mundo real. In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (orgs.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- INGOLD, Tim. *A brief history*. New York: Routledge, 2007.
- _____. Anthropology is not ethnography. *British Academy Review*, n. 11, p. 21-23, jul./2008.
- _____. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.
- KNOWLES, Caroline. *Flip-flop: A Journey through Globalization's Backroads*. London: Routledge, 2004.
- _____. Trajetórias de um chinelo: microcenos da globalização. *Contemporânea*: v. 4, n. 2, p. 289-310, jul./dez. 2014.
- KOFES, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela (org.). *Vidas & grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

_____. Os papéis de Aspern: anotações para um debate. In: KOFES, Suely (org.) *Histórias de vida, biografias e trajetórias*. Cadernos do IFCH; 31. Campinas, SP: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

_____. *Uma trajetória, em narrativas*. Mercado de Letras. Campinas, 2001.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. São Paulo: Penso Editora, 2010.

LOPES, José Sérgio Leite. Notas sobre a precarização do trabalho no Brasil. *Estudos do trabalho*, ano V, n. 8, 2011.

LOPES, José Sérgio Leite; ALVIM, Rosilene. Uma autobiografia operária: a memória entre a entrevista e o romance. *Estudos Avançados*, Vol. 13, n. 37, 1999.

LUKÁCS, Georg. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo, Ciências Humanas, n. 4, p. 8. 1978

MAIA, Ana A. R. M.; MANCEBO, Deise. *Psicologia, Ciência e Profissão*. 30(2), 376-389, 2010.

MANICA, Daniela. Autobiografia, trajetória e etnografia: notas para uma Antropologia da Ciência. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 105, fev./2010.

MARCELINO, Paula Regina Pereira. Honda: terceirização e precarização, a outra face do toyotismo. In: ANTUNES, Ricardo (Organizador). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, v. 1.

MEJÍA, Rafael Estrada. Etnografia, cartografia e devir: potencialidades da escritura nas pesquisas antropológicas contemporâneas. In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela. (org.). *Vidas & Grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnobiografia*. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

MELO, Luíz Gonzaga de. *Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas*. Petrópolis: Vozes, 1987.

MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. Situated actions and vocabularies of motive. *American Sociological Review*, v. 5, n. 6, 1940, pp. 904-913.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Talentos on-line: a profissionalização da criatividade via internet*. In: ALMEIRA, Maria Isabel Mendes de; PAIS, José Machado (Orgs.). *Criatividade, Juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NOVAES, Regina. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas Juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

OLFF, Simone. O “trabalho informacional” e a reificação da informação sob os novos paradigmas organizacionais. In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (orgs.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Juventude e trabalho como questão pública no Brasil: há uma inflexão com as iniciativas recentes? *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar* / Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. v. 2, n. 1, jan.-jun./2012.

OLIVEIRA, Sirlei Marcia de. Os trabalhadores das centrais de teleatividades no Brasil: da ilusão à exploração. In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (orgs.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates*. Jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2016.

_____. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PAPPÁMIKAIL, Lia. Juventude(s), autonomia e Sociologia. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, v. XX, p. 395-410, 2010.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Darumá, 1995.

_____. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. *Campos* 7, v. 2, p. 9-16, 2005.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. Mai. /Jun. /Jul. 1997, n. 5, 1997.

PERROT, Martyne. Quand la société prend peur de sa jeunesse en France, au 19e siècle. In: PROUST, François (org.). *Les jeunes et les autres: contributions des sciences de l’homme à la question des jeunes*. Vaucresson: CRIV, 1986.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Desigualdades sociais, práticas educativas e juventude numa favela carioca. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Org.). *Juventude Contemporânea: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados* 18 (52), 2004.
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador do mundo emancipado*. Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.
- REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em Antropologia das Emoções. In: *Revista Mana*, n. 8, v. 2, p. 69-89, 2002.
- ROSENFELD, Cinara Lerrer. A identidade no trabalho em *call centers*: a identidade provisória. In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (orgs.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Conhecimento e transformação social: para uma ecologia dos saberes. *Somanlu Revista de Estudos Amazônicos*. Ano 7, n. 1, jan./jul. 2007. Manaus: EDUA, 2008.
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- _____. The Problem of Rationality in the Social World. *Economica, New Series*, Vol. 10, n. 38, 1943, p. 130-149.
- SCOTT, Marvin B. [e] LYMANN, Stanford. Accounts. *Dilema: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 2, n. 2, 2009.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 18. ed. Record: Rio de Janeiro, 2014.
- SICILIANO, Tatiana. “Nascemos para ser felizes?”: discutindo a categoria felicidade nos discursos sobre os deslocamentos profissionais. *Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais*. n. 7, 2013.
- SILVA NETO, Francisco Secundo da. A identidade cultural em tempos liquefeitos: o ‘Ceará moleque’ e a contemporaneidade? *Logos* 30. Tecnologias de Comunicação e Subjetividade. Ano 16, 2009.
- SIMMEL, Georg. *On Women, Sexuality and Love*. Londres: New Haven, 1984.
- TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey. In: WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio; ROMÃO, José Eustáquio; RODRIGUES, Verona Lane (orgs.). *Dewey*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

- THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. *The Polish Peasant in Europe and America*, University of Illinois Press, Chicago, 1984.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia de Letras, 1998.
- VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- VENCO, Selma. Centrais de Teleatividades: o surgimento dos colarinhos furta-cores? In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- VENTURELLI, S. *From the Information to the Creative Economy: moving culture to the Center of International Public Policy*. Center for Arts and Culture Issue Paper, Washington D. C., 2000.
- VIANNA, Hermano. Introdução. In: VIANNA, Hermano (org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- VILELA, Lailah Vasconcelos de Oliveira; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Os mecanismos de controle da atividade no setor de teleatendimento e as queixas de cansaço e esgotamento dos trabalhadores. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20(4):1069-1078, jul-ago, 2004
- WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Damará, 2002.
- WAGNER, Roy. *Symbols that stand for themselves*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.
- WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, G. (Org.). *Weber*. São Paulo: Ática, 1979.
- WHYTE, William F. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- WOLFF, Simone; CAVALCANTE, Sávio. O mundo virtual e reificado das telecomunicações: o caso da Sercomtel. In: ANTUNES, Ricardo (Organizador). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- WOLFF, Simone. O “trabalho informacional” e a reificação da informação sob os novos paradigmas organizacionais. In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (orgs.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ZALUAR, Alba. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano (org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

ANEXOS

Foto 1 – Eu, Rafaela e Madjer em nossos habituais encontros no passado.



Foto 2 – Imagem da tela de informações da nova página de Facebook da empresa Pitanga.

INFORMAÇÕES DA PÁGINA	
Data de início	Criado em 2014
Descrição curta	Cozinha alternativa. Cupcakes, doces, brownies, muffins, quiches, salgadinhos, sanduiches artesanais. Vem! (85)96846-2411
Produtos	Cupcakes, bolos caseiros, muffins, quiches, brigadeiros, tortas salgadas e outros..
Site	https://www.instagram.com/pitangacozinha/

Foto 3 – Conversa direta que Rafaela fez comigo pelo Facebook para oferecer seus produtos.

Márcio Renato

Página inicial

Usuário do Facebook

+ Nova mensagem
☰
⚙️
🔍

Usuário do Facebook 📧 21/3/2016 15:26

Ei gatoão. Comé que tá? Espia só:

Usuário do Facebook 📧 21/3/2016 15:27

vem quem tem

Encomende quantos quiser até dia 23.03
Quarta-Feira

Cupcakes pitanga

- chocolate
- ninho com nutella
- côlombina
- miss sunshine
- R\$4 unid

A retirada é no dia 23.03,
quinta-feira, a partir das 19h
Praça da Gentilândia- Benfica

Usuário do Facebook 📧 21/3/2016 15:27

A Pitanga ta com a primeira pré-venda de cupcakes e estou avisando a todos os nossos amigos e clientes que acompanham a marca pra não perder essa chance! Lembrando que tem brinde ****SELINHO**** surpresa pra todos que encomendarem nessa primeira pré-venda.

Qualquer dúvida e se tiver afim, me avisa 😊

beijão.

Você não pode responder a esta conversa

Foto 4 – Anúncio da pré-venda de Cupcakes retirada da página da Pitanga no Facebook.



Foto 5 – Imagem publicada pelo Suricate Seboso no Facebook e que foi retirada e editada exatamente durante uma de nossas conversas.



Foto 6 – Uma das imagens publicadas no Facebook do Suricate Seboso, demonstrando a personagem do Suricatezinho, que abaixo chora dramaticamente.

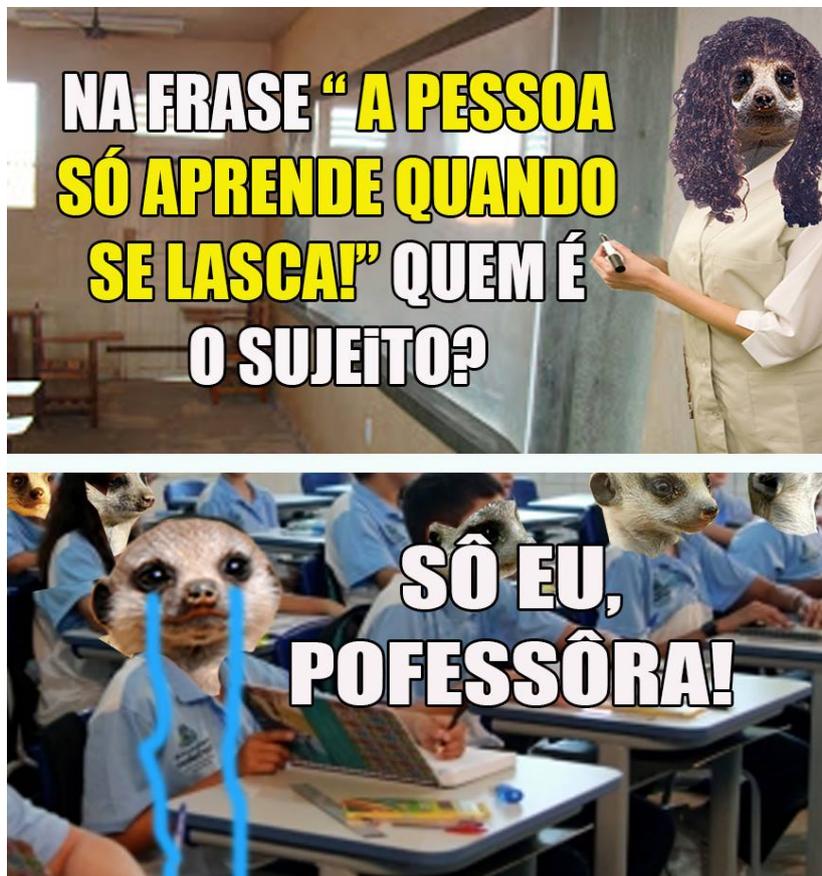


Foto 7 – Edu, a personagem do Suricate Seboso, Diego e Léo exibindo a placa comemorativa do YouTube.



Foto 8 – Uma das postagens de Jéssica no Facebook, demonstrando o seu desespero por um emprego.



Foto 9 – Uma das publicações de Jéssica no Facebook, que dá uma dimensão do quanto os sonhos e os valores são importantes para ela.

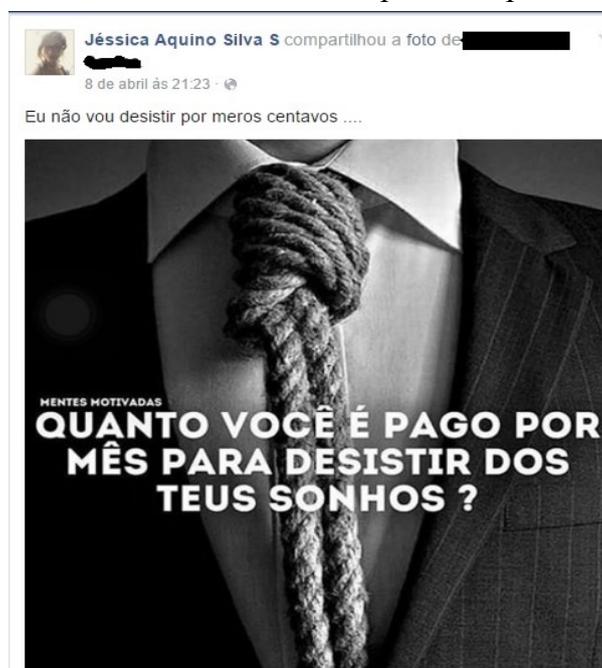


Foto 10 – Andréia, Livia e Leandro

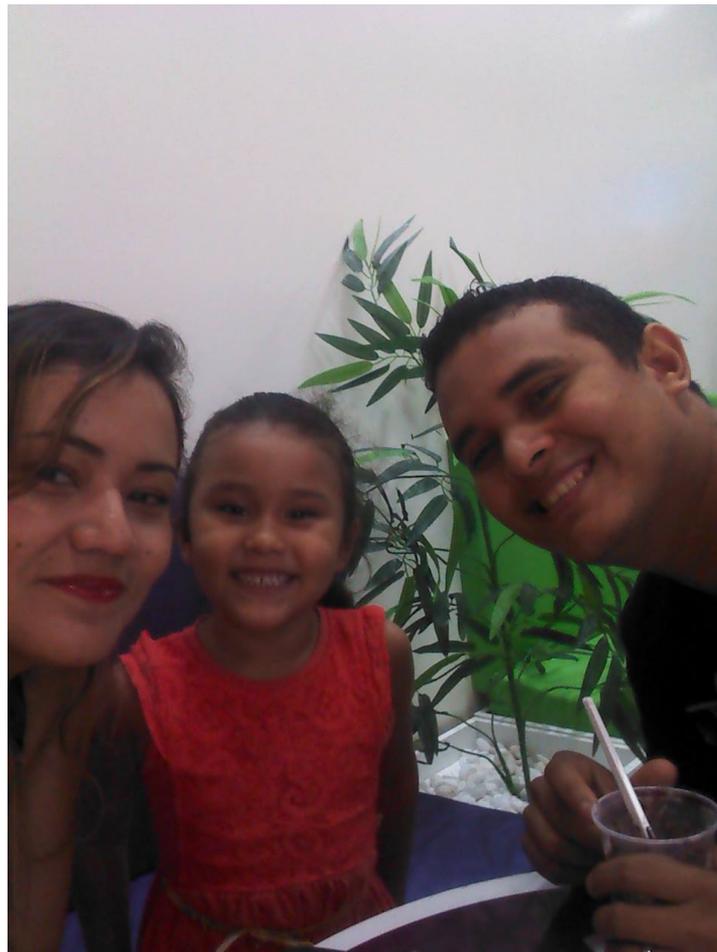


Foto 11 – Imagem publicada no Facebook de Leandro, notificando a sua mudança de cargo.



Foto 12 – Leandro e seus colegas de trabalho na X Center.



Foto 13 – Foto de uma campanha contra a intolerância religiosa, onde aparece Alice e sua mãe.



DEPOIMENTO PESSOAL E A MINHA VIVÊNCIA COM O CAMPO

Pensando nessa minha dupla condição e no respeito que tenho pelas opções que faço nesse texto, resolvi dividir com o leitor um depoimento pessoal que conta um pouco sobre a minha história de vida. Acredito que isso talvez possa me aproximar do que venho apontando desde o início do texto. Sem a pretensão de tornar a história um modelo ou algo do gênero, deixo o exercício para enfatizar o tipo de conhecimento científico que acredito ser possível. Para tanto, reconstruo e adapto um texto trabalhado em Benevides (2014), quando esse imbróglio já dava sinais de render discussões longas.

A casa

A minha vida familiar era difícil, como a de muitos brasileiros, sobretudo em meados dos anos de 1990. Além das questões financeiras, havia um nível de relacionamento familiar muito conturbado, sobretudo pelo tipo de casamento que meus pais vivenciavam, naquele estilo mais caricato do “tradicional cearense”, onde o homem domina a casa e a mulher a abriga. À minha mãe nunca foi permitido o direito de estudar ou de trabalhar, mas apenas o de permanecer em casa e cuidar dos três filhos.

Porém, um dia esse castelo de convicções machistas sobre o mundo ruiu. Em um dos tantos e tantos conflitos que até hoje me fazem não ter o mínimo saudosismo com relação à infância e muito menos à adolescência, eu já com quatorze anos de idade pela primeira vez me insurgi contra a repetitiva violência doméstica. Aquele foi o sinal que a minha mãe necessitava para se dar conta de seus filhos “criados”, sendo eu o caçula. Com uma mágoa historicamente agravada, mas que se escondia pela dependência emocional, afetiva e também econômica, a relação chegou ao extremo e minha mãe e eu resolvemos ir embora, deixando meu pai. Nesse momento, estávamos morando em outro estado e viemos para Fortaleza. Minha irmã já havia se casado e o meu irmão morava em outro município para conseguir estudar.

Chegamos a esta cidade: só eu, minha mãe, uma TV de 14 polegadas, nossas roupas e duas redes. Era um recomeço. Do zero. Eu ainda adolescente e com uma responsabilidade de ter que lutar por sustento ao lado de minha mãe. Alugamos uma pequena casa e me matriculei no Colégio Liceu do Ceará, onde concluí meu Ensino

Médio. Nessa época, fui dar aulas de reforço para crianças do meu bairro, dentre outras dezenas de “bicos” a que me submeti. Precisava me virar a todo instante e nunca recusei serviços que iam de entregar jornal a “fazer favor” aos vizinhos. Minha mãe, sem experiência profissional e sem estudos, só teve a opção de ser empregada doméstica, função que sempre desempenhou na informalidade. Aliás, nem carteira de trabalho ela tinha. Precariedade e péssima remuneração são consequências lógicas disso tudo.

Praticamente todo o dinheiro que eu ganhava nas minhas aulas e nos meus trabalhos extras era enviado para o meu irmão, que ficara sozinho na Paraíba. Portanto, minha vida por um “longo” tempo foi dedicada ao trabalho informal, à proteção da minha mãe (pois havia muito temor de que meu pai pudesse voltar e tentar “limpar sua honra” – como ele mesmo dizia – de algum modo) e aos meus estudos, pois eu tinha convicção de que por esse método iria conseguir alguma melhoria... um dia. Já o que minha mãe ganhava era o limite para o nosso frágil sustento.

Passado um bom tempo nesse ritmo, havia concluído o Ensino Médio e precisava de um emprego. Precisava de um emprego de carteira assinada! Precisava de segurança financeira! Precisava de direitos assegurados e estabilidade! Precisava de um emprego que me garantisse tranquilidade e que não me fizesse abandonar os estudos! Precisava de um emprego onde eu pudesse mostrar que sou “bom”! Essas foram as mensagens que codifiquei de todos os próximos a mim e levei a frente. Portanto, sai em busca de empregos. Acordava todos os dias muito cedo e ia às ruas para conseguir uma vaga. Fechavam a porta na minha cara por eu não ter experiência. Ora, nada mais óbvio quanto se trata de um sujeito que acabou de sair do colégio.

Passei quase um ano procurando alguma vaga e enquanto ela não vinha me dedicava aos estudos. Até que em dezembro de 2007 algumas coisas aconteceram e mudaram minha vida para sempre. Meu irmão conseguiu vir morar conosco novamente e tentar ganhar a vida por aqui. Em seguida, consegui a vaga na Universidade e para um curso ainda “incerto” e que era totalmente desconhecido para toda a minha família, aliás ainda o é em partes. Aumentavam também minhas responsabilidades para o futuro que esse ingresso espelhava. Também consegui uma vaga de emprego. Fui ao SINE/IDT e me falaram sobre uma “grande chance” para mim no *call center*. Portanto, 2008 iria nortear meus passos de uma forma incompreensível.

A oportunidade de “crescimento”

Um mês antes do início das aulas na faculdade, comecei o treinamento na empresa. Já havia passado por várias etapas de seleção, como entrevistas, dinâmicas de grupo, testes de português e digitação. Portanto, a ansiedade era grande para aprender logo a trabalhar. O treinamento era bem empolgante, pois além de aprendermos todos os procedimentos e a parte técnica do ofício, os instrutores eram verdadeiros motivadores. O meu instrutor, particularmente, por muito tempo foi meu grande exemplo de “vencedor”. Enfim, queria chegar aonde ele chegou.

“Fui de cara no processo” e comecei a trabalhar quase simultaneamente ao início das minhas aulas. Acordava seis da manhã para ir à faculdade, onde tinha aula de manhã e algumas à tarde. Almoçava no Restaurante Universitário e levava alguma coisa para comer à noite, geralmente um pão com manteiga. Entrava no *call center* às 19h40 e saía às 02h. Havia uma van da empresa que deixava os funcionários da noite em suas casas. Chegava por volta de 03h da manhã. Deitava-me e percebia que já era hora de acordar novamente.

No trabalho era tudo muito intenso. Envolvia-me com tudo. No primeiro ano de trabalho sempre fui o melhor das equipes em que passei. Era a “fome” por melhorias. Precisava crescer! Precisava dar um retorno positivo pra dentro de casa. Meu irmão ainda não havia conseguido nada. Minha mãe continuava na mesma. Eu precisava mostrar que era bom. Fazia isso mergulhando naquela empresa.

Ao mesmo tempo, tinha que mostrar serviço na faculdade e para isso utilizava meus finais de semana. Portanto, passei pouco mais de um ano sem noites, sem finais de semana, sem tempo para mastigar, sem conversar com meus amigos, sem atenção para a vida lá fora e pouco contato com a minha própria família. Fazia isso porque achava que tinha de agarrar aquela “chance” e não deixá-la ir embora.

Via os veteranos me alertando que aquilo não valia a pena. Via outros tantos sofrendo. Contudo, fechava os olhos e seguia o rumo da minha oportunidade. Até que me tornei um operador *sênior*. Após isso, passei quatro meses na função de supervisor, mas sem aumento de salário. Isso aconteceu, pois surgiu um novo produto na empresa e antes que pensassem em fazer um treinamento específico, chamaram os “melhores” operadores para ir tocando o processo.

Encarei aquele momento como uma luz para o que eu queria. Nos quatro meses que passei a frente desse produto consegui ótimos resultados. Porém, por questões estruturais, tiveram que levar esse produto para a central de Recife. Resultado: eles decidiram que o produto em Fortaleza deveria acabar e como seria muito caro reciclar os funcionários para a teleoperação, eu deveria demiti-los. Não aceitei. Recusei-me a cumprir com esse papel que a empresa demandava. No fim dessa história, fui reintegrado ao teleatendimento e as 27 pessoas que trabalhavam sob meu comando foram simplesmente desligadas. Apenas eu e um casal de teleoperadores permaneceram, sendo eles recém-casados e ela gestante, que inclusive ficaram porque apelei bastante para que fossem poupados. A justificativa para minha permanência era a de que eu seria uma “promessa” e não podia ser jogado fora.

A partir daí tudo mudou. Não queria ser a promessa. Não queria ver meus colegas serem descartados, pois sai mais barato para a empresa tirar-lhes o emprego, do que oferecer um treinamento. Então, a máscara caiu e comecei a enxergar a empresa de um ângulo completamente diferente. A liberdade que sentia, agora era uma corrente que me prendia.

A queda do “véu” da flexibilidade

Bastou essa mudança de perspectiva para que eu pudesse visualizar tudo de um modo quase oposto. Aquela oportunidade que pensava ter conseguido, agora me era uma tremenda de uma prisão. Não podia faltar, pois seria penalizado. Não podia atrasar, pois seria chamado a atenção. As seis horas e vinte diárias pareciam eternas. A pressão pelos resultados já não me motivava mais. Ao contrário, eu não queria mais me matar aos poucos pelas metas impostas.

Adquiri gastrite nervosa. Tive tendinites nas duas mãos, sendo uma grave na mão esquerda. Minha coluna doía. Sentia problemas na visão. Não conseguia mais estudar direito. Passei a perceber que não rendia mais durante as aulas e inclusive cochilava em algumas delas. Sentia-me um aluno medíocre e não conseguia nem de longe acompanhar o ritmo de atenção e de envolvimento dos demais colegas de turma na faculdade. Comecei a reclamar do salário, pois já não o via mais como algo que

recompensasse aquele sofrimento todo e todas aquelas noites com menos de três horas de sono.

Quanto às promoções da empresa, comecei a perceber que não era o mérito que eles queriam e por isso nunca consegui nada real. O que eles desejavam eram pessoas de “confiança”, que não questionassem muito e que apenas “vestissem a camisa” da empresa com orgulho de ser um colaborador. Não estava disposto a fazer aquilo. Comecei a ver que a hierarquia superior a mim tinha, basicamente, comprometimentos nada relacionados ao mérito com outros. Parecia uma grande malha de entrelaçamentos pessoais, revestidas de um falso profissionalismo.

Passei a me tocar de como era uma mera peça em todo aquele jogo. Não sabia nem a quem reclamar. Comecei a me ver sozinho e a perceber o quanto essa solidão foi me incentivada desde o primeiro dia de trabalho. Aquele instrutor que era meu grande exemplo de profissional, também não suportou mais a “barra” e saiu da empresa. Olhava para os lados e não via praticamente nenhum colega que tenha ingressado comigo, pois a maioria havia sido demitida.

Estava só. Desmotivado. Doente. Voltei a fumar compulsivamente. Infeliz e depressivo era como me sentia. Não conseguia mais citar um fato positivo daquele lugar, a pontualidade no pagamento do salário, que mal dava para cobrir as minhas dívidas, que só aumentavam. Era o início do fim necessário. Precisava de algum modo “escapar” daquele lugar e recuperar o sentido de viver. Tinha que voltar a ser feliz.

A aflição pela demissão

Estava constatado o inferno, mas eu não podia pedir liberdade dele. Tinha feito muitas contas, precisava ajudar em casa e tinha que me manter na faculdade e tudo mais. Precisava daquele dinheiro. Estava aprisionado. Só poderia sair de lá se conseguisse levar comigo meus direitos trabalhistas.

Foi então que começou a fase mais sofrida. Os últimos cinco meses foram gastos com o que os operadores chamam de “mazela”. Aí é uma queda de braço entre o funcionário e a empresa. Eu já não fazia mais nenhum procedimento correto. Faltava bastante. Colocava atestados médicos para qualquer dor de cabeça que sentia. Atrasava

em todas as pausas. Era extremamente reativo em todas as reuniões e não aceitava, sobretudo, as demissões em massa que ocorriam mês a mês.

Todavia, era perceptível demais que eu precisava ser demitido. O que aconteceu então? A empresa me segurou o máximo que pode. Foram quase cinco meses me torturando psicologicamente. Supervisores me ameaçavam de “justa causa”. Recebia cartas com esse tipo de informação. Diziam que não dariam minha demissão por conta do meu bom histórico passado. Queriam me enlouquecer e por pouco não conseguiram.

Ao passo que tudo dava errado na empresa e eu já não suportava mais esse inferno, coisas boas iam acontecendo na minha vida. Meu irmão conseguiu um emprego no interior e começou a ajudar com as despesas de casa, me garantindo toda a assistência para que eu pudesse “pedir minhas contas”. Na faculdade, abriu uma seleção para uma bolsa em um laboratório (o LEC – Laboratório de Estudos da Cidade). Sabia que conseguiria, se tentasse. Eram apenas trezentos reais por mês, mas compensaria todo o sofrimento, sem contar que não precisaria mais ajudar tanto em casa.

Fiz a seleção. Fui aprovado. Passei três semanas sem pisar na empresa. Recebi outra carta, agora me ameaçando de justa causa por abandono de emprego. Sabia que precisava voltar lá, até por não poder ficar mais naquela situação pendente. Até que numa noite, após vinte e três faltas injustificadas consecutivas, uma supervisora da empresa me ligou e disse que queria conversar comigo. Ao chegar lá, ela apenas anunciou meu desligamento naquele momento. Chorei com tanta força que até molhei o contrato de rescisão com as próprias lágrimas.

Quando dei a causa como perdida, consegui o que tanto queria. Recebi todos os meus direitos trabalhistas e quitei meus compromissos assumidos. Agora tinha uma bolsa na faculdade. Melhorei substancialmente meu potencial para os estudos. Descobri o quanto o meu curso me fazia feliz e o quanto eu poderia fazer coisas boas através daquele trabalho. Fui em paz. Escapei daquela situação.

O pós-emprego e suas marcas

É preciso dizer nessa última sessão que, mesmo com o objetivo da demissão alcançado, a vida nunca mais seria a mesma. Se a temática envolvendo trabalho e juventudes perpassa meu olhar sociológico, tive que passar um bom tempo tentando

estudar outros universos para esquecer e também por ter sido desmotivado com argumentos que reivindicavam uma neutralidade do pesquisador sobre temas que o envolvem. O que inicialmente foi uma audácia em escrever sobre o call center passa pela vitória que tive contra meus bloqueios e hoje se transforma em uma segurança de fazer o que considero ser o mais adequado.

Se tive a sorte de conseguir um certo aparato na Universidade, vejo diversos companheiros que hoje estão desempregados ou empregados em outros call centers ou no comércio em geral. Enfim, há uma dificuldade de se reordenar no mercado de trabalho, após a demissão. Minha saúde em parte se restabeleceu, mas ainda sinto muitas dores em algumas partes do corpo. Meu lado emocional também nunca mais foi o mesmo, e sei que esses abalos foram fundamentais para machucar um pouco do meu sistema nervoso, devido às fortes cargas de estresse a que me submeti por um bom tempo. Tenho vários amigos obrigados a fazer tratamentos psicológicos após a saída, tamanho foi o trauma, e comigo não foi diferente. Inclusive os problemas que tive posteriormente com dependência química também estão relacionados a essa vivência.

Se tive experiências traumáticas, também tive momentos importantes de demonstração de coragem. Daí a motivação para fazer um trabalho como esse. Acredito que a ciência pode se engajar de alguma maneira, não necessariamente num sentido panfletário, mas na capacidade de pensar sobre o mundo em que as nossas juventudes estão inseridas e pensar nisso a partir de reflexões de carne e osso.

Já se passaram quase dez anos desde que entrei no curso de Ciências Sociais e apesar das coisas não serem fáceis – nunca foram – consigo olhar para trás e perceber que a minha situação e da minha família melhorou consideravelmente. Hoje minha mãe ainda mora de aluguel, mas já não precisa mais trabalhar em “casas de família” e já pode descansar aos seus 64 anos de idade.

Hoje, realizei o meu sonho de ser professor de Sociologia. Após três anos como professor substituto na Universidade Regional do Cariri (URCA), hoje sou professor efetivo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), o que me enche de orgulho, sobretudo pela reafirmação de que é isso que pretendo fazer durante minha vida e é nisso que quero constituir carreira.

Na sociedade na qual o mérito é publicizado, tenho a clareza de que um detalhe ou outro fizeram com que os meus caminhos tomassem rumos completamente

diferentes. Não faço uma apologia ao esforço, mas sei reconhecer o valor do meu, assim como da minha teimosia em me manter firme na escolha pelas Ciências Sociais. Até o meu mestrado eu ainda estava fazendo “bicos” pra pagar o meu aluguel, mas nunca mais tive dúvidas de que faço o que gosto e ter desatado esse nó é muito precioso pra mim. Sei que tenho me tornado mais corajoso, mais curioso e mais disposto a disputar. A vida é uma disputa. Uma disputa que faz sentido muito pelo reconhecimento do que faço.